

**LEVANTAMENTO DA ARQUITECTURA POPULAR DO
ARQUIPÉLAGO DA MADEIRA**

BASES PARA A SUA REABILITAÇÃO ENQUANTO PATRIMÓNIO CULTURAL

Arquitecto Victor Mestre - 1997

IIº Mestrado em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico - Universidade de Évora

**Levamento da Arquitectura Popular do Arquipélago da Madeira
Bases para a sua Reabilitação Enquanto Património Cultural
Arquitecto Victor Mestre
1997**

ERRATA
(Continuação)

Principais árvores e arbustos indígenas são (81):

Adérno (*Heberdenia Excelsa*): Árvore - EN
Alindres ou Figueira do Inferno (*Euphorbia mellifera*)*: Arbusto - E
Azevinho (*Ilex canariensis*)*: Árvore - E
Barbusano (*Apollonias Barbujana*)*: Árvore - I, EN
Cedro (*Juniperus cedrus*)*: Árvore - I, EN
Codêço
Dragoeiro (*Dracaena Draco*)*: Árvore - I, EN
Faia (*Myrica faya*)*: Árvore - I
Folhado (*Clethra arborea*)*: Árvore - I, EN
Fustête (*Berberis Maderensis*): Arbusto - E, EN
Ginjeira brava (*Prunus lusitanica*)*: Árvore - I, EN
Loureiro (*Laurus Azorica*)*: Árvore - I, EN
Marmulano (*Sideroxylon marmulano*)*: Árvore - I, EN
Massaroco (*Echium Nervosum*)*: Arbusto - E
Mocano (*Visnea Mocarena*): Arbusto - I, EN
Malfurada (*Globularia Salicina*)*: Arbusto - E
Murta (*Mirtus Murta*): Arbusto - I
Oliveira (*Olea Europeia Maderensis*): Árvore - I, EN
Pau Branco (*Picconia excelsa*)*: Árvore - I, EN
Perado (*Ilex Perado*): Árvore - E, EN
Piorno (*Teline maderensis*)*: Arbusto - E
Sabugueiro (*Sambucus lanceolata*)*: Arbusto - E
Sanguinho (*Rhamnus glandulosa*)*: Árvore - E
Seisseiro (*Salix canariensis*)*: Árvore - I, EN
Sorveira (*Sorbus maderensis*): Arbusto - E
Teixo (*Taxus Bacatta*): Árvore - I
Til (*Ocotea foetens*)*: Árvore - I, EN
Tintureira (*Frangola Azorica*): Árvore - I, EN
Urze das Vassouras (*Erica scoparia ssp. platycodon*)*: Arbusto - I, EN
Urze Molar (*Erica Arborea*)*: Arbusto/Árvore - I, EN
Uveira (*Vaccinium Padifolium*): Arbusto - E, EN
Vinhático (*Persea indica*)*: Árvore - I, EN
Zimbreiro (*Juniperus Phoenilea*): Árvore - I

E - Endémico da Madeira
EN - Endémico da Macaronésia
I - Indígena da Madeira

Esta informação foi getilmente corrigida e completada pelo Eng^o. Costa Neves, actual Director dos Parques e Reservas da Região Autónoma da Madeira.

81 Corografia Elementar do Arquipélago da Madeira, Alberto Sarmiento, Junta Geral Autónoma do Distrito do Funchal, 2ª edição, Funchal, 1936. As notas acompanhadas do símbolo * foram retiradas de A Vila de S. Vicente, evocação dos duzentos e cinquenta anos (1744-1994), Câmara Municipal de S. Vicente, 1994, pág. 101-102.

**Levantamento da Arquitectura Popular do Arquipélago da Madeira
Bases para a sua Reabilitação Enquanto Património Cultural
Arquitecto Victor Mestre
1997**

ERRATA

II Mestrado em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico - Universidade de Évora

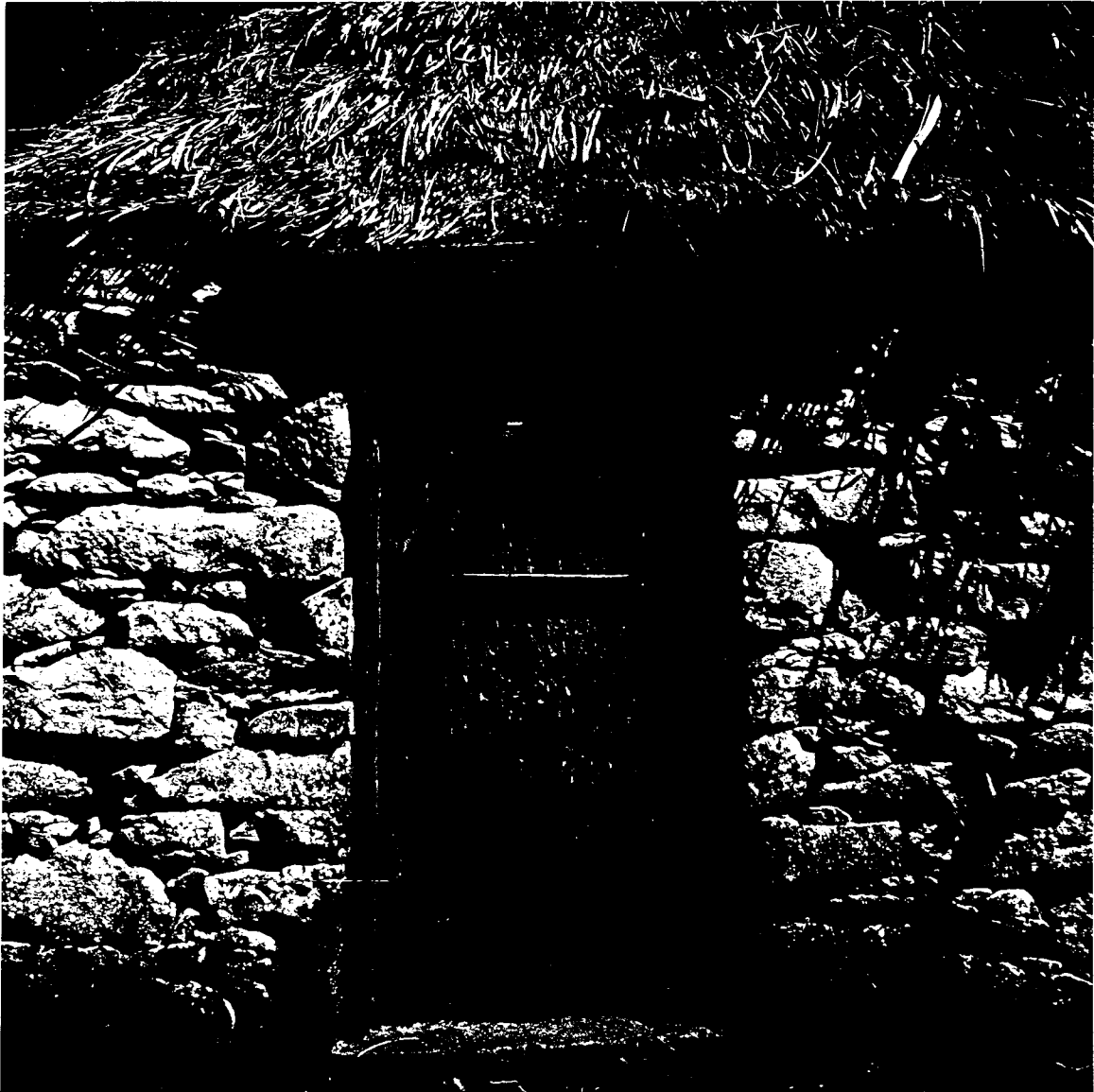
Págs.	Onde se lê	Leia-se
32	Da firma vontade do Infante	Da firme vontade do Duque D. Manuel
62	Palácio dos Côsulos	Palácio dos Cônsulos
64	A existência então de Marbolano	A existência então de Barbuzano
122	Implantaram com os cânons	Implantaram com os cânõn
145	Os tapa-sois também em ripas de madeira sutadas, em que algumas delas rodam em eixos laterais comandados simultâneamente por uma ripa vertical interior	Os tapa-sois também em ripas de madeira sutadas, em que algumas delas (denominadas bilhardeiras) rodam em eixos laterais comandados simultâneamente por uma ripa vertical interior
166	O quadro denominado "Principais árvores e arbustos indígenas são." será substituído pelo que se apresenta em anexo completado pela informação do tipo e origem das espécies.	
169	A cultura do pastel não teve incremento, assim como a conchinilha	A cultura do pastel terá tido algum incremento na Ribeira dos Socorridos, ao invés da conchinilha
170	Sr. Nuno Bazenca	Sr. Nuno Bazenga
177	São Martinho, Funchal	Santo António, Funchal
181	quer dos portugueses quer dos espanhóis	quer dos portugueses quer dos castelhanos
187	condição tipológica	condição tipológica
187	A pedra utilizada	A pedra utilizada
189	Verifica-se ausência de parte do texto a partir da linha 20. Transcrição Nota 1.	
190	Ilucidário Madeirense	Elucidário Madeirense
190	Saber de controle de medidas e métodos construtivos	Saber de controle de medidas e métodos construtivos
199	Santa Cruz, Falail	Santa Cruz, Faial
215	sendo o exemplo pioneiro a Igreja de Penacova de Nuno Teotónio Pereira	sendo o exemplo pioneiro a Igreja das Águas em Penamacor
218	Casa na Boa-Nova, Funchal - Arquitecto Piaxão anos 80	Casa na Boa-Nova, Funchal Arquitecto Paixão anos 80
233	para trabalhar a amdeira	para trabalhar a madeira
251	Pereira, Eduardo C. N. - Iljas de Zarco	Pereira, Eduardo C. N. - Ilhas de Zarco

Nota 1 - Transcrição do texto em falta da pág. 189 a partir da linha 20.

"Ainda digno de nota será a métrica quase sempre constante em cada tipologia e entre tipologias diferentes. Existirá uma concepção geométrica e modular pré-estabelecida (por influência da arquitectura erudita, nomeadamente fruto da construção da Sé, da Alfândega, das Fortalezas, dos Conventos e de outros edificios nobres), ou apenas será o conhecimento empírico que permite a estabilização de um sistema de medidas fixo? Planta e alçados responderão assim à utilização de uma medida fixa, e respectivos múltiplos, que influem na tridimensionalidade das construções. Não estamos a falar de uma malha reguladora mas num simples método coevo de quem sabe, reproduzido fielmente de casa para casa, que terá permitido a construção homogénea das casas garantindo uma proporção constante. Estará assim presente também uma ideia de "módulo" que, associado, permite a multiplicação da compartimentação face às necessidades de quem mandou construir, e provavelmente da capacidade dos materiais, nomeadamente do comprimento admissível das varas que compõem as armações dos telhados e a estabilidade das paredes face aos impulsos laterais. Terão estas medidas, tal como as técnicas construtivas, sido importadas do Continente? Através de uma pequena sobreposição de levantamentos, e sem a certeza de um rigor científico, diríamos que haverá pontos de contacto.

As principais unidades de medida utilizadas no arquipélago terão sido, desde o povoamento, o côvado, a vara, a braça, o ..."

Nota 2 - Por deficiência do sistema informático verifica-se que alguma acentuação se encontra errada, com especial destaque para o acento agudo que passou incorrectamente a grave.



**LEVANTAMENTO DA ARQUITECTURA POPULAR DO
ARQUIPÉLAGO DA MADEIRA**

BASES PARA A SUA REABILITAÇÃO ENQUANTO PATRIMÓNIO CULTURAL

Arquitecto Victor Mestre - 1997

IIº Mestrado em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico - Universidade de Évora

Dissertação expressamente elaborada para o *IIº Mestrado em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico* da Universidade de Évora, sob a orientação do Professor Arquitecto Fernando Távora.

O candidato agradece o seu apoio e acompanhamento em todo o desenvolvimento deste trabalho agora presente.



Levada do Norte, Ribeira Brava, Câmara de Lobos - inaugurada em 1952, Perestrellos Photographos [P.P.], ex. Levada do Norte, neg. 6x9 (P. - M. V.).

LEVANTAMENTO DA ARQUITECTURA POPULAR DO
ARQUIPÉLAGO DA MADEIRA

I Parte

Enquadramento Histórico e Geográfico

Levantamento e Identificação das Tipologias

II Parte

Renascimento da Arquitectura Popular

Bases para a sua Reabilitação enquanto Património Cultural

Arqtº. Victor Mestre

13 de Junho de 1997

Dedico este trabalho de investigação à minha filha Raquel que me acompanhou na última campanha em Abril / Maio de 1996, apesar de ainda não ter completado um ano de idade.

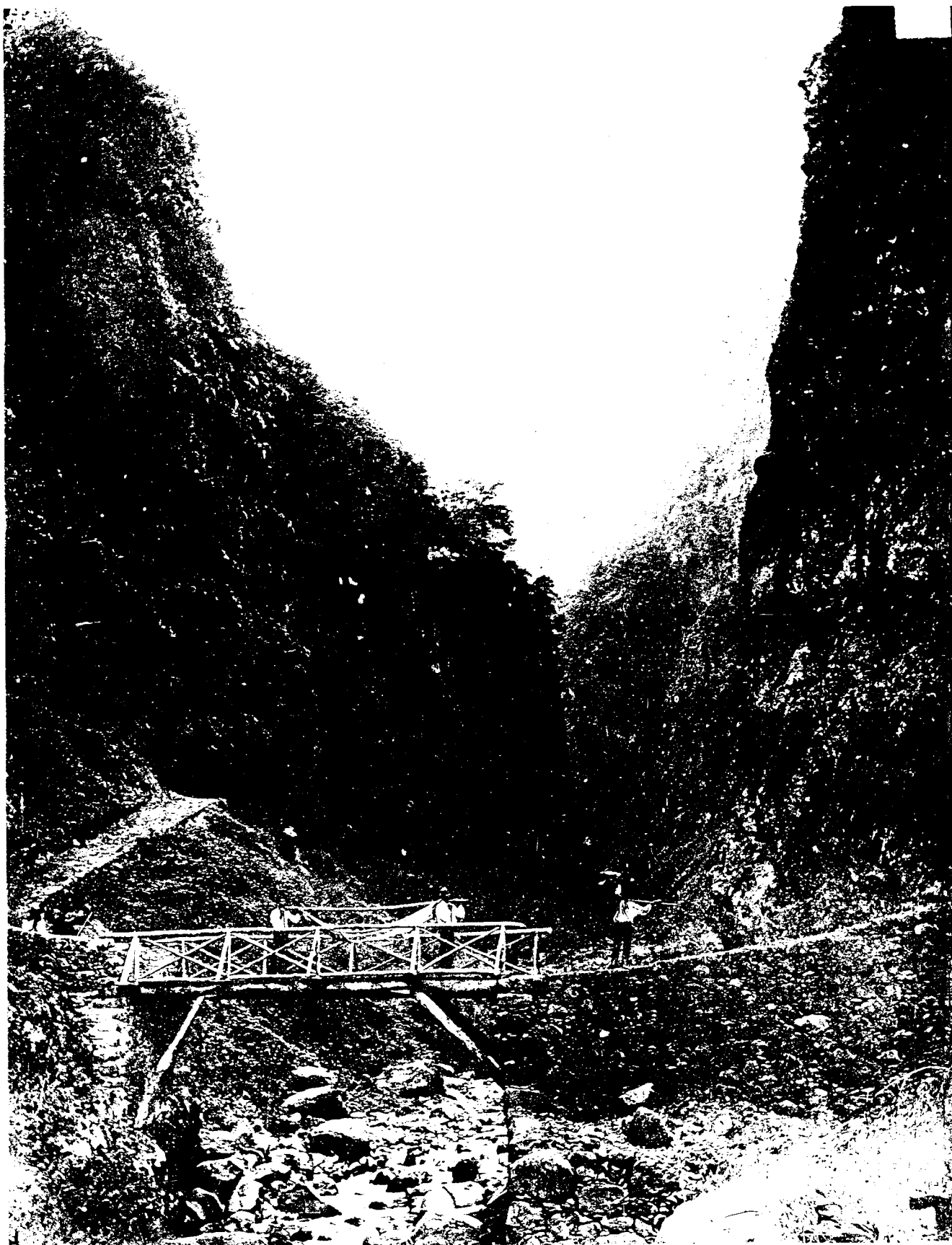
Abreviaturas

Entidades Consultadas na Região Autónoma da Madeira

- A. D. F. Arquivo Distrital do Funchal
- A. R. M. Arquivo Regional da Madeira
- C. M. F. F. Casa Museu Frederico de Freitas
- C. M. F. Câmara Municipal do Funchal
- C. S. C. Convento de Santa Clara
- D. R. A. C. Direcção Regional dos Assuntos Culturais
- P. - M. V. Fotografia - Museu Vicentes
- M. A. S. F. Museu de Arte Sacra do Funchal
- Q. C. Quinta das Cruzes

Entidades Consultadas em Lisboa

- A. H. M. do M. M. Arquivo Histórico Militar do Museu Militar
- A. H. M. do P. E. Arquivo Histórico Ultramarino Palácio Ega
- B. N. Biblioteca Nacional
- D.G.E.M.N. Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais
- D. R. M. L. Direcção Regional de Monumentos de Lisboa
- M. E. Museu de Etnologia
- M. M. Museu da Marinha



Ribeira do Inferno, S. Vicente, Seixal - último quartel do século XIX, [P.P.], cx. campo, neg. 18x24 vidro (P. - M. V.).

Agradecimentos

Este trabalho só foi possível realizar com o auxílio de pessoas e entidades a quem recorri, muitas das quais permaneceram anónimas, umas por sua vontade, outras pela impossibilidade de a todas referenciar. Incluem-se aqui todos os madeirenses e portosantenses que me proporcionaram horas de franco convívio e aprendizagem em suas casas, nos seus campos e nas suas lidas diárias. A todos eles quero agradecer profundamente a sincera e desinteressada disponibilidade com que me confiaram tanto do seu saber e da sua experiência quotidiana. Em grande parte a eles devo este trabalho.

Correndo o risco de injustamente não mencionar alguém que terá de algum modo contribuído directa ou indirectamente para esta investigação, deixo os meus sinceros agradecimentos às seguintes Entidades e Pessoas.

Fundação Calouste Gulbenkian, com especial atenção para o Director da Secção de Bolsas Pintor Manuel da Costa Cabral; Universidade de Évora, com especial atenção para o Coordenador do *IIº Mestrado em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico*, Prof. Dr. Arqtº. Virgolino Jorge; Direcção Regional dos Assuntos Culturais da Madeira Dr. José de Sainz - Trueva e Dr. Nelson Veríssimo; Director da Casa Museu Frederico de Freitas, Dr. Paulo de Freitas.

Arqtº. Sofia Aleixo a quem agradeço especialmente pelo entusiasmo e empenhamento pessoal em tornar possível este trabalho nomeadamente na parte da campanha realizada em 1996 e respectivo tratamento da informação recolhida. E ainda, Arqtº. José Rafael Botelho, Arqtº. Nuno Teotónio Pereira, Engº. Carlos Aguiar, Irene Felicidade Mestre, Alfredo de Jesus Oliveira, Maria Helena Teixeira Aleixo, Tenreiro Aleixo, Dr. Benjamim Pereira, Dr. Pais de Brito, Drª. Maria Helena D' Araújo, Dr. Cândido Pereira Andrade, Sir Alexander Zino, Luísa e Ferdinando Bianchi.



Construção de Levadas: Levada do Norte - inaugurada em 1952. [P.P.], ex. Levada do Norte, neg. 6x9 (P. - M. V.).

Índice

I PARTE

LEVANTAMENTO E IDENTIFICAÇÃO DAS TIPOLOGIAS

Capítulo 1 - Memórias de um Levantamento	15
Capítulo 2 - Aspectos Genéricos no Âmbito da Arquitectura Popular	21
Capítulo 3 - Uma Primeira Leitura Genérica da Ilha da Madeira	25
Capítulo 4 - Breve Descrição Geográfica do Arquipélago da Madeira	35
4.1. Ilha da Madeira	37
4.1.1. Geografia	37
4.1.2. Geologia	37
4.1.3. Orografia e Costa	38
4.1.4. Clima e Precipitação	39
4.2. Ilha do Porto Santo	45
4.2.1. Geografia	45
4.2.2. Geologia	45
4.2.3. Orografia e Costa	46
4.2.4. Clima e Precipitação	46
Capítulo 5 - Bases de Suporte para a Identificação das Tipologias Habitacionais	49
Capítulo 6 - Identificação das Tipologias Habitacionais no Arquipélago da Madeira	61
6.1. Ilha da Madeira	61
6.1.1. As Casas Antigas ou Seculares	61
6.1.2. A Fuma	69
6.1.3. A Casa Elementar	73
6.1.3.1. A Casa Elementar de Cobertura de Telha	83
6.1.3.2. A Casa Elementar de dois pisos	99
6.1.4. A Casa em Esquadria e a Casa Duplicada	105
6.1.5. A Casa Complexa de Cobertura de Telha	111
6.1.6. As Casas de Fio e Meio Fio	115
6.1.7. A Casa Torreada	121
6.1.8. As Casas Modernas	125
6.2. Identificação das Tipologias Habitacionais da Ilha do Porto Santo	141
Capítulo 7 - Aspectos Formais da Arquitectura Madeirense	145
Capítulo 8 - Os Materiais que se Utilizaram nas Construções do Arquipélago	149
8.1. Os Materiais de Construção Utilizados na Ilha da Madeira	153
8.1.1. Cantaria(s)	153
8.1.2. A Cal	157
8.1.3. Inertes	161
8.1.4. A Madeira	162
8.1.5. Tintas	169
8.1.5.1. Os Pigmentos Adicionados á Cal e Tintas Tradicionais ...	169
8.1.5.2. Tintas e Técnicas de Preparação	173
8.1.5.3. Tintas de Óleo: Os Pigmentos Adicionados ao Óleo de Linhaça	175
8.2. Os Materias e Técnicas de Construção Utilizados na Ilha de Porto Santo	179
8.2.1. A construção - técnicas e materiais	179

8.2.2. As características funcionais	180
8.3. Relações Entre as Construções da Ilha do Porto Santo e das Ilhas Canárias	181
8.3.1. A fixação de comunidades e a sua origem	181
8.3.2. As técnicas de construção de coberturas do Arquipélago das Canárias e algumas relações com a Ilha do Porto Santo	181
Capítulo 9 - Breves Conclusões sobre as Tipologias Habitacionais e Sistemas Construtivos	185
9.1. Ilha da Madeira	185
9.2. Breves Conclusões sobre as Tipologias Habitacionais da Ilha do Porto Santo	191

II PARTE

RENASCIMENTO DA ARQUITECTURA POPULAR DO ARQUIPÉLAGO DA MADEIRA - BASES PARA A SUA REABILITAÇÃO ENQUANTO PATRIMÓNIO CULTURAL

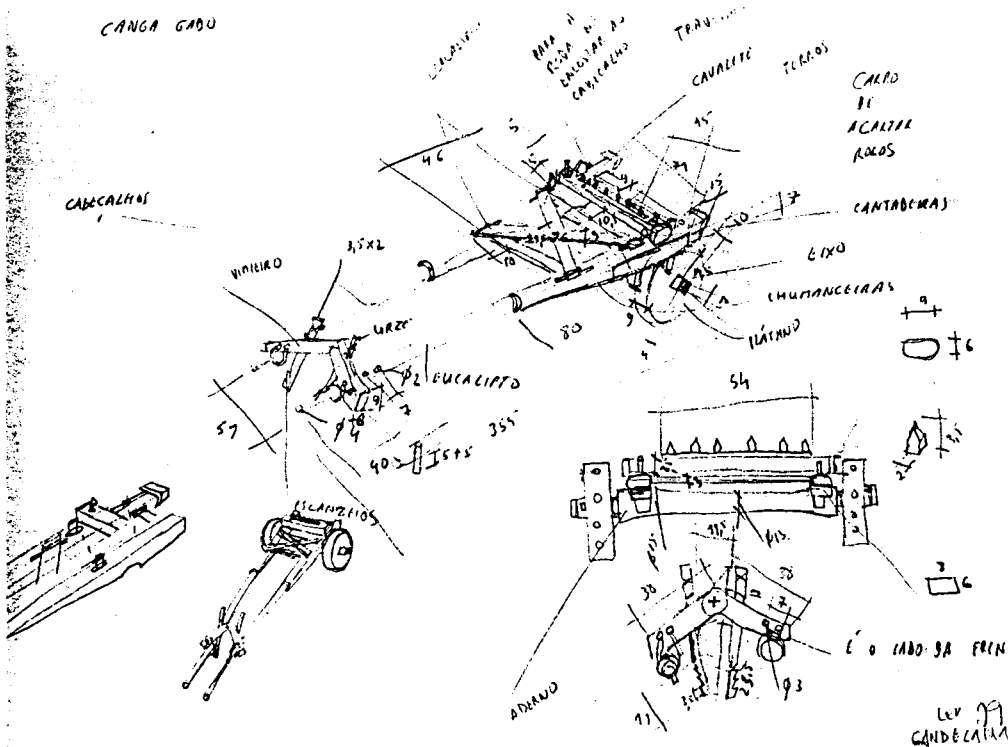
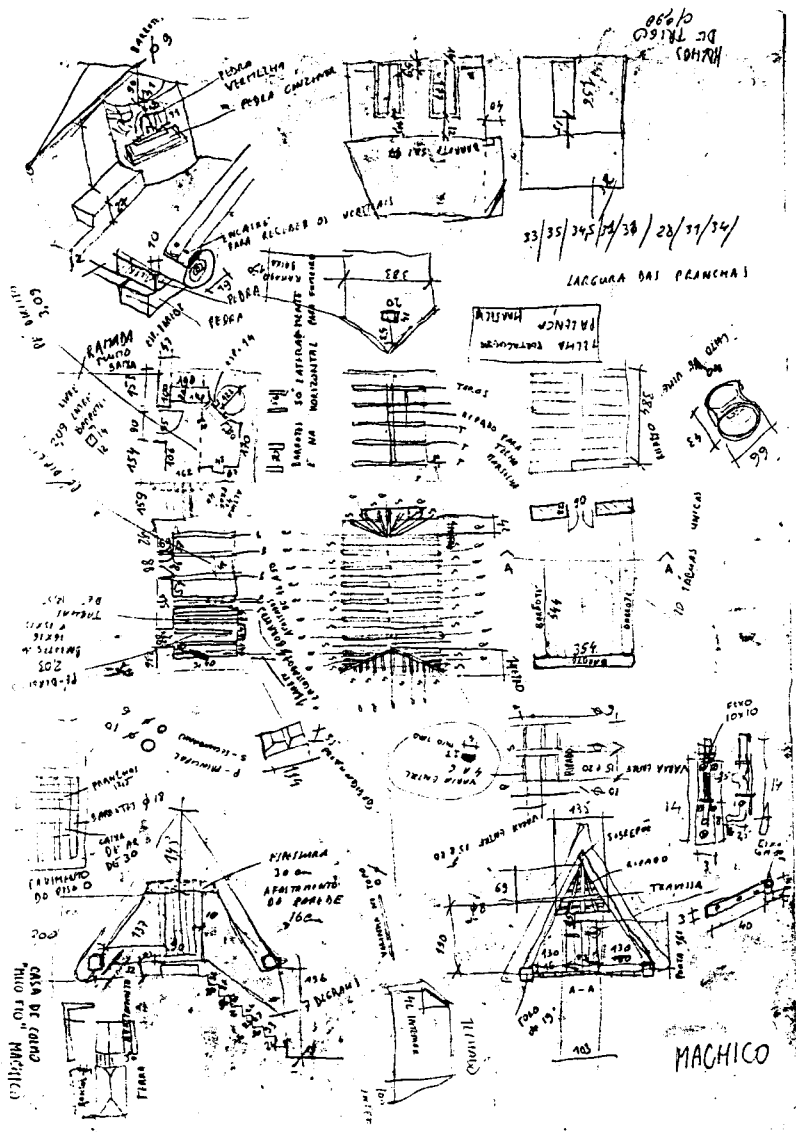
Capítulo 1 - Os Ciclos da Arquitectura Popular Madeirense	195
1.1. Preservar a Herança	195
Capítulo 2 - Novas Realidades	199
Capítulo 3 - Intervenção: Restauro, Reabilitação, Transformação, Ampliação, Demolição, Construção	201
3.1. Interpretação	201
3.2. Os Primórdios da "Casa Regional". Matéria de reflexão em redor da <i>Casa Portuguesa</i> até à actualidade	204
3.3. Uma Ética na Construção Contemporânea	217
Capítulo 4 - Ética da Conservação	221
4.1. Aspectos Gerais	221
4.2. Aspectos Particulares	225
4.3. As diferentes fases por que passa actualmente o Património Arquitectónico Rural	232
4.3.1. A Preservação	232
4.3.2. O Restauro	232
4.3.3. A Alteração	233
4.3.4. Ampliação	234
4.3.5. A Demolição	234
4.4. "Opções" de Preservação, Restauro, Alteração e Ampliação ...	235
Capítulo 5 - Proposta de Ampliação das Classificações do Património Arquitectónico à Arquitectura Popular	238
5.1. Aspectos Gerais de uma Classificação	238
5.2. Proposta de Classificação	241
Capítulo 6 - Breves Conclusões	243
Bibliografia	247
1. Primeira Parte	247
2. Segunda Parte	253

I PARTE

**LEVANTAMENTO E IDENTIFICAÇÃO DAS
TIPOLOGIAS**

LEVANTAMENTO DA ARQUITECTURA POPULAR DO ARQUIPÉLAGO DA MADEIRA

Machico - casa de meio fio: Levantamento de Campo pág.3/n.3/Jan.96.



Candelária, Tabua: carro de bois - Levantamento de Campo pág.37/Fev.Mar.96.

CAPÍTULO 1 - Memórias de um Levantamento

Este trabalho surgiu por iniciativa exclusiva do autor e prende-se fundamentalmente com a sua paixão pela vida dos campos e das Aldeias do País, com especial destaque para o Arquipélago da Madeira, território da sua predilecção pelas gentes, costumes, labor e pela Arquitectura Popular, sem esquecer o Território e a Paisagem.

Tem como antecedentes o valioso *Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal*, efectuado nos anos 50 ⁽¹⁾ e o *Levantamento da Arquitectura Popular dos Açores* iniciado em 1982 ⁽²⁾. São também fundamentais ainda dentro desta linha de investigação e divulgação o *Inquérito à Habitação Rural* editado em 1943 ⁽³⁾, e a *Arquitectura Tradicional Portuguesa* que reúne um grande número de textos dispersos e editados em vários periódicos ⁽⁴⁾, bem como toda uma imensidão de livros, revistas, opúsculos e conferências, da responsabilidade de uma "geração de ouro" da Geografia e da Etnologia Portuguesa ⁽⁵⁾.

Todavia e dada a formação de Arquitecto pretende-se com este trabalho tão sómente contribuir para a divulgação da Arquitectura Popular Madeirense, identificando tipologias e técnicas construtivas e procurando ainda a sua contextualização com as gentes e respectivos costumes, respectivamente no trabalho do campo e na "vida doméstica", sempre numa perspectiva das suas influências na Arquitectura. Pretende-se assim não se esgotar o assunto ou mesmo ter qualquer pretensão de incursão em áreas para as quais não se considera preparado, nomeadamente a Geografia, a Etnografia, a Etnologia, a Sociologia, entre outras.



Lombo do Meio, Ponta do Sol - Romeiros do Espírito Santo.

¹ *Arquitectura Popular em Portugal*, A.A.P., vários autores, 2ª edição, 1980.

² *Levantamento da Arquitectura Popular dos Açores*, Ana Tostões, Filipe Jorge Silva, João Vieira Caldas, José Manuel Fernandes, Maria de Lurdes Janciro, Nuno Barcelos e Victor Mestre, A.A.P., 1982 (edição em preparação).

³ *Inquérito à Habitação Rural - A Habitação Rural nas províncias do Norte de Portugal*, E. A. Lima Bastos, Henrique de Barros, Universidade Técnica de Lisboa, 1º vol., Lisboa, 1943.

⁴ *Arquitectura Tradicional Portuguesa*, Ernesto Veiga de Oliveira, Fernando Galhano, Publicações D. Quixote, Lisboa, 1992.

⁵ *Camponeses da Madeira - As bases materiais do quotidiano no Arquipélago, (1750-1900)*, Jorge Freitas Branco, Publicações D. Quixote, Lisboa, 1987.



Jardim da Serra - Festas do Espírito Santo: "barca das rifas".

Este trabalho iniciou-se em 1983 com uma investigação documental, tendo continuidade no Arquipélago nos anos de 1984/85. Durante um ano percorreu às Sextas, Sábados e Domingos ⁽⁶⁾ a ilha, preferencialmente a pé, onde conviveu com os habitantes participando nalgumas actividades rurais e domésticas, tendo por vezes pernoitado em palheiros, para melhor observar os ciclos das sementeiras e respectivas colheitas. Nesse período efectuaram-se alguns levantamentos arquitectónicos que vieram inclusivamente a ser postos á disposição da equipa que efectuara o mesmo trabalho no Arquipélago dos Açores ⁽⁷⁾.

É ainda no final de 1985 que o autor parte para as ilhas Canárias onde inicia uma campanha de pesquisa das tipologias e tecnologias construtivas locais, com o propósito de identificar possíveis semelhanças e/ou parentescos formais construtivos e tipológicos com as Arquitecturas Populares dos Açores e Madeira. Assim percorre a Gran-Canária, Tenerife, Fuerte-Ventura e Lanzarote ficando Hierro Gomeira e La-Palma para uma segunda campanha.

Contra sua vontade regressa ao Continente interrompendo a investigação. Tinha então recolhido cerca de dois milhares de registos fotográficos, levantamentos arquitectónicos, apontamentos escritos e desenhados, para além de diversa documentação adquirida nos e sobre os Arquipélagos da Madeira e Canárias. No Continente continua ligado á investigação nesta área publicando alguns artigos, e contribuindo para a conclusão do *Levantamento da Arquitectura Popular do Arquipélago dos Açores*. Dá início á recolha de documentação sobre o Arquipélago de Cabo Verde.

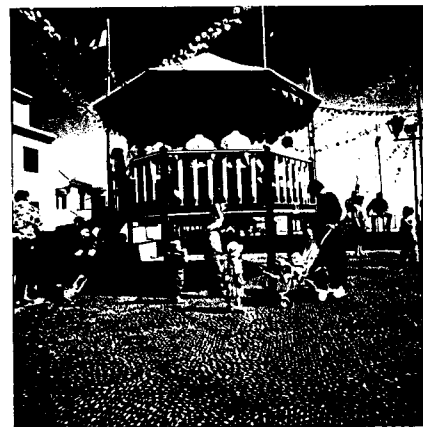
Finalmente, e em virtude da frequência no *IIº Mestrado em Recuperação do Património Arquitectónico e Pasagístico* iniciado em 1994 na Universidade de Évora, surgiu de novo a ideia e o estímulo por parte de Professores e amigos de retomar a investigação no âmbito da Tese de Mestrado. Surgiu assim a sinopse do trabalho e com ela o ânimo para terminar esta iniciativa.

⁶ Durante aproximadamente um ano o autor residiu no Funchal, integrando a equipa coordenada pelo Arqtº. José Rafael Botelho para a elaboração do Trabalho "Prospecção, Análise e Salvaguarda do Centro Histórico do Funchal", no âmbito da revisão do Plano Director.

⁷ *idem* nota 2

Ultrapassadas algumas dificuldades financeiras com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, assegurada a orientação pedagógica por parte do Arqtº. Fernando Távora, e após duas viagens de preparação, estruturou-se uma campanha de dois meses no Arquipélago com o objectivo de recolher de forma sistemática e metódica toda a informação possível no âmbito da identificação de tipologias e processos construtivos da Arquitectura Popular (Território, Habitação e Edifícios Agrícolas), bem como de utensílios domésticos, da lavoura e do artesanato, observado ainda o Território, a Paisagem e o Espaço Humanizado. Complementarmente, pretendia-se analisar a vida dos campos e as actividades decorrentes, através da recolha de testemunhos orais dos habitantes. Por fim recolher dados em Museus e outras Instituições locais. Como resultado imediato foram efectuados seis mil registos fotográficos (slides e negativos a preto e branco 6x6, slides e negativos cor e preto e branco 35 mm) centenas de levantamentos arquitectónicos detalhados (para além do edifício enquanto plantas, alçados e cortes, foram desenhadas portas, janelas, portadas, tapa-sóis, ferragens, cantarias, detalhes construtivos, etc.). Procedeu-se ainda ao levantamento de objectos, peças de mobiliário, ferramentas, etc. O método de trabalho de campo basicamente apoiou-se no mapa da(s) ilha(s) onde previamente se preparava a viagem do dia, na véspera, em fichas tipo por objecto onde se registava a informação indispensável à sua localização e identificação, ao registo fotográfico e ao recurso ao levantamento desenhado rigoroso, sempre que se verificou tratar-se de um edifício representativo das tipologias identificadas ou de um objecto de forte carácter, tornando-se por isso paradigmático no seu contexto. Foram percorridos na Ilha da Madeira cerca de 5.400 km de carro, acrescentado-se-lhes ainda as centenas de percursos a pé feitos diariamente por veredas ou à beira de levadas, num sobe e desce contínuo. No Porto Santo as deslocações de carro não chegaram ao meio milhar de quilómetros, e os percursos a pé tornaram-se preferenciais.

Finalizada a fase de recolha deu-se início ao tratamento dos dados, respectivamente inventariação, classificação e passagem a limpo dos levantamentos desenhados. Para além da identificação e divulgação da Arquitectura Popular Madeirense, respectivamente raízes e evolução, o objectivo alargou-se face ao âmbito do Mestrado. Assim pretende-se



Jardim da Serra - Festas do Espírito Santo: corio.

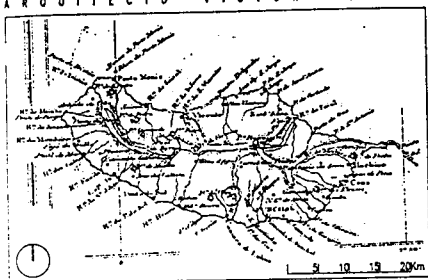


Santana.

com este trabalho contribuir para a salvaguarda e revitalização deste património, apontando pistas para a sua manutenção através de metodologias de restauro, reabilitação e/ou ampliação dos exemplos significativos, com vista á salvaguarda da Identidade, do Carácter e da Alma. Este importante legado poderá á partida revelar-se modesto na sua aparência arquitectónica, se comparado com monumentos e edifícios históricos notáveis, mas terá certamente uma importância crucial na identidade do Povo Madeirense, pela coerência no conjunto das tipologias e respectivas qualidades espaciais formais e construtivas que respondem ás necessidades básicas dos seus utilizadores. Ainda que por vezes transmita uma impressão rudimentar, a Arquitectura Popular Madeirense não deixa de espantar pelas soluções encontradas face á exiguidade de recursos, a extrema dificuldade territorial e á endémica falta de recursos económicos.

A Arquitectura Popular Madeirense, essencialmente dispersa no território, é ainda um contributo valioso na Humanização da paisagem, constituindo um elo de ligação entre o Homem e a Natureza. É agora necessário voltar a vê-la não como uma imagem perdida ou parada no passado repleto de memórias, de dificuldades e de alegrias e tristezas mas antes, como um testemunho a reabilitar pela eficácia, harmonia, beleza, originalidade, por um conjunto de qualidades que poderão contribuir para a manutenção da paisagem cultural deste território. Propomo-nos deste modo identificar os espaços, as formas, os materiais, as técnicas construtivas e a alma desta(s) arquitectura(s) para se abrirem perspectivas de reabilitação num contexto contemporâneo. Na esperança de se evitar a sua perda total, sem sequer se ter questionado da viabilidade da sua manutenção, bem como evitar as razões exclusivas do turismo industrial ou de um pretenso regionalismo, mas, e sobretudo, na defesa dos interesses directos das populações, na sua identificação com a cultura ancestral que os torna únicos e distintos dos outros povos.

LEVANTAMENTO DA ARQUITECTURA POPULAR DO ARQUIPÉLAGO DA MADEIRA
 A ARQUITECTO VICTOR MESTRE ABRIL/MAIO 1996



LOCALIZAÇÃO: ESTREITO CAMACHA LOBOS - JARDIM DA SENZA

ILHA DA MADEIRA							
				6 FICHA			
P. ROVA DE CONTACTO 26 ABRIL 1996 DATA							
SLIDE 135		SLIDE 120		P&B 135		P&B 120	
ROLD.	FOTO	ROLD.	FOTO	ROLD.	FOTO	ROLD.	FOTO
2	7-9	3	2-10	2	0-2	-	-

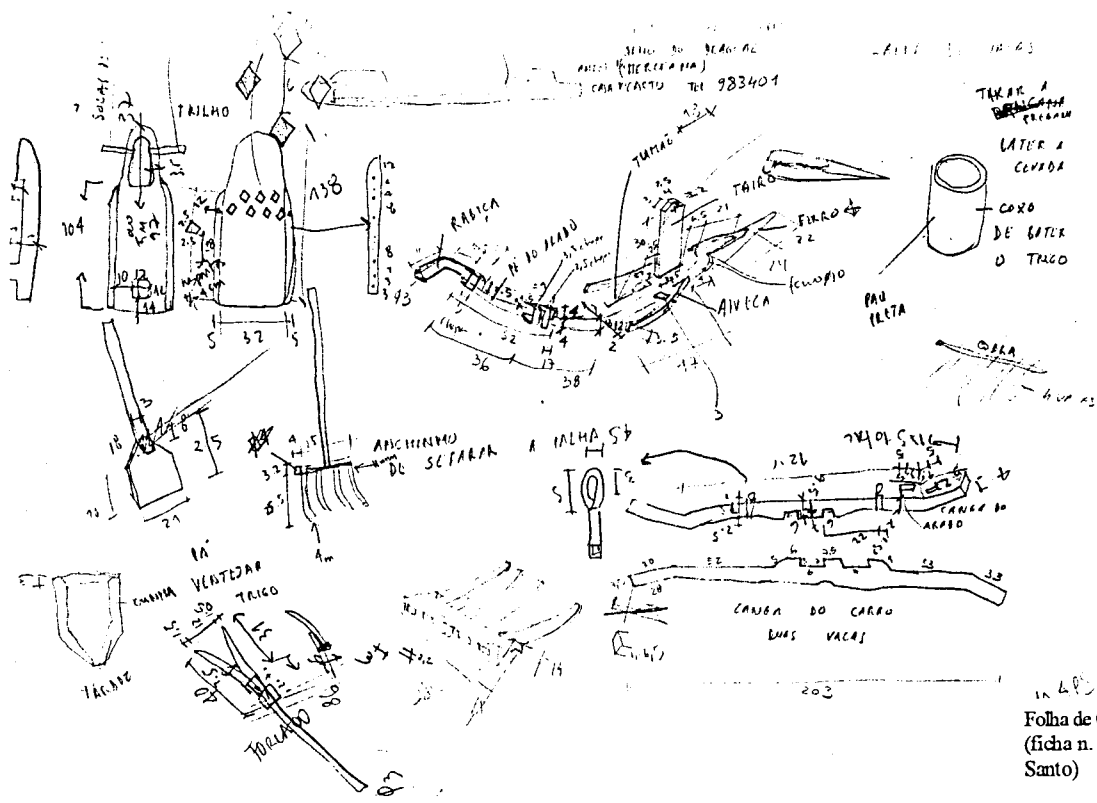
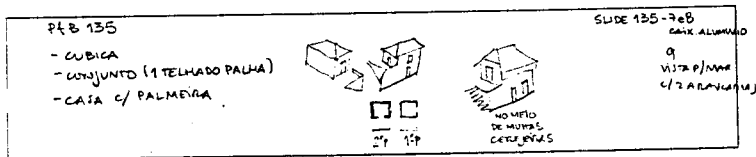
LEVANTAMENTO

I. POLOGIA(S) IDENTIFICADA(S) - HABITAÇÃO

COBERTURA DE TELHA	
ANTIGUIDADE	S - SECULARES <input type="checkbox"/> A - ANTIGAS <input type="checkbox"/> M - MODERNAS <input type="checkbox"/>
PREDOMINÂNCIA NO GRUPO	S [5] [2] [3] [0]
TIPO	1 - LINEARES COM 1 PISO <input type="checkbox"/> 2 - LINEARES COM 2 PISOS <input type="checkbox"/> AM 3 - COMPLEXAS COM 1 PISO <input type="checkbox"/> 4 - COMPLEXAS COM 2 PISOS <input type="checkbox"/>
PREDOMINÂNCIA NO GRUPO	[1] [2] [3] [4]
COZINHA	S - SEPARADA <input type="checkbox"/> E - ENCOSTADA <input type="checkbox"/> I - INTEGRADA <input type="checkbox"/> - INTEGRADA EM "L" <input type="checkbox"/> F - COM FORNO <input type="checkbox"/>
PREDOMINÂNCIA NO GRUPO	S [5] [2] [3] [4]

COBERTURA DE PALHA	
MATERIAL DAS PAREDES	A - ALVENARIA <input type="checkbox"/> MF - MISTAS DE ALV. E MADEIRA: "MEIO-FIO" <input type="checkbox"/> F - MISTAS DE ALV. E MADEIRA: "FIO" <input type="checkbox"/> M - MADEIRA <input type="checkbox"/>
PREDOMINÂNCIA NO GRUPO	[A] [M] [F] [MF]
TIPO	1 - LINEARES COM 1 PISO <input type="checkbox"/> 2 - LINEARES COM 2 PISOS <input type="checkbox"/> 3 - COMPLEXAS COM 1 PISO <input type="checkbox"/> 4 - COMPLEXAS COM 2 PISOS <input type="checkbox"/>
PREDOMINÂNCIA NO GRUPO	[1] [2] [3] [4]
COZINHA	S - SEPARADA <input type="checkbox"/> E - ENCOSTADA <input type="checkbox"/> I - INTEGRADA <input type="checkbox"/> - INTEGRADA EM "L" <input type="checkbox"/> F - COM FORNO <input type="checkbox"/>
PREDOMINÂNCIA NO GRUPO	S [5] [2] [3] [4]

Ficha tipo de Inventariação utilizada no Levantamento da Arquitectura Popular do Arquipélago da Madeira: - campanha de Abril/Maio 1996 (ficha 6).



Folha de Caderno dos Levantamentos Desenhados. (ficha n. 4PS/lev.43/Abr.Mai 96: Camacha, Porto Santo)



Vila da Ribeira Brava - último quartel do século XIX, [P.P.], ex. Ribeira Brava, neg. 18x24 vidro (P. - M. V.).

CAPÍTULO 2 - Aspectos Genéricos no Âmbito da Arquitectura Popular

As arquitecturas de tradição são hoje apreciadas como importantes heranças culturais, indispensáveis para decifrar o longo caminho do Homem na arte de construir espaços para seu abrigo, de animais, para arrumos, e também para resguardo de mecanismos de transformação dos produtos da lavoura e da natureza. É ainda relevante a acção do Homem sobre a Natureza ao fazer surgir uma paisagem humanizada fortemente marcada por uma economia agrária. Uma grande diversidade regional caracteriza essa acção que tem em comum a harmonização do construído com o natural. Muitos serão os factores que contribuem para esse equilíbrio, com especial destaque para o meio físico-social que naturalmente engloba a Geografia, a História, os Traços Psicológicos da Comunidade, de entre outros.

Estas arquitecturas aparentemente espontâneas, têm as suas raízes na própria fundação da tradição de uma comunidade, nos seus costumes, na acção desta sobre a terra de onde tira o seu sustento.

Surgem, desenvolvem-se e aperfeiçoam-se a partir de uma economia rural e revelam na arte da construção o engenho dos homens em criar tecnologias de tratamento e utilização dos materiais disponíveis, quase sempre recolhidos nos próprios locais e na sua compatibilização com a criação de espaços, ambientes e escalas harmoniosas, pretendidos ou tão somente resultantes de um processo espontâneo repetitivo.

A noção de espaço, utilidade, conforto, equilíbrio volumétrico é obra e visão de pessoas dotadas de talento inato, de capacidades que lhe conferem a qualidade de Mestres de Ofícios. Estes conduzem e coordenam os vários *mesteres* de formação tradicional e artesanal. Surgem assim soluções testadas e aceites por sucessivas gerações que dão continuidade a esta herança cultural, com que se identificam. A *casa rural*, sinal maior das arquitecturas de tradição, revela-se não só na utilização sábia de poucos recursos ou na graciosidade de um qualquer formalismo, mas antes na espiritualidade que emana, na alma que cria e junta á natureza estática tornando-se parte una.



Massapés, Paúl do Mar.



Ponta, Porto Santo.

A Arquitectura Popular será, por assim dizer, um conjunto de alojamentos e de acções num determinado meio geográfico onde o abrigo da família - a casa rural - por vezes se estende a um conjunto de espaços e actividades interligados resultando num conjunto de edifícios que em muitos casos, apesar de independentes, formam um todo.

Verificamos também a existência de "espaços construídos" de grande interesse para as actividades inerentes ao trabalho rural e á valorização da vida social: as eiras, o "sequeiro de chão", o tanque comunitário, o sítio de "estacionamento" ou aparelhamento das alfaias, ou ainda os espaços de acolhimento e convívio ao ar livre como o terraço, a latada, o terreiro fronteiro á casa, o caminho entre muros, sebes, ou qualquer outra paliçada quebra-vento.

Ainda sobre a casa rural, que mais á frente nos iremos debruçar detalhadamente, podemos adiantar desde já que no Arquipélago da Madeira surge com realidades ambientais, espaciais e construtivas diversas nas Ilhas da Madeira e do Porto Santo. Se na primeira a variedade de tipologias e processos construtivos é significativa, no Porto Santo assiste-se a uma síntese na tipologia e no uso quase exclusivo de três ou quatro materiais de recolha local, sem contudo lhe associarmos o sentido redutor de pobreza.

Com efeito, não iremos exclusivamente procurar nos aspectos geográficos e climáticos a justificação para o surgimento de determinado tipo de casa, embora estejamos atentos a factores dessa natureza, como também não temos "idéias feitas" sobre a proveniência por importação de modelos, mas igualmente temos presentes possíveis pontos de contacto, tanto nas remotas aldeias continentais de cariz popular, á nossa arquitectura dita de "feição erudita", á própria evolução a partir de modelos "primitivos" locais, á cronologia das actividades e ciclos agrícolas e económicos como o comércio e a exportação e a sua possível influência, como também não pretendemos suprimir o homem para, de uma forma exclusiva e abstracta, observar a casa rural e demais construções que completam a **Arquitectura dita Popular**.



Baía do Funchal - década de 20 (anterior a 1932), João Anacleto Rodrigues[J.A.R.], neg. 18x24 vidro (P. - M. V.).



Girão, Estreito da Calheta; Idem; Idem; Idem;
Recta de Canhas.

CAPÍTULO 3 - Uma Primeira Leitura Genérica da Ilha da Madeira

A vegetação exuberante da Ilha da Madeira ainda hoje predomina apesar do imparável avanço da ocupação humana ⁽⁸⁾. Todavia acontece que a acção do Homem em quase todo o perímetro da ilha e ao longo de séculos, alterou a Natureza e fez surgir um paisagem humanizada, uma paisagem cultural, profundamente identificadora deste "lugar do mundo".

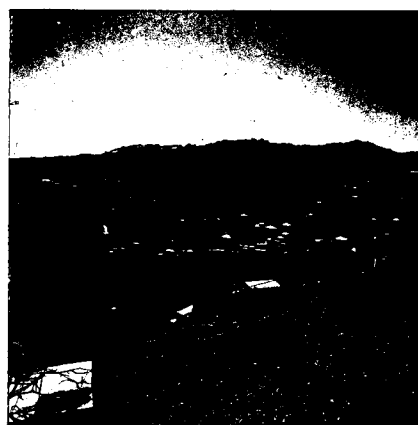
Como resultado imediato desta acção, temos a circunscrição da floresta endémica, de matiz sub-tropical milenar, aos vales profundos, com especial destaque para o vale da Ribeira da Janela e do Rabaçal, soçobrando também alguns núcleos da zona Norte muito declivosa e de difícil acesso.

Numa geografia tão acidentada, a ocupação e transformação do território logo após a implantação das capitánias e respectivos direitos de propriedade ao longo dos séculos impuseram as diversas regras administrativas dos morgados, rendeiros, sesmeiros, meeiros entre outras formas de exploração dos campos. Iniciou-se essa exploração agrícola nos terrenos férteis de aluvião, que terão igualmente dado origem ás principais povoações da Madeira, com especial destaque para as zonas ribeirinhas: Machico, Funchal, Câmara de Lobos, Santa Cruz, Porto da Cruz, Porto Moniz, etc.

Com o aumento da população, e a necessidade de conquistar mais riqueza proveniente dos campos, deu-se início á conquista de cotas mais altas ocupadas por densa floresta. O seu desbaste permitiu a exportação de ricas madeiras para o Continente e naturalmente para o consumo crescente local. ⁽⁹⁾

⁸ *Portugal: Esboço Breve de Geografia Humana*, Carlos Alberto Medeiros, Terra Livre, Lisboa, 1976, pág. 123 - "Apesar de reconhecidas em tempos anteriores, foi no começo do século XV, ou seja, logo nos primórdios da expansão Portuguesa, que se decidiu a ocupação e o povoamento destas ilhas. Por volta de 1425, promoveu-se a instalação dum grupo de pessoas, sob a orientação de João Gonçalves Zarco e Tristão Teixeira, na Madeira, e de Bartolomeu Perestrelo, no Porto Santo".

⁹ *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*, Orlando Ribeiro, Sá da Costa Editora, 6ª ed., 1991 - "Revolvendo a leiva, lavrando a seara, plantando, regando, adubando, crescendo, mas agarrando-se ao chão que escasseia, este povo, donde saíram os aventureiros que abriram caminho das outras partes do mundo, conserva-se preso ao torrão, como aquelas árvores que oferecem ao vento o grão de novas sementearas, mas cada vez mais afundam as raízes na terra".



Santana.

Vista do Jardim da Serra.

469 - Cavadores. Aguarela do séc. XIX ..., dimensões: 20 x 13 cm, in *Estampas, Aguarelas e Desenhos da Madeira Romântica*, C.M.F.F., DRAC/SRTC, Funchal, Julho-Dezembro, 1988.



Caldeira, Quinta Grande.

Caniço - Azenha.

Sítio da Terra do Baptista, Porto da Cruz.

A partir desta nova realidade, surgem as plataformas em socacos, em locais cada vez mais ousados, fixando as terras que garantiam a exploração agrícola possível. Paredões sábiamente construídos, quer na técnica construtiva onde não faltam as escadas integradas entre muros, ou os graciosos degraus dependurados em consola, até á forma delicada de aduçar as plataformas suavemente ás linhas de cota, serpenteando nas encostas numa conhecida manta de retalhos de diversos tons. Surgiram assim os "poios", nome local para as plataformas que representam a pirâmide interminável da exploração agrícola madeirense. É a partir deles, em percursos imperceptíveis, que se escoam os produtos da terra e as energias dos homens. Neste laborioso contacto com a terra, o madeirense teve ainda de "domar" outro elemento: a água. Sinal maior da acção do Homem sobre as adversidades deste território. Desviada na sua maioria da encosta Norte por percursos esculpidos na rocha virgem, as "levadas" são, conjuntamente com as veredas, os primeiros caminhos de contacto por terra entre locais de difícil acesso, principalmente entre o Sul e o Norte. Por elas passa a maior riqueza desta ilha. Esta acção do Homem, durou séculos e é reveladora da sua persistência infinita sobre a Natureza. A partir deste contacto directo, desencadeou-se certamente um conjunto de relações entre o Homem e o meio natural gerando muitos dos valores da sociedade rural desde então estabelecida nestas paragens. E é curioso verificar-mos que a acção do Homem rural neste território terá surgido com maior incidência na sua conquista efectiva, para assegurar a produção do sustento para uns, e a riqueza ambicionada de outros, do que para assegurar a própria residência, que terá sido no início precária vindo lentamente a evoluir nos espaços, formas e materiais cada vez mais generosos e aperfeiçoados, na medida da própria evolução económica, quase sempre insuficiente. ⁽¹⁰⁾

Muitas das técnicas construtivas e hábitos de vida trazidos do Continente terão tido capacidade de adaptação a esta região e por certo constituíram as únicas referências conhecidas e

¹⁰ *Para a História do Funchal - Pequenos Passos da sua Memória*, António Aragão, Sec. Reg. da Educação e Cultura, Dir. Reg. dos Assuntos Culturais, Funchal, 1979, pág. 45 - " Repare-se entretanto na "pobreza" de materiais que então ainda se usavam nos edifícios da rua mais destacada. E, embora várias edificações já fossem erguidas em pedra, é de supor que muitas delas, tal como se passava em Santa Maria do Callhau, não conseguissem ir além de modestas construções de madeira abafadas de colmo".

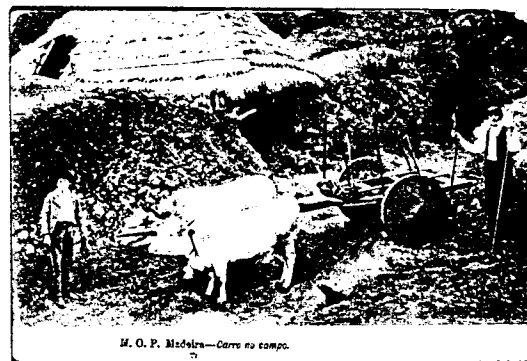
por isso o garante do "saber fazer" no amanho das terras, na construção de utensílios ⁽¹¹⁾, e também na construção da própria casa rural.

Todavia as adaptações e reinvenções dos modelos ao longo do tempo terão dado origem a uma identidade muito própria, fruto das novas raízes que se fixaram na terra do "Novo Mundo" sendo assim também possível que tenham surgido modelos espontâneos provenientes das novas necessidades, de novos equilíbrios económicos e sobretudo da combinação entre os materiais disponíveis, o engenho de os moldar, e a arte de fixar modelos com proporções e espacialidades facilmente reproduzíveis.

Nesta grande aventura, a Arquitectura Popular surgiu aqui, como em outras regiões, numa dimensão que extravasa a casa de viver, fixando também outras construções ligadas às actividades produtivas e de armazenamento; são disso exemplo os moinhos, as serras de água, os palheiros, as adegas, entre outros.

Estes engenhos, assim como as alfaias, terão vindo decalcados dos modelos Continentais, fisicamente desembarcados ou recriados pelo *mester* dos carpinteiros. Estes encontraram madeiras novas que sábiamente utilizaram consoante as suas características, como a rigidez, trabalhabilidade e durabilidade. Fabricaram ferramentas e com elas fabricaram utensílios, alfaias e casas. Para além do ciclo inicial dos cereais também surgiram novas culturas e a partir delas se evoluíram adaptaram e introduziram novos engenhos como é o caso do açúcar, praticamente desconhecido no Continente. Outros porém, como os lagares de azeite, não chegaram a ser implantados apesar da importância que tinham na tradição mediterrânica, visto não haver plantação e exploração de oliveiras. Os tradicionais carros de bois, juntamente com os arados, são também o grande fio de ligação à terra mãe, muito embora extremamente condicionados às condições orográficas. Já o Porto Santo terá sido o território onde melhor se terá adaptado a tecnologia agrícola Continental. Neste período viverem-se experiências únicas que puseram à prova o

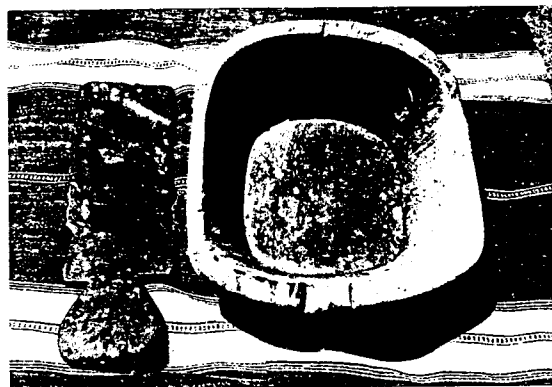
¹¹ *Alfaia Agrícola Portuguesa*, Ernesto Veiga de Oliveira, Fernando Galhano e Benjamim Pereira, Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Estudos de Etnologia e do Centro de Estudos de Antropologia Cultural, 2ª Edição, Lisboa, 1983, pág. 203 - " Como observou Jorge Dias, os velhos arados da Madeira pertencem ao tipo radial, mostrando um estreito parentesco com os arados radiais do Minho Serrano e da Beira Alta. (...) Jorge Dias chama a atenção para a identidade que existe entre as relhas dos arados da Madeira e a dos radiais do Minho Serrano ".



M. O. P. Madeira - Carro no campo.



M. O. P. n°44-Madeira. Lagar de Vinho



Postal - Union Postalle Universelle: M.O.P. Madeira - Carro no Campo.

Postal - Union Postalle Universelle: M.O.P. n°44, Madeira - Lagar de Vinho.

Amassadeira e tábua de tender a massa do pão, recolhidos durante a campanha de Abril/Maio 96 - col. V. Mestre.

Guilhermes e tacos recolhidos durante a campanha de Abril/Maio 96 - col. V. Mestre.

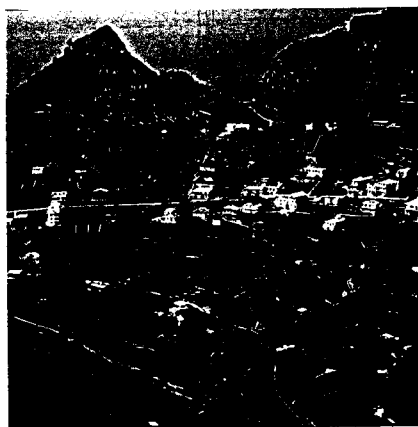


Prazeres, Calheta.

carácter do Homem Novo. Aqui não se deu continuidade á longa marcha da evolução "tout cour" da tradição rural iniciada no Continente, nos primórdios da nacionalidade, mas antes, e apesar de serem esses os conhecimentos herdados e transportados mentalmente, deu-se início a algo que provávelmente também se queria novo, e quiçá diferente nas formas, espaços e vivências de habitar ⁽¹²⁾.

Contudo não negamos a origem espacial, formal e construtiva de alguns modelos e utensílios mas tão sómente pretendemos reforçar a nova personalidade que surgiu com a súbita mudança de uma Civilização milenar estável para o vazio cultural que constituíram os novos territórios envolvidos em mistérios: lugares telúricos, mágicos e principalmente desconhecidos onde o Homem voltou a sentir-se num "estado primitivo" face á grandiloquência da Natureza.

É curioso que, apesar desta situação na Ilha da Madeira, o povoamento é predominantemente disperso, mesmo nos lugares mais adversos, não se tendo estabelecido aldeias comunitárias. As casas rurais são uma afirmação individual na paisagem e representam o esforço do Homem sobre a Natureza. Esta expressão afirmativa resulta numa implantação de domínio, voltada para a paisagem acidentada ou mesmo para o mar sem qualquer temor. E mesmo no caso de um aglomerado, este apresenta uma configuração dispersa de unidades habitacionais autonomizadas. Quando o povoamento se implanta na crista de um monte, nas conhecidas Lombas ou Lombos, as casas têm sempre um sentido individual, colocando-se preferencialmente na perpendicular á via estruturante, e nunca lado a lado a formar correnteza. A casa unifamiliar é assim individual por opção, e o centro da força espiritual e produtiva ligada á terra. É esta a dimensão base que durante séculos constituiu a estrutura económica do arquipélago. A casa é o cerne das actividades rurais de cada família, e a sua estrutura espacial está inserida num mais amplo e complexo sistema de necessidades



Caldeira, Quinta Grande.

¹² *Arquitectura*, Ernesto Veiga de Oliveira, Fernando Galhano, Centro de Estudos de Etnologia Peninsular da Universidade do Porto - " A casa é mais que um mero produto do determinismo geográfico local, e os pormenores da sua forma e estilo não são apenas a resultante necessária do solo que impõe o emprego de certos materiais de construção que exige certos dispositivos especiais, das condições da agricultura que requerem um plano integrado adequado. Todos estes elementos constituem, sem dúvida, factores da maior importância na elaboração de um determinado tipo de casa, mas esta é acima de tudo, uma obra do homem, um facto de cultura, e como tal sujeito á acção e influência de todos os demais factores que intervêm nas realizações humanas. E é afinal no próprio Homem e na lei da sua criação cultural que se deve procurar a explicação decisiva da casa que ele constrói ".

consoante o tipo de agregado familiar e actividades agrícolas desempenhadas. E é neste contexto que a casa de habitar ganha outros espaços e/ou outros edifícios complementares, consoante as actividades agrícolas e os respectivos picos de exploração das diversas culturas implantadas na ilha, surgindo assim os ciclos económicos dominantes e determinantes para o desenvolvimento da vida rural. Os cereais, a madeira, o açúcar, a vinha, o vime, o linho (este em pequena escala), e a bananeira (ambos já muito tardios) e ainda o bordado como "Artesanato Produtivo" (13), terão sido os mais representativos, e terão contribuído economicamente para a "reinvenção", invenção e inovação das tipologias actualmente mais representativas, e, naturalmente também dos tipos formais (quase ausentes de artificios supérfluos na fase inicial do povoamento), que vêm adquirindo novos valores decorativos acabando por se imporem na identificação da Arquitectura Madeirense.

Vencendo o Atlântico, e com ele o imaginário de quimeras e monstros marinhos, terá no Arquipélago da Madeira nascido o "Homem Novo" com o surgimento do "Novo Mundo", onde vários factores psicológicos terão influenciado comportamentos ao longo de 500 anos, muitos dos quais passados num isolamento condicionante mesmo na própria ilha, entre lugares e povoações. As comunicações ou a sua falta, terão sido aqui mais do que em qualquer outro território Continental e Insular, um factor condicionante a uma troca de valores sócio-culturais, a um "desenvolvimento" por constante contacto.

Com uma costa muito agreste, sem portos naturais (á excepção do Funchal) com especial destaque para o Norte da Ilha, bem como um acidentado território interior impossibilitando a construção de estradas dignas deste nome até ao primeiro quartel do séc. XX, contribuíram para que as comunicações ficassem sempre aquém das necessidades. Escoar os produtos da terra assim como o contacto entre

13 *Novos Guias de Portugal*, Luiza Helena Clode, José Victor Adragão Madeira, Editorial Presença, 1989, Lisboa, pág. 208 - " Desde tempos remotos, que vão à época do povoamento, sempre se bordou na Ilha, pois essa actividade feminina era inerente ao quotidiano da vida da mulher. Os bordados seriam semelhantes aos que se faziam no Continente Português, pois lembremo-nos que vieram famílias desde o Norte ao Sul do país. (...) O grande incremento e divulgação do bordado na Ilha e fora dela, parece dever-se a Miss Elisabeth Phelps, senhora Britânica, com família radicada no Funchal, que ensinou a um grupo de raparigas de Santa Clara os pontos Ingleses do seu conhecimento, quando verificou as qualidades manuais da mulher Madeirense. (...) O bordado na Madeira apareceu pela primeira vez em público em 1850 na Exposição da Indústria Madeirense que se realizou em Junho desse ano ".



B. P. 163 - Madeira. Costumes (Bordadeiras).

Fig. 100



B. P. 183 - Madeira. Entrosa da Boa Ventura.



B. P. 183 - Madeira. Entrosa do Boá Ventura.



Caminho para o Porto da Cruz - Madeira

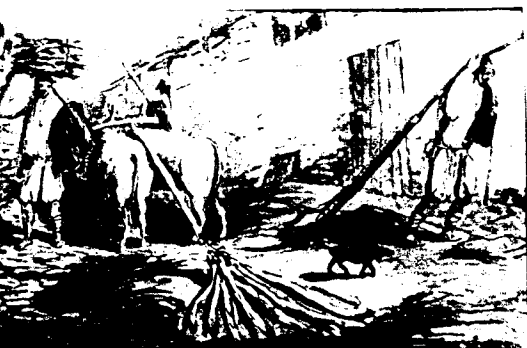
Fig. 101

Postal - Union Postalle Universelle: B.P. 163, Madeira - Costumes (Bordadeiras).

Postal - Union Postalle Universelle: 48, Madeira - Scouring the linen. (1909, data do carimbo na face posterior).

Postal - Union Postalle Universelle: B.P. 183, Madeira - Entrosa da Boa Ventura.

Postal - Foto Figueiras, Caminho para o Porto da Cruz, Madeira.



Postal - Union Postalle Universelle: B.P. 176 Madeira - Porto Santo (1908, data do carimbo na face posterior).

Postal - Union Postalle Universelle: M.O.P. Madeira - Ponta Delgada (1913, data do carimbo no rosto).

Postal - Union Postalle Universelle: Madeira - Praia do Funchal.

459 - Na Eira. Aguarela do séc. XIX ..., dimensões: 20 x 11 cm, in Estampas, Aguarelas e Desenhos da Madeira Romântica, C.M.F.F., DRAC/SRTC, Funchal, Julho-Dezembro, 1988.

comunidades, durante séculos, só foi possível através da cabotagem em portos quase sempre improvisados ⁽¹⁴⁾.

No interior, á força de longas caminhadas, tudo se carregou ás costas, ao ombro, ou numa rede porque na maior parte das vezes não era possível a ajuda de animais. O burro e o cavalo são preciosos auxiliares mas nem sempre eficazes, e a carreta ou o carro de bois são algo que só era possível funcionar nas localidades. É esta a saga do homem rural, o *vilão*, como é localmente conhecido, e também dos homens de "carrego" do comércio por cabotagem. Ambos empreenderam um esforço físico constante, uma vida inteira a "carregar a ilha" aos ombros que depressa desfez a idéia de riqueza fácil, ou de trabalho compensador. Esta idéia ter-se-á desvanecido com as condições de aquisição ou de arrendamento das terras. O que se verificou foi uma total dependência do Capitão Donatário e dos Morgados, proprietários poderosos que impuseram sempre as regras e mantinham a população rural praticamente escravizada ⁽¹⁵⁾. A insegurança esteve sempre presente na exploração agrícola, o sustento adquirido da terra acabava sempre por se revelar insuficiente para pagar a renda, ou meias, ou quarta parte, consoante a época e o acordo com o senhorio. A agravar tudo isto, repetidas vezes se mudaram as produções de eleição por terem surgido outros mercados mais ricos como é o caso do açúcar do Brasil, ou com as calamidades das pragas sobre a vinha. Todos estes factores terão contribuído para uma vida de constante trabalho com escassos resultados económicos bem expressos nas casa, nos utensílios, e na própria vida social.

É é neste contexto que a ilha vai mergulhando ciclicamente em crises de fome. A agravar verifica-se um sobrepovoamento derivado da acentuada taxa de natalidade.

¹⁴ *idem* nota 5 - pág. 22 e 23 - " A Ilha é muito montanhosa e compacta, a costa extremamente rochosa e recortada. Precisamente por este motivo a cabotagem teve, até pleno século XX, um papel de bastante maior relevância do que as ligações terrestres. (...) A praia é má, (Ribeira Brava), como todas as restantes da Ilha. Não há areia, só calhau. Desta forma, carregar as pequenas embarcações de cabotagem requeria uma técnica específica: as lanchas eram varadas, carregadas e, á força de braços e com os remos na rebentação a auxiliarem, lançadas á água. Logo que a pequena embarcação parecia querer flutuar, era altura de rapidamente içar o pano, para fugir ao impeto das vagas e da maré. (...) Quando se tratava de uma embarcação de maior porte e capacidade, então o carregamento era assegurado por Homens que nadando com as pipas á sua frente, as empurravam até ao barco ".

¹⁵ *idem* nota 5 - " Os Morgadios, chamados nesta época (Séc. XIX) já indistintamente também vínculos, eram indivisíveis e inalienáveis, fazendo-se a herança sempre dentro da família e exclusivamente através do filho mais velho, o que, por vezes, teria sido causa de complicadas disputas. No caso de não ser possível estabelecer descendência em linha directa até ao décimo grau, o vínculo regressava á tutela do estado, ou seja á coroa. (...) O Morgado não trabalhava a sua terra. Para tal, concedia o seu uso á população, ou seja aos camponeses, de acordo com regras e preceitos tradicionalmente estipulados. "

O excesso de população foi desde muito cedo um sério problema. A Madeira terá sido o primeiro território Atlântico a assistir ao fenómeno da emigração por efectiva necessidade de procurar melhores condições. Esta emigração precosa terá embarcado logo nos séc.XV e XVI para os novos territórios da América do Sul, para as vizinhas Canárias, e para as diversas Praças Africanas ⁽¹⁶⁾. Logo que se assitiu á quebra da produção açucareira, muitos casais partiram para o Brasil, continuando o êxodo pelos séculos XVII e XVIII para o mesmo destino. Naturalmente que esta "primeira" emigração ainda resultava das descobertas de novas terras sempre apetecíveis e cheias de esperanças para se iniciar novos ciclos de colonização. No entanto é no início do séc. XIX, cerca de 1840, que a emigração surgiu tal como a conhecemos neste séc. XX. O destino era as Índias Ocidentais, Guiana e Demerara, com retorno certo á terra natal e consequentemente trazendo as primeiras repercussões da "arquitectura de emigrante" para a ilha. Seguiu-se um novo ciclo do Brasil e mais recentemente o da Venezuela e África do Sul ⁽¹⁷⁾. Para além destes fenómenos de retorno de emigrantes, haverá ainda outros que terão contribuído para a "evolução" ou surgimento ou tão sómente influências epidérmicas, de modelos e aspectos formais da Arquitectura Madeirense, quer a popular quer a vernácula. Este território foi e continua a ser um local de "torna viagem", de visita cíclica, de atracção

¹⁶ *idem nota 10, pág.54* - " Digamos ainda, a propósito, que as dificuldades encontradas na Madeira pelas camadas mais baixas da população durante a rica fase açucareira inicial, em consequência sobretudo da estrutura dominal de raiz medieval das classes sociais dominantes, foram fortemente acentuadas chegando ao ponto de serem obrigados a abandonar a terra que já haviam adoptado. Realmente o medonho pavor das fomes por que passaram, levou muitos habitantes a emigrar para as Ilhas Canárias, logo após 1483, ou seja, mesmo antes da pacificação de La Palma e Tenerife. (...) Trata-se portanto da primeira emigração de habitantes da Madeira que temos notícia. Empurrados para Canárias em virtude da má distribuição da riqueza e da concorrência da mão-de-obra escrava aplicada nos trabalhos da cultura e indústria sacarina, conforme se depreende de variada documentação, a verdade é que os pobres emigrantes que irão fazer com que surja nas Ilhas vizinhas uma próspera indústria açucareira. "

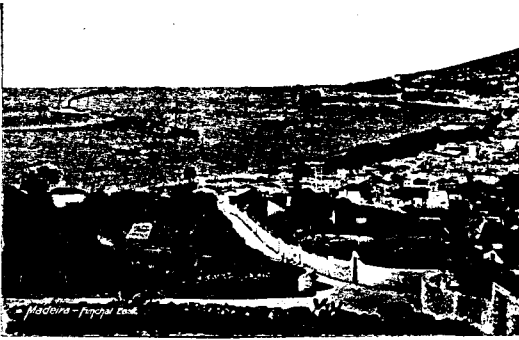
¹⁷ *Elucidário Madeirense*, Padre Fernando Augusto da Silva, Carlos Azevedo de Menezes, Junta Distrital do Distrito Autónomo do Funchal, vol. I (A-E), Funchal, 1940, pág. 392 - " A emigração para Demerara e colónias inglesas das Índias Ocidentais parece que só começou a fazer-se em larga escala por 1840. Em 1841 subiu a 4.045 o número de emigrantes, em 1846 a 4.945, em 1847 a 4.720 e em 1853 a 3.060, tendo ido uma boa parte destes indivíduos para aqueles países, para onde desde 1842 o govêmo inglês pagava os transportes, devido à falta que havia ali de braços de trabalho.(...) O demerarista que á custa de penosíssimos trabalhos e de flagelos de toda a espécie conseguia amontoar capitais, não se esquecia em geral da sua terra, e era aqui que gostava de vir passar o resto da sua vida, rodeado de comodidades e confortos a que não fôra habituado na mocidade. Desde 1835 até 1855 saíram da Madeira cerca de 40.000 pessoas, das quais apenas umas 20.000 levaram passaporte, tendo ido muitas dels para o Brasil e Estados Unidos da América, onde por esse tempo alguns patricios nossos conseguiram também fazer fortuna. "



Postal - *Bilhete Postal Madeira: B.P. 155 registado Madeira. Apanha de canas. (Será o Solar Welsh no Paúl do Mar?)*

Postal - *Post Card (177) Funchal. from the North - Madeira - 83078.*

470 - Vilão com burros. Aguarela do séc. XIX ..., dimensões: 20 x 18 cm, in Estampas, Aguarelas e Desenhos da Madeira Romântica, C.M.F.F., DRAC/SRTC, Funchal, Julho-Dezembro, 1988.



Postal - Madeira. East.



465 - Procissão. Aguarela do séc. XIX ..., dimensões: 12 x 12 cm, in Estampas, Aguarelas e Desenhos da Madeira Romântica, C.M.F.F., DRAC/SRTC, Funchal, Julho-Dezembro, 1988.

permanente. Daqui se partiu como primeira plataforma estratégica para outros desconhecidos territórios, efectuando-se as primeiras experiências com novos produtos agrícolas assim como se procedeu ao primeiro povoamento fora da Europa, e onde nasceu inclusivamente uma nova urbanidade. Fundada de raiz, a cidade do Funchal, e a diminuta Vila Baleira, são a experiência real daquilo que viria a ser a grande aventura urbana dos Portugueses no Mundo. Durante séculos o Funchal tornou-se paragem obrigatória. Logo no séc. XV conseguiu uma posição de destaque no contexto Europeu, atraindo e fixando famílias de negociantes e mestres de ofícios das principais Praças do Continente Europeu ⁽¹⁸⁾. No séc. XVIII chegam os Ingleses para a comercialização do vinho da Madeira acabando por ficar nas suas magníficas quintas até aos nossos dias. Sem interrupção, a Madeira continuará a sua vocação exportadora de produtos da terra e apoio logístico às frotas mercantes. Destes contactos muitos fenómenos de "cultura de viagem" terão partido, chegado e permanecido nos hábitos domésticos, nos costumes, no trabalho, nos utensílios, nas casas, enfim, na cultura local. Por outro lado é também fundamental referir e reforçar a "cultura mãe" que desde o povoamento e em particular da firme vontade do Infante mandar fazer uma "cidade modelo" ⁽¹⁹⁾, ao surgimento das companhias religiosas cuja implantação dos respectivos conventos vieram reforçar determinadas linhas de força de composição urbana e garantir a arte de bem construir. A Madeira sempre dispôs através de Mestres Artífices e de Arquitectos do Reino ⁽²⁰⁾ ou por ele

¹⁸ *idem nota 10*, pág. 44 - " Embora modesta, com muitas casas cobertas de colmo, nela, (Funchal), negociavam, mesmo no Inverno, 15 a 20 lojas de mercadores. Era então povoada de tantos mercadores estrangeiros (600 a 700) que, muitos deles, não encontrando albergue para morada, aproveitavam até simples abrigos. depressa se transformou na principal artéria do novo povoado. "

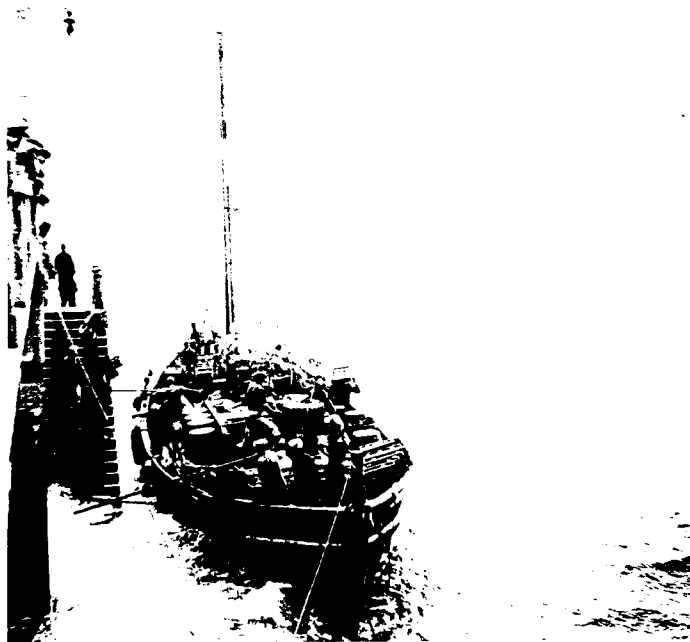
¹⁹ *idem nota 10*, pág. 59 - " Em Junho do mesmo ano (1493) o Duque volta a insistir na construção da Muralha do Funchal, a qual deveria ir, pela frente do mar, desde as ribeiras de São Francisco (hoje São João) à de Santa Luzia e seria da grandeza da de Setúbal. (...) note-se a referencia às Muralhas de Setúbal, as quais deveriam ser tomadas como modelo. Realmente, tanto a maneira de construir ou seja a tecnologia empregada, como o próprio estilo ou gosto das construções, lançavam as suas raízes nas fontes Europeias que os Portugueses transportavam para o Atlântico. "

²⁰ *idem nota 10*, págs. 88, 89 e 95 - " Na amálgama da gente de ofício laborando no Funchal, nos fins de quatrocentos, distinguia-se uma diversificada gama de escalões dentro dos respectivos sectores profissionais. (...) Em recuadas posturas exaradas pela Câmara Municipal, por volta da segunda metade do séc. XVI, ou mesmo anterior, determinava-se que todo o "oficial de ofício mecânico" não "porá nem terá tenda nem usará do seu ofício" para tomar obra sobre si próprio sem possuir "carta de examinação desta cidade ou da cidade de Lisboa ou das cidades notáveis de Portugal". (...) Claro que, em obras de menor responsabilidade, sucediam-se, na hierarquia oficial, indivíduos mais ou menos qualificados que levantavam casas de (continua...)

indicados que naturalmente "transpuseram" os modelos, os processos construtivos eruditos da arquitectura civil religiosa e militar e também a própria urbanidade da(s) cidade(s) com a tradicional Rua Direita, o Largo da Câmara, a Rua dos Cavaleiros ou da Carreira, á imagem da cidade tardo-medieval portuguesa, e até ás posteriores épocas. E se a nossa abordagem é sobre a Arquitectura Popular, não a entendemos como um fenómeno isolado, com fronteiras definidas ou sem pontos de contacto com as "outras arquitecturas" nomeadamente a erudita e a vernácula. E é precisamente nestas análises e nas directamente relacionadas com a investigação feita localmente aos modelos "populares", que iremos procurar leituras e "diálogos" possíveis para o seu entendimento.



Postal - Union Postale Universelle: Madeira - Funchal. ("Digma", nº10).

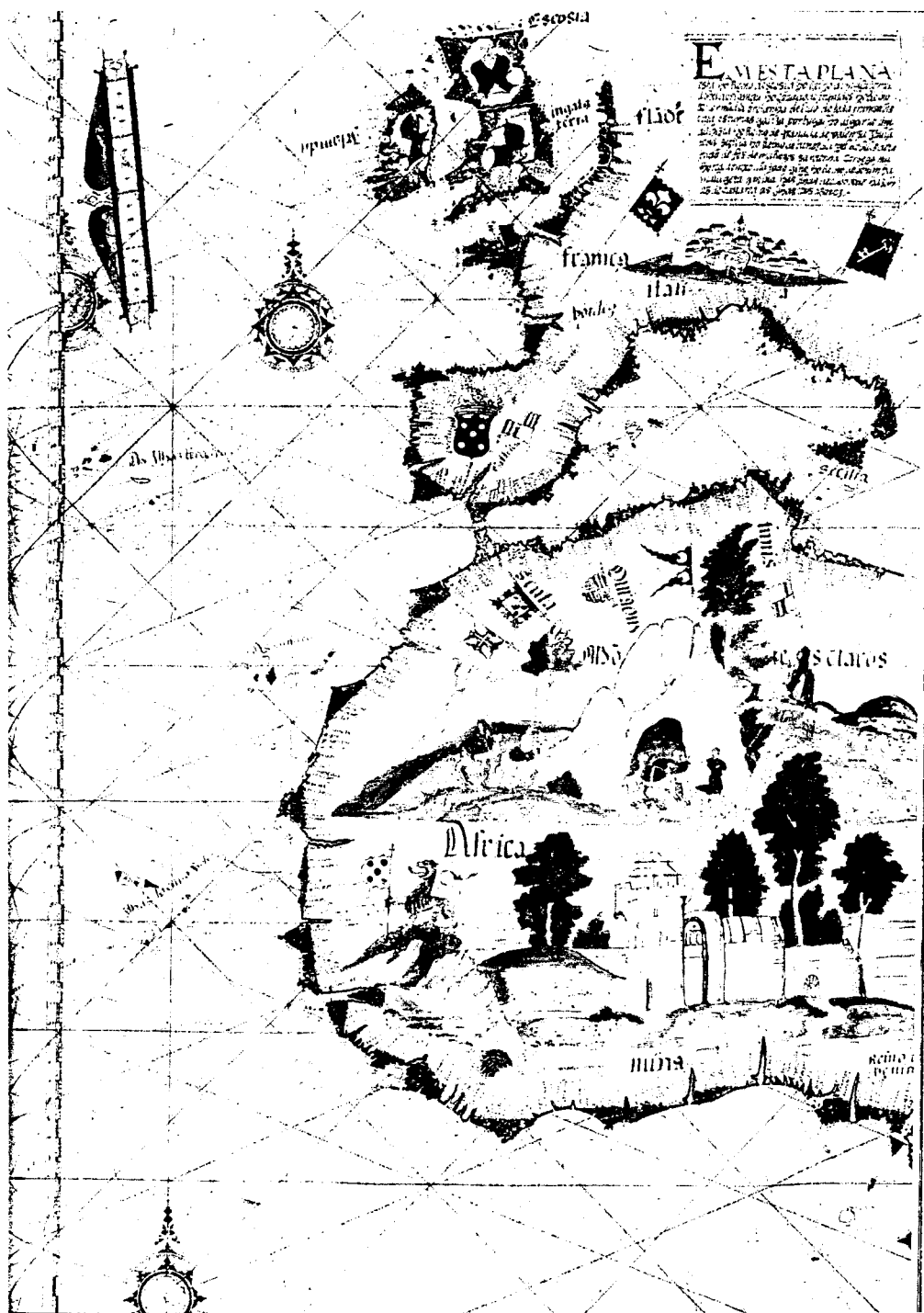


O Maria Cristina atracando no Porto Santo - fotografia dos anos 50.

468 - Building a House. Aguarela do séc. XIX ..., dimensões: 20 x 13 cm, in Estampas, Aguarelas e Desenhos da Madeira Romântica, C.M.F.F., DRAC/SRTC, Funchal, Julho-Dezembro, 1988.

²⁰ (...continuação)

moradia, capelas, pequenas igrejas, lançavam pontes ou erguiam paredes e outras construções de somenos importância. "

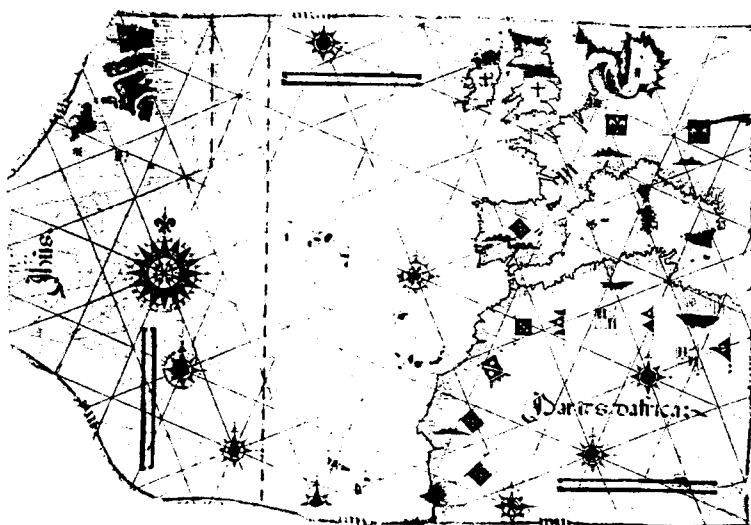
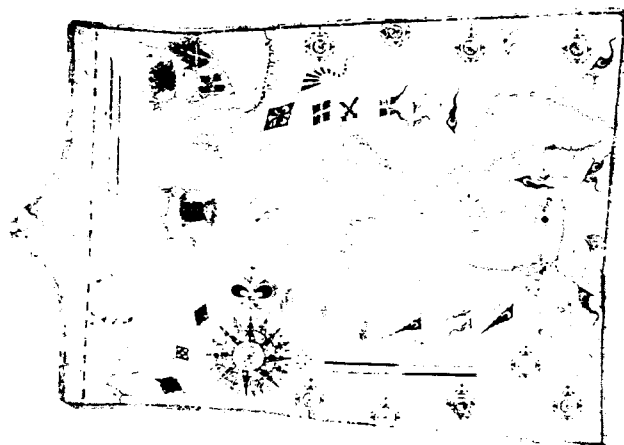


Representação do Castelo da Mina numa página do "Atlas de Lázaro Luís", 1563. Academia de Ciências de Lisboa, in revista Oceanos, nº28 - Out./Dez. 1996, pág. 31.

CAPÍTULO 4 - Breve Descrição Geográfica do Arquipélago da Madeira

Numa abordagem desta natureza, torna-se fundamental fazer um enquadramento prévio Geográfico, para melhor nos situarmos nas leituras que se irão seguir.

Assim, as observações seguintes têm carácter genérico e procuram relatar o essencial possibilitando leituras interdisciplinares.

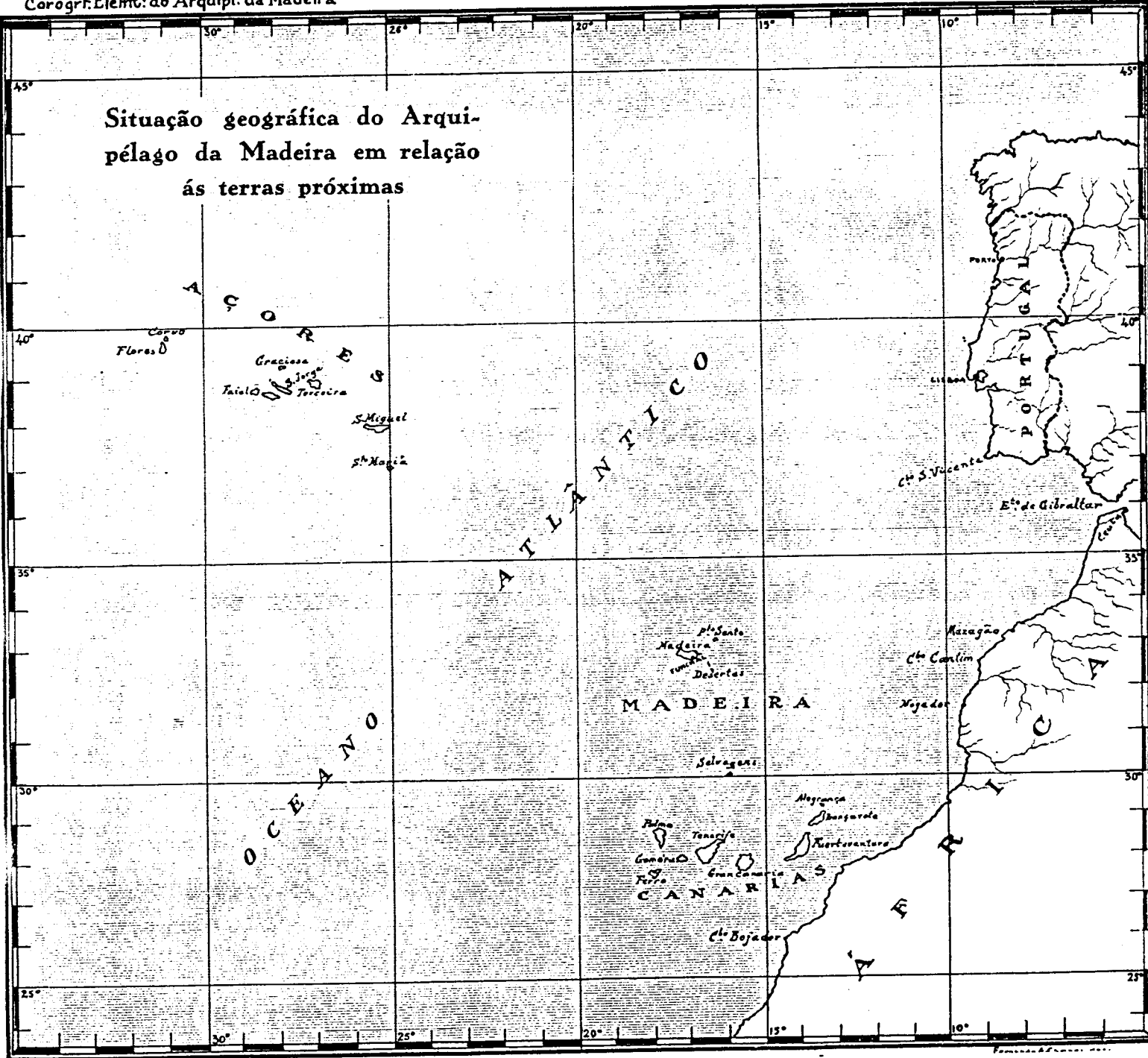


Mapa portulano do Mediterrâneo, traçado em pergaminho por Sebastião Lopes, em Lisboa, 1555. (©National Maritime Museum, Picture Library), in revista Oceanos, nº22 - Abr./Jun. 1995, pág. 51.

Carta do Atlântico Norte, Lopo Homem, C. 1550; Pergaminho, 58,5x86,2 cm, Lisboa, Biblioteca Nacional (nº53), in Portugal e os Descobrimientos, Comissariado de Portugal para a Exposição Universal de Sevilha/1992, pág. 230.

Corogr. Elemt. do Arqui. da Madeira

Situação geográfica do Arquipélago da Madeira em relação às terras próximas



in *Corografia Elementar do Arquipélago da Madeira*, de Alberto Artur Sarmento, 2ª Edição, Funchal, 1936.

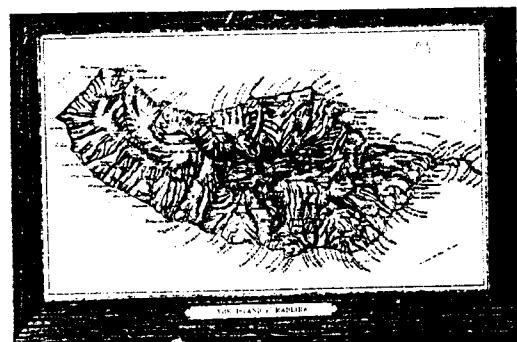
4.1. Ilha da Madeira

4.1.1. Geografia

A Ilha da Madeira é a maior do Arquipélago e fica compreendida entre os meridianos 16° 39' 19" W e 17° 15' 54" W e entre os paralelos 32° 37' 52" N e 32° 52' 08" N.

Desenvolve-se principalmente da direcção W-NW para E-SE, sendo o maior comprimento de 58 quilómetros, desde a Ponta do Pargo até á ponta de Barlavento, e a maior largura em direcção á normal é de 23 quilómetros, desde a ponta da Cruz até á ponta de S. Jorge. A linha da costa tem um comprimento total de 153 quilómetros e a área por ela limitada é de 737 quilómetros quadrados.

Em 1930 a população rondava os 210.000 habitantes, a que corresponde uma densidade de cerca de 284 habitantes por quilometro quadrado. Dez anos depois, aumentava para 247.000, definindo a densidade de 344 habitantes por quilometro quadrado ⁽²¹⁾.



Postal - *Union Postale Universelle*, principio do século XX.

4.1.2. Geologia

A Ilha da Madeira é de formação vulcânica e o seu maciço central, em linha no sentido Nascente/Poente, resultou da acumulação das camadas de lava(s) proveniente(s) dos vários focos de erupção ⁽²²⁾.

O mais significativo terá sido o que originou a gigantesca cratera do Curral das Freiras. Os Picos da Cruz, dos Barcelos, da Atalaia e do Areeiro, são exemplos significativos dos tempos em que os vulcões formavam a paisagem. Nesse tempo, as grandes fendas foram progressivamente preenchidas pelo magma, agora visível nas arribas a pique

²¹ *Oceano Atlântico Norte, Roteiro do Arquipélago da Madeira e Ilhas Selvagens*, Ministério da Marinha, Lisboa, 1944, 1ª edição, pág. 9 - " Segundo o recenseamento de 1991 a Ilha da Madeira constava com 248.339 habitantes, cerca de 337 hab / km² enquanto que o Porto Santo com apenas 4706 habitantes tinha uma densidade de 112 hab / km². "

²² *Carta Geológica de Portugal - Noticia explicativa das folhas "A" e "B" da Ilha da Madeira*, G. Zbyszewski; O. da Veiga Ferreira; A. Cândido de Medeiros; e *Rochas Vulcánicas*, L. Aires - Barros, Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa, 1975, pág. 10 - " Do ponto de vista geológico, a Ilha da Madeira é constituída por formações sedimentares, materiais piroclásticos e rochas eruptivas. "



Faial.

onde a rocha basáltica de cor escura intercala com os tufos alaranjados e avermelhados, as escórias de "pedra mole amarelada", e as bombas vulcânicas que ainda se podem observar. No Vale da Práinha, Ponta de São Lourenço, a areia branca da praia resulta de uma formação mais recente onde predominam as formações calcáreo-arenosas.

4.1.3. Orografia e Costa

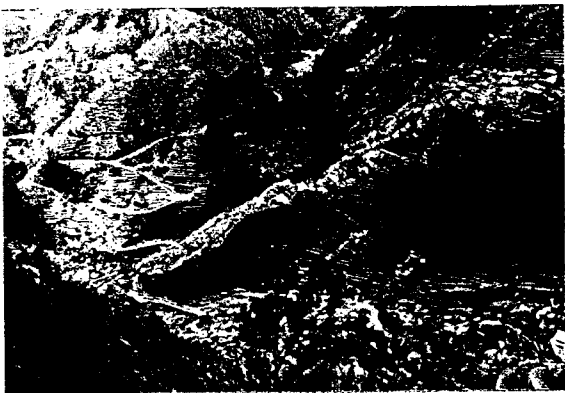
Distinguem-se dois maciços no grande alinhamento central da Ilha que são fracturados pelos vales da Ribeira Brava e de S. Vicente, as ligações naturais entre costa Sul e costa Norte. A partir deste maciço central, e por via da acção natural das chuvas, são visíveis outros vales de menor dimensão que se precipitam em ribeiras em direcção ao Oceano. Interiormente destaca-se a zona central do Pico Ruivo (1861m), das Torres (1851m), do Areeiro (1811m), do Cidrão (1802m), e do Cedro (1758m), entre os mais elevados.

A partir deles surgem também "fendas", estreitos e vales como o Curral das Freiras e o Vale da Ribeira dos Socorridos.

O planalto do Paúl da Serra, cuja paisagem é quase "lunar", contrasta fortemente com as zonas florestadas de cota inferior de onde surgem as Lombadas e Achadas em direcção à linha de costa.

As Ribeiras são os elementos naturais enquanto que as Levadas e as Veredas serão os "elementos naturalizados" estruturantes do território⁽²³⁾.

As Ribeiras Brava, do Faial, de S. Jorge, do Porco de S. Vicente, do Seixal, do Machico, da Ponta do Sol, do Paúl do Mar, e do Inferno serão as mais importantes. Quanto às levadas temos a dos Piornais seguramente uma das mais antigas (com registos escritos desde 1562) seguindo-se a das 25 Fontes (que alimenta a Central da Calheta), do Galhano (alimenta a Central da Ribeira da Janela), da Serra do Faial (alimenta a Central da Fajã da Nogueira), do Caldeirão do



Curral das Freiras.

²³ *História Rural da Madeira - A Colónia*, José João de Sousa, D. R. A. C., Funchal, 1994, pág. 156 - (...) "posto que sejam senhores das terras, com as quais as fontes lhes não passarão e as não poderão nem ainda por suas terras mudar nem divertir e correrem de modo guiza e maneira que tomarão seu caminho e corrente e darão e se manterem nos rios e ribeiras nas quais juntas as ditas agoas que das fontes correrem se tirarão as Levadas (...) e as destas agoas sejam repartidas por todos conforme aproveitamento que lhe for necessário e o Capitão e Officiais da Câmara e Almoxarife farão a dita repartição (...)".

Inferno, do Curral e Castelejo, da Negra, do Norte, do Caniçal, entre outras.

4.1.4. Clima e Precipitação

O clima na Ilha da Madeira ⁽²⁴⁾ caracteriza-se por duas realidades distintas, respectivamente o clima da encosta Norte com ventos dominantes e a encosta Sul de temperatura amena resultante da protecção do maciço montanhoso central.

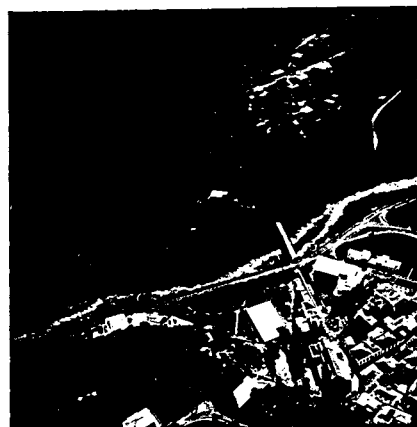
As temperaturas variam consoante a cota altimétrica sendo esta constante e amena durante todo o ano, nas plataformas e encostas de baixa altitude. Junto aos cumes neva no Inverno e as zonas sob a sua influência apresentam temperaturas baixas e neblinas cerradas. Geralmente as nuvens e nevoeiros "estacionam" á cota 500 no Inverno subindo um pouco mais durante o Verão. Os ventos fazem-se sentir de Norte e Nordeste. Ciclicamente surgem durante o Verão os ventos de Leste provenientes da costa africana, que aumentam repentinamente a temperatura, enquanto que a humidade do ar desce, ocasionando dias de calor abafado.

As brisas, que na Madeira têm o nome popular de *terral* e *embate*, são fundamentais para o "arejamento" contínuo. Durante a noite deslizam em terra para logo ao amanhecer alternarem com as brisas marítimas.

Quanto á precipitação, a abundância de água na Ilha da Madeira está-lhe fortemente relacionada ⁽²⁵⁾, pois é determinada pela orografia, ventos dominantes, e influência da costa africana, entre outros factores. As nuvens formam-se matinalmente na vertente Norte da Ilha e sob a acção do vento de Nordeste descem à vertente Sul. No entanto é na

²⁴ *A Ilha da Madeira até Meados do Século XX*, Orlando Ribeiro, Estudo Geográfico, Inst. de Cultura e Língua Portuguesa, Ministério da Educação, 1985, pág. 27 - " A Madeira está situada sob a influência do Geral de Nordeste durante quase todo o ano. A Ilha deve a este facto os traços gerais do seu clima e a oposição muito marcada entre as duas encostas, uma directamente exposta à acção do vento dominante, a outra que lhe escapa completamente devido à interposição duma grade massa de relevo. "

²⁵ *idem nota 24*, pág. 33 - " Estas chuvas excepcionais, no entanto, não são raras; no Outono e no princípio da primavera caem de vez em quando aguaceiros diluviais, frequentemente desastrosos, que enchem as ribeiras, arrastam blocos com algumas centenas de quilos, destroem pontes, danificam casas, inundando a parte baixa das aglomerações situadas à beira-mar, e pondo em perigo bens e pessoas. "(...)" Desde o século XVIII, conhecem-se treze inundações catastróficas, das quais sete tiveram lugar em Outubro ou em Novembro. A última em data (30 de Dezembro de 1939)demoliu uma parte da aldeia de Madalena do Mar, cobrindo os campos de bananeiras com enormes blocos, e fazendo numerosas vítimas. Na Ilha dá-se-lhes o nome de aluviões."



S. Vicente.



Curral das Freiras.

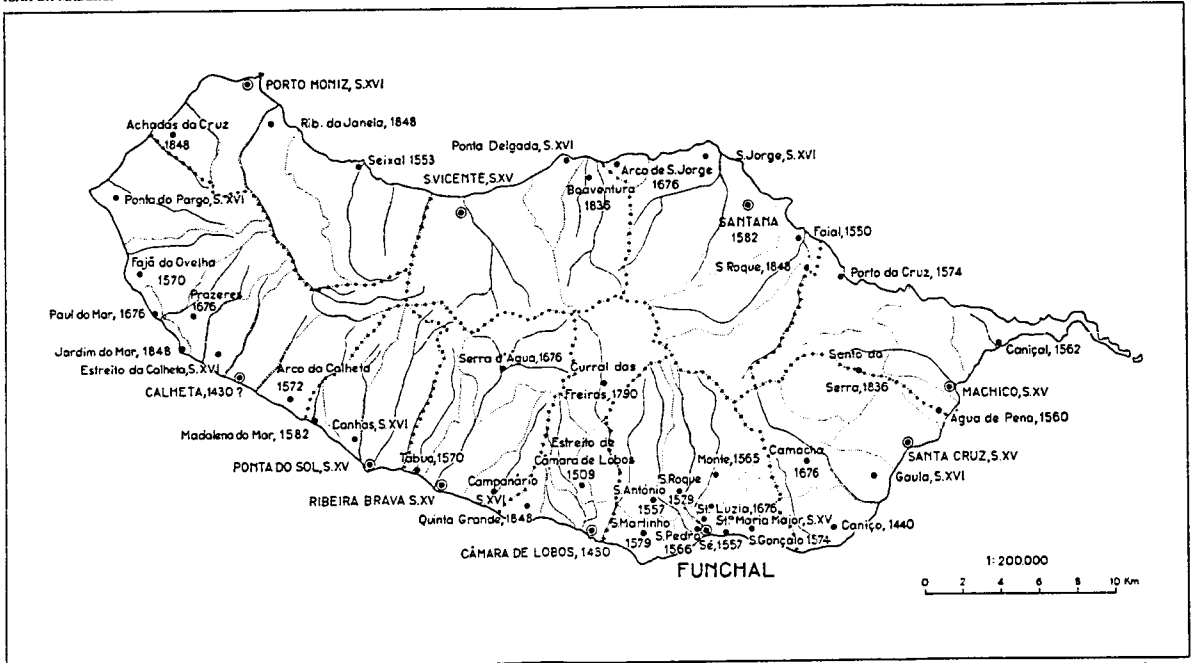
encosta Norte que se verificam os maiores níveis de precipitação. O ciclo das estações marca os picos de pluviosidade e a ausência desta, respectivamente em Novembro/Dezembro e Julho/Agosto ⁽²⁶⁾. O clima madeirense tem algumas semelhanças com o clima mediterrânico. Todavia, devido a uma precipitação mais intensa e à variação do grau de humidade relativa do ar, aproxima-se significativamente do clima das regiões tropicais.

²⁶ *idem nota 2*, pág. 24 - " O modelado da costa também é influenciado pela disposição dos produtos eruptivos. A inclinação dos mantos de lava faz-se sempre em direcção à costa, o que facilita os desabamentos, a que se dá o nome local de quebradas. A alteração dos tufos, das brechas, ou das lavas, dá origem a argilas que, quando embebidas em água durante as grandes chuvadas, se tornam plásticas e determinam escorregamentos. Caem pedaços de rochas duras, quando a abrasão remove os materiais brandos que as suportavam. Nestas condições o litoral é muito instável e os desmoronamentos frequentes, põem em risco alguns troços de estradas. "

LEVANTAMENTO DA ARQUITECTURA POPULAR DO ARQUÉPÉLAGO DA MADEIRA

ILHA DA MADEIRA

MAPA VI



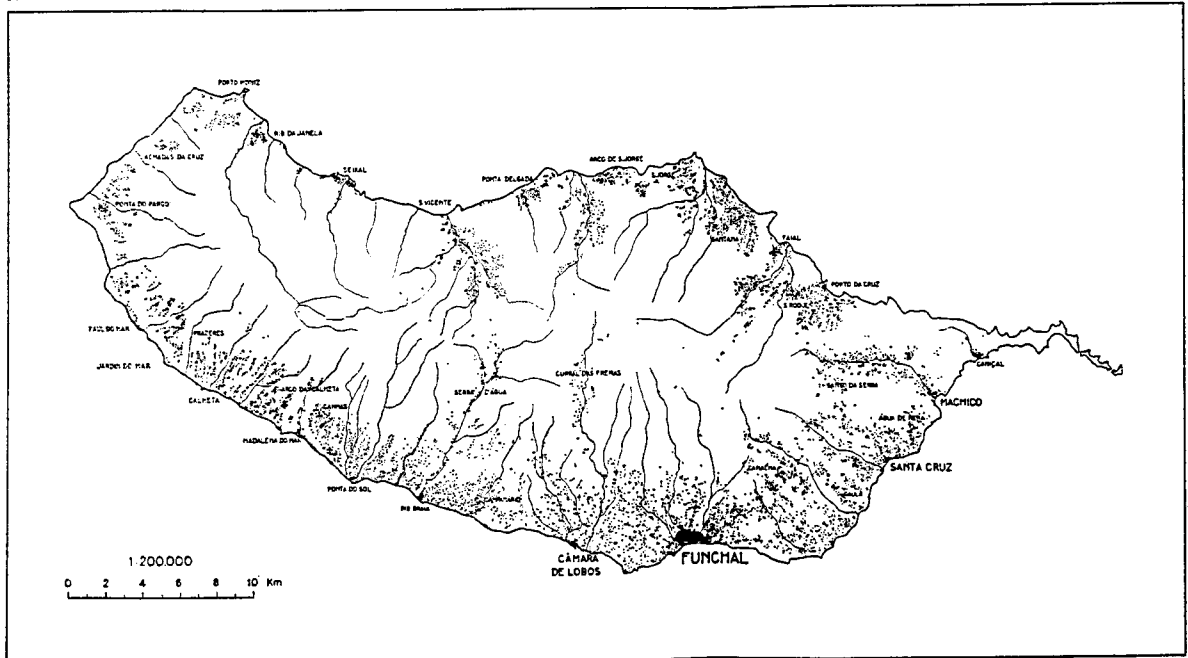
Divisões Administrativas

J. MOREIRA, DES.

As maiúsculas indicam os concelhos; as cruces e os pontos, os seus limites. As minúsculas indicam as freguesias; o pontado, os seus limites. Cada freguesia (paróquia) tem a data da sua fundação.

ILHA DA MADEIRA

MAPA VII



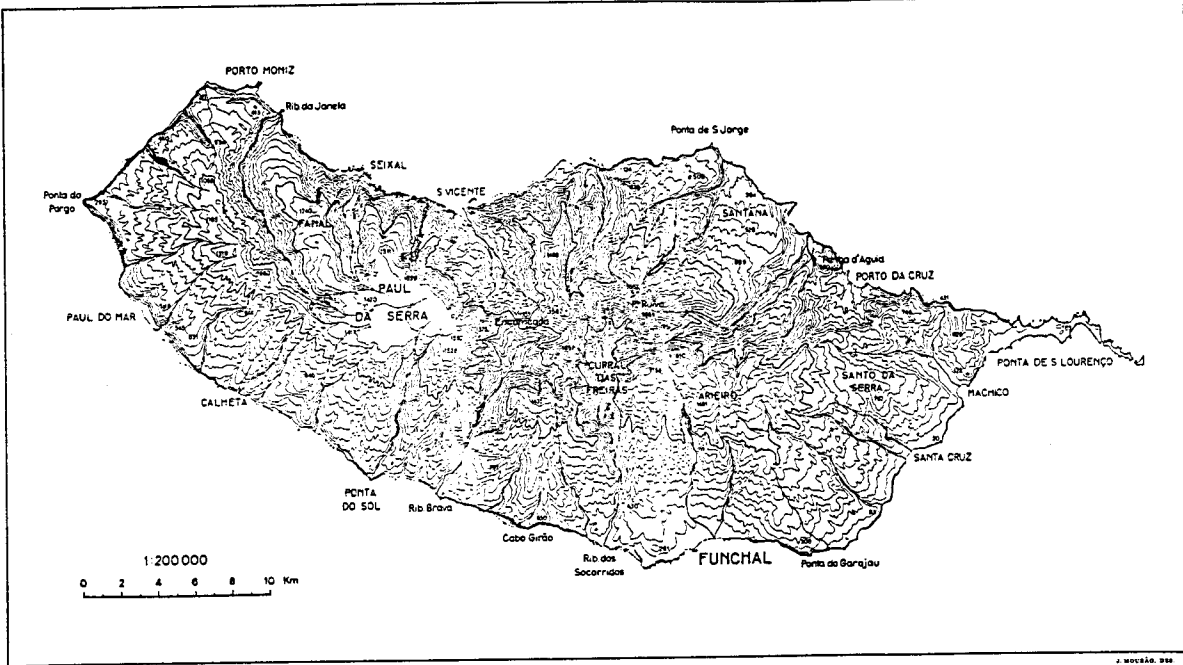
Repartição das Casas

J. MOREIRA, DES.

in *A Ilha da Madeira até meados do século XX - Estudo Geográfico*, de Orlando Ribeiro, 1ª edição, 1985.

ILHA DA MADEIRA

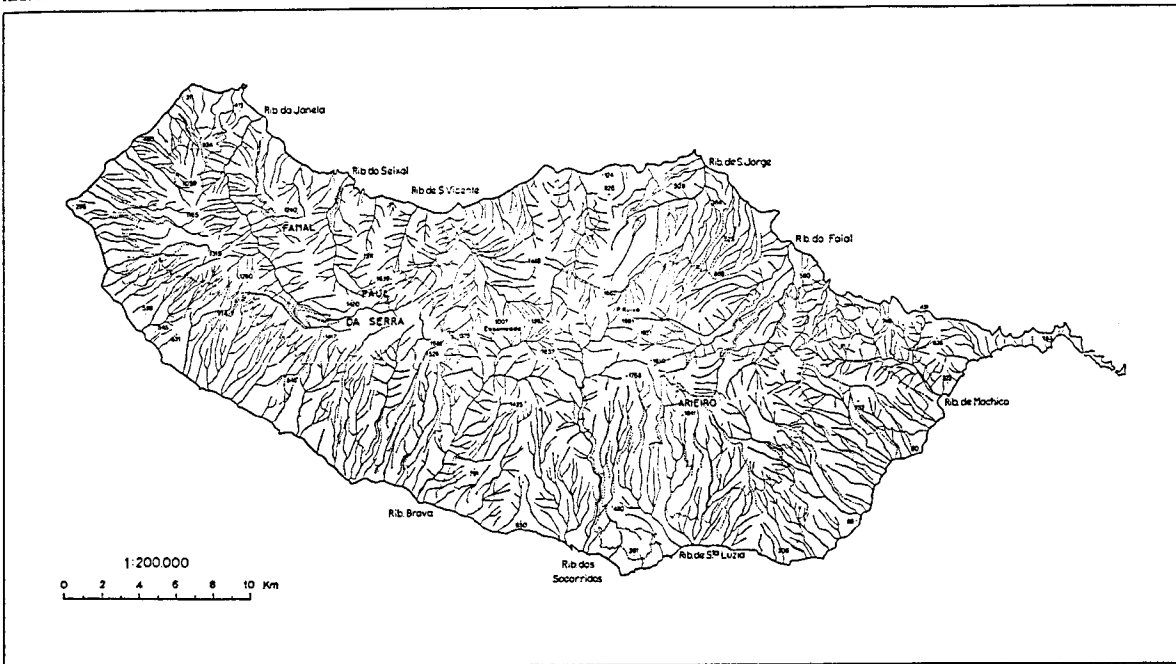
MAPA II



Relevo. Equidistância: 100 metros.
A curva dos 1000 metros está representada por um traço mais forte.

ILHA DA MADEIRA

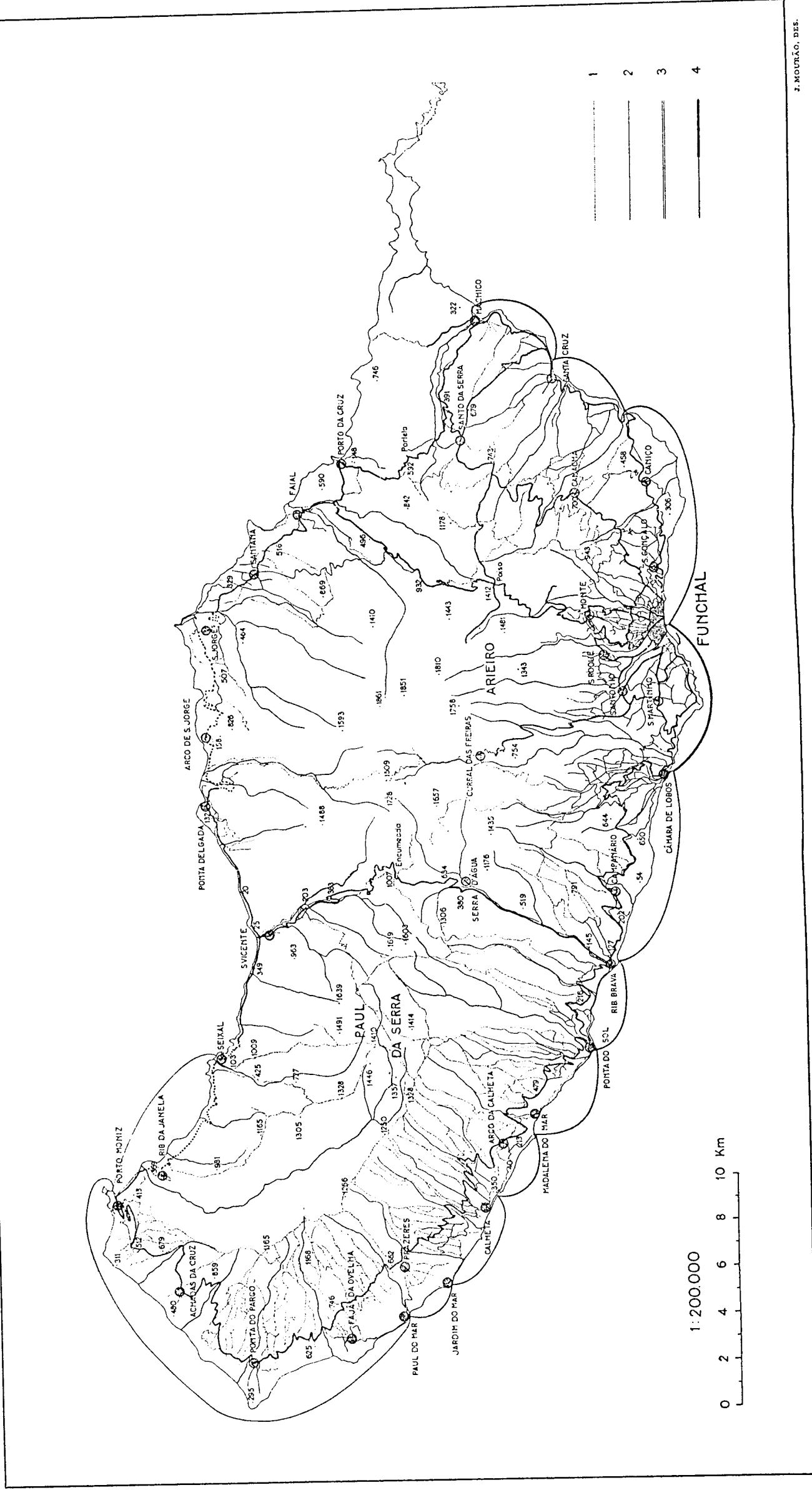
MAPA III



Ribeiras e Linhas de Água.
Em traçado, as *levadas*.

in *A Ilha da Madeira até meados do século XX - Estudo Geográfico*, de Orlando Ribeiro, 1ª edição, 1985.

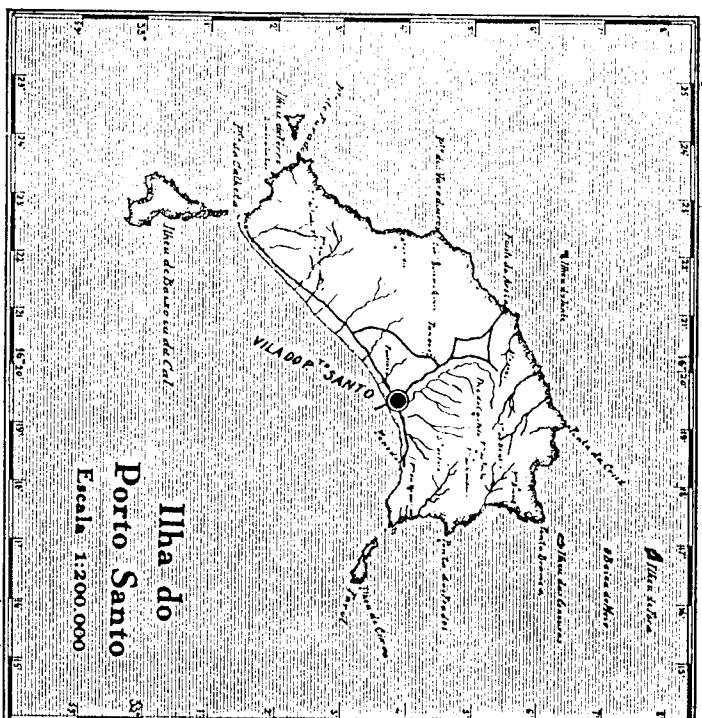
ILHA DA MADEIRA



Circulação
 Legenda: 1 — caminhos de pé posto; 2 — caminhos empedrados; 3 — estradas transitáveis; 4 — linhas de cabotagem (a espessura do traço é proporcional à importância do tráfego).

in *A Ilha da Madeira até meados do século XX - Estudo Geográfico*, de Orlando Ribeiro, 1ª edição, 1985.

Geogr. Final do Arquipélago da Madeira



in *Corografia Elementar do Arquipélago da Madeira*, de Alberto Artur Sampaio, 2ª Edição, Funchal, 1936.

4.2. Ilha do Porto Santo

4.2.1. Geografia

A Ilha de Porto Santo fica situada a NE da Ilha da Madeira, sendo de 21 milhas a distância desde a ponta de Barlavento à ponta do Ilhéu de Baixo. A Ilha e os Ilhéus adjacentes ficam compreendidos entre os meridianos 16° 16' 35" W e 16° 24' 35" W, e entre os paralelos 32° 59' 40" N e 33° 07' 35" N.

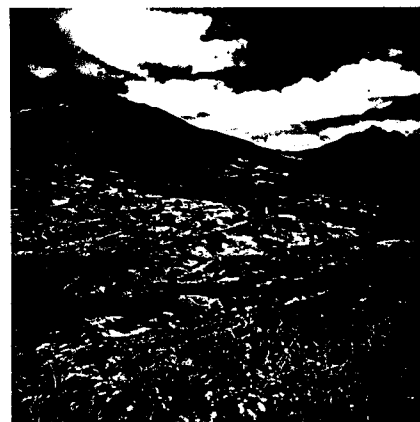
Desenvolve-se principalmente na direcção de NE para SW, sendo de 11 quilómetros o maior comprimento, desde a ponta de Nordeste até à Ponta de Focinho do Urso, e de 6 quilómetros a maior largura, desde a Ponta da Cruz até á Ponta do Incão. A linha da costa tem o comprimento de 38 quilómetros, sendo de 41 quilómetros quadrados a área por ela limitada.

A sua população situava-se nos 2.500 habitantes em 1930, a que corresponde uma densidade de 60 habitantes por quilómetro quadrado ⁽²⁷⁾.

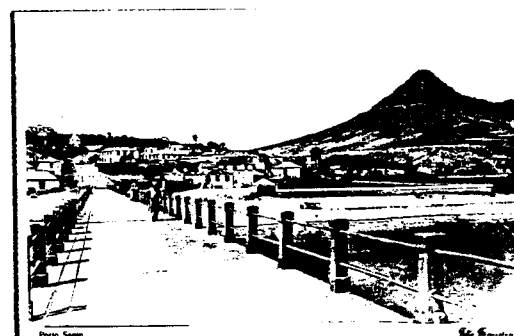
4.2.2. Geologia

A Ilha do Porto Santo tem igualmente origem vulcânica destacando-se da plataforma plana central e de cota baixa, os Picos praticamente em cada extremidade. A zona plana é formada por cinzas, tufos e terras, ou areias calcárias. No entanto o basalto também existe, com destaque para o que constitui o Pico do Facho. As traquites predominavam nos Picos do Castelo Branco.

O tom claro do solo caracteriza a *Ilha Dourada*. Podemos referir que as lavas elevaram-se entre cinzas de várias tonalidades com a presença significativa de cal. Os solos calcários da zona central formaram arenitos ou, como localmente se denominam, a *pedra de areia*, destacando-se o local da Fonte da Areia.



Porto Santo



Porto Santo - postal Foto Figueiras: Cais da Vila Baleeira

²⁷ *Oceano Atlântico Norte - Roteiro do Arquipélago da Madeira e Ilhas Selvagens*, Ministério da Marinha, Lisboa, 1944, 1ª edição, pág. 103.

4.2.3. Orografia e Costa



Porto Santo - Costa Sul.

O Pico do Facho com 516m é o mais proeminente. Os Picos do Castelo e da Juliana, com 444m, ladeiam-no, enquanto que o Pico Branco com 450m já se localiza no extremo Poente. A Ilha na zona Nordeste tem os dois vales mais importantes, respectivamente o da Serra de Dentro e da Serra de Fora. Na costa Norte/Nascente surgem os Ilhéus de Fora, das Cenouras, e de Cima. A zona central apresenta uma plataforma plana e sem acidentes dignos de registo. Por último a zona Poente desenvolve-se na continuidade natural da praia a Sul registando no seu interior alguns acidentes geográficos, e terminando no Ilhéu de Baixo ou da Cal.

Registe-se ainda que a frente Sul com o extenso areal funcionou como varadouro ou porto improvisado dos barcos de cabotagem, enquanto que a costa Norte, rochosa e com margens muito declivosas, inviabilizava a acostagem. Contudo registam-se as enseadas dos Frades e da Morena assim como alguns estreitos ou boqueirões que permitem o acesso protegido de barcos, em desembarcadouros praticamente naturais.

4.2.4. Clima e Precipitação

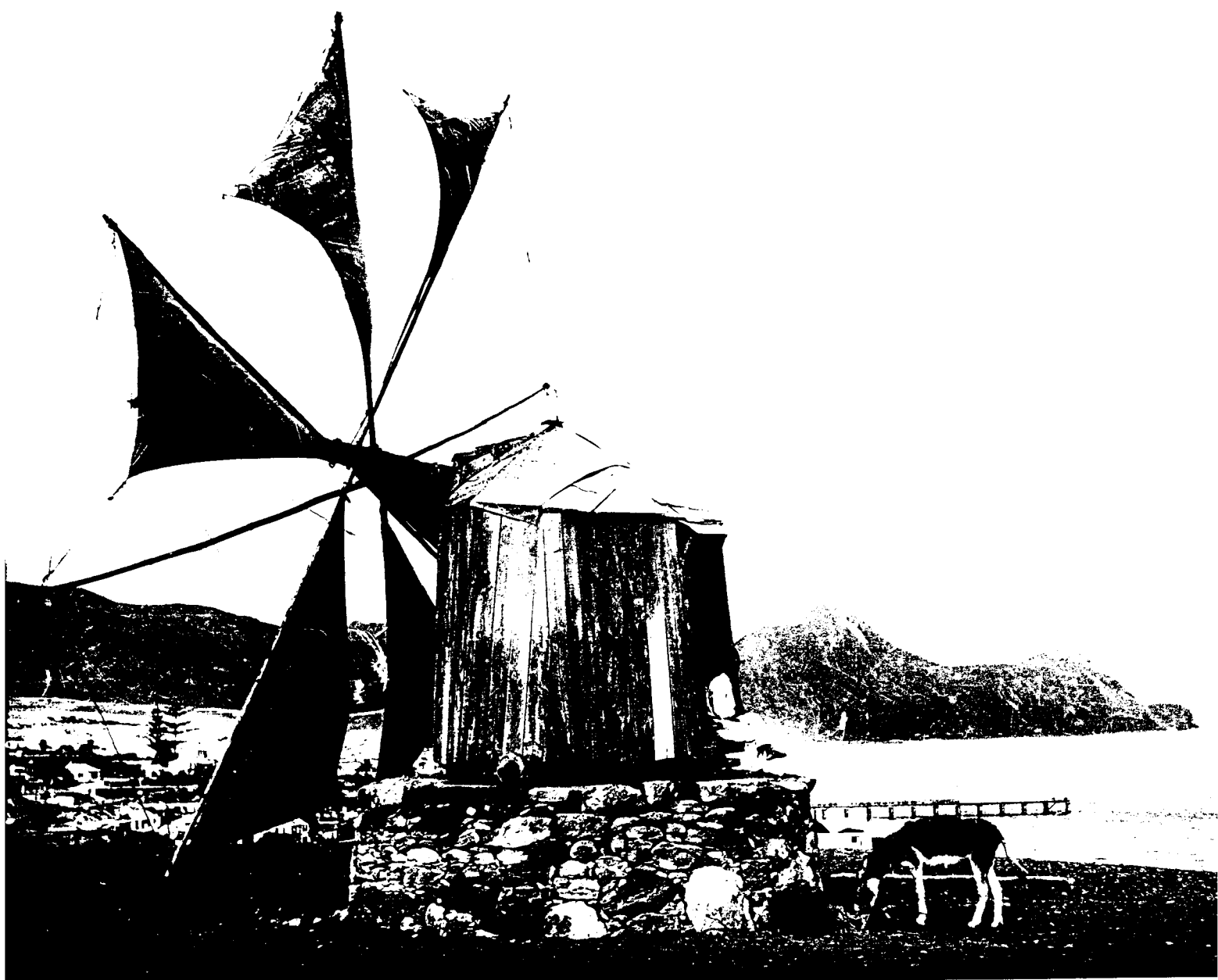
Os ventos dominantes são de Nordeste e de Norte. A precipitação é escassa e resulta grandemente do tipo de relevo e respectiva altimetria. Faz-se sentir o longo período das estiagens e com ele a temperatura é elevada.

A proximidade da costa africana faz-se sentir nas vagas de calor seco que por vezes assolam a ilha.

A falta de água torna o solo árido e somente através de poços ou Nascentes de caudal muito fraco se conseguem manter algumas culturas de regadio, as hortas e árvores de fruto. A Fontinha ou Fonte de Areia, com fama de nascente de águas medicinais, é a única que corre todo o ano.



Porto Santo - Serra de Fora.



Moinho de Vento, Vila Baleira - Ilha de Porto Santo - sem data, [P.P.], col. transportes nº 87 (P. - M. V.).



Vila de Câmara de Lobos - último quartel do século XIX Vicentes Photographos [V.P.], ex. Câmara de Lobos, neg. colódio (P. - M. V.).

CAPÍTULO 5 - Bases de Suporte para a Identificação das Tipologias Habitacionais

Antes de entrarmos na análise sistemática das tipologias detectadas no arquipélago, e para melhor estabelecermos os critérios orientadores ou a metodologia de abordagem das mesmas, iremos genericamente relatar as possíveis considerações e classificações a ter sobre a casa rural, inevitavelmente partindo do conhecimento das classificações anteriores feitas por estudiosos de indiscutível saber nesta matéria, de Ernesto Veiga de Oliveira a Benjamim Pereira e Fernando Galhano, a Jorge Dias e Orlando Ribeiro, e aos autores do *Inquérito à Arquitectura Popular do Continente* e também a valiosa experiência de idêntico pendor para o Arquipélago dos Açores. Contudo não podemos deixar de referir que cada realidade é uma realidade indubitavelmente diferente, ainda que sempre com pontos de referência incontornáveis.

A circunstância de estarmos perante as primeiras ilhas que foram povoadas de raiz a partir do séc.XV, é logo à partida um factor determinante para aceitarmos as diferenças não só geográficas mas também de "reinvenção da civilização", e a formação de uma cultura local. Todavia, tratando-se de uma "reinvenção" algo nos transmite o sentido da palavra: há uma memória filtrada por vários circunstancialismos que talvez permitam uma síntese cultural, onde lentamente foram também convergindo e caldeando outros dados, outras culturas (28). A misciinação foi acontecendo lenta e naturalmente mas, talvez sem nunca se sobrepôr por completo a uma imagem base que facilmente reconhecemos como o cunho da "Arquitectura Portuguesa", ou a "maneira de a fazer portuguesa". Não gostaríamos de tirar qualquer conclusão precipitada, mas antes, deixar também a ideia da "não fronteira" entre a "Arquitectura das Vilas", ou vernácula, e a Arquitectura Popular, da Arquitectura Rural inerente ao campo, quantas vezes em indissociável convívio.



430 - Cavadores. Aguarela do séc. XIX ..., dimensões: 18 x 12.5 cm, in *Estampas, Aguarelas e Desenhos da Madeira Romântica*, C.M.F.F., DRAC/SRTC, Funchal, Julho-Dezembro, 1988.

²⁸ *A Arquitectura do Renascimento em Portugal*, Albrecht Haupt, Editorial Presença, Lisboa, 1985, pág. 291 - "Um dos mais antigos territórios Portugueses, a tão próxima Ilha da Madeira, possui, sobretudo na cidade do Funchal, sua capital, verdadeira cidade portuguesa à moda antiga, um monumento arquitectónico dos mais grandiosos desse tipo religioso que aprendemos a reconhecer na Igreja de Caminha e que tenho designado até agora por tipo Tomar-Golegã.(...)"

Estamos em crer que no caso madeirense essa fronteira não será completamente definível, até porque os aglomerados e as construções dispersas em "unidades" de vizinhança no início do povoamento terão tido bases de construção e mesmo de tipologias muito próximas quando não mesmo equivalentes, assim como provavelmente partilharam os mesmos mestres construtores.

Voltando a um âmbito mais genérico e ao nos remontarmos aos autores que se debruçaram sobre as tipologias da casa rural verificamos que ⁽²⁹⁾ no caso da análise continental, Ernesto Veiga de Oliveira fala-nos sobre a "casa-bloco" do Norte de Portugal de dois pisos bem definidos a nível do uso - inferior para animais, e superior para habitação - não deixando porém de a classificar como *casa elementar*, apontando como factor determinante o "rusticismo" excessivo e antigo da mesma. "Os tipos rudimentares e primitivos da habitação humana", prossegue o mesmo autor referindo-se a abrigos temporários de pastores nas Serras do Soajo, Peneda, Amarila e Gerêz, "feitos de blocos de pedra empilhados a seco, cavados na terra ou recobertos de lages ou torrões (...) e ainda as casas circulares, sinais da herança castreja, também localizada no Norte". Para além do "monte alentejano" e respectiva caiação como elemento de referência, debruça-se ainda largamente sobre a "casa -pateo" do Alentejo, da casa da região Gandaresa e da região de Penafiel, todas com "razões" diferentes mas utilizando um mesmo esquema de funcionalidade.

Também surge neste estudo a relevância dos materiais ⁽³⁰⁾ bases, na elevação das paredes divididos em três grupos, respectivamente a pedra - granito, xisto ou calcário - a terra como base no adobe, taipa ou tijolo e por último a madeira e outros materiais vegetais com largas referências geográficas.

²⁹ *idem nota 12*, pág. 21 - "(...) Casa bloco" com as instalações para o gado e as arrumações no térreo e a parte de habitação no andar, ao qual se ascende por uma escada exterior, de pedra, terminando numa varanda aberta que pode servir de sequeiro de cereais, ou num patim, alpendrado nos casos mais ricos, com a sua cobertura de colmo, por vezes em placas de xisto, e, mais recente ou mais evoluidamente, em telhas (...)"

³⁰ *idem nota 29*, pág. 35 - sobre a casa elementar: "Com muita expressão é costume designar-se a casa térrea e pequena, cujo plano interior se reduz a um simples compartimento quadrangular, quando muito, às vezes, com divisórias de tábua isolando um do outro recanto, onde decorrem todas as funções domésticas, e que se relaciona naturalmente com o nível económico dos seus moradores. (...) ao mesmo tempo que essa, porém, consideramos igualmente como casa elementar aquela que a simplicidade extrema da estrutura se alia à rudeza dos materiais visados e a uma técnica muito tosca de construção; deste modo, a casa elementar relaciona-se com os tipos cronologicamente mais antigos, ou seja os mais rudimentares e menos evoluídos, e por isso representa muitas vezes uma forma tradicional local, própria de todos os níveis económicos. "

Volto a referir que é fundamental neste trabalho a definição de *casa elementar* como ponto de partida.

Verificamos pois na sua leitura assim que as classificações podem surgir de diferentes abordagens e que algumas se completam ou mesmo se interdependem. Deste modo temos a abordagem através de uma determinada região, que se entende como homogénea na Geografia Física e Humana de onde imerge uma "Arquitectura Inerente" por materiais construtivos coincidentes ou não com Geografias Físicas e determinantes, e também através de uma possível classificação pelo grau de complexidade tipológico, portanto inerente á própria "Arquitectura da Casa".

Mas nenhuma destas possíveis classificações consegue de forma explícita o carácter "meio abstracto" que toda a Arquitectura Portuguesa transporta e a identifica como tal, uma espécie de "genes" que passa de geração em geração, e caracteriza um conjunto de culturas regionais. São estes potenciais factores que reúnem Alma e Forma e assim possibilitam a identificação dos tipos quer eruditos, vernaculares ou mesmo os rurais, unificados pelas qualidades do Povo formado na miscissagem das várias civilizações invasoras e se homogeneizou ganhando individualidade e cumprindo a sua identidade.

As formas, os espaços e os processos construtivos mais arcaicos e primitivos construídos nas mais isoladas regiões do Continente, vieram progressivamente a evoluir formando uma arte de construir fruto do encontro de civilizações. Assim, e logo a seguir à Civilização Castreja e aos abrigos de pastores, surgiram a casa ou vila romana com o respectivo "pateo", a casa árabe e, com os Visigodos as suas casas em redor das suas Basílicas. Posteriormente surgiu a casa medieval, a casa renascentista e finalmente a Arquitectura Chã. Esta, talvez seja em nosso entender o estágio maior ou se quisermos a síntese da evolução da "Arquitectura de Cariz Portuguesa". Estamos em crêr que será esta a base da Arquitectura Portuguesa tal como a identificamos hoje. Será aquela que melhor funde a "casa espontânea" com as "Arquitecturas da História" de feição nitidamente erudita, surgida no território Português e prontamente exportada para os territórios Atlânticos, e daí para onde quer que os Portugueses assentassem praça de defesa, para as suas cidades mercantis. É uma Arquitectura que transporta na sua essência uma alma capaz de ser reconhecida em tão diferentes zonas geográficas

e contextos culturais por onde quer que se encontre, feita por ou á " maneira" dos Portugueses.

No caso dos Arquipélagos da Madeira esta Architectura, ou antes esta influência, está notoriamente presente e terá surgido a partir do Séc. XVII. Esta Architectura, provavelmente terá mesmo se sobreposto aos modelos mais primitivos, principalmente nos núcleos de feição urbana onde se tornou exclusiva. Podemos assim abrir aqui uma possibilidade de classificação de tipos e tipologias anteriores ao séc. XVII e aos que surgiram a partir daí.

Entenda-se que não estamos a defender a existência de um estilo Português, ou pior, de modelos regionais, e assim voltar às eternas discussões com o que de pior tiveram as posições e compromissos políticos dos anos 40/50, e que o Inquérito logrou contrariar. Pretendemos antes aceitar a identidade de uma arquitectura estabilizada "de exportação" nas tipologias (quase sempre modulares) na escala / harmonia / proporções, nos processos construtivos e nos aspectos formais que independentemente dos materiais bases disponíveis, sempre responderam a uma imagem de memória colectiva. São disso exemplo as Vilas e Cidades Açoreanas com destaque para Angra do Heroísmo, a Vila Baleira e o Funchal no Arquipélago da Madeira, a Cidade da Praia em Cabo Verde, Luanda Velha, em Angola e ainda, Olinda, Ouro Preto no Brasil, ou mesmo Goa entre outras.

Parece-nos assim importante, mesmo quando o que está aqui a ser analisado seja a Architectura Popular da Madeira, refletir num todo, que se afirmou principalmente a partir do povoamento Madeirense. Aliás julgamos mesmo que o Funchal será talvez a "Cidade mais Portuguesa" de toda uma nova geração que emergiu com os descobrimentos, assim como o povoamento desta ilha confirma as grandes capacidades que os Portugueses tiveram desde sempre de se adaptar e afirmar em qualquer território fora da "Terra Mãe", sem contudo a apagar da memória, talvez através da "saudade" ou tão somente por não saberem fazer diferente, a tenham reproduzido mesmo nos aspectos mais singulares ou mais "visíveis".

Mas então que critérios, que metodologia iremos seguir para identificarmos e classificarmos as tipologias detectadas?

Posto isto, e após uma vasta investigação em todo o território do Arquipélago, procurámos primeiramente tentar reconhecer modelos antigos ou mesmo primitivos que sejam ainda

datáveis ou que permitissem uma possível datação. Para tal apoiámo-nos também na Arquitectura erudita e/ou urbana do início do povoamento. Verificámos existir pouca, e alguma já só por descrição escrita, ⁽³¹⁾ outra porém só por fotografia após a demolição ou catástrofe como a casa atribuída a Colombo, ou ainda o Solar da Dona Mécia, o Convento de São Francisco e o edifício da Cadeia, todos localizados no Funchal. No entanto ainda podemos visitar atentamente a Torre do Capitão, a Alfândega Nova (de que tivemos a oportunidade de acompanhar a obra de Instalação da Assembleia Regional da Madeira ⁽³²⁾), o Convento de Santa Clara, o Solar dos Esmeraldos, assim como a Sé, Igrejas e Fortalezas com especial destaque para o Forte de S. Lourenço.

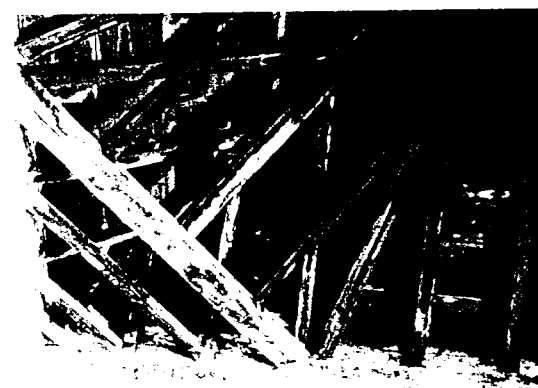
Do séc. XV e XVI as palavras de Luís de Cadamosto e Gaspar Frutuoso, e as interpretações de António Aragão, Rui Carita e António Marques da Silva no séc. XX, têm aqui um do contributo fundamental para a História da Arquitectura Madeirense ⁽³³⁾⁽³⁴⁾ e é a partir destes testemunhos e da nossa observação que podemos estabelecer plataformas na identificação dos modelos. São também significativos os primeiros relatos sobre a precaridade das casas dos mais pobres, incluindo as furnas. Antes porém, ficou desde já referenciada uma "Arquitectura muito Antiga". Uma arquitectura que seguiu moldes Continentais, construída por Mestres idos do reino, pagos por pessoas com alguma abastança. Esta, estará na base de um conjunto de "modelos" que constituem a possível influência na formação da pirâmide

³¹ Esta informação encontra-se parcialmente descrita no testemunho de Gaspar Frutuoso no seu livro "Saudades da Terra".

³² Projecto da autoria do Arq. Raul Chorão Ramalho.

³³ *idem nota 10*, pág. 44/45 - "(...) os especiais cuidados a ter com ela, (rua) sobretudo incêndios levou o Duque D. Fernando, em 1470, a determinar que todas as casas da Rua dos Mercadores se "descobrissem de palha e as cobrissem de telha" repare-se entretanto na "pobreza" de materiais que então ainda se usavam nos edifícios da rua mais destacada. E, embora várias edificações já fossem erguidas em pedra, é de supor que muitas delas, tal como se passava em Santa Maria do Calhau, não conseguissem ir além de modestas construções de madeira abafadas de colmo. Apetece de passagem, chama á atenção para as prováveis relações herdadas que as casas rústicas, de paredes de madeira e cobertas de palha, ainda existentes no Norte da Ilha, sobretudo no Concelho de Santana, podem guardar destes seus antepassados seculares. "

³⁴ *História da Madeira (1420 - 1566) Povoamento e Produção Açucareira*, Rui Carita, Gov. Regional da Madeira, Sec. Regional da Educação, Juventude e Emprego, Funchal, 1989, pág. 398 - " (...) Eram assim estas primeiras casas executadas em madeira de tabuado e cobertas a colmo, por certo muito semelhantes às casas ainda hoje existentes em Santana, de certo gosto gótico e telhado de duas ou três águas. Mais tarde e com a necessidade de implantação do sobrado, ter-se-á evoluído para as construções de pedra não aparelhada, inicialmente sem qualquer cimento ou argamassa, e somente para apoio do sobrado. "



Funchal: Convento de Santa Clara - coro alto.

Idem - coro alto.

Idem - coro alto: detalhe decorativo do travejamento transversal.

Idem - armação do tecto da Capela de Santo António no Claustro.



evolutiva (?) de alguns tipos e tipologias da Casa Rural Madeirense. Esta terá assim servido inclusivamente de modelo na construção e na evolução das casas mais humildes. Neste sentido distinguimos logo à partida a existência de casas em alvenaria de pedra e de casas em madeira, que tal como ainda hoje acontece, podem ter ambas cobertura de palha ou indiferentemente telha.

Contudo pensamos que terá sido entre os sécs. XVII e XVIII que terão estabilizado os modelos urbanos e rurais, ainda detentores da herança construtiva dos séculos anteriores, nomeadamente na modulação e nas carpintarias, permanecendo na armação do telhado a ligação aos tectos de alfarge do início do povoamento. Estamos assim na presença das *casas antigas* algumas com características de Morgados, Casas de Lavrador, quase sempre sobradadas, de dois pisos, mas também de um só. Como sinal maior, temos a sua implantação dominante no território, distinguindo-se ainda no porte e nos telhados, estes muito baixos e com recursos ao contrafeito para melhor descarregar as águas sobre o beiral simples ou duplo. Desta época podemos registar várias casas um pouco por toda a ilha com destaque para o Solar das Mudanças, Casa do Morgado Esmeraldo, entre outras praticamente todo o território tem nas sedes de concelho casas com estas características. Desta época deverão ser também o modelo das casas de grandes dimensões em madeira e telhados de palha muito altos de São Jorge, Ilha e Achada do Marques, as chamadas *casas redondas*. Ainda neste núcleo podemos registar o modelo mais identificável como proveniente de uma região específica Continental, referimo-nos à *casa torreada* ou de *torreão saloio* não sendo muito vulgar, ainda nos foi possível detectar e desenhar algumas que ainda se encontravam no seu estado original. Tratar-se-á de uma tipologia especial mas não diríamos de excepção, uma vez que não é uma réplica. Tal como as outras, também apresenta sinais de um "outro lugar".



Postal - nº 11 Madeira - Country Cottage

Postal - Unión Postal Universal España: uma casa redonda madeirense impressa como se se tratasse de uma casa em Tenerife, Canárias (1906, data do carimbo na face posterior).

Postal : Union Postalle Universelle : Madeira - São Vicente (1913, data do carimbo na face posterior).

Postal - Union Postalle Universelle: M.O.P. Madeira - Sítio das Cruzinhas (1909, data do carimbo no rosto).

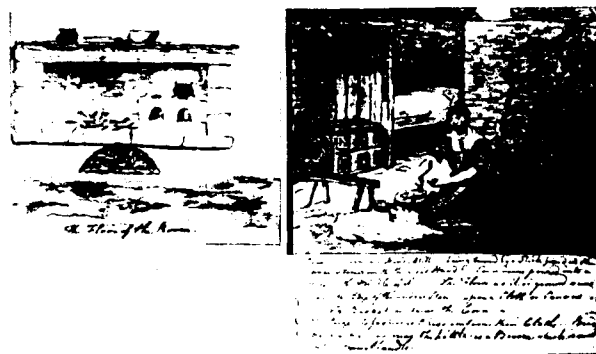
Para classificarmos as outras tipologias teremos de o fazer por outro critério que não o da antiguidade, uma vez que não nos parece possível estabelecer qualquer avaliação rigorosa em termos de datação. Deixamos no entanto em aberto a possibilidade de serem modelos com forte relação com os primitivos, principalmente algumas tipologias com cobertura de palha e telhado de telha. Tal como noutros casos, estes transportam o processo "evolutivo e estabilizado" até aos

finais do séc. XVIII, altura em que as gravuras e posteriormente a precose fotografia madeirense nos mostram praticamente tal qual as conhecemos hoje.

Assim se define genericamente a fileira tipológica da Casa Rural Madeirense. Neste grupo podemos registar as *casas de alvenaria e de madeira com telha e palha* a partir de uma situação elementar até á situação mais complexa a nível tipológico tendo ainda como complemento na leitura a posição da cozinha. Este compartimento surge-nos a partir da situação isolada com edificio próprio até á situação integrada na casa, passando por outras soluções que poderemos considerar como intermédias.

Porém, e antes de mais, importa recordar aqui o que entendemos por *casa elementar* e *casa complexa*. Sobre a primeira consideramos a solução mais básica de um compartimento onde se desenvolvem a totalidade das relações próprias do habitar. Temos assim a actividade de cozinhar partilhada com o dormir, comer e conviver. Não raras vezes esta tipologia sugere estarmos perante um modo de habitar primitivo onde se cozinha numa lareira improvisada no chão em terra batida. Por vezes tem forno, localizado a um canto e sem qualquer fuga para o fumo que se some pela cobertura. Numa situação gradualmente mais evoluída, pressupomos, temos o surgimento de um, dois ou mais compartimentos separados por paredes tabique que, também numa situação de constante evolução por via de melhores condições económicas, proporciona melhores alojamentos. Importa sublinhar que a situação de elementariedade se revela também pela passagem entre compartimentos ou seja, sem corredores ou átrios. Ainda se regista a situação de dois pisos em que a planta se mantém com as mesmas características, tratando-se em nosso entender de outro estágio primitivo desta mesma tipologia. Muitas são as variantes detectadas, tanto em casas de alvenaria como de madeira, ambos com a possibilidade do uso de palha na cobertura. Nesta fase podemos generalizá-las á Ilha.

Quanto à *casa complexa* ela opõem-se á anteriormente descrita pelo grau de "desenvolvimento", de inovação e criatividade, que as plantas apresentam. De uma situação de átrio ao corredor distributivo, esta tipologia revela a individualidade dos compartimentos através de circuitos independentes sem se recorrer ao exterior. Também esta tipologia se observa em um ou em dois pisos.

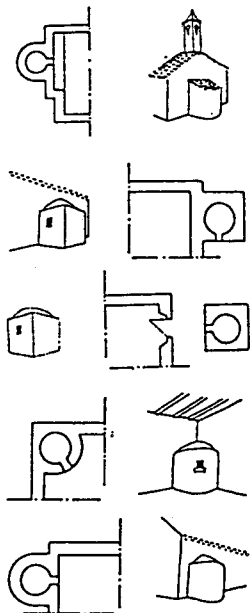


36 "Inside of a Cottage", estampa cor, desenho atribuído a W. Combe, dimensões: 22.5 x 17 cm, in "History of Madeira, with a series of twenty-seven coloured engravings, illustrative of the costumes, manners and occupations of the inhabitants of the island", Editor R. Ackermann, 1821.

41 "Rural Occupations", estampa cor, desenho atribuído a W. Combe, dimensões: 22.5 x 17 cm, idem anterior.

427 Mulher a moer trigo. Aguarela séc. XIX. Extraído dum álbum de desenhos, dimensões: 10.5 x 11.5 cm, C.M.F.F.

456 - "A cottage of Goat Herds in Madeira". Aguarela do séc. XIX ..., dimensões: 20 x 14 cm, in Estampas, Aguarelas e Desenhos da Madeira Romântica, C.M.F.F., DRAC/SRTC, Funchal, Julho-Dezembro, 1988.



Santana.

Sítio da Rocha de Cima, Camacha.

Extraído de "Os Fornos Domésticos ...", in Jornal dos Arquitectos, ver nota 36: Localização do forno face á cozinha - 1. Gaula, Madeira; 2 e 3. Lanzerote, Canárias; 4 e 5. Fuerteventura, Canárias.

Antes de nos debruçarmos sobre a cozinha e o seu processo de eventual aproximação á "casa de dormir", pelo menos em alguns modelos e porque já descrevemos as tipologias tipificadas mais significativas (donde ressalta a casa de dois pisos) importa referenciar também a existência da escada interior, embora só registada numa região circunscrita. Surgindo em posição discreta encontra-se dissimulada por um alçapão nas casas elementares até se "assumir" como elemento fundamental na relação entre pisos, nas *casas complexas*. Todavia o mais comum é a escada exterior com o balcão ou ainda em rampa com degraus em lomba.

Quanto à cozinha consideramos a sua importância como elemento estruturante da casa, ou melhor, como espaço onde se desenvolvem as actividades de trabalho doméstico e convívio colectivo, encontrando-se associada á latada como prolongamento para o exterior.

Numa incursão rápida á Arquitectura Popular Açoreana onde o lar se associa ao forno beneficiando ambos com a chaminé que arranca na "saia" interior o apanha fumos, encaminhando-os para o exterior, podemos constatar que o forno (exterior) e a chaminé são ambos caiados (por vezes com cor), e funcionam como imagem de marca na individualidade da casa⁽³⁵⁾. Na Madeira e exceptuando alguns casos com expressão individual não é uma persistência, aliás mesmo quando surge é de forma pouco expressiva com a excepção da situação urbana onde se veem os fornos pendurados nas fachadas. No entanto já no Porto Santo a situação é um pouco semelhante à situação Açoreana e também ás ilhas Canárias⁽³⁶⁾.

Retomando a descrição das tipologias e a sua possível arrumação, importa ainda falar de um último grupo, as *casas modernas*, constituído por modelos surgidos na primeira metade deste século, a avaliar por algumas datas inscritas em chaminés, pelos materiais utilizados, e ainda confirmadas verbalmente pelos seus habitantes. São modelos derivados dos antigos, praticamente réplicas em termos tipológicos e recorrendo a alguns aspectos decorativos como inovação. São

³⁵ *A Casa Rural da Ilha do Faial*, Wilhelm Glese, Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira Vol. 16 - "A combinação da lareira com o forno, utilizando uma chaminé comum, será uma evolução efectuada nas Ilhas dos Açores, na Madeira e no Porto Santo".

³⁶ "Os Fornos Domésticos: algumas relações entre os Arquipélagos da Madeira e Canárias", Victor Mestre, artigo publicado no Jornal dos Arquitectos, Junho/Julho 1985, pág. 4.

modelos com telhados muito inclinados, em alguns casos com aproveitamento de sótão imperceptível do exterior. São "milimétricamente" reproduzidos nas diversas variantes, da situação mais elementar á mais complexa.

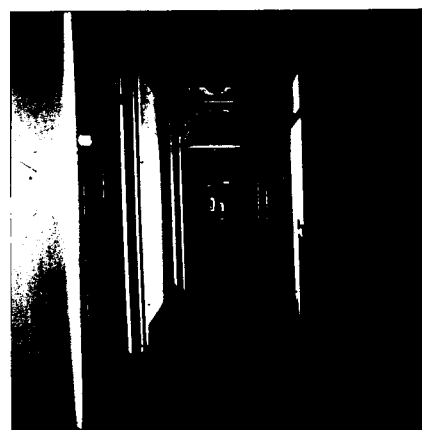
Terão surgido com uma vaga de emigrantes regressados proporcionando uma nova repartição de terras. Estão generalizados ás ilhas com especial destaque na Ilha da Madeira e representam o maior número de casas tipologicamente identificáveis. Ainda neste grupo deveremos incluir as casas dos "Demerariantes" e dos "Brasileiros" (37). Os primeiros no início da segunda metade do século XIX, os segundos já em finais deste e princípios do século XX. Este último em total ruptura com os modelos tradicionais, em que os conhecidos "chaletes" se implantaram praticamente apenas em situações próximas ou mesmo urbanas.

Por último, e a partir dos anos 60 com forte incremento a partir dos anos 70, surgiram os modelos utilizados pela última geração de emigrantes. São notórios pela grande dimensão e escalonamento em vários andares dispostos na pendente mais pronunciada do terreno. Os modelos genericamente não são reproduzidos dos Europeus; terão contudo alguns sinais da Venezuela e da África do Sul. Curiosamente alguns dos mais recentes denotam "tiques", principalmente a nível das coberturas e em aspectos formais (mal interpretados) de uma frustada aproximação ao imaginário de uma pretensa arquitectura rural ou regional madeirense.

A partir desta primeira abordagem, definiu-se em traços largos a identificação e uma possível classificação das tipologias, só possível após a longa caminhada de recolha nas duas ilhas. Temos assim, as *casas antigas*, como um grupo praticamente à parte que oportunamente explicaremos porquê; seguindo-se a classificação das *casas elementares* e das *casas complexas* dentro destes dois grandes grupos estão integradas ainda as *casas de alvenaria com cobertura de telha* e as *casas com cobertura de palha* com paredes de alvenaria e de madeira.

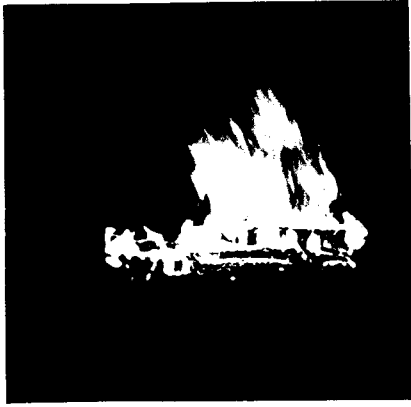


Sítio da Murteira, Cural das Freiras.



Loreto, Calheta - Casa de "Demerarista", datada 1889.

37 *idem* nota 17, pág. 391.



Um forno na fase de aquecimento.

Por último temos as *casas modernas* com "tipologias tradicionais".

Iremos seguidamente conhecê-las em pormenor assim como as várias variantes e mesmo as excepções construtivas e ou tipológicas.

Por fim iremos propor a sua identificação através de um quadro tipológico e a sua distribuição geográfica através de um mapa tipológico.



1. e 2. Lombo do Meio. 3. Lombo das Terças.
4. 5. Boa Morte, Ribeira Brava. 6. Machico.



*Pormenor do casario da Vila do porto da Cruz,
Concelho de Machico - último quartel do
século XIX, [V.P.], ex. Porto da Cruz, neg. colódio
(P. - M. V.).*

CAPÍTULO 6 - Identificação das Tipologias Habitacionais no Arquipélago da Madeira

6.1. Ilha da Madeira

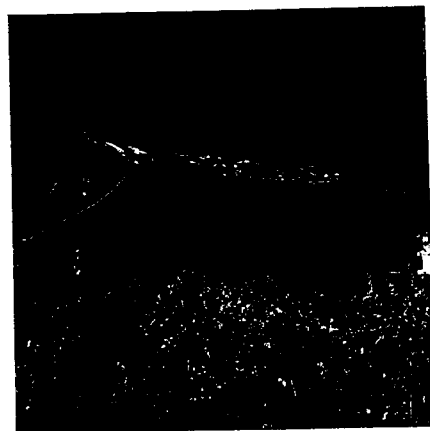
6.1.1. As Casas Antigas ou Seculares

São assim por nós designadas por proporcionarem um conjunto de dados que remetem de facto para a memória colectiva da Arquitectura Continental das Aldeias, das Vilas, das Cidades, e naturalmente das quintas de lavoura e de recreio das casas solarengas, e das "arquitecturas maiores", ou seja dos Monumentos ⁽³⁸⁾. São em nosso entender as "casas de influência" as que melhor receberam e as que melhor transmitiram "os genes" dessa arquitectura. São as que mais e melhor contacto tiveram com os mestres construtores da arquitectura civil religiosa e militar ligados á Corte e á Igreja, com especial destaque para aquela que rápidamente se construiu no Funchal através da grande quantidade e qualidade de mestres e arquitectos existentes logo a partir do séc. XV. E também provavelmente aquela que melhor transmitiu uma evolução em continuidade nos primeiros séculos do povoamento ⁽³⁹⁾.

Algumas destas casas ainda hoje existem, resistindo num último fôlego entre o apagamento, o abastardamento ou ainda sofrendo reabilitações desajustadas e impiedosas principalmente para a manutenção da identidade tipológica. Notamos nelas, e para além da fábrica dos pedreiros, a qualidade das carpintarias com especial destaque para as armações dos telhados com semelhanças aos tectos de alfarge,

³⁸ São testemunhos importantes a Torre do Capitão, o Solar dos Esmeraldos, a Alfândega Nova, a Sé, o Convento de Santa Clara, as ruínas do Solar da D. Mécia, entre outras.

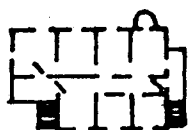
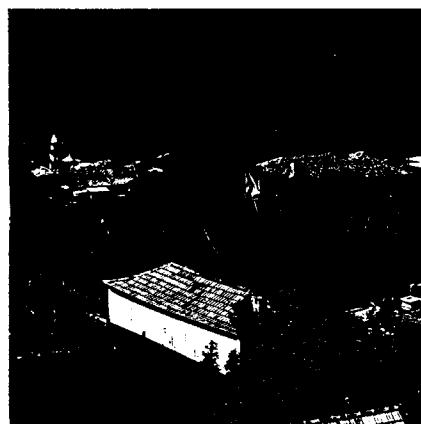
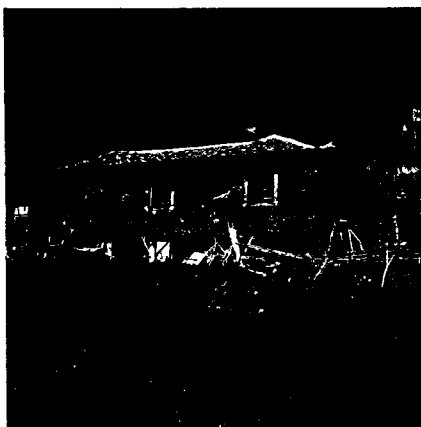
³⁹ *idem nota 10, pág 93 -* "A razão de considerarmos, neste momento, a Sé Catedral, Alfândega Nova e "Casa de Colombo" como elementos agora mais evidentes, deve-se ao facto deles, na época da sua edificação, se encontrarem intimamente ligados a três dos principais suportes da vida urbana do Funchal - Religiosa, Administrativa e Habitacional. (...) Por outro lado, significam fartos e ampliados exemplos duma maneira de construir vinda de fora, da Europa, trazida por Mestres Europeus - Portugueses. Sem dúvida que tais mesteres e mesteirais que aportavam à Ilha, ao transporem consigo uma cultura que lhes era própria, conseguiram, numa perfeita e inteligente compreensão, aproveitar os elementos locais (com especial destaque para as madeiras insulares) em função do seu conceito criativo, a matéria em função da forma, o meio em relação ao estilo. "



Funchal, Torre do Capitão, século XV - alçados Sul e Poente.

Funchal, Torre do Capitão, século XV - alçados Norte e Poente.

Funchal, Torre do Capitão, século XV - detalhe do cumhal.



Sítio da Estrela, Calheta: Quinta da Estrelinha.

Paúl do Mar: Solar Welsh.

Sítio das Amoreiras, Arco da Calheta: à direita, Casa de "Morgado".

numa versão simplificada, talvez numa síntese construtiva e decorativa, que na Ilha da Madeira atinge a "perfeição" pela qualidade construtiva e pela possível interpretação no escalonamento e dimensão das diversas peças que compõem a dita armação, nomeadamente os frechais, as linhas, as tesouras e o forro. ⁽⁴⁰⁾

Esta situação é para nós a possível charneira entre a Arquitectura Popular Madeirense e a Arquitectura Erudita, com forte incidência logo a partir do séc. XV. Verificámos em toda a nossa investigação de campo, que o tipo de armações de telhados, é constante desde situações elementares, até às mais complexas em todo o território da ilha. Inclusivamente, no caso da Arquitectura Civil de notória influência erudita como o Solar do Caniço (séc. XVIII), com os seus telhados múltiplos, a Casa de Morgado na Calheta (séc. XVII/XVIII), o Solar Welch no Jardim do Mar, a Casa dos Catanhas de Menezes no Faial (séc. XVIII), e as casas mais "correntes", como a casa torreada em Apresentação, Ribeira Brava ⁽⁴¹⁾ ou a casa elementar de dois pisos em Canhas do séc. XVIII (casa popular de excelente "traço" que chegou a funcionar no séc. XIX e, segundo a tradição, com a função de Tribunal), a casa no Faial (implantada numa elevação dominando o vale), ou a casa (em esquadro) no Campanário.

Praticamente todas as armações dos telhados madeirenses parecem-nos ter a mesma proveniência ou filiação, atravessando épocas mas mantendo a mesma técnica construtiva.

Esta nossa proposta de trabalho resulta também da observação local dos telhados do Coro Alto e das Capelas do Claustro do Convento de Santa Clara ⁽⁴²⁾, da Alfândega Nova, da recolha dos registos fotográficos do Solar da D. Mécia, e da Igreja Matriz da Calheta, entre outras, e de uma pesquisa da arquitectura "urbana doméstica", mais anónima onde também tivemos oportunidade de os registar com especial destaque na Cidade Velha do Funchal.

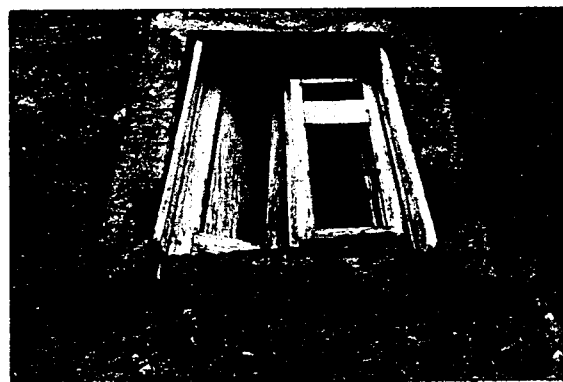
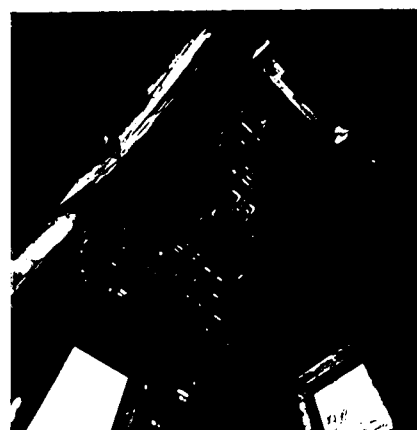
⁴⁰ Podemos ainda encontrar o elemento tapa-junta, e igualmente decorativo, que tanto surge no forro do tecto do Coro Alto do Convento de Santa Clara como numa pequena e "anónima" casa popular com cobertura de telha ou de palha.

⁴¹ Ou na situação urbana dos telhados múltiplos do Funchal, tanto em edifícios dispostos lado a lado, como no Palácio dos Cônsulos, do Esmeraldo, Quinta das Cruzes, etc.

⁴² Convento de Santa Clara: obras de Restauro da responsabilidade da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais sob a Direcção do Arqtº. Victor Mestre.

Este tipo de armação proporciona a imagem dos delicados telhados de quatro águas. Estes são outra constante na Arquitectura Popular Madeirense, e também na vernacular e erudita. Para além da tipologia detectada no Curral das Freiras, na zona dos Prazeres e do Estreito da Calheta constituindo uma excepção, todas as construções com telhados de telha são de quatro águas. A sua configuração antiga é-nos dada a lês pela baixa altura da cumeeira, e um acentuado contrafeito, conseguido através de uma segunda linha de varas sobreposta a $\frac{1}{3}$ da armação, assentando num segundo frechal sobrelevado ou directamente na parede, solução idêntica à da arquitectura erudita. Nem sempre os telhados têm correspondência directa com os compartimentos do interior, embora em situações urbanas isso aconteça quando surgem vários telhados de tesouro. Contudo é comum surgirem sucessivas armações individualizadas por compartimento, aproveitando a armação do telhado ou mesmo automatizando-se por completo desta. Mas de facto a situação mais corrente é o uso de um telhado único com armação independente das armações individuais e respectivos forros. Talvez sinal de uma evolução que acautela a difícil manutenção dos telhados múltiplos ao nível das descargas das águas pluviais entre telhados, e talvez também devido ao aligeiramento das paredes interiores, quase sempre em tabique, não sobrando no topo espaço para caleira de descarga de dois telhados. Todavia, quando há parede mestra entre compartimentos, verifica-se a incidência dos telhados múltiplos ⁽⁴³⁾.

Para além da armação e do telhado, outros elementos construtivos reforçam esta classificação de *casa secular*, nomeadamente as janelas e portadas, ou melhor, a "janela portada" com um caixilho fixo exteriormente, numa das portadas. Este tipo de caixilharia remonta ao séc. XV no seu desenho original de portada com postigo sem vidro, depois com uma pequena chapa de vidro fixa, que terá evoluído para

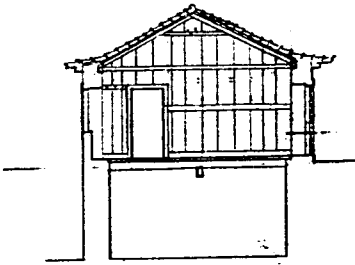


Reis Magos.

Reis Magos.

Lombo das Terças, Ponta do Sol.

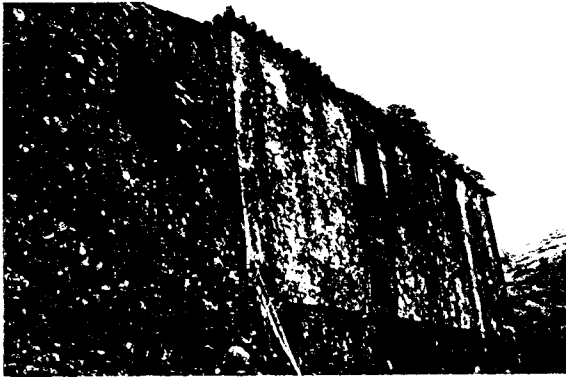
⁴³ Ao observarmos alguns edifícios a serem demolidos, ou reparados na parte antiga do Funchal, verificamos a existência de armações primitivas de telhados múltiplos mas sempre com frechais assentes em paredes de alvenaria. Actualmente temos ainda o exemplo do antigo Paço Episcopal com os seus telhados múltiplos.



a vidraça fixa já nos fins do séc. XVIII ⁽⁴⁴⁾. Está presente em quase toda a arquitectura civil religiosa e militar dessa época no Continente, Açores e noutras cidades fora da Europa fundadas por Portugueses. Também as portas apresentam soluções construtivas vulgares da mesma época compostas por pranchas dispostas ao alto (emalhetadas, com respigas) com o recurso a "óculos" superiores em forma de quadrado rodado para ventilação e iluminação do compartimento.

A madeira é ainda um dos materiais mais utilizados no interior da casa, na estrutura resistente dos pavimentos elevados e, nos que têm contacto directo com o solo, são sobreelevados formando uma caixa de ar. Geralmente era utilizado o castanho, "pinho da terra", ou nos casos mais antigos, o cedro da ilha. ⁽⁴⁵⁾ São ainda assinaláveis as vergas interiores e os *tacos*, elementos resistentes geralmente em castanho ou numa outra madeira rija da ilha entalada entre grandes pedras para nelas se efectuar as pregagens das molduras das portas e janelas.

Por último, e constituindo a amarração do interior da "caixa" entre armação da cobertura e a estrutura do(s) pavimento(s) temos as paredes interiores - os frontais. Com o engradado tradicional, tipo Cruz de Santo André, preenchido com pequenas pedras, ou aparas de madeira, e finalmente recoberto com reboco fino, ou tão somente construído com pranchas de madeira dispostas ao alto, e pintadas com base de cal, pigmentos e um fixador.



⁴⁴ *A Madeira vista por Estrangeiros (1455-1700)*, António Aragão, Sec. Regional da Educação e Cultura, Direcção Regional dos Assuntos Culturais, Funchal, 1981, pág. 217 - " Pelo termo do séc. XVII, altura em que Ovington visitou a Madeira, as janelas das casas não possuíam vidros. Apenas para deixar entrar a luz ou ventilação, eram utilizados postigos de madeira, um ou dois postigos em cada janela. Só mais tarde, pelo correr do séc. XVIII, é que os postigos de vidro fazem a sua aparição. "

⁴⁵ *idem nota 44*, pág. 43, 44 - " 1506 - Valentim Fernandes ao escrever por volta de 1506, ou seja já numa data avançada em relação ao mencionado fogo inicial, embora refira que a queimada durou sete anos, faz uma curiosa narração sobre as madeiras da ilha e daí se deprende a existência de árvores de largo porte, as quais, sem dúvida, remontariam a muitos recuados anos antes da chegada dos portugueses. Citamos de seguida algumas das suas referências: cedro - com tabuado de sete palmos de largo, que mais parece mastros de navios, das quais fazem caixas, mesas e cadeiras; til - tão "gordo" que fazem tabuado com cinco palmos de largura, dele fabricando também caixas de açúcar; teixo - cujas árvores são tão "gordas" que atingem tábuas de sete palmos de largo; vinhático - tão grosso que abrem tábuas de quatro palmos; pau branco - madeira usada no fabrico de eixos e parafusos dos engenhos de açúcar; aderno - pau muito forte do qual fazem tabuado com três palmos; barbusano - pau muito pesado e que nunca apodrece, fazendo dele tábuas de cinco palmos; urze - de que fabricam carvão e abrem tábuas de cinco palmos. Além destas madeiras, que pela descrição alargada das medidas do tabuado se verifica facilmente a sua grande longevidade e, por conseguinte, conservadas intactas muitos anos após o aludido incêndio, contradizendo o alargamento da queimada a toda a ilha, Valentim Fernandes refere ainda a existência então de marbolano e azevinho. "

Longueira, Faial.

Idem.

As *casas seculares* desenvolvem-se em dois pisos havendo casos pontuais de apenas piso térreo. A sua estrutura tipológica é correntemente elementar com passagem entre compartimentos. O piso superior destina-se á zona nobre com salas um pouco mais generosas que os quartos de dormir, sendo a cozinha localizada num dos topos, com forno integrado no lar da chaminé de grandes dimensões, servida por escada e patamar independente. Esta situação surge quando não se verifica um encosto directo a um dos lados do terreno permitindo a entrada directa, pela cota superior. Aliás esta é a situação mais comum. Todavia existem situações em que a casa se localiza numa zona plana pelo que necessita de escadas exteriores como é o exemplo na Calheta (da Casa de Morgado com balcão). O piso inferior destina-se a adega e alfaias agrícolas e ao "despejo" dos produtos da terra. A espacialidade destas casas provavelmente remonta ainda ás primitivas *casas senhoriais* continentais, cuja árvore geneológica entronca na fusão da *casa torre* no *solar* Nortenho e Beirão e a "*casa chã*" do Sul.

Antes da sua transformação, o Solar dos Esmeraldos terá sido porventura o exemplo maior, embora não deixe dúvidas quanto á sua arquitectura marcadamente erudita. Os outros exemplos que ainda hoje existem, com especial destaque para o Norte da Ilha nomeadamente em Ponta Delgada e Arco de São Jorge, têm uma escala mais contida e desenvolvem-se num ou mais volumes paralelepípedicos de dois pisos. A sua expressão é conseguida pela escala, contenção de vãos, grandes massas caiadas recortadas pelas cantarias, beiral com sub-beira, telhados de quatro-águas muito "abatidos" com um contra-feito pronunciado, sugerindo assim uma imagem de volumes de grande austeridade e harmonia.

Terá sido este o modelo que deu origem ao imaginário da "Casa Portuguesa", ou das "Casas com Expressão Portuguesa", espalhadas pelos vários destinos das descobertas?

Estamos em crêr que terão seguramente contribuído para essa identificação.

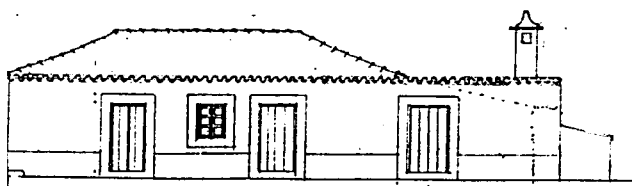
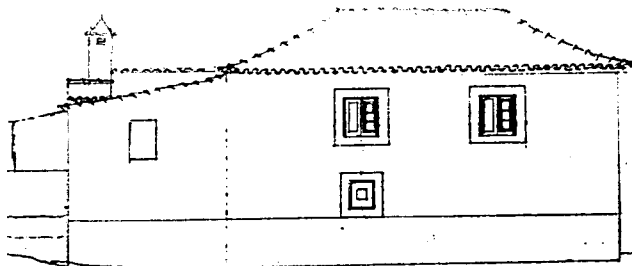
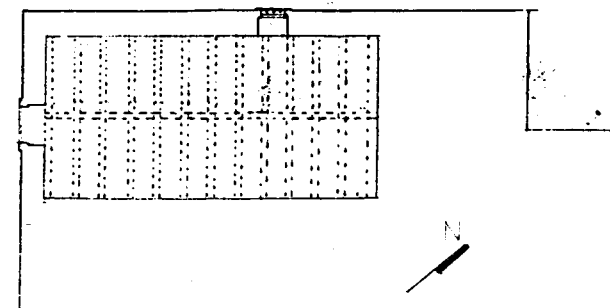
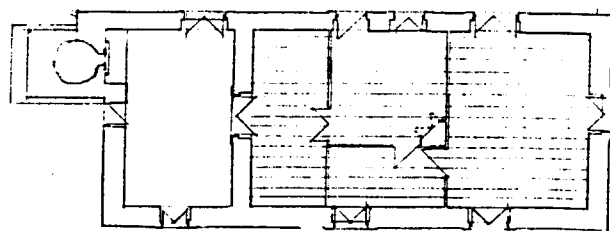
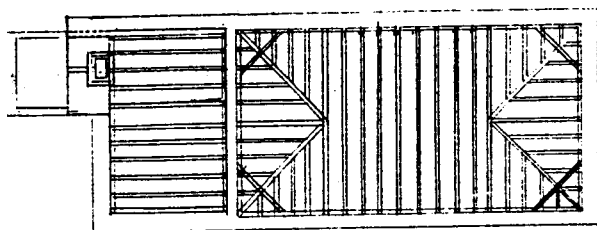
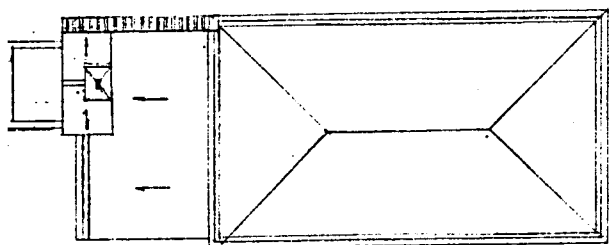
As *casas seculares* constituem assim um núcleo á parte das demais que iremos tratar seguidamente, devido á sua condição "abastada e antiga", por vezes nobre, que lhes confere um carácter quase erudito. Como já referimos, são casas que receberam e transmitiram influências de um importante "legado construtivo português". A sua condição,



Longueira, Faial.

Longueira, Faial.

Longueira, Faial.



Longueira, Faial.

não nos aconselha a considerá-las numa classificação que estabelecemos a partir de situações elementares, podendo no entanto, e se nos abstrairmos da sua "alma", ser perfeitamente integráveis nesta dita classificação, dadas as suas soluções tipológicas.

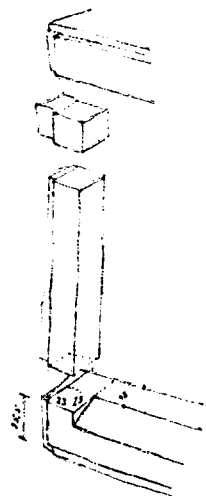
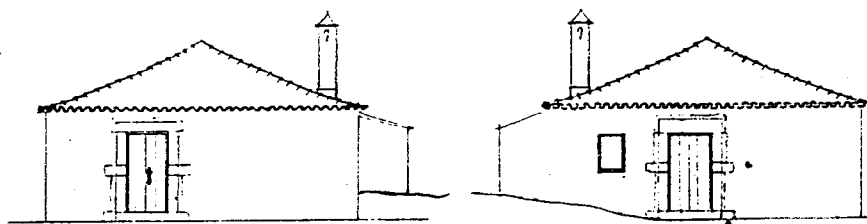
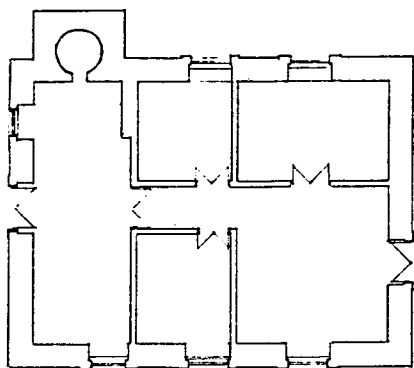
Todavia teremos o cuidado de as classificar como seculares distinguindo-as das outras que, apesar de planta semelhante, têm outra "proveniência", e outro "tempo".

Nesta caracterização tipológica de *casas antigas* estão integrados os *solares*. Esta classificação é atribuída por José de Sainz-Trueba para as casas rurais de grandes dimensões espalhadas um pouco por toda a ilha, mas com larga representatividade no Concelho de S. Vicente. Registem-se as suas palavras sobre estes solares: "(...) núcleo dos mais interessantes respeitante ao património edificado do Concelho, é constituído pelo conjunto de casa rurais, vulgarmente chamadas de *solares* arquitectura rústica de forte carácter e sobriedade, quase todas datadas do século XVIII, época de desafogo económico mercê da exploração vinícola, que permitiu significativo surto de construção civil (...) Estes casarões dispensaram qualquer ostentação: largas fachadas corridas de muitas janelas (quatro ou cinco normalmente, em postigos e tapassóis em geral escuro), portas simétricas, com espesas molduras de cantaria, quatro águas cobertas por telha portuguesa, com beiral simples ou duplo, terminados por espigão ou pombinha do telhado, falta de elementos heráldicos que exteriormente identificassem o proprietário ou apelido de família. Ausente está também toda a complexa gramática decorativa que caracterizava as casas senhoriais do Norte de Portugal ou mesmo de algumas residências das ilhas açorianas. A um corpo principal primitivo outros se foram acrescentando à medida da necessidade da sua família criando volumetrias que deram a estes imóveis uma beleza singular. O rés-do-chão era destinado ao lagar, e a arracadar alfaias agrícolas e produto de colheitas, muitas vezes empedrado ou de terra batida; o sobrado, a zona nobre da casa, cujo acesso se fazia por escadaria exterior, com corrimão em espessa cantaria, por vezes lateral, com alpendre coberto, ostentava tectos de caixoteão ou "masseira" em boa madeira da ilha. Estas são casas de aspecto rude, mas duradoiro, levantadas para abrigo da família, futura herança de morgado primogénito, que

herdaria o solar e os grossos cabedais, arrecadados com o negócio da vinha", in *A Vila de S. Vicente*, pág. 52.

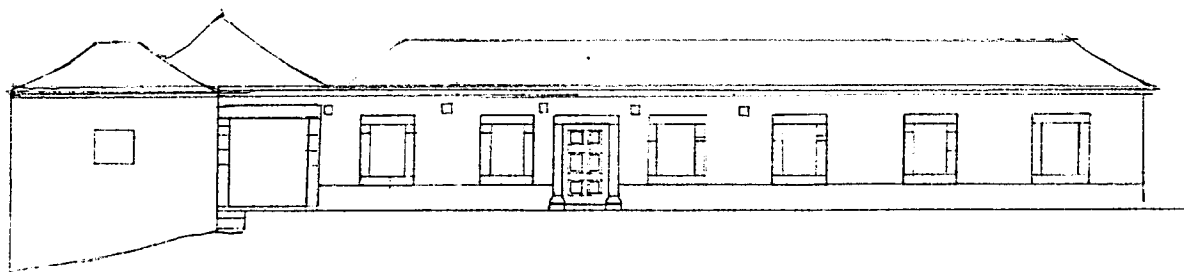
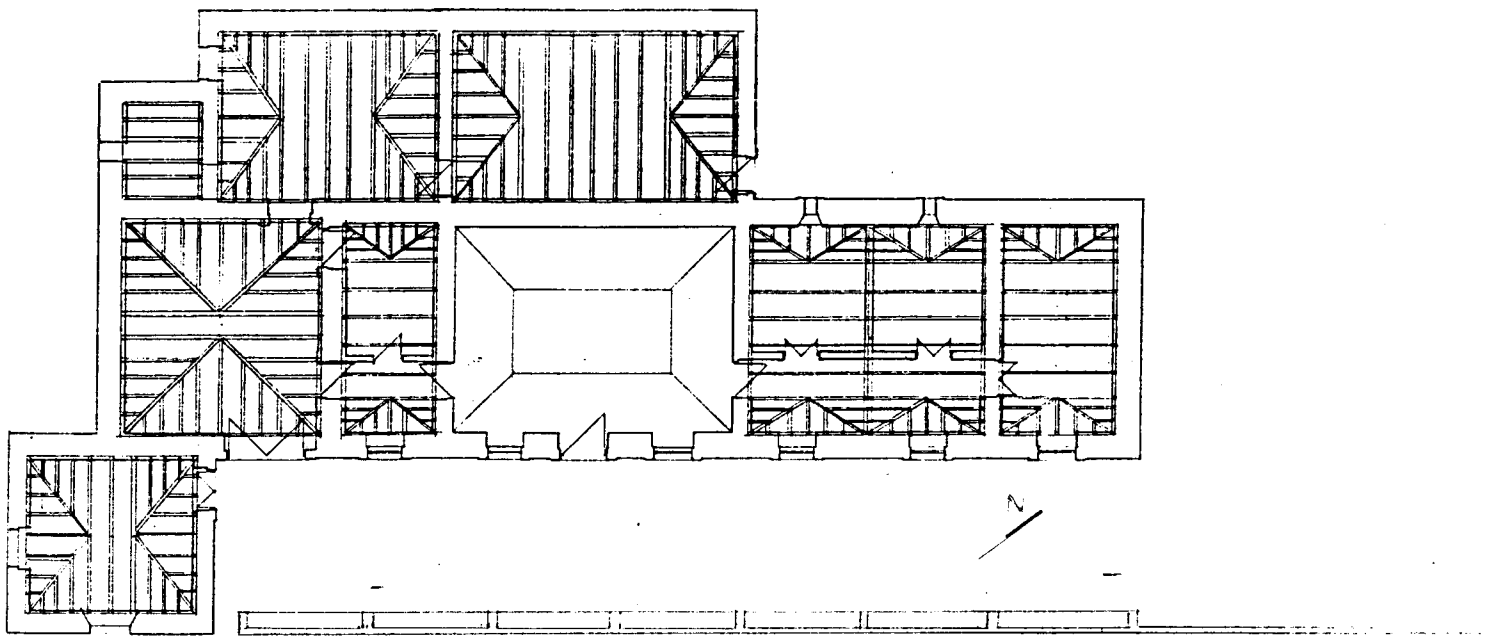
Este investigador encontra ainda referências á casa senhorial ligada á exploração açucareira estabelecendo um curioso triângulo casa-capela-engenho, semelhante ás casas de engenho do Brasil.

Os exemplos mais significativos do séc. XVIII e ainda segundo o mesmo autor, serão: o Solar dos Banhos, dos finais do séc.XVIII, o Solar da Silveira (nunca terminado), datado de 1783, ambos em Boaventura; a Casa do Ladrilho (séc. XVIII), no Lugar dos Terços, a Casa do Aposento no Açouge de 1746, no sítio do Pico; realce para dois solares do séc. XVIII em ruínas junto á casa torreada do Pico. Em S. Vicente, destaque para a Casa do Passo.



CANTARIA DE JANELA EM TUFOS
ESPECIAL ATENÇÃO PARA O SAAPELTO

Guindastre, Fajã do Mar.



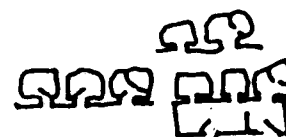
Igreja, Faial.

6.1.2. A Furna

A *furna* constitui um dos modos de habitar mais antigos da História da Humanidade e não precisamos de nos remontar ao Homem primitivo já que na era pré-cristã na região da Palestina ou no caso das Civilizações Índias/Americanas ou mesmo no território Guanche das Canárias se adoptou esta forma de habitar como corrente. Na Madeira actualmente está praticamente extinta, existindo ainda situações pontuais de casas construídas á frente de furnas cujos compartimentos em furna praticamente só se destinam genericamente para "casa de despejo" ou arrumo, como são os casos detectados presentemente no vale da Ribeira Brava ⁽⁴⁶⁾. No entanto, ainda nos foi possível registar em 1984, entre outras, uma furna habitada perto de Gaula e fotografar em 1996 uma furna (cozinha com forno integrado a funcionar) e ainda, desenhar uma furna desactivada, no Campanário. Constituída por um interessante conjunto de compartimentos escavados na rocha não comunicantes, respectivamente um compartimento de dormir, uma cozinha, e num último espaço, um lagar incorporado. Este caso apresenta ainda a particularidade de ter vãos, ombreiras e vergas em cantaria, como se de uma casa em alvenaria se tratasse. O pavimento é de terra batida e as paredes e o tecto apresentam uma grande irregularidade, sem qualquer ângulo recto. Esta situação dispõe-se de forma linear com os compartimentos quase sempre de modestas dimensões. Este caso é escavado num afloramento rochoso de tufo vermelho, permitindo um elaborado trabalho escultórico a nível do "equipamento" integrado, como sejam o pial, o lar e a fomalha escavada em forma de bancada. No caso da zona de Gaula, a *furna*



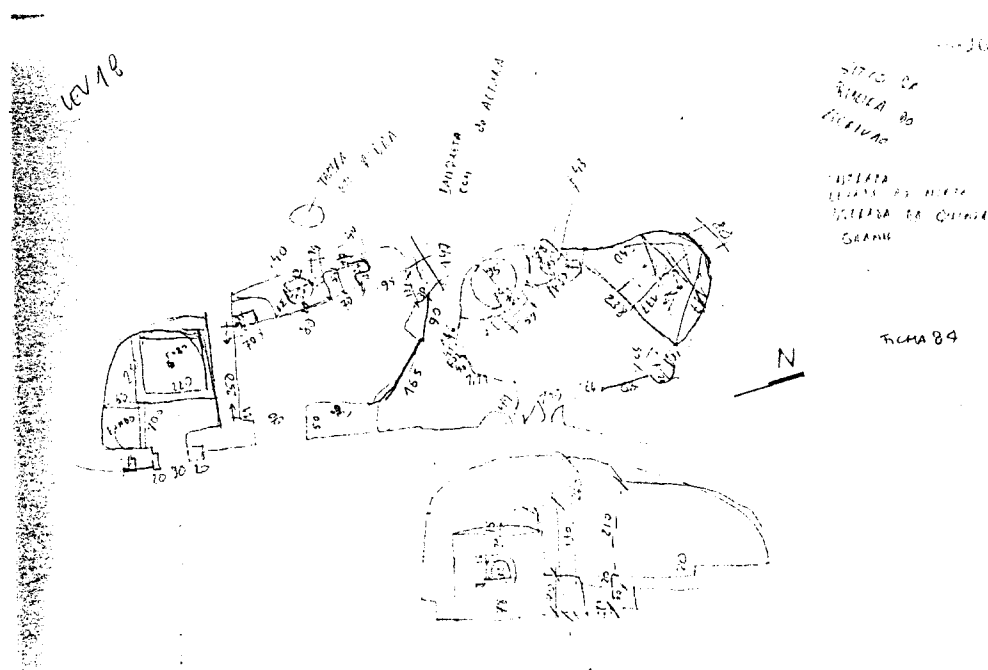
⁴⁶ *A Arte Popular em Portugal, Ilhas Adjacentes e Ultramar, Ilha da Madeira* por Luis Chaves, Direcção de Fernando de Castro Pires de Lima, Editorial Verbo, 1º Volume, 1º e 2º fasc., págs. 41 e 42 - "Condições do meio geográfico e das actividades do Homem levaram-no a construir habitações e abrigos, permanentes ou temporários, abertos na rocha viva. As rochas basálticas, os tufo de lamas vulcânicas e os conglomerados de escórias dão segurança a esses refúgios dos homens e dos parcos haveres. (...) O relevo duro e maciço, as distâncias a que o homem trabalha, a comodidade obtida pelo uso e o aproveitamento da habitação na rocha das vertentes, tantas vezes debruçada em precipícios e vales profundos são as furnas. São umas inteiramente recolhidas e fechadas na rocha. Outras compõem-se de duas partes: a recuada, interior, cravada na montanha, e a saliente, a formar fachada livre para o exterior, como se fosse a dianteira de uma casa embutida na montanha. (...) A furna, conhecida também pelo nome de Lapa em algumas regiões, foi desde habitação (fuma-domicílio) e de pouso de gado (fuma-estábulo) a depósitos e reténs de produtos agrícolas, e guarda para redes e material de pesca, perto do mar (fuma-armazém). Para além destes serviços familiares e particulares, as furnas albergam, em função de utilidade pública, mercearias, locandas, armazéns, tabernas, à beira de estradas e caminhos frequentados (fuma-comercial)."



Campanário.

habitada também era escavada em "pedra mole" embora a coloração fosse mais amarelada. No caso do vale da Ribeira Brava as *furnas* são praticamente naturais, já que se trata de basalto muito rijo, pelo que só pontualmente se "moldou" a rocha. As *furnas*, a par das construções precárias em madeira, terão sido as formas mais primitivas de habitar na ilha, servindo de abrigo temporário até as posses e disponibilidade de terreno permitirem a construção de uma casa. No entanto o recurso á fuma terá sido uma constante sempre que as crises económicas se manifestaram. Daí a sua presença física, ainda que praticamente desactivada, tenha chegado até aos dias de hoje.

Em termos de classificação tipológica consideramos tratar-se de uma excepção que ficará registada, mas sem a sua integração específica no âmbito da classificação estabelecida a partir das *casas seculares e elementares*.



Sítio da Ribeira do Escrivão, Quinta Grande:
(Ficha n. 84/lev 18/Abr/Maio 96.)



Vila de Santana, vendo-se a Igreja Matriz vista do Pico António Fernandes - último quartel do século XIX [P.P.], cx. Santana, neg. 18x24 vidro (P. - M. V.).

6.1.3. A Casa Elementar

A *casa elementar* é genericamente a tipologia mais significativa pela quantidade e com maior número de variantes. Dividimo-la em dois grandes grupos respectivamente as *casas elementares com cobertura de palha* ⁽⁴⁷⁾, paredes de alvenaria, e um segundo grupo composto por *casas de alvenaria com telhado de telha cerâmica*.

As características construtivas da cobertura são notoriamente os sinais (exteriores) fundamentais para a destinação dos dois grandes grupos tendo estes influência na construção global das casas. Verifica-se inclusivamente que a "modulação" e a escala de uma construção com telhado de palha é um pouco diferente de uma outra com telhado cerâmico. Em nosso entender são duas tipologias distintas, com espacialidades diferentes, mas com plantas semelhantes. Todavia, face ao critério aqui estabelecido, ou seja a elementariedade das plantas, estão agrupadas na mesma família. Contudo será o carácter transmitido pelo telhado, muito inclinado da cobertura de palha que a "autonomiza" ⁽⁴⁸⁾.

Julgamos que ambos os modelos surgiram em paralelo mas partindo de bases diferentes, constituindo duas realidades incontornáveis inclusivamente com as suas variantes próprias.

Os pontos em comum, e excluindo a própria elementariedade tipológica, são aspectos decorrentes de todas as tipologias madeirenses, ou seja, o espaço vivencial exterior da latada/jardim, da horta/pomar, ou horta/vinha e/ou horta/bananeiras. E ainda a cal e as cores bases misturadas na cal, com os pigmentos variando entre os ocres e os rosas/tijolo.

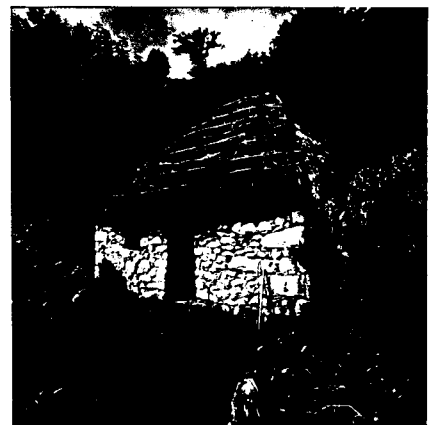
Como complemento á abordagem das tipologias temos a posição da cozinha, que surge numa situação isolada, encostada, integrada ou noutras situações ambíguas. Todavia no caso das *casas com cobertura de palha* a cozinha, que

⁴⁷ *idem nota 10*, pág. 119 -" (...) A propósito também do mesmo ano (1481), deparamos com outro pedreiro, Rui Gomes, a quem o senado camarário impõe que a sua casa seja coberta de telha. Concereteza que essa construção não passaria de uma modesta morada abafada de colmo, aliás como a grande maioria das casas erguidas nesses tempos. "

⁴⁸ Algumas destas casas pela expressão das coberturas quase se assemelham ás casas do Oriente e até a modelos da América do Sul. Contrastando com os de telha muito baixos, de inclinação suave e com o contrafeito a assegurar um eficaz prolongamento da queda da água para além da base das paredes, e ainda onde a modulação e a escala são apesar de tudo um pouco mais generosos.



Postal (M.O.P.) Bordadeiras, Madeira, Union Postale Universelle, princípio do século XX.



Rochão, Camacha.



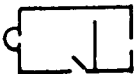
Camacha.



aparentemente nos parecia ter sido inicialmente uma construção á parte da "casa de dormir", verificamos antes a situação inversa, ou seja, detectamos a situação mais elementar em que a cozinha é a "casa mãe", onde apenas um tabique improvisado a separa de um compartimento de dormir. Nesta situação registamos dois tipos distintos com vários exemplos habitados em zonas distantes entre si.

Na Camacha, onde a cozinha tem o forno interior e cozinha-se no chão entre pedras, apresenta um pavimento de calhau rolado, paredes por rebocar interior e exteriormente. Uma parede tabique de pranchas dispostas ao alto até á altura do início da armação, ficando assim o desvão do espaço livre do tecto, e uma cobertura de quatro águas, resume a interioridade.

No Carvalhal, em Canhas, Ponta do Sol, a tipologia á completamente circunscrita á Freguesia, e revela-nos uma casa com uma empena onde se localiza o forno exterior com boca para o interior apoiada num pequeno pial em consola, portanto sem lar e sem chaminé. O fumo sai por uma fenda triangular aberta de fora a fora por onde este é "sugado" através de uma corrente de ar controlada pela porta da rua. Interiormente tem igualmente duas divisões separadas por um tabique de tábuas dispostas ao alto sem vencer o desvão do tecto, o compartimento de dormir tem uma pequena janela na fachada paralela á empena. O pavimento é em terra batida e também se cozinha no chão entre as pedras. As paredes interior e exterior não são rebocadas, somente o forno apresenta reboco e caiação. Na construção empregou-se um barro local de côr alaranjada como ligante das pedras de corte irregular, sem qualquer preparo de canteiro. O que torna esta tipologia única é sem dúvida a cobertura de três águas com uma empena para receber o forno exterior e a respectiva saída de fumo, situação inovadora tanto mais que interiormente a parede de pedra entre a boca do forno e a cumeeira, evita (um pouco mais) que uma fagulha extraviada proveniente da queima da lenha durante o aquecimento, atinja ainda incandescente a palha da cobertura. Estas duas situações de uma elementariedade extrema serão a base de toda a "pirâmide evolutiva" desta tipologia. Encontraram-se já poucos exemplos habitados e alguns a servir de arrumos. A sua localização é exclusiva, com especial destaque para a casa de empena no Carvalhal.



Carvalhal, Canhas.

Ainda enquadrada nesta absoluta elementariedade encontramos testemunhos escritos de um potencial modelo de "casa" circular de uma só divisão em tudo semelhante às choças da Transumância da Península Ibérica. Todavia mostramo-nos algo sépticos á sua existência enquanto modelo repetitivo de habitação (49).

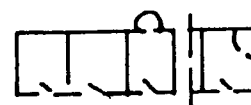
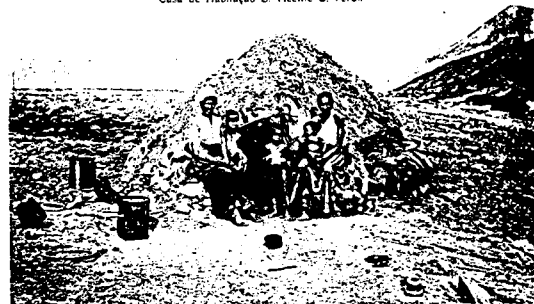
Por outro lado, em nosso entender, será ainda possível e de forma especulativa associar estas construções (se é que existiram para além de um mero acidente) ás primitivas construções de escravos africanos, em tudo idênticas ás da Costa da Guiné, que como é sabido foram introduzidos na ilha durante o ciclo do açúcar acabando por ser absorvidos sem nunca terem constituído um povoamento especial (50). Este modelo (?) terá perdurado até finais do século XIX não deixando vestígios a não ser a gravura do livro de M. Le Marquis Degli Albizzi, *Six Mois a Madère: Le tour du Monde*, 1888 (pág. 65-96), e dele nada se concluiu relativamente á sua função.

Estes testemunhos de "gráficos" de feição artística serão consequência do romantismo que se instalou nas elites e consequentemente no gosto da burguesia dominante dos finais do séc. XIX., altura em que o "grande tour" se lança em busca do desconhecido e de um pretense estado civilizacional primitivo de outros povos, e em que os textos resultantes eram quase "adoçados" por um discurso algo misterioso, e exótico. Aventureiros dos primórdios do jornalismo, escritores e desenhadores de "geografias desconhecidas" traziam para a Europa textos e esboços que eram então recompostos e redesenhados em belas litografias de modo a "valorizar" memórias de uma viagem, como os costumes tradicionais de povos, vistos normalmente como curiosidades de almanaque. Daí o surgimento de muitas interpretações que hoje em dia se procuram enquadrar ao espírito da época.

49 *Documentos sobre a Expansão Portuguesa, relação de Diogo Gomes*, colecção Estudos Portugueses, Editora "Gleba", Vol. 3, pág. 101 - "Casas com ramos das árvores e colmo, porque toda a Ilha estava cheia de feno e árvores, e de folhas que caíam das árvores."

50 *idem nota 44*, pág. 218 - "Quanto aos Mouros, trazidos para a Ilha, como cativos, a quando das lutas no Norte de África, viveram na Madeira sujeitos à condição de cativo ou mesmo como escravos, marcados, ainda por cima, com o rótulo de infiéis. A sua posição social marginalizada, como cativos ou escravos, mantinha-se um tanto diversa do escravo negro africano que, convertido à religião católica, era, por esse lado, muito mais tolerado. No entanto, uma profunda miscigenação demográfica processada ao longo dos anos, na Madeira, fez desaparecer, por completo, quaisquer preconceitos e detestadas afinidades que parecem ter existido na Ilha nos tempos que Ovington a visitou (finais do séc. XVII)."

Casa de Habitação S. Vicente C. Verde



Postal ilustrando uma casa "circular" em Cabo Verde.

Sítio do Lugar, Lombada, Ponta do Sol.

Sítio do Lugar, Lombada, Ponta do Sol.



Poiso, Ponta do Sol.



Continuando na observação das *casas com cobertura de palha*, temos a tipologia mais corrente praticamente generalizada ao Sul da Ilha entre Santa Cruz e a Calheta. É constituída por dois volumes de quatro águas respectivamente o volume dos quartos e o da cozinha, ou ainda a situação da cozinha encostada aos quartos embora com parede mestra de alvenaria a dividir os compartimentos, sem comunicação interior, e mantendo coberturas separadas. Estas soluções poderão revelar-nos um gradual afastamento da cozinha desde a situação integrada á encostada para por fim se separar fisicamente afastando o perigo de incêndio do corpo dos quartos. Em ambos os casos as cozinhas têm o forno interior, havendo casos de apenas existir um pial ou uma bancada e uma base baixa para o fogo onde se cozinhavam os alimentos. Todavia, é agora comum o fogão a gaz em paralelo com o lar/fogueira. Ainda próximo destas tipologias mas constituindo uma variante, temos mais dois casos que se aproximam entre si, especialmente pela dimensão. São casas com cozinha separada embora muito próxima do corpo dos quartos. Numa primeira variante localizada na Levada do Poiso, Canhas, temos uma planta de dois quartos comunicantes entre si por um vão implantado entre as portas do exterior. Uma cortina substitui a porta na parede tabique de pranchas dispostas ao alto que varia a sua altura entre ficar pela cota das paredes de alvenaria ou "subir" até á cumeeira, fixando-se às tesouras. Por vezes um dos compartimentos subdivide-se em dois espaços através de uma cortina corrida, solução comum em casos semelhantes de famílias numerosas. A cozinha de reduzidíssimas dimensões tem forno exterior com boca para o interior, embora numa situação modernizada. O comum é o forno ser interior ou nem sequer dispôr deste. Esta variante distingue-se pela dimensão quase quadrangular e um pé direito bastante elevado.

A segunda variante localiza-se no Lombo da Piedade, sítio dos Canhas, e é exclusiva a esta localidade. Destaca-se pela expressão quadrangular com entrada pela fachada mais estreita e uma acentuada altura da cobertura de palha. Ao contrário das antecessoras, tem duas portas em duas fachadas sendo que uma se localiza na fachada mais estreita, a que se institui como principal, enquanto que a segunda se localiza no compartimento do fundo com estreita ligação á cozinha, praticamente encostada formando ângulo recto. Resulta assim

um espaço exterior abrigado, em perfeita sintonia com os dois volumes.

Esta última variante tem ainda a particularidade, pouco comum, de dispôr de um pequeno sótão servido por uma "escada a pique" ou de encosto. Este ocupa apenas a área do compartimento do fundo, e fica implantado no desvão da cobertura. Exporádicamente, e nesta zona de Canhas, mais particularmente na Levada do Poiso e Lombo da Piedade, encontrámos situações de casas lineares com um pequeno aproveitamento de sótão. Sem grande frequência e constituindo quase excepção localizamos em Palheiros, Stº. António da Serra, zona recolhida a Norte do Vale do Machico, uma casa elementar de dois pisos, com escada interior, servida por um alçapão apesar desta dispor de entradas diferenciadas pelo piso térreo, e outra de topo ao nível da cobertura com fachada de empena.

Todavia esta situação apesar da semelhança é já outra tipologia de casa elementar de dois pisos. Nestes casos temos praticamente a duplicação da área muito embora nem sempre os pisos diferenciados sirvam para habitar. Em muitos casos o piso inferior é composto por duas "lojas" para as alfaias e produtos da terra, enquanto que no piso superior se localizam os quartos. A cozinha é nestas tipologias de um e dois pisos, sempre separada, variando as coberturas de três ou quatro águas.

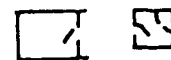
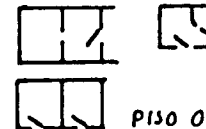
Também nestes casos de dois pisos, temos tipologias muito simplificadas de reduzidas dimensões e outras com áreas muito mais generosas.

Básicamente podemos distinguir casas de dois pisos com empena onde se enquadram as casas de Santana de fio e meio fio, e as casa de dois pisos de quatro águas.

Sobre as primeiras detectamos duas zonas, Machico e Santana que, apesar da semelhança formal, contêm diferenças interessantes. Assim no Machico as casas de empena são mais estreitas e conseqüentemente parecem mais altas; a armação da cobertura é mais reforçada com maior número de prumos verticais que são em toros, dispondo a fachada



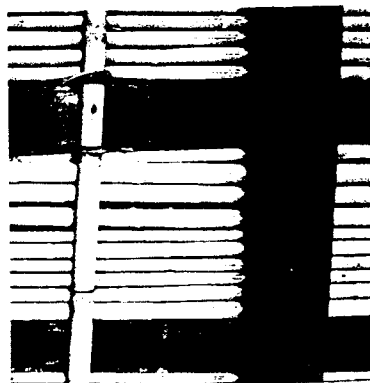
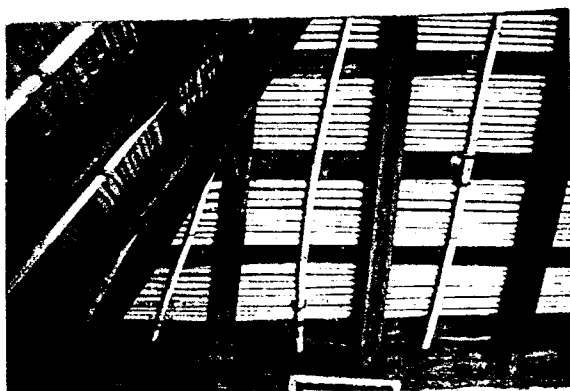
Rochão de Cima, Camacha.



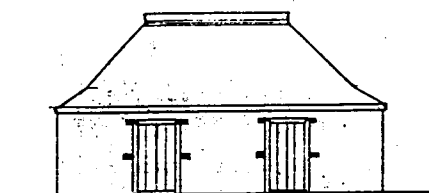
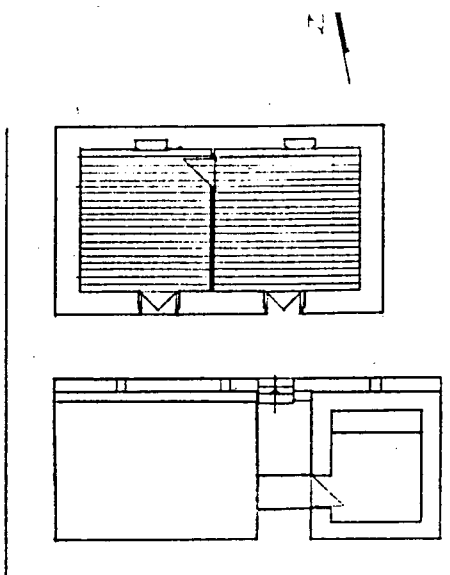
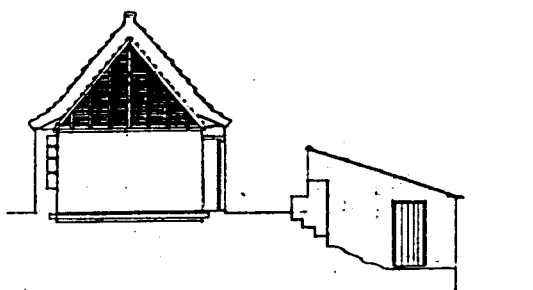
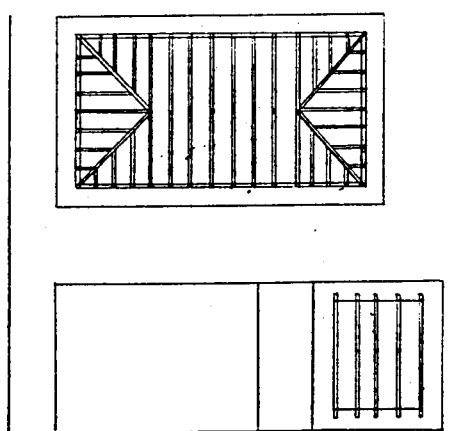
Santana.



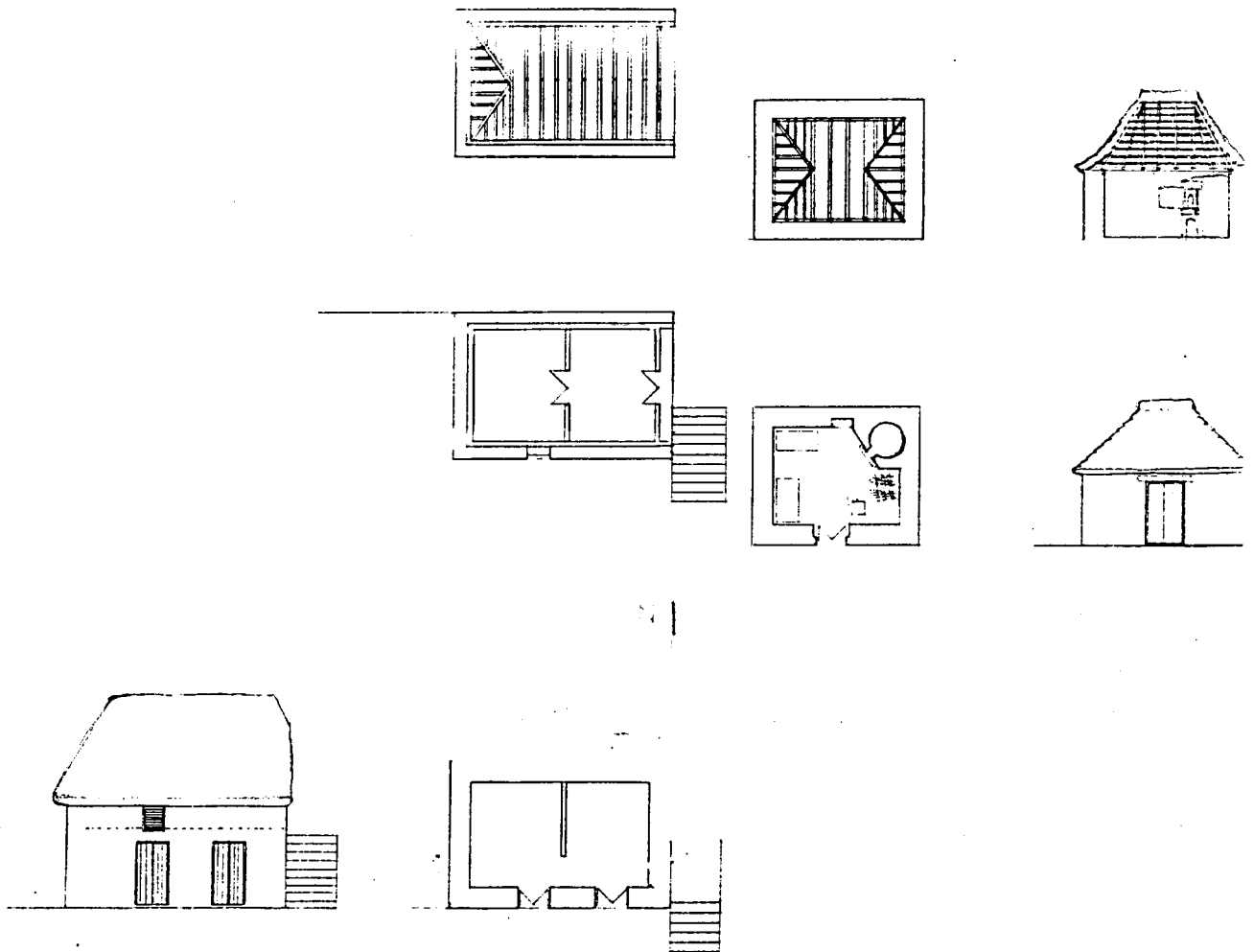
apenas de uma porta sobre a qual a cobertura baixa formando um ligeiro "telheiro" simétrico á água posterior, enquanto que em Santana as casas de empena são mais largas e os prumos de armação são barrotes aparelhados, a fachada dispõe de porta e com grande frequência duas janelas laterais. Destaque ainda para um sótão com escada de "pôr" ou de "encosto" pelo exterior.



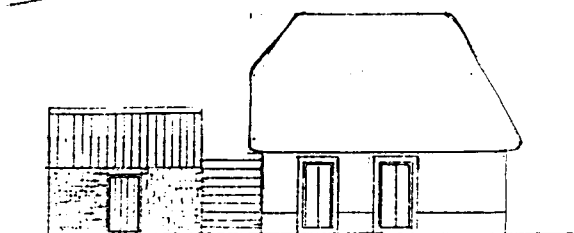
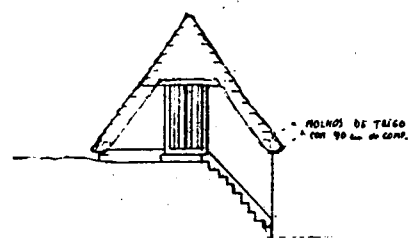
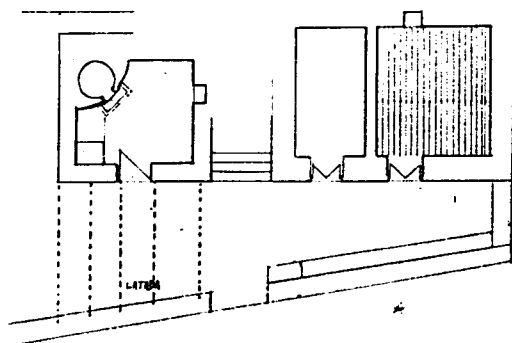
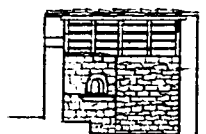
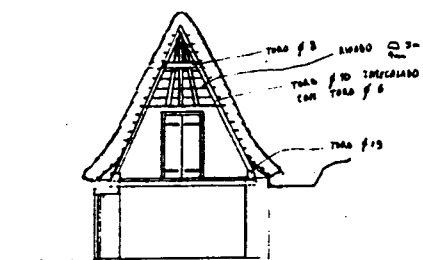
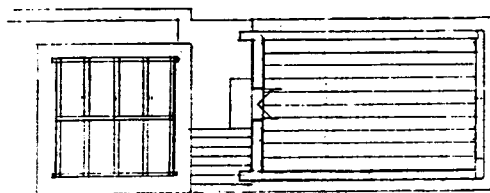
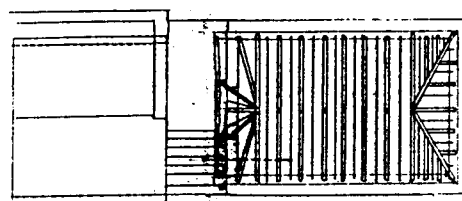
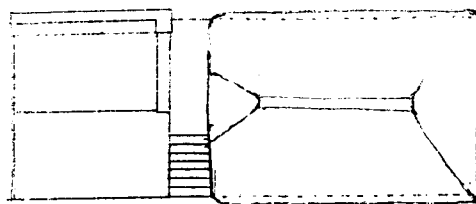
Sítio do Ingriota, Lombo das Terças, Ponta do Sol.



Sítio do Lugar, Lombada, Ponta do Sol.

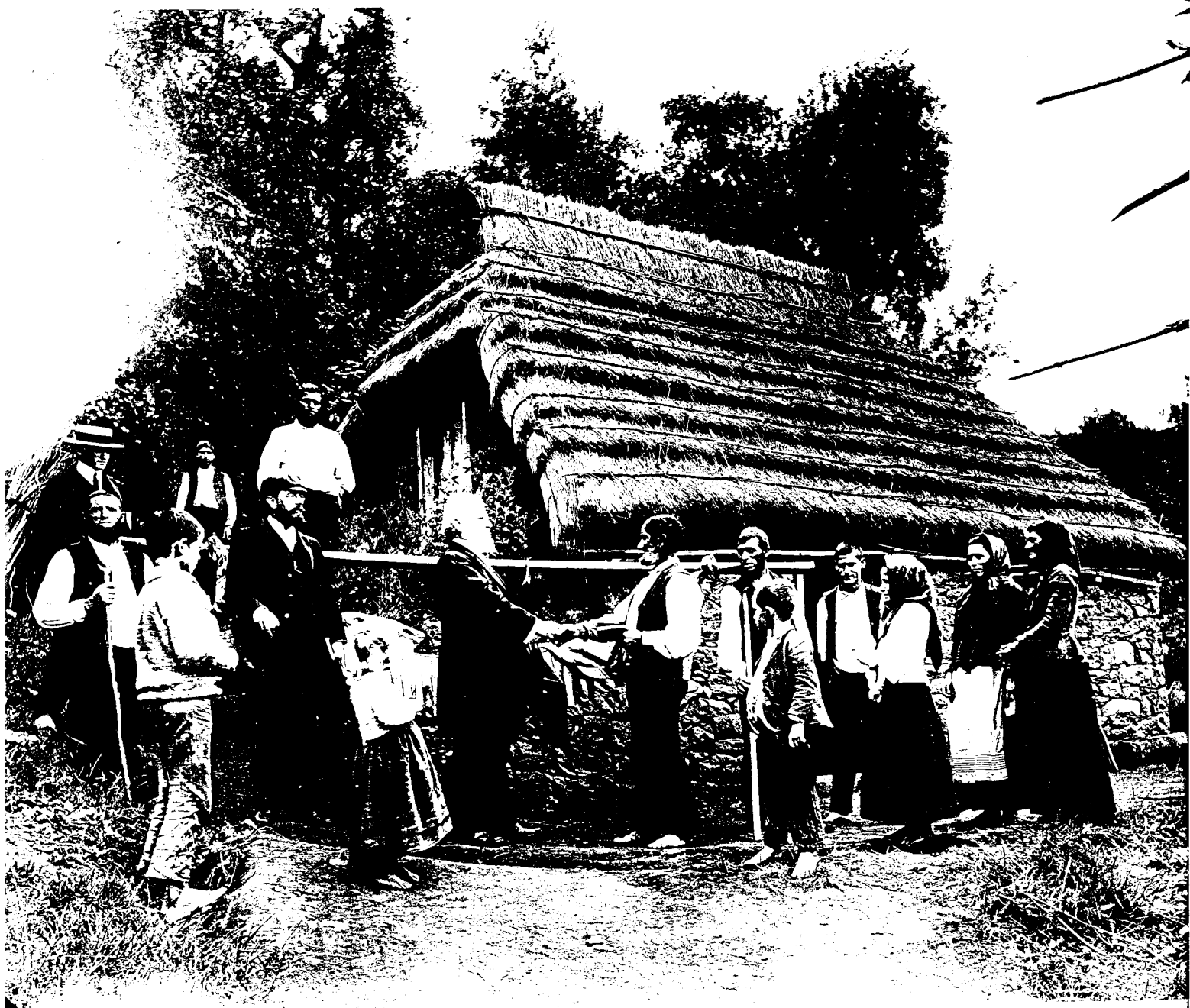


Boa Morte, Ribeira Brava.



MACHICO

Machico.



Senhorio de visita aos caseiros, Freguesia de Santana - último quartel do século XIX [P.P.], ex. casas de colmo, neg. 18x24 vidro (P. - M. V.).

6.1.3.1. A Casa Elementar de Cobertura de Telha

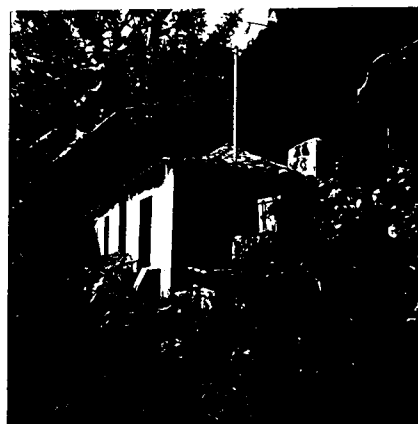
Tal como a *casa elementar de cobertura de palha*, também esta tipologia é muito vulgar. Podemos mesmo assegurar que se encontra um pouco por toda a ilha. Importa no entanto conhecer esta tipologia na sua "base" (de piso térreo) para melhor entender as suas variações. Genéricamente as proporções, tipologia e aspecto formal são facilmente associáveis a uma *casa antiga* elementar.

Um volume baixo, rectangular, com telhado "abatido" de quatro águas, porta, janela e porta, por vezes duas janelas e duas portas. Caição branca com pigmento cinzento no soco e nas molduras dos vãos ou com tom ocre esbatido, e as molduras caiadas com pigmento cinzento ou vermelho de óxido de ferro. Molduras de tufo alaranjado, ou de basalto, chaminés antigas de proporções generosas lembrando as do Sul do Continente, ou ainda as mais modernas de forma prismática e esbeltas, sobre o forno alternando este interior ou exteriormente.

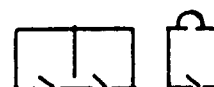
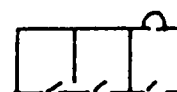
Implantam-se geralmente numa plataforma suave a meia encosta com a latada a refrescar o pequeno terreiro fronteiro à casa empedrado com calhau rolado confinado por murete com bancos corridos rebocados e caiados, de onde saiem os acessos á horta e ao pomar por veredas e degraus em lomba. Interiormente a casa integra a cozinha, separada dos quartos por uma sólida parede de alvenaria com ou sem comunicação interior e desvão até à cumeeira. Dois, três ou raramente mais compartimentos de dormir comunicantes entre si e divididos por paredes tabique rebocados ou de pranchas de madeira dispostas ao alto formando tectos independentes, completam a casa.

São estes os traços gerais da *casa linear* ou *elementar*. Ambas as classificações são possíveis, se não mesmo complementares. Enquanto que a primeira exprime o início de algo rudimentar, a segunda revela a simplicidade do elemento "gene" de onde se depreende o nascer de uma possível cadeia evolutiva

Esta tipologia é efectivamente um embrião de vários tipos e tipologias de casas, se entendermos por tipos as filiações por via das variações próximas e imediatas da "tipologia mãe" e as tipologias como modelos autonomisáveis de uma mesma árvore.



Rochão, Sítio das Cruzes, Porto da Cruz





Sítio do Ingriota, Lombo das Terças, Ponta do Sol.

Esta tipologia apresenta uma grande sobriedade quer nas formas quer no espaço, todavia a sua construção detem grande apuro construtivo e uma regra ancestral de escala. No uso quotidiano entra-se sistematicamente pela cozinha, o centro da vida social desviado do centro geométrico da casa. Este último normalmente é conhecido como o quarto de fora ou meio da casa ⁽⁵¹⁾.

A cozinha é a "fábrica" onde o labor feminino domina. Gerindo pessoas e actividades, a mulher da casa é no entanto "invisível" aos olhos dos de fora. No entanto a mulher acumula as actividades do campo saindo de madrugada e recolhendo ao fim do dia. Como em quase todas as casas madeirenses encontramos um mobiliário parco e austero. Todavia nesta tipologia é comum encontrar-mos na cozinha, para além de alguns bancos ou cadeiras, caixas de grandes dimensões onde se guardam loiças, panos de cozinha e também (separadamente) as sementes para fazer o pão, e mesmo, as que se irão lançar à terra. Sobre elas se improvisa por vezes a mesa de refeições ou a bancada para poisar a amassadeira e respectiva tábua de tender a massa. Como não há adega, oficina, casa de despejo, divisão suplementar ou mesmo telheiros, é na cozinha e principalmente no seu exterior que se desenvolvem as actividades domésticas e de preparo da lavoura. Trata-se de um costume que o clima generoso proporciona. Factor que de certo modo em conjunto com aspectos de ordem económica e social terão influenciado este "modus vivendi". Esta situação é mais representativa nas tipologias mais elementares, como é o caso, em que a casa representa o somatório dos compartimentos essenciais, não restando qualquer disponibilidade financeira para qualquer construção de apoio exclusivo das actividades. Apenas o palheiro constitui uma excepção nem sempre confirmada, e condicionado a um reduzido sotão onde de modo geral se guarda a palha da vaca, sem esquecermos que se localiza sempre, longe da casa. O terreiro ou um balcão térreo fronteiro à casa é no entanto o cerne da lida. Quase sempre é definido por um murete com bancos que por vezes integra um alegreite corrido ou vários interrompidos de onde brotam flores e se elevam os pés de vinha ou de maracujás, em



Machico.

⁵¹ *idem nota 12, pág. 107 -* "O Monte pequeno em geral, corresponde nas suas linhas essenciais à casa do Sul que atrás descrevemos. No Baixo Alentejo eles mostram por vezes uma planta em que as divisões se sucedem umas às outras, com a entrada pela cozinha ou sala de fora."

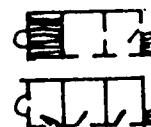
latada ⁽⁵²⁾. Esta é em madeira apoiada num grupo de cachorros encastrados na parede. Está assim descrito o "compartimento" mais habitado da unidade agrícola. Erradia alegria e azáfama, do começo da labuta diária de uma terra que não dá descanso e exige permanente atenção.

Os exemplos mais significativos desta tipologia encontram-se um pouco dispersos, são pouco frequentes e alguns apresentam alterações na tipologia, na volumetria e principalmente no aspecto da cobertura por via da substituição da telha portuguesa pela marselha. Registamos em São Roque (Funchal), S. Vicente, Feiteira de Cima, na Casa do Padre no Caniço, Fajã da Ovelha, Massapês, Sítio dos Falcões, Calheta, Lombo do Doutor, Referta, Porto da Cruz, Rochão, Sítio das Casas, e Lombada dos Cedros.

Ainda dentro desta tipologia temos um modelo praticamente autonomizável. Surge como uma excepção às casas com telhado de quatro águas e de um piso térreo. São as *casas de telhado de duas águas com aproveitamento do sótão*. Estão circunscritas ao Cural das Freiras com a particularidade da cozinha se autonomizar noutra construção, e ainda na zona compreendida entre os Lombos e os Prazeres, zona Sudoeste da ilha. No caso do Cural das Freiras, esta "subtipologia", está associada a uma pobreza mais notória. Uma extrema exiguidade do espaço, a ausência de lar nas cozinhas, utilizando-se para o efeito o fogo entre pedras no chão, são os sinais mais reveladores.

Tipologicamente a casa utiliza a entrada superior pela fachada - empena para acesso aos quartos, dois, com passagem entre si, subdivididos por tabique de pranchas ou simplesmente por cortinas. O piso térreo é utilizado como zona mista de refeições, embora estas sejam vulgarmente na cozinha ou no seu exterior, arrumos e apoio á lavoura. Não há ligação interior entre pisos. No caso do Lombo da Velha, bem como noutros Lombos, a casa funciona como uma unidade de dois pisos comunicantes com uma escada interior praticamente a pique, muito embora também se verifique o uso de escada ou aproveitamento de desnível no exterior, como são os casos detectados no Lombo do Doutor.

Neste caso temos dois compartimentos por piso. No inferior, temos a cozinha e um quarto de "recurso", numa situação de



Sítio da Murteira, Cural das Freiras.

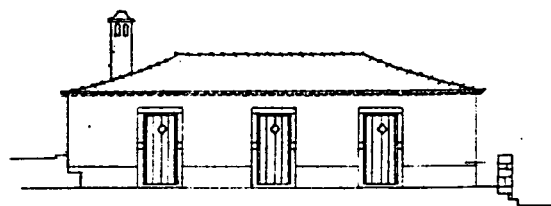
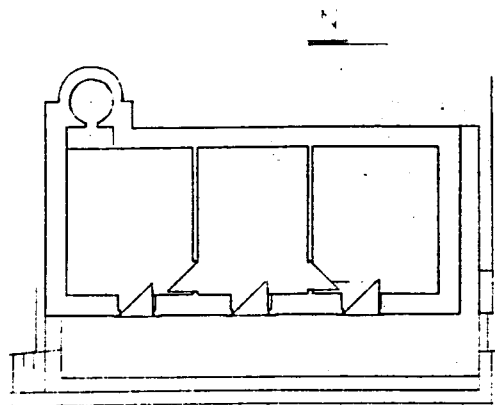
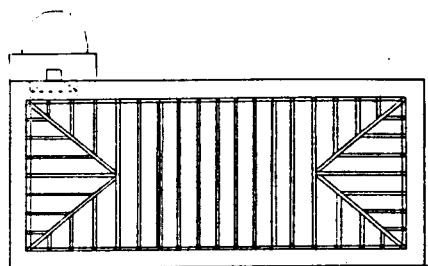
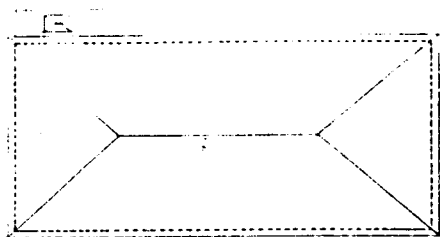
Idem.

Idem.

⁵² *Fundamentos da Arquitectura Paisagística*, Francisco Caldeira Cabral, Instituto de Conservação da Natureza, Lisboa, 1993, pág. 121 - "Os alegretes e os azulejos são motivos que dão ambiente especial aos nossos jardins."

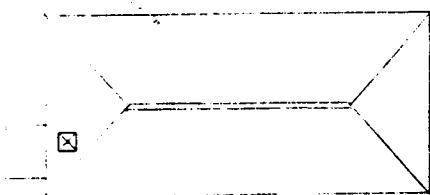
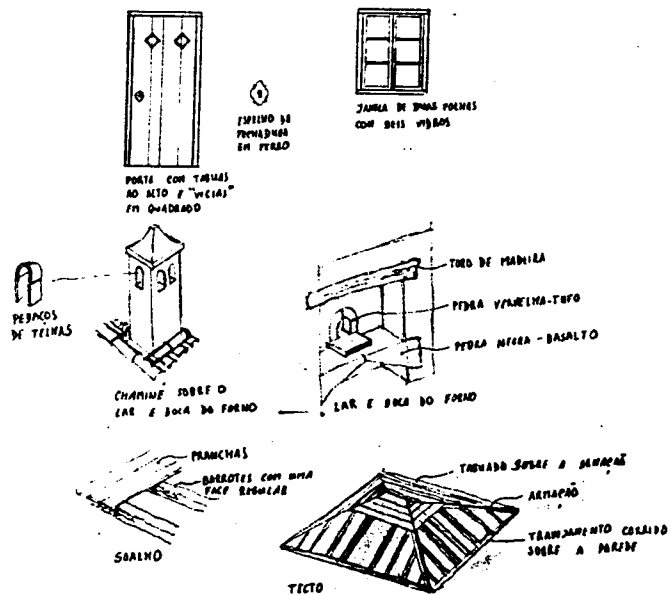
passagem (com a escada interior) uma espécie de "casa de despejo". No piso de cima de dois quartos de dormir com as "caixas" e uma cama de ferro por compartimento. A cozinha está localizada ao lado da casa no piso térreo sem comunicação interior. As dimensões são ínfimas não dispondo de forno, aliás situação pouco habitual neste modelo.



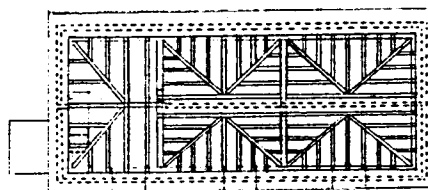


Lombo do Salão, Calheta.

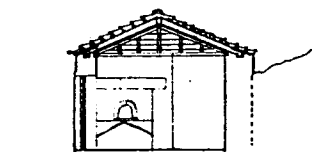
LEVANTAMENTO DA ARQUITECTURA POPULAR DO ARQUIPÉLAGO DA MADEIRA



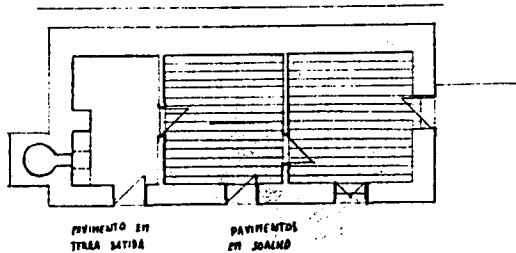
COBERTURA



TRANÇAMENTO DO TECTO

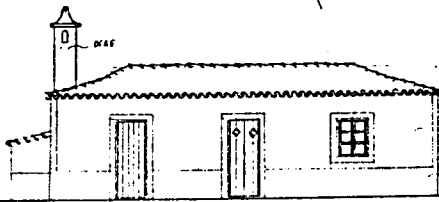
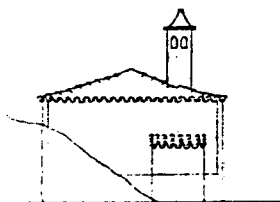


CHAMINÉ - COIFE



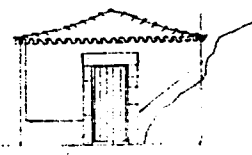
PAVIMENTO EM TERRA BATIDA

PAVIMENTO EM SÓLMO

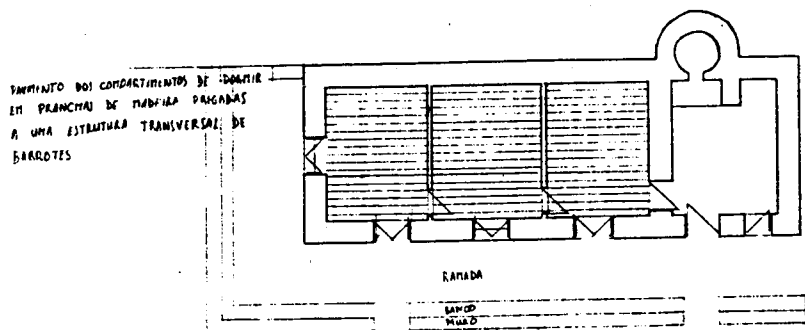
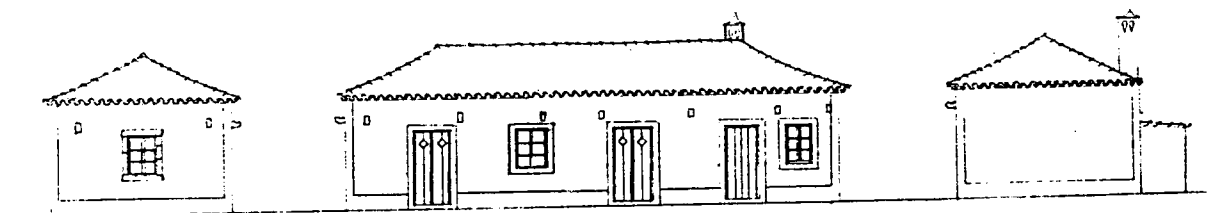


DESE COM CAL

CHIBO DE FERRO COM CAL

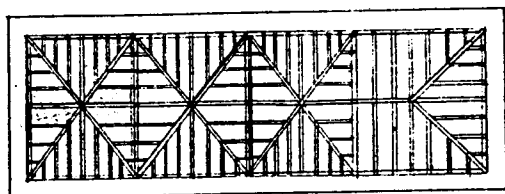


TERRA BATIDA



COZINHA EM TERRA BATIDA

TECIDO DOS COMPARTIMENTOS DE DORMIR
COM ESTRUTURAS INDEPENDENTES



TECTO - ESTRUTURA DA COBERTURA
COM TRAMADO SOBRE OS
PAINOS E TELHA APLICADA
DIRECTAMENTE SOBRE ESTE.

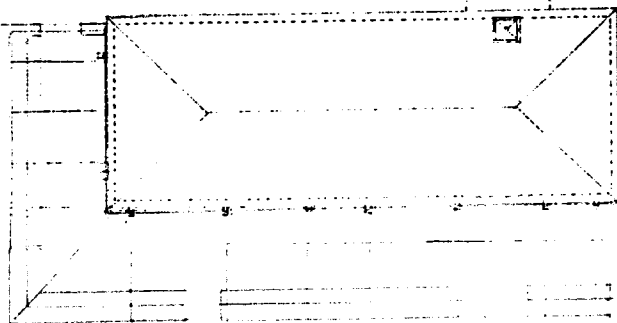
CAIXA DE TELHA PORTUGUESA
USADOS NA ENTELA DA CHAMINÉ

PEDRAS DO INTERIO DO
PAINO EM TUFO
(CONSTRUÇÃO TIPO 1610)

MODO DE RAMADA
EM BASALTO

BOCA DO FORNO
CANTARIA VERMELHA
TUFO

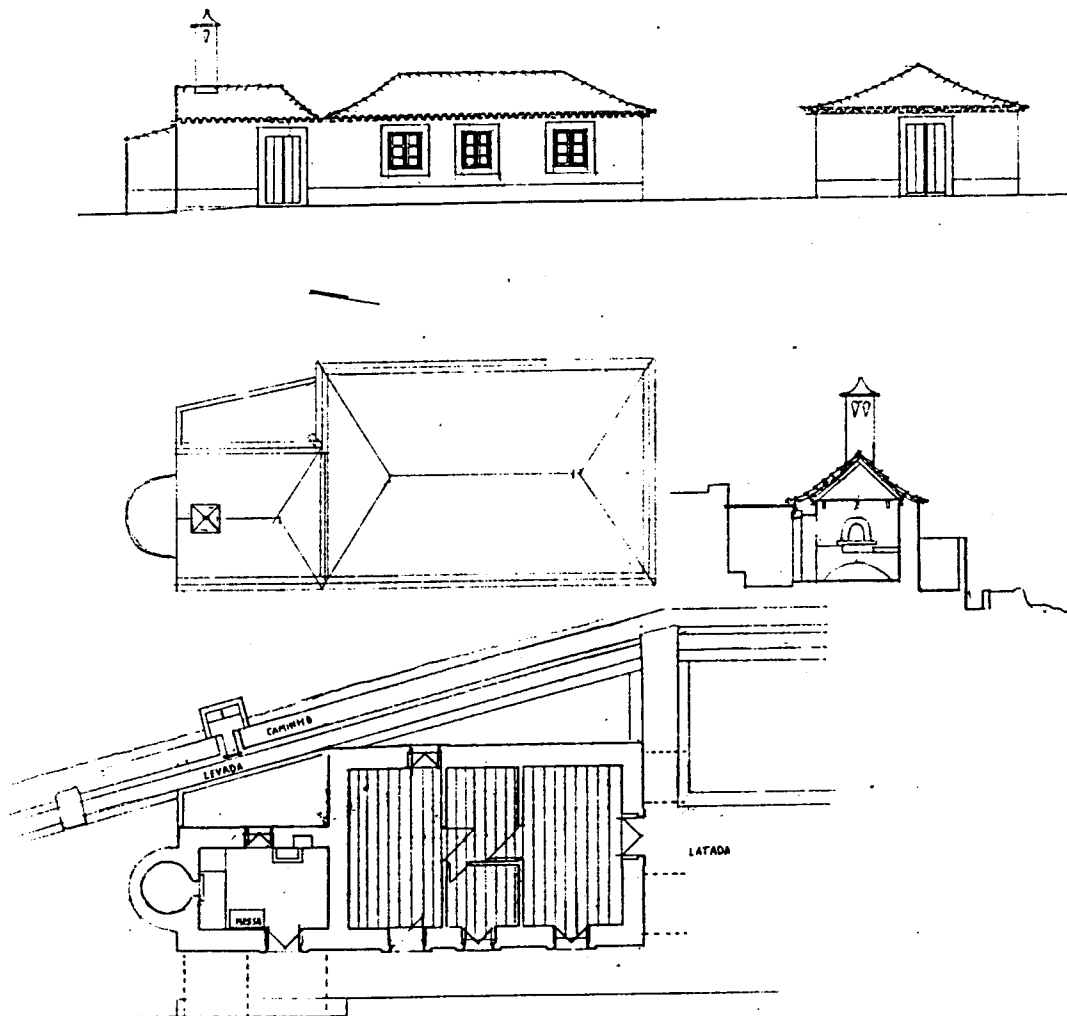
VIRGA E OMBRELLAS
EM CANTARIA VERMELHA-TUFO



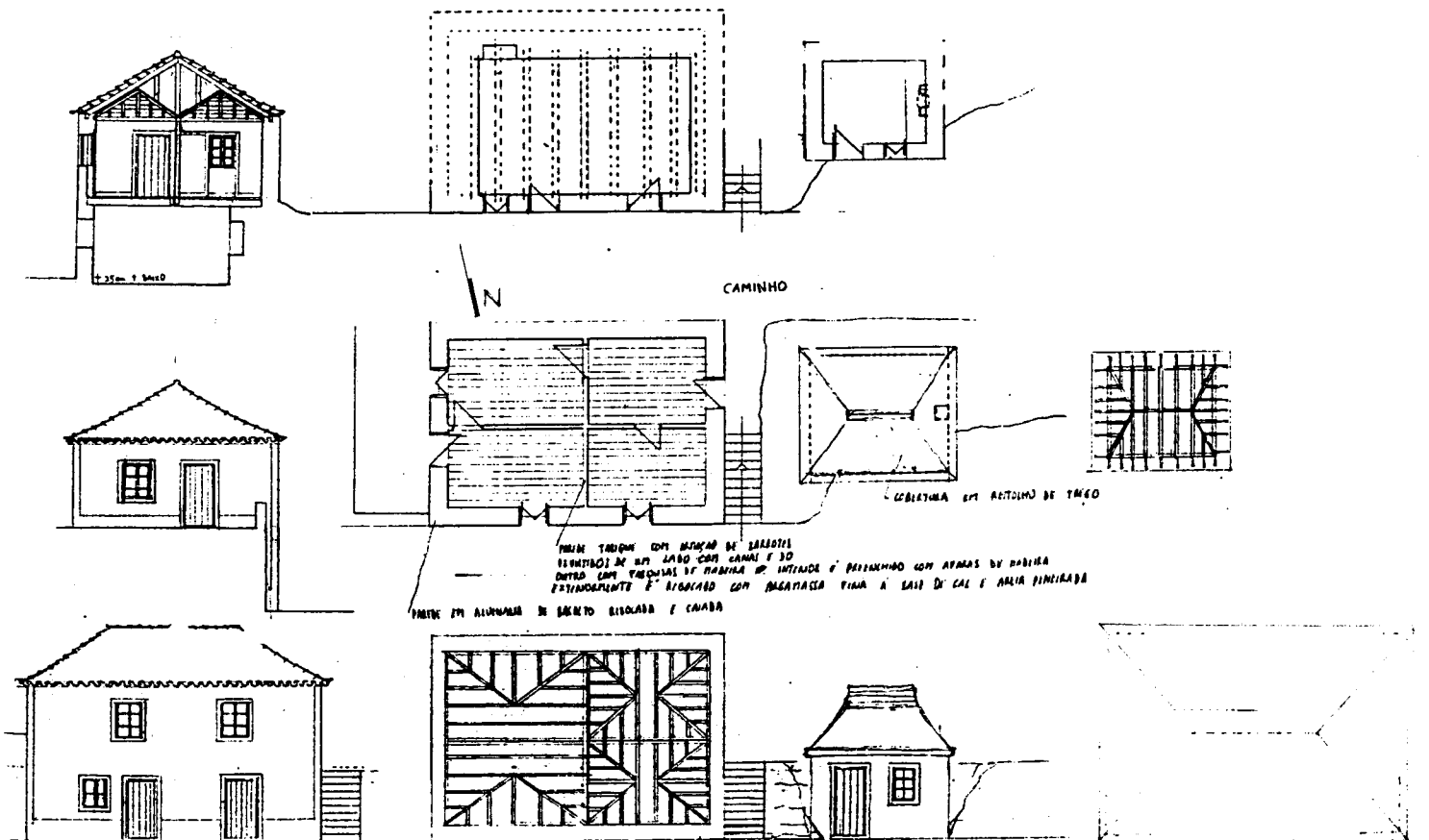
COBERTURA - EM TELHA PORTUGUESA

CRIM PROTADA DE ERANCO
COM BARRA E CANTARIA, EM
VERMELHO (TIPO 1610)

Virtudes, Funchal.

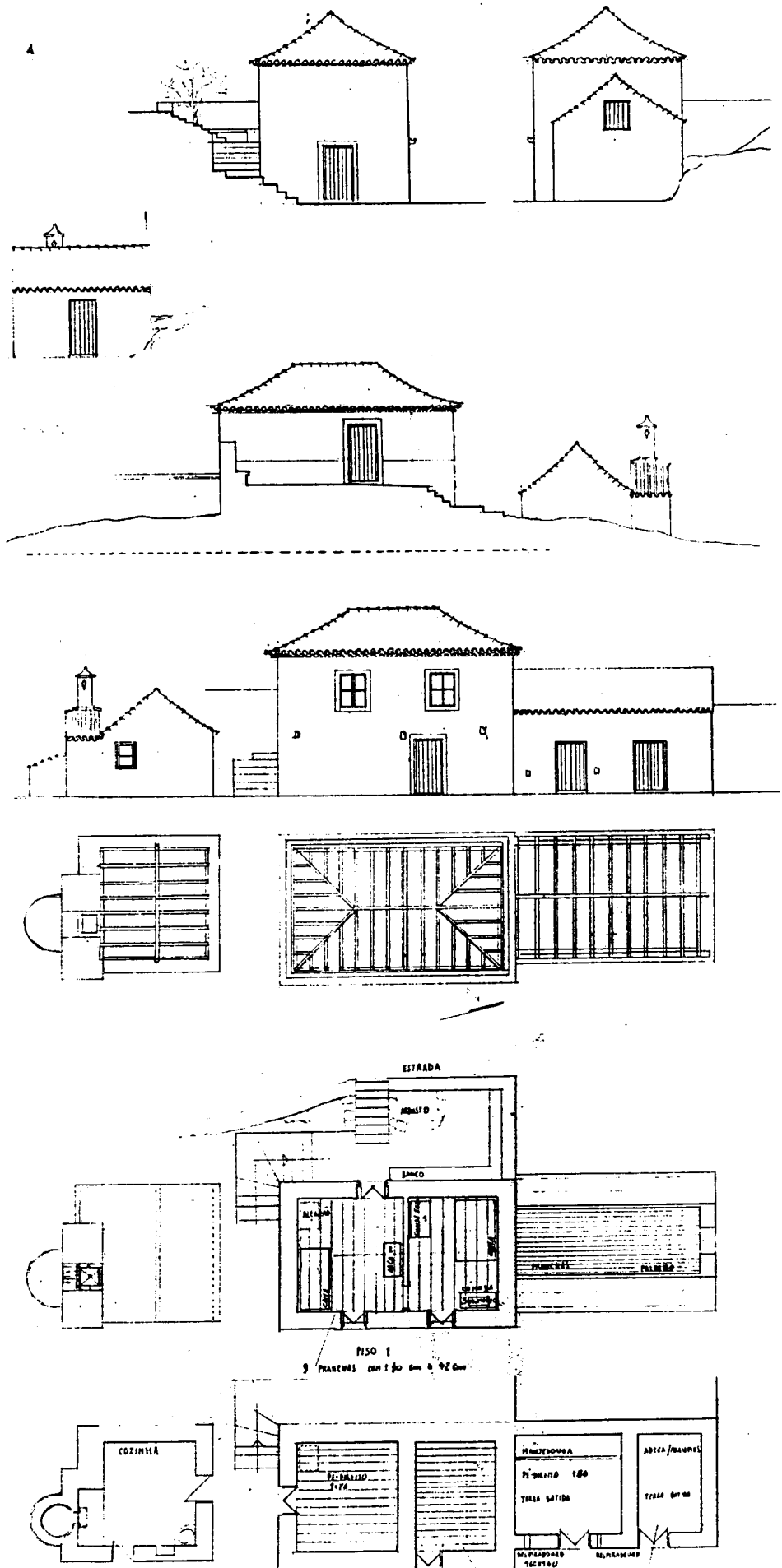


Azenha, Caniço.

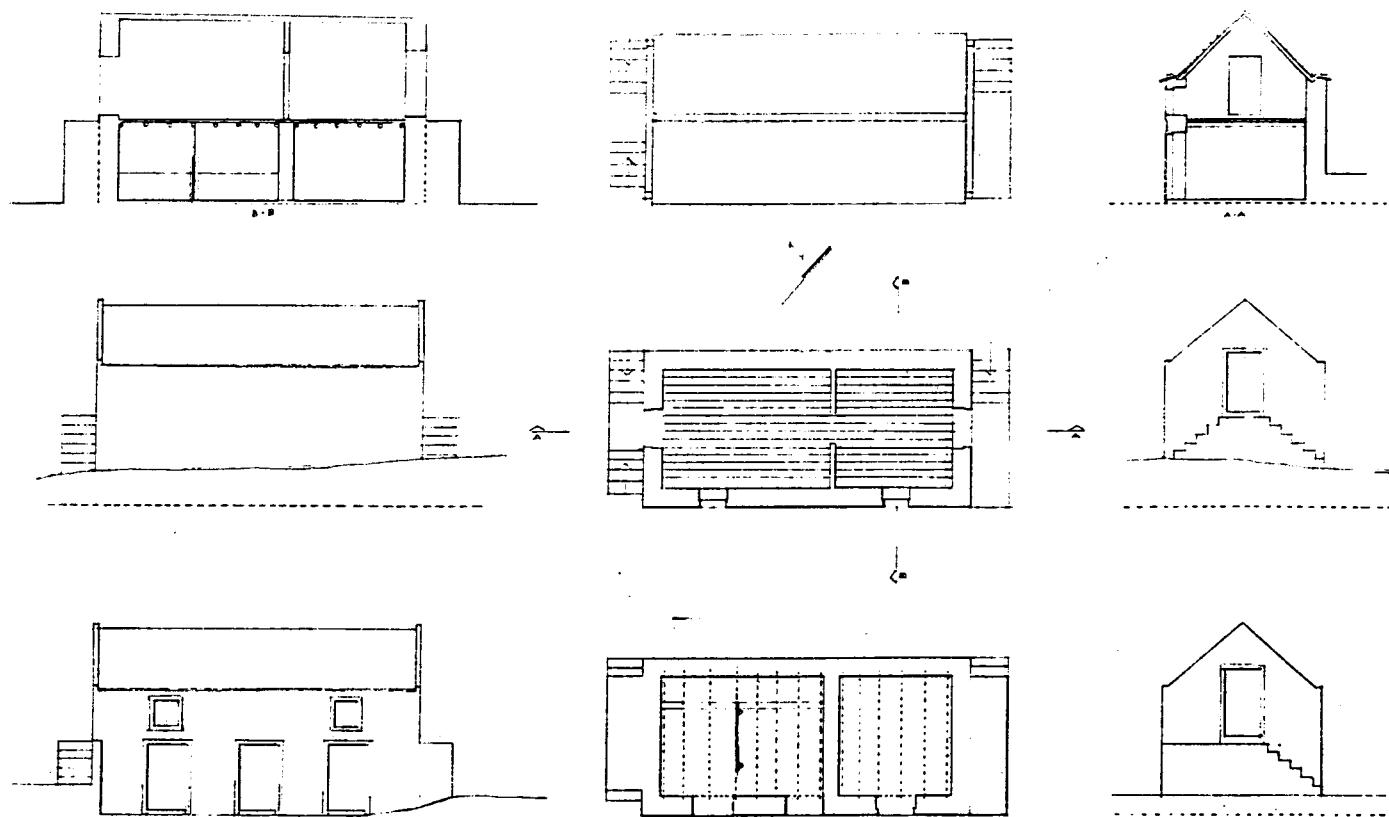


Santana.

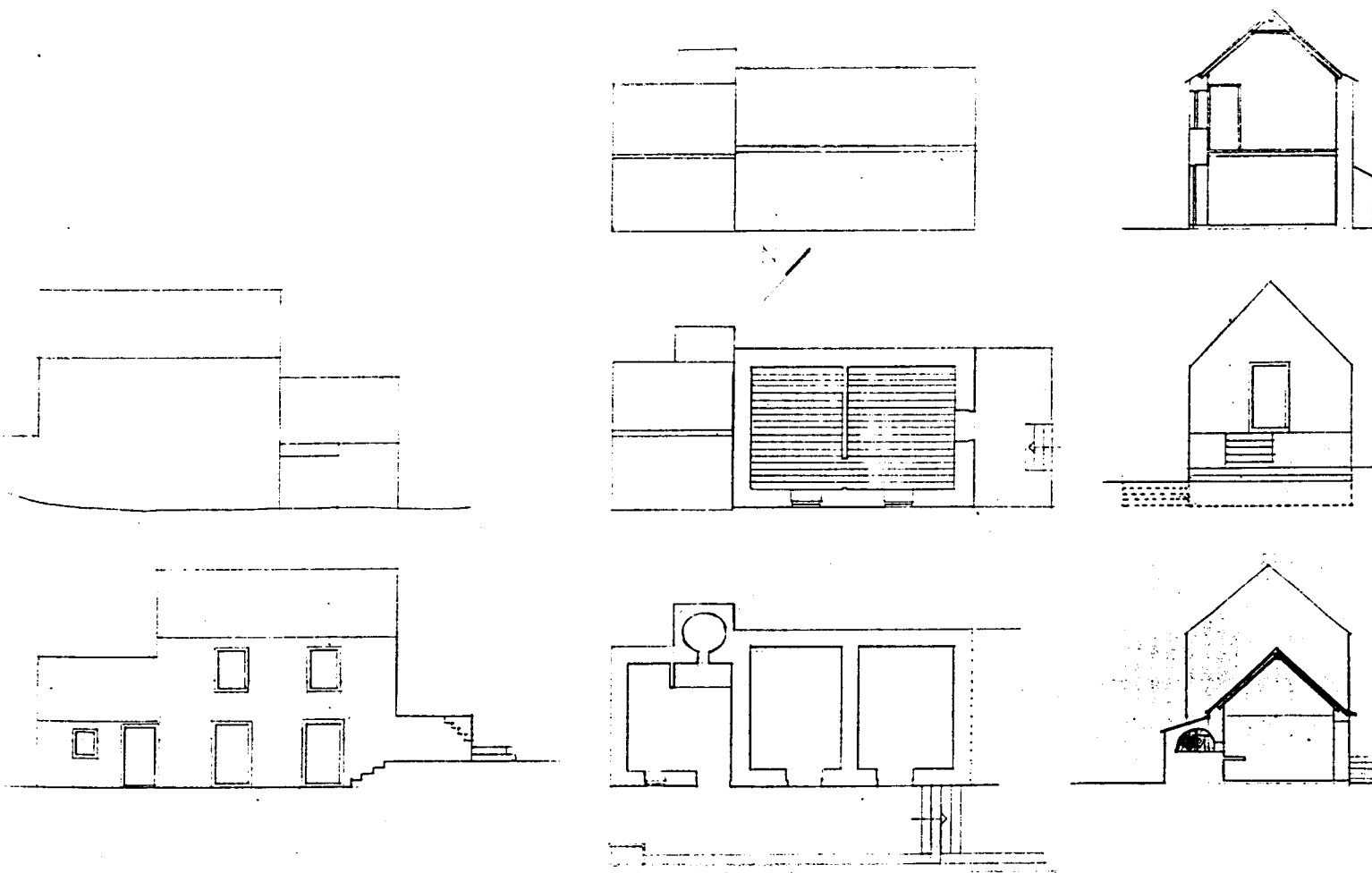
LEVANTAMENTO DA ARQUITECTURA POPULAR DO ARQUIPÉLAGO DA MADEIRA



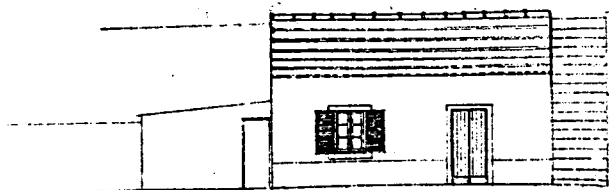
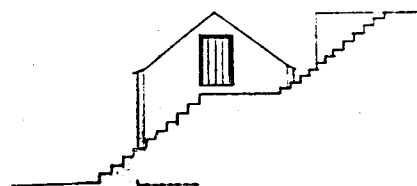
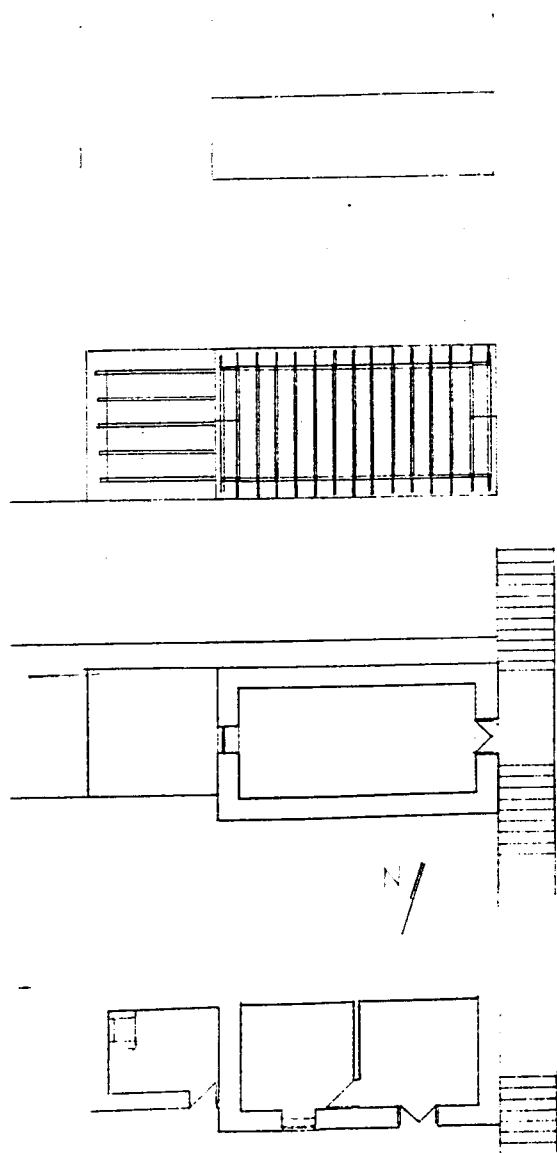
Gaula.



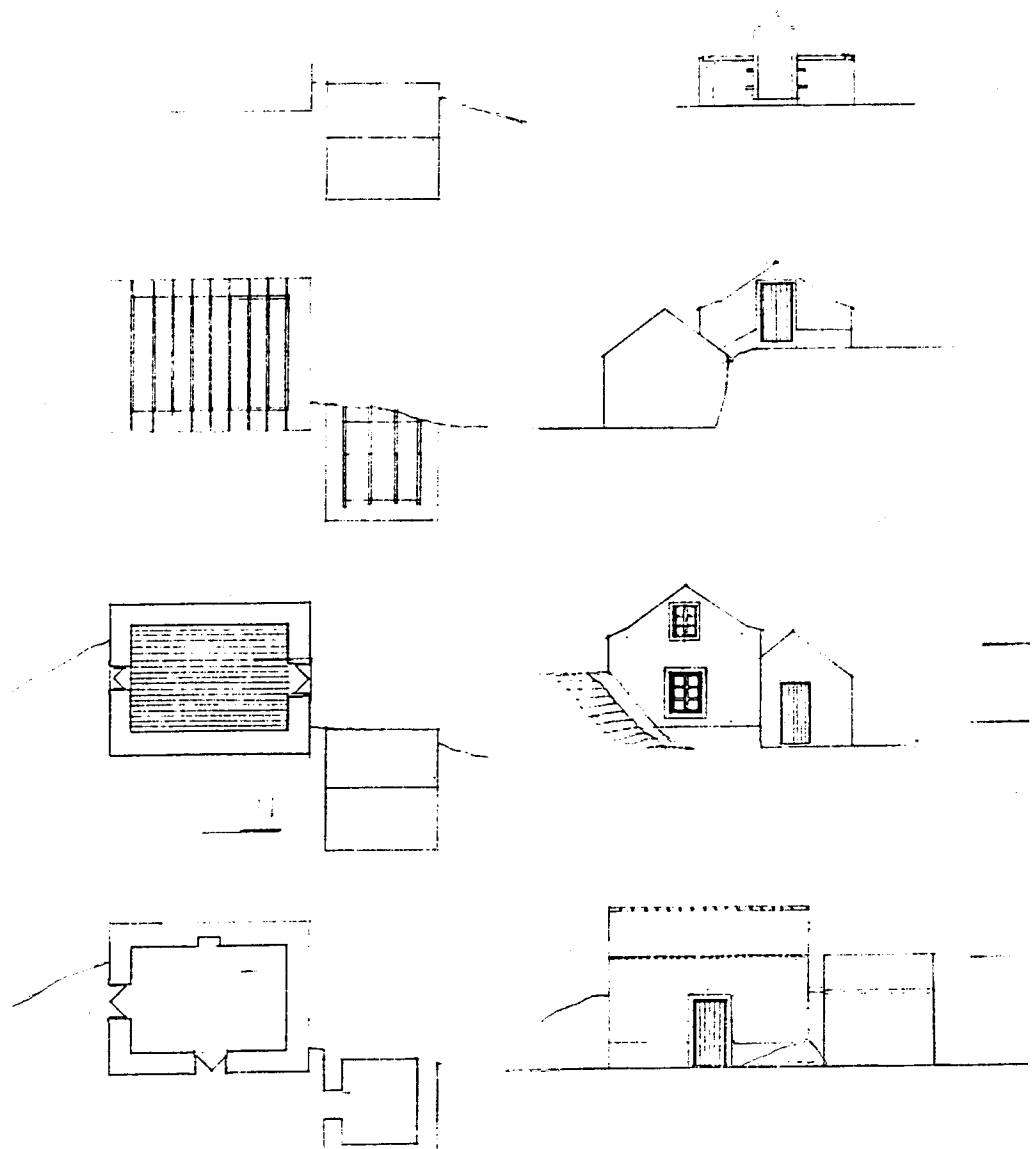
Lombo da Velha, Prazeres.



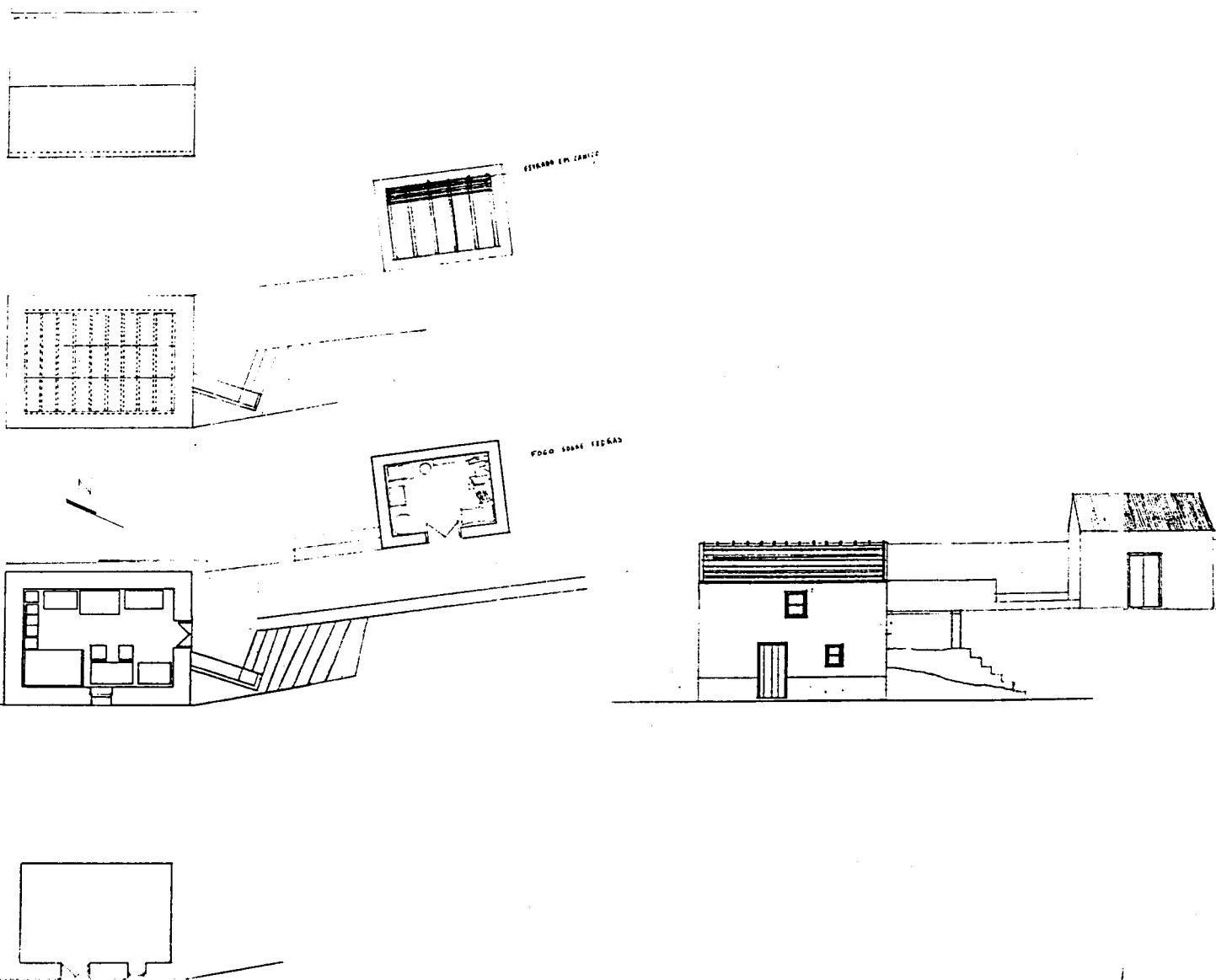
Lombo da Velha, Prazeres.



Sítio da Murteira, Curral das Freiras.



Sítio da Murteira, Curral das Freiras.



Sítio da Murteira, Curral das Freiras.



Sítio do Ingriota, Lombo das Terças, Ponta do Sol.

6.1.3.2. A Casa Elementar de dois pisos

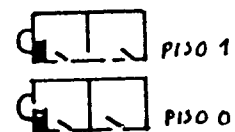
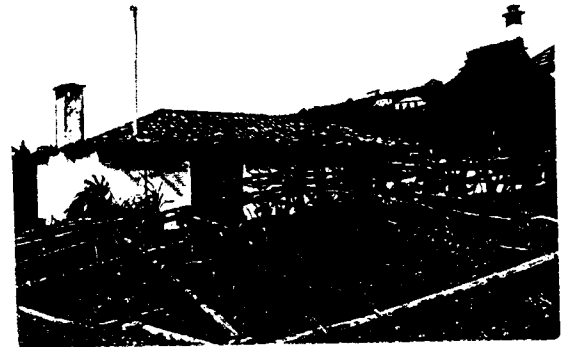
A *casa elementar térrea* evoluiu em vários tipos, sendo mais vulgar aquele que aproveita o desnível natural do terreno, ganhando assim mais um piso ou uma metade de um piso conforme a qualidade do terreno onde se implanta o permita. Ainda numa situação intermédia encosta-se em duas faces a um declive, ficando as aberturas para a fachada, alinhadas ou não, pelos vãos superiores. O balcão de acesso à casa fica ao nível da rua ou da plataforma nivelada para o efeito. As lojas do piso inferior normalmente duas, variam entre a situação não comunicante entre si com parede mestra a dividi-las ou parede de pranchas de madeira com porta entre ambas. Existe uma grande diversidade na implantação da casa, bem como na localização da entrada que poderá alternar entre o meio da casa, o início da fachada ou mesmo num dos topos. É também vulgar observarmos numa determinada vista, um alçado de piso térreo de porta-janela-porta, e depois de circularmos e contornarmos a linha de cota da mesma estrada, apercebemo-nos que a mesma casa afinal tem dois pisos.

Uma das persistências mais características das *casas lineares* (de palha e de telha) são as fachadas "sem vãos nas traseiras". Sendo uma persistência não é no entanto uma regra absoluta no caso das casas de dois pisos em que a fachada térrea tem normalmente duas portas ficando as janelas na fachada dos dois pisos (exemplo da Casa do Lombo das Terças).

Para além da economia na redução das carpintarias é também resultado da implantação de "costas" para a invernia e para os ventos dominantes, favorecendo os quadrantes Nascente e Sul e mais raramente o Poente. Na situação de duas fachadas com aberturas é corrente uma implantação Nascente/Poente.

A *casa elementar de dois pisos* é muito frequente em toda a ilha. O modelo original (ou mais antigo) aproxima-se de um edifício que transmite uma leitura de volume, robusto mas harmonioso; por vezes e em oposição surge um edifício mais curto, mais concentrado principalmente se o alçado tardo só dispôr de um piso. No primeiro caso enquadram-se as casas mais abastadas algumas notoriamente de Morgado (como é o caso da casa do Passo, em S. Vicente).

Mas a *casa elementar de um e dois pisos* surge ainda noutras variantes ou subtipos que constituem um provável início de uma "ambicionada" complexidade.



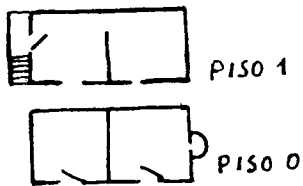
Sítio do Ingridota, Lombo das Terças, Ponta do Sol.

Idem.

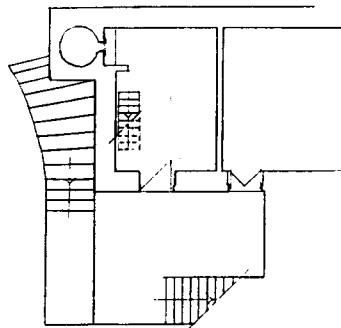
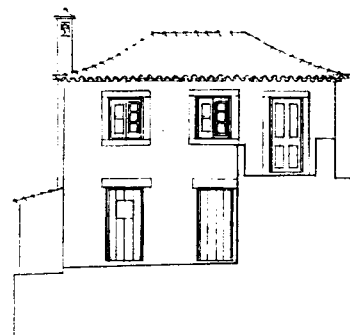
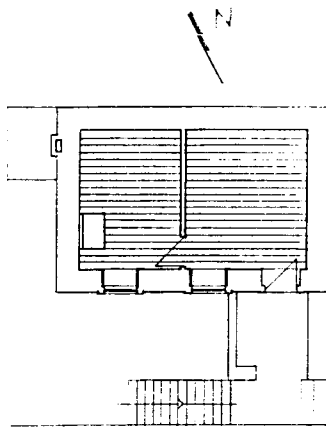
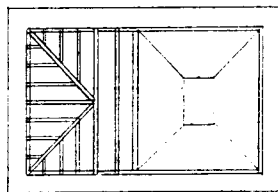
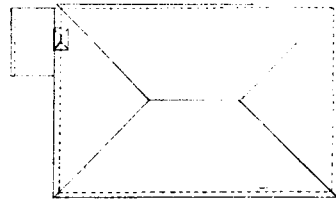
Idem.



Estreito da Calheta.

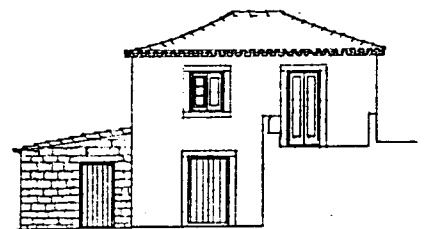
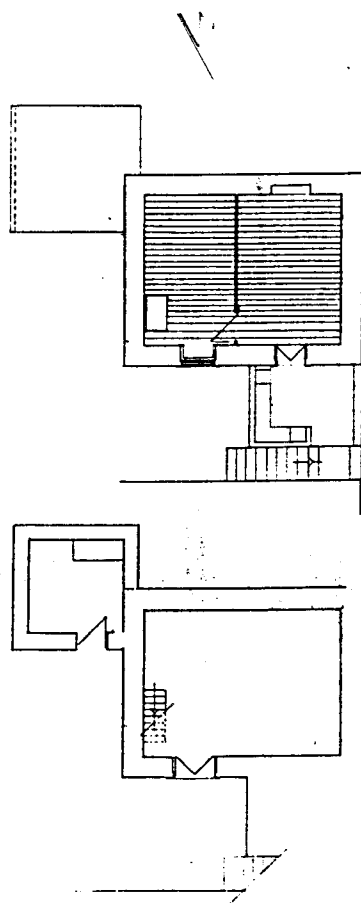
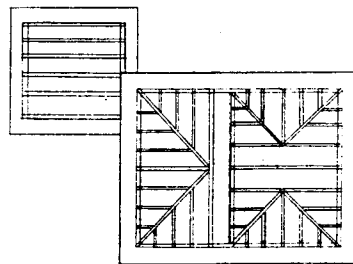
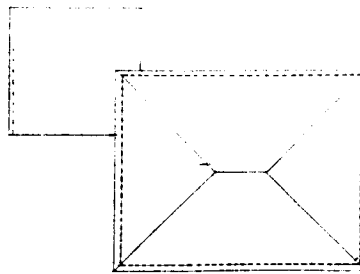


Aqui, distinguimos complexidade como um processo de evolução em continuidade, em que o que se sabe e se experimentou ao longo do tempo, com reconhecido êxito, não se abandona, antes se mantém como permissa segura de uma matriz, que se alarga sucessivamente, para receber e integrar experiências acabando estas por se tornar regra de uma "nova tipologia". E, naturalmente expurgando situações híbridas que o "tempo" não aceitou como metodologia de um processo lento e seguro pela vivência da Comunidade e a experiência dos mestres construtores.

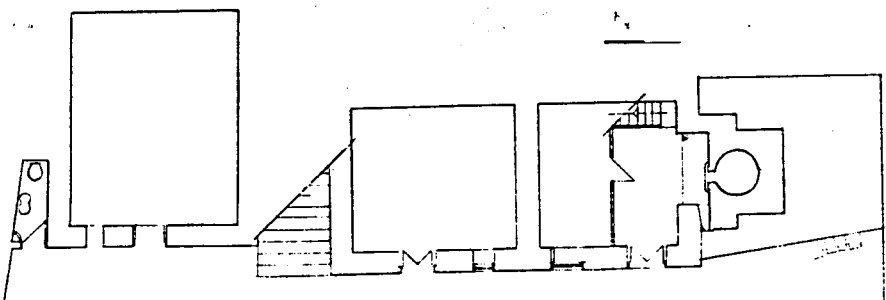
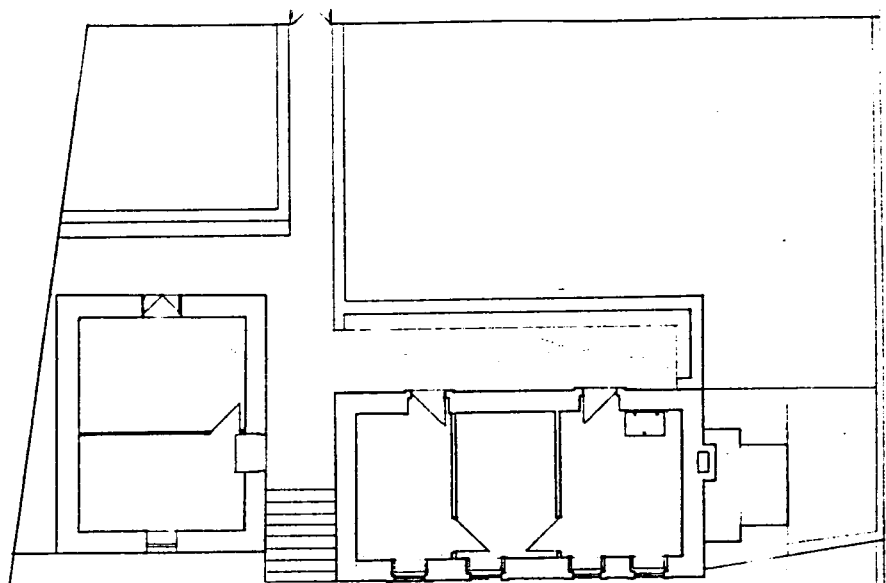
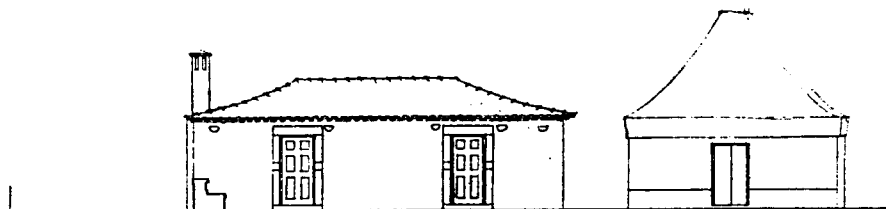
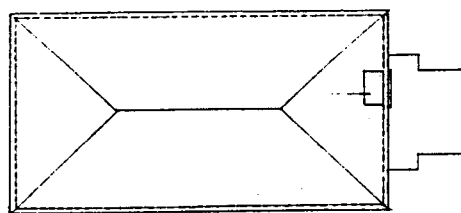
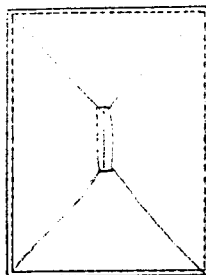
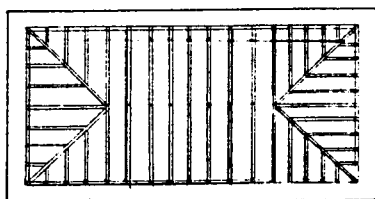
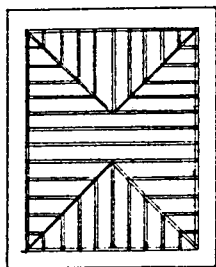


Lombo do Doutor, Calheta.

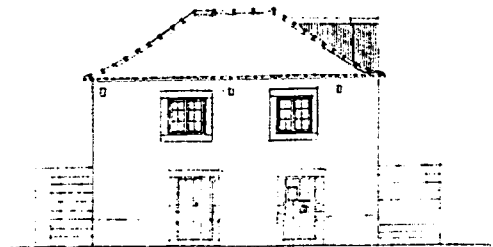
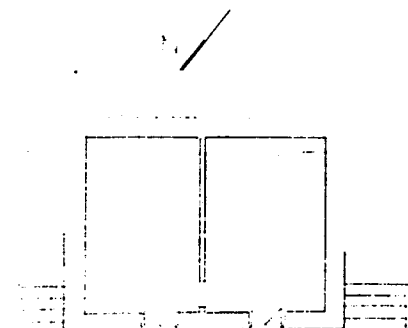
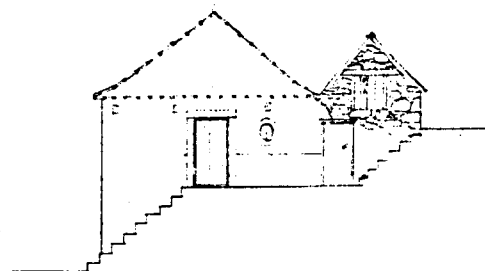
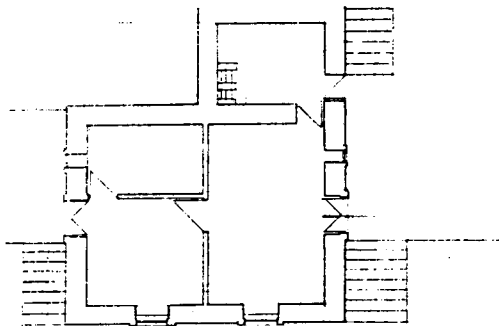
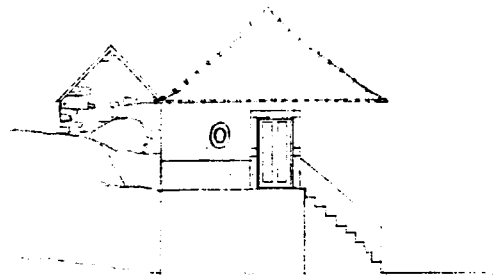
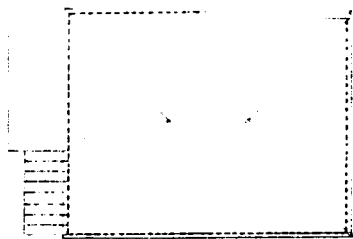




LEVANTAMENTO DA ARQUITECTURA POPULAR DO ARQUIPÉLAGO DA MADEIRA



Sítio do Ingridota, Lombo das Terças, Ponta do Sol.



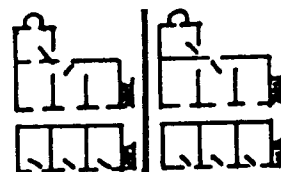
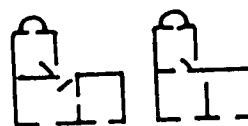
Sítio da Murteira, Curral das Freiras.

6.1.4. A Casa em Esquadria e a Casa Duplicada

A *casa em esquadria* surge por se associar perpendicularmente ao topo de uma casa linear, onde habitualmente está localizada a cozinha, um outro compartimento, libertando o espaço onde esta outrora se localizava para mais um quarto. Parece simples. Como também se nos afigura à partida simples, e noutra situação mais evoluída, percorreremos um "espaço corredor" de ligação entre a cozinha (em ângulo recto ou esquadria) e a sala do outro topo, ficando por permeio dois quartos com entrada individualizada. Quantas gerações terão passado até chegarmos a esta evolução, que aparenta uma grande simplicidade mas que no fundo representa um passo de gigante, entre a total elementariedade, de passagem directa entre compartimentos, e a forma hábil e inteligente de "contornar" tipologicamente esta situação (re)inventando, ou quiçá tão somente absorvendo de "outras Arquitecturas" o "espaço de circulação". Mas mesmo nestas circunstâncias o "corredor" é reduzido ao indispensável. Esta gestão do espaço perdido é algo que se traduz uma das regras fundamentais da Arquitectura Popular - todo o espaço é útil. As mesmas considerações podemos fazer sobre a *casa duplicada* onde duas casas elementares se encostam paralelamente, mantendo exclusivamente as coberturas separadas formando dois ou mais telhados paralelos. Aqui temos como numa vulgar casa elementar a cozinha num dos topos e os compartimentos comunicando entre si, embora os módulos comuniquem por uma porta central através do "meio da casa" ou numa situação mais evoluída, temos também a versão de um "espaço corredor" num dos módulos.

A cobertura da *casa em esquadria* resulta numa adição do telhado lateral de três águas da cozinha, ao telhado longitudinal do corpo principal de quatro águas. Por vezes o telhado da cozinha desce ligeiramente do ponto mais alto da cumeeira, por via do módulo desta ser ligeiramente mais estreito do módulo transversal, do corpo dos quartos.

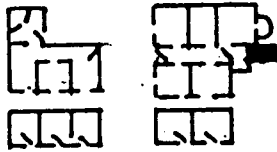
A *casa em esquadria* e a *casa duplicada* são também as tipologias base da casa de Morgado, de posição social média. Não as podemos de modo algum aproximar da magnífica casa do Esmeraldo em Canhas, no entanto temos ainda exemplos de grande interesse como sejam a Quinta dos Píncaros no Arco da Calheta (conhecida pela Casa dos Albuquerque)e



Porto Moniz.

Idem.

Idem.



Sítio do Carmo, Campanário.

Idem.

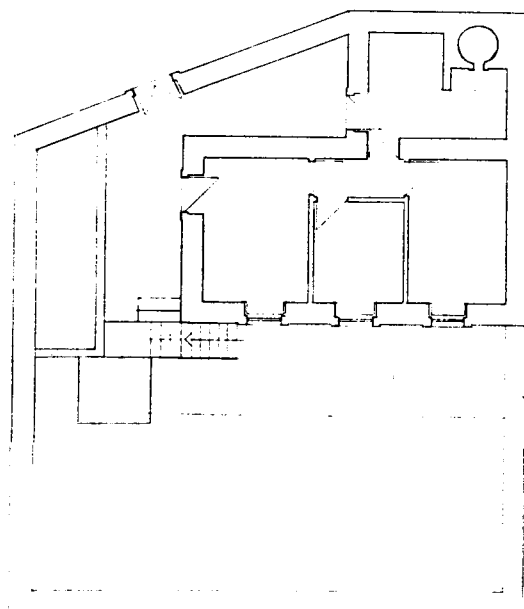
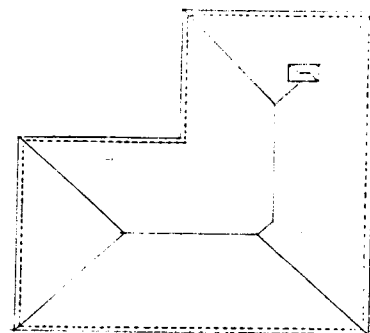
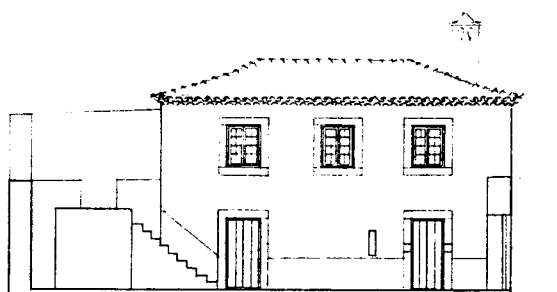
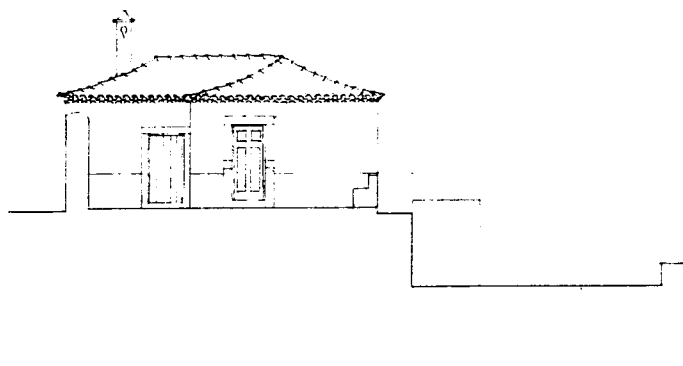
Idem

também no Arco a Casa de Balcão, a Quinta da Estrelinha no Arco da Calheta, a Casa em Esquadria no Campanário, ou ainda um número apreciável de casas desta tipologia em Ponta Delgada e S. Vicente, com algumas já a passar a fronteira para uma Arquitectura de feição erudita, sem contudo atingir a nobreza de um *solar*.

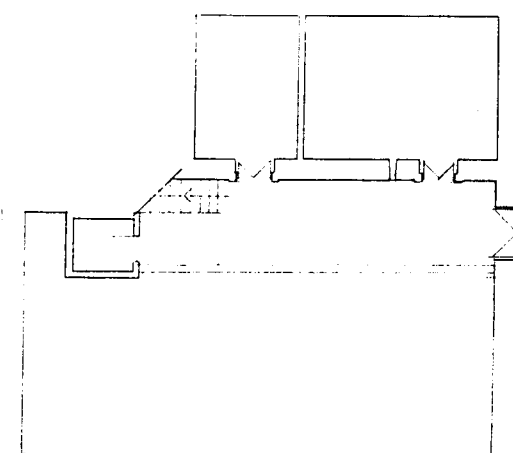
Num ápice passamos da elementariedade à quase condição de *solar* sem deixarmos de referir e conferir complexidade ao processo evolutivo. Verificamos assim que a tipologia elementar, (principalmente a *casa elementar com cobertura de telha*), é a semente de quase todas as tipologias ou pelo menos podemos associar-lhe uma série de parentescos e umas tantas referências, que a distingue notoriamente como a tipologia "eleita", que inclusivamente suportou através da tal matriz que nos referenciamos, toda uma evolução tipológica e formal. É ainda curioso verificarmos que temos duas linhas paralelas neste percurso; uma base linear, sóbria e popular, com balcão, latada e pequeno jardim, de uma singularidade total, e uma outra, a que dá ares a alguma pretensão, respectivamente as casas de cunho senhorial, mais expressivas e equilibradas na forma, na escala, na harmonia e proporções. Provavelmente numa aproximação à Arquitectura Chã, a uma "Arquitectura Eminentemente Portuguesa", no sentido de representar a "Alma Síntese" de uma identidade cultural.

Do caldeamento de experiências, fora do Continente Europeu, da assimilação de traços e fenómenos de contra cultura(s) como que numa apurada recolha de "estilhaços", ou de pedaços de memórias do(s) novo(s) Mundo(s) então descoberto(s) e disperso(s), bem como e sempre seguindo a tradição da Cultura Mediterrânica, da horizontalidade, do reboco e da cal, da austeridade, da procura do essencial, e na recusa do decorativismo exacerbado. Haverá diferenças significativas entre "popular" e "senhorial" mas também grandes pontos de contacto. No caso das casas de cunho senhorial estas são também envolvidas por uma atmosfera especial conferida pelos jardins de recato e simultaneamente de recreio, onde grandes árvores asseguram a condição de destaque na paisagem rural. E, naturalmente que se lhes reconhece uma maior riqueza de pormenor exterior e principalmente interior, onde se destacam armários embutidos entre paredes, armários cantoneiros, remates em madeira como rodapés, lambris, roda tectos, frisos em relevo e por

vezes utilizando pigmentos na caiação ou ainda tectos de "acompanhamento" da armação, quebrados nas tesouras com pranchas trabalhadas e pintadas. No entanto se nos detivermos demoradamente em determinados exemplos elementares, verificamos que estes aspectos estarão também contemplados de forma simplificada. Por outro lado é ainda nesta tipologia que surgem sinais de "modernismos" muito ao gosto da burguesia rural do principio do século como balaustres em escadas e balcões, portadas integráveis nas paredes, com alçados trabalhados debaixo dos parapeitos, a escaiola, frisos e elementos decorativos em tectos de gesso, num nítido apelo a uma riqueza de aparato. Estes sinais dos tempos terão surgido também por via do surgimento e/ou apuramento de outra tipologia mais desenvolvida, que terá influenciado com os seus aspectos mais formais e decorativos as tipologias mais elementares: referimo-nos á *casa complexa*.

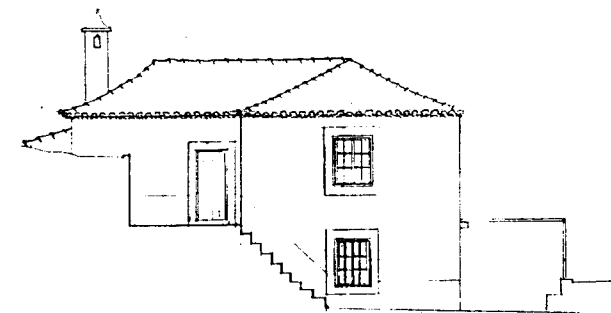
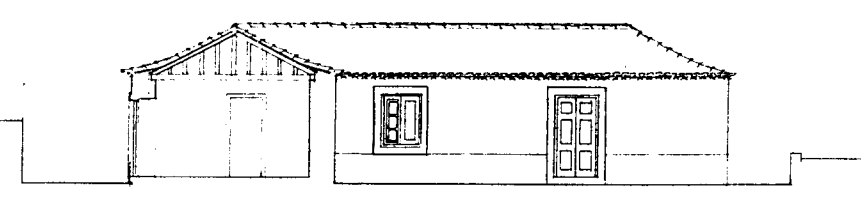
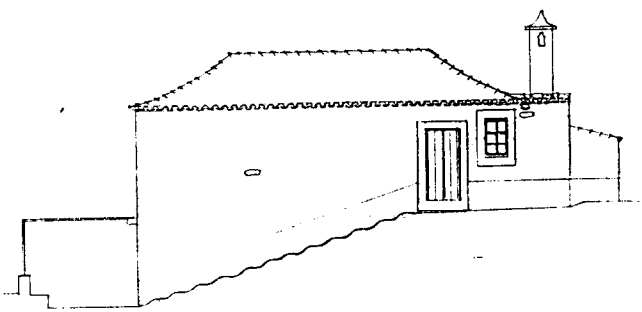
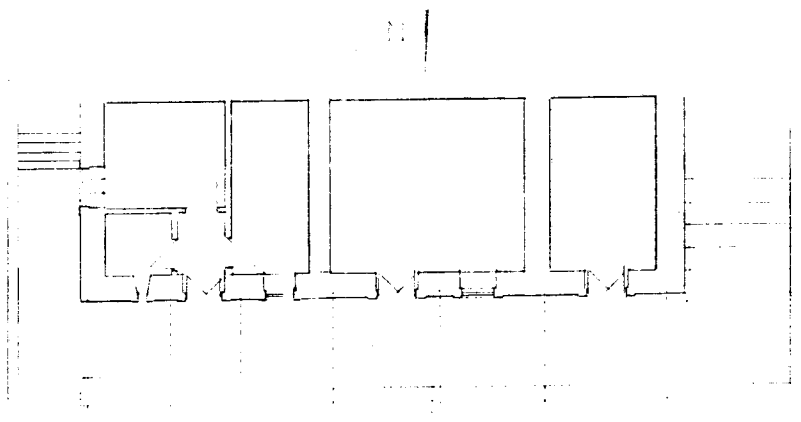
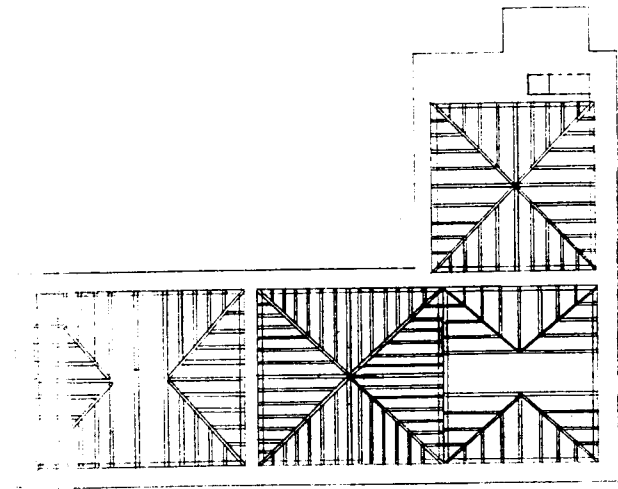
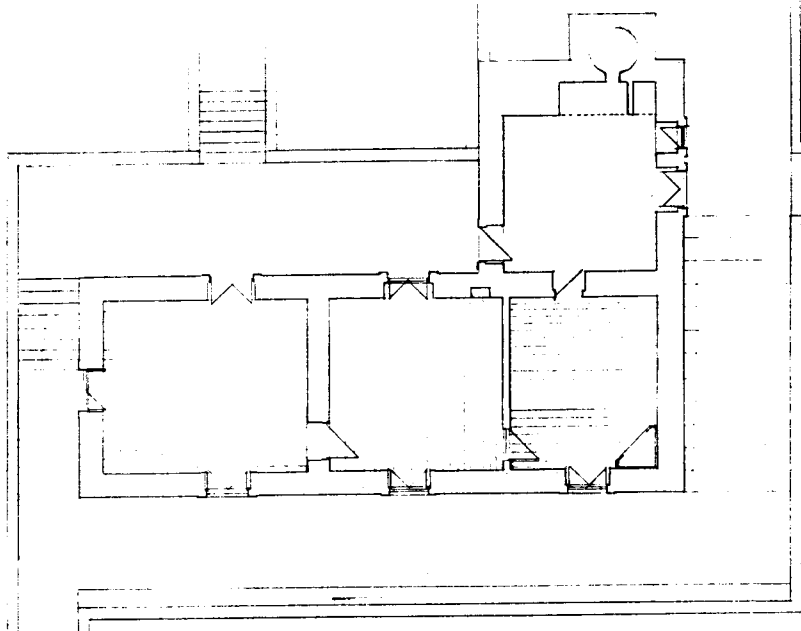
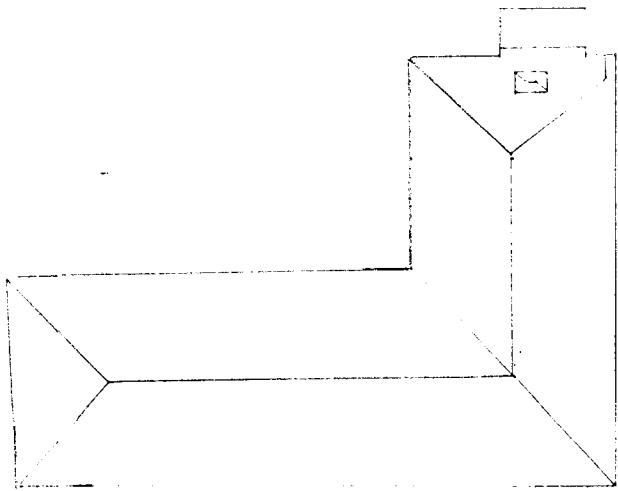


N |

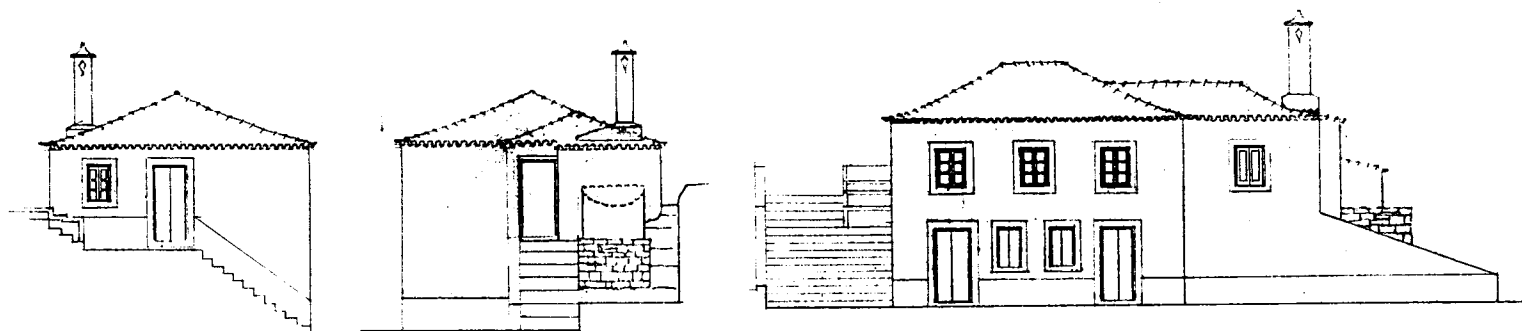
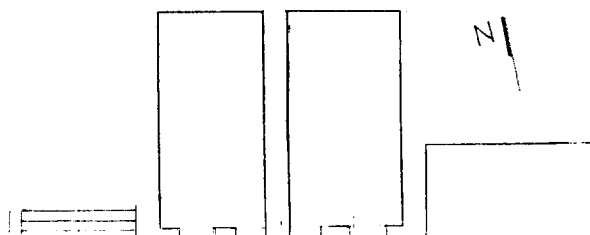
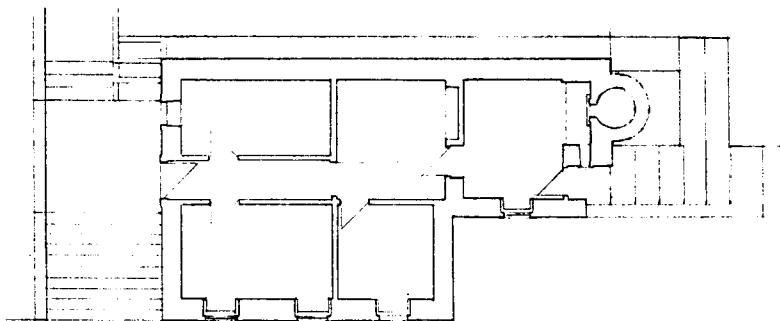
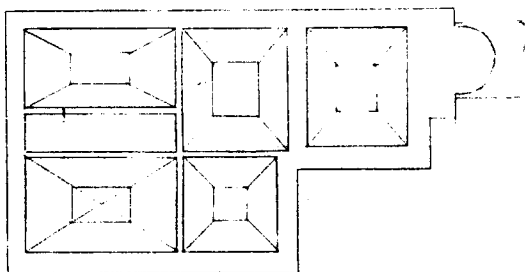
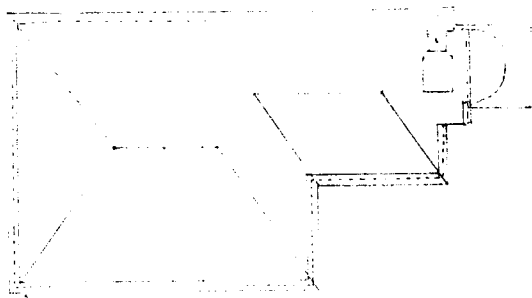


Porto Moniz

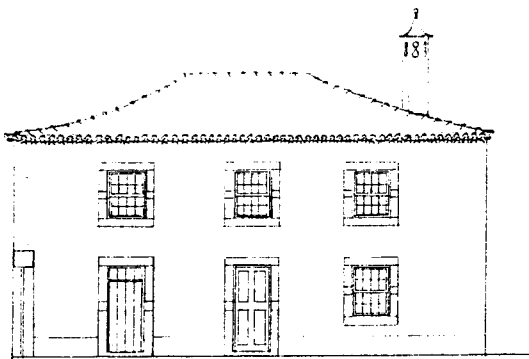
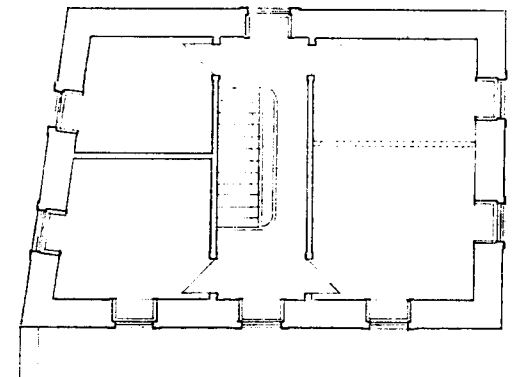
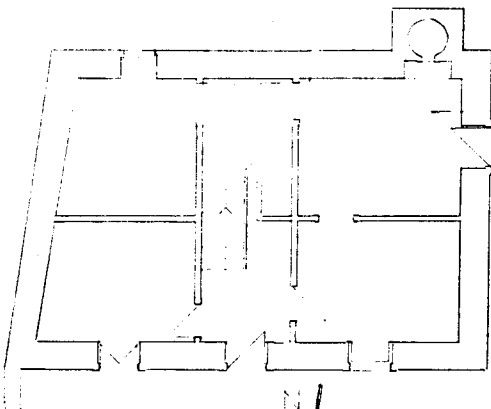
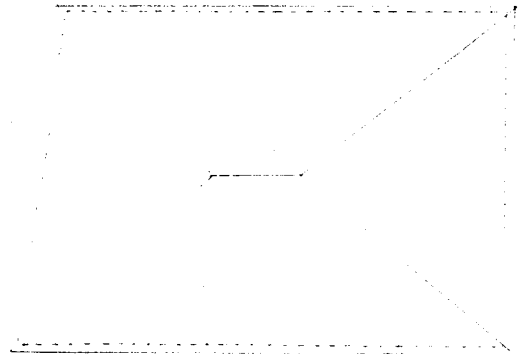
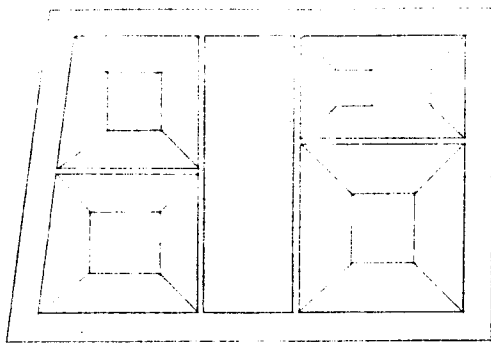
LEVANTAMENTO DA ARQUITECTURA POPULAR DO ARQUIPÉLAGO DA MADEIRA



Sítio do Carmo, Campanário.



Massapés, Porto da Cruz.



Estreito da Calheta.

6.1.5. A Casa Complexa de Cobertura de Telha

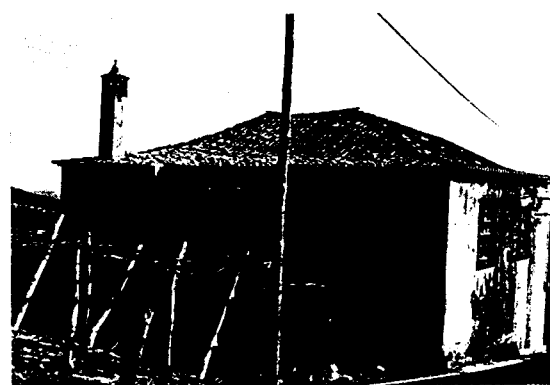
Esta tipologia revela-nos o surgimento, não ocasional ou de recurso, de um "espaço canal", ou espaço exclusivamente de circulação - o corredor. Assim a tipologia é "desenhada" em função da sua existência, já que este corresponde ao eixo estruturante da tipologia com implicação no processo construtivo.

O corredor associado a uma entrada centralizada, por vezes com alpendre assentando a fachada simétrica, com balcão generoso é próprio de um agregado com importância social e nível económico superior. O corredor por vezes subdivide-se logo à entrada criando uma ante-câmara que permite o "resguardo" da casa e um acesso "nobre" para uma saleta de receber, nas casas mais desenvolvidas, ou logo para uma sala de jantar nas de menor dimensão. Interiormente destaca-se ainda a amplitude dos compartimentos quer na sua largura quer na altura. Estas casas têm um aspecto exterior de "casarões" quadrados, com telhado único de quatro águas. Praticamente têm sempre dois pisos sendo o inferior para adega, lojas de alfaias e produtos da terra. A cozinha encontra-se sempre no piso superior sobre um maciço natural, ou artificial, este último construído com pedra de modo a suportar o peso do forno e do lar.

A cozinha encontra-se integrada, e invariavelmente localiza-se no extremo da entrada nobre, ou em esquadria com a entrada interior de acesso ao corredor. Em ambas as situações têm comunicação directa para o exterior.

Todos os compartimentos ladeiam o corredor podendo no caso das salas de jantar e/ou "salões de receber" ter duas portas. Nestas casas é comum o rodapé alto e uma travessa lambrim a 80/90 cm de afastamento do pavimento com ligação aos alizares de madeira dos vãos, que escondem com rico detalhe as portadas quando abertas. Um roda tectos em madeira ou em gesso completa o tratamento das paredes, seguindo-se os tectos em prisma sutados também em madeira fazendo lembrar os de maceira, ou em gesso, com frisos e figuras geométricas integradas.

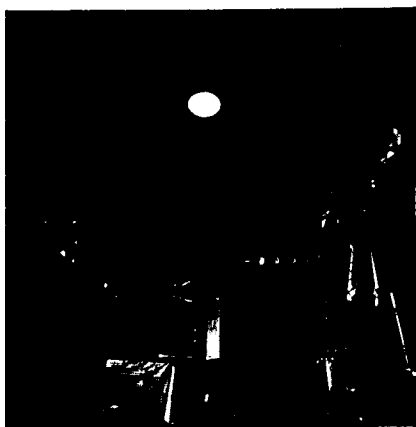
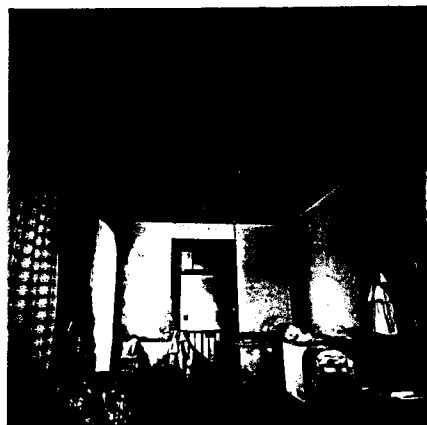
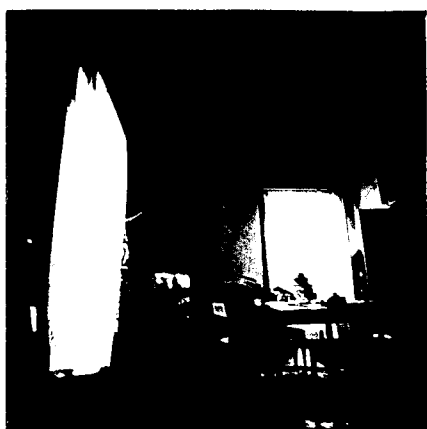
Estas casas terão surgido entre o primeiro e o segundo quartel do séc. XIX tendo o maior incremento nos finais do mesmo século. Muitas delas estão ligadas á emigração das "Índias Ocidentais" sendo algumas delas conhecidas como casas dos



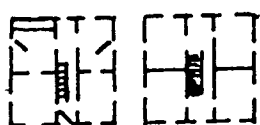
Ponta Delgada.

Estreito da Calheta.

Achada da Cruz, Santana.



"Demeraristas"⁽⁵³⁾, principalmente as de maior ostentação e aparato, integradas em propriedades de uma nova burguesia. São as mais recentes que apresentam quase sempre datas lavradas a seixo rolado junto das entradas. Todavia consideramos que algumas terão surgido num contexto algo diferente, ou seja entre a continuidade evolutiva das tipologias rurais de maior expressão, na tradição dos Morgados e das casas urbanas de famílias fidalgas com posição social e económica dominantes, muitas delas proprietárias de Morgados. Não sendo exclusivo desta tipologia podemos no entanto associar a janela de guilhotina, como elemento característico destas casas, assim como as portas de grandes dimensões construídas com associações de almofadas em altura e largura. Em ambos os casos são casas modulares. Desenvolvem-se com a associação do número par de compartimentos estruturados pelo corredor. Ou no caso dos salões na supressão da parede que define esta modulação. Ficando no entanto marcada no exterior pela respectiva janela e pelas portas no interior. Ou seja, as fachadas são regulares, vãos e panos de paredes, têm distâncias entre si e proporções idênticas, em fachadas simétricas. O rigor da modulação na maioria dos casos chega às cantarias dos vãos que são integralmente idênticas no número e dimensão das pedras que as compõem. Trata-se de uma construção que não aceita o improvisado ou a solução de recurso quer na identidade tipológica quer na solução construtiva. E se nas outras tipologias os "acidentes" de percurso como as sucessivas ampliações por vezes dão graciosidade à tipologia, esta porém "reage" mal a qualquer ampliação espontânea tomando-a logo num "doloroso abecesso". Ou seja trata-se de uma "tipologia acabada" que foi pensada como um todo finito, indivisível e sem associações possíveis. Talvez nos revele o fim da Arquitectura Popular em termos de uma potencial cadeia evolutiva tipológica, e em moldes construtivos artesanais.

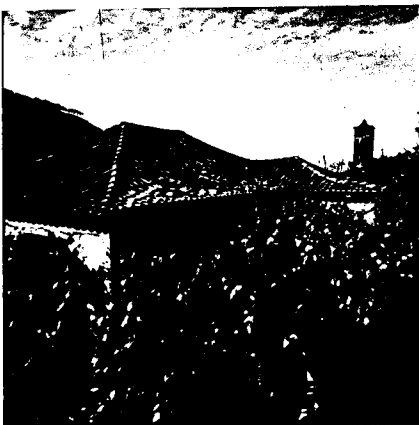
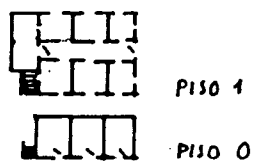


Achada da Cruz, Santana.

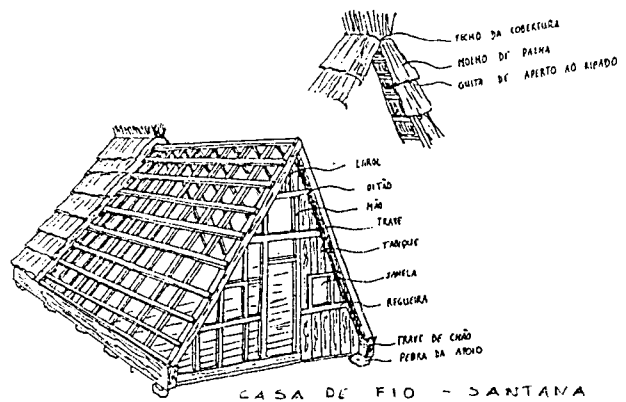
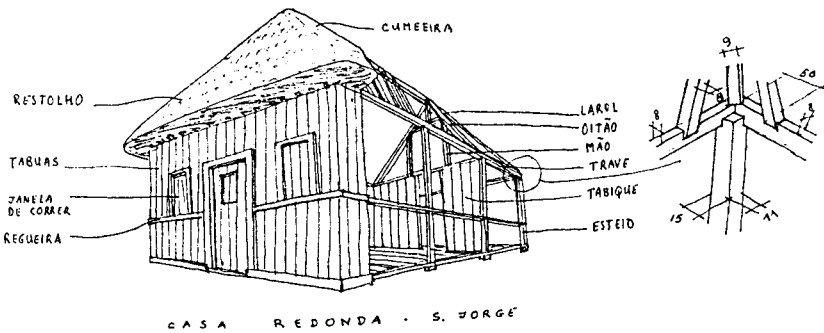
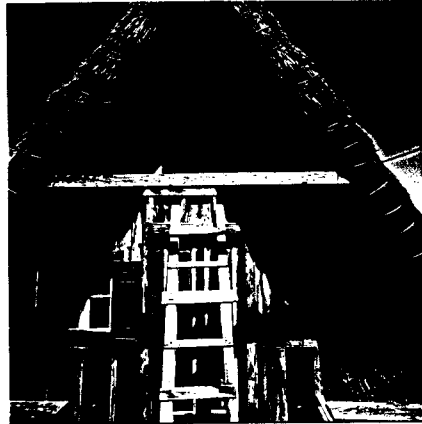
Idem.

Idem.

⁵³ *A Imigração Madeirense*, António Teixeira de Sousa, 1º Congresso das Comunidades Portuguesas, 1965, pág. 8 - " Por 1840, alguns elementos da Colónia Inglesa residentes na Madeira, sabendo que Demerara (Guiana Inglesa) precisava de pessoal para desenvolver a sua produção e comércio, promoveram a emigração de trabalhadores, madeirenses com aquela destinação. Há poucos anos calculava-se existirem naquela região mais de 15. 000 descendentes daqueles emigrantes. (...) Foram vários milhares, os Madeirenses que emigraram, não só para Demerara como também para outras colónias Inglesas da América, designadamente a Ilha Trindade. Alguns realizaram fortunas apreciáveis, tendo uma parte destes regressado à Madeira, para ali passarem em sossego o resto da sua vida. "



Ribeira da Janela; Loreto; Loreto.



Santana.

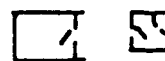
6.1.6. As Casas de Fio e Meio Fio. A Casa Redonda Elementar e Complexa

São constituídas integralmente em madeira e denotam grande disciplina construtiva. A armação é uma espécie de "quadro" onde todas as "peças" se encaixam e ajustam perfeitamente. Quase que se poderiam ter montado em série, com os componentes construídos em estaleiro. No entanto, a sua constituição integralmente em madeira era tradicionalmente feita no local, onde o mestre carpinteiro improvisava a sua oficina. Esta tipologia revela ainda o gosto pela côr, surgindo assim, combinações cromáticas contrastantes com as flores, suspensas em vasos nas fachadas. As *casas de meio - fio* serão uma inovação recente (séc. XX), caracterizada fundamentalmente pela elevação da armação da cobertura em cerca de 90 cm do solo em todo o perímetro, permitindo um melhor aproveitamento do espaço interior, evitando o esconço junto ao pavimento.

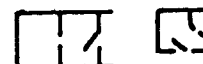
Estas casas na sua maioria são construídas em alvenaria de pedra ou em bloco de cimento, tanto o muro/parede circundante como a fachada. É ainda vulgar nas *casas de fio e meio fio*, se aproveitar o desnível do terreno onde se implantam, surgindo assim lojas não comunicantes interiormente. No entanto e nos casos mais antigos detectados, as casas elevam-se directamente do solo implantando-se sobre pedras soltas, libertando a base da armação de um contacto directo com a humidade, ou ainda nos casos de melhor fábrica através dos esteiros de duplos espigões metálicos que se encontram em cada extremidade fixando-se á pedra. Duas situações de natureza funcional, com conseqüências formais, que quase desapareceram nestas tipologias, respectivamente a porta/passagem lateral de acesso á cozinha separada e a escada/varanda na empena da casa, quando esta se eleva do solo em dois pisos, ficando o inferior para apoio ás actividades agrícolas. Talvez a difícil manutenção de ambos esteja na origem do seu desaparecimento.

Curiosamente as duas zonas de maior expressividade e exclusividade em termos tipológicos encontram-se fisicamente encostadas.

Santana e São Jorge, são a chaneira Norte Oriente e Norte Ocidente da Ilha. A comunicação viária entre ambas só foi possível este século e mesmo os caminhos de ligação a pé ou



Santana.



Idem.

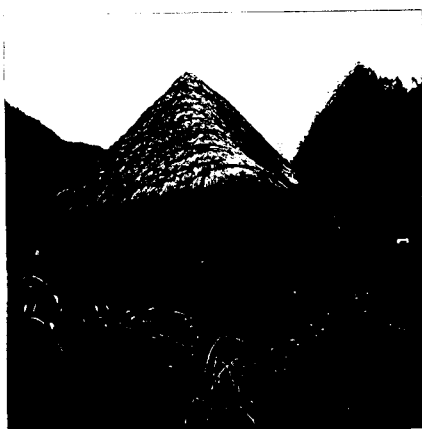
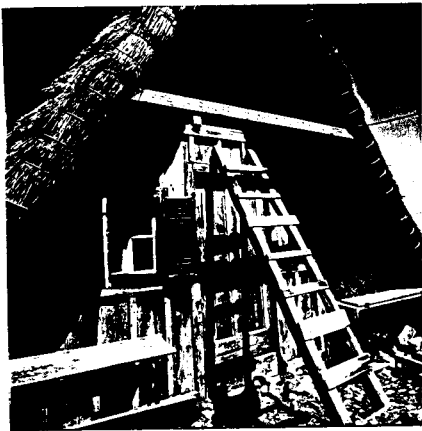


Idem.

PISO 0



Sant'Anna.



Postal - Sant'Anna.

Santana.

Idem.

Achada do Marques, São Jorge.

a cavalo eram difíceis, valendo-lhes a cabotagem na praia de São Jorge, para o escoamento e abastecimento de produtos e transporte de pessoas.

Enquanto Santana disfruta de um ângulo visual para Nascente e Ilha do Porto Santo, São Jorge olha o Norte do Oceano vazio e as encostas abruptas, num primeiro plano até Ponta Delgada, e num segundo, quase sempre entre neblinas, a ponta do Porto Moniz. Em São Jorge praticamente não existem *casas de Santana*, como o inverso também se verifica. Todavia surgiu uma tipologia única, a *casa redonda*. Esta, e apesar do nome local é no entanto rectangular, mas devido à sua configuração geométrica, em que as quatro fachadas quase têm a mesma dimensão, assim como a altura e construção da cobertura de palha com os cantos arredondados, quase, e numa leitura forçada, parece redonda. Para além de São Jorge e do seu perímetro, registamos ainda interessantes exemplares na Achada do Marques e na Ilha. Estas duas Aldeias encontram-se numa situação geográfica de interior num total isolamento, no caso da Achada do Marques, só rompido este século com a abertura e um túnel e a construção da respectiva estrada. Como o nome indica trata-se de uma ilha dentro de outra ilha.

A Achada do Marques foi um coerente aglomerado de casas e palheiros, uma espécie de Santuário da Arquitectura Popular das *casas redondas*. As últimas décadas apagaram praticamente uma História de Séculos.

Resiste uma casa redonda secular que para se manter de pé, se encontra amparada já à muito tempo por uma série de "gigantes" de madeira de modo a assegurar a estabilidade do conjunto, conferindo-lhe um ar respeitável e enigmático, próprio da idade avançada. Desfruta de uma localização central e altaneira, e domina com a dignidade de um monumento o conjunto da Aldeia ou o que resta dela.

Tipológicamente podemos classificá-la ainda de elementar mas na fronteira com as complexas. Apesar de não ter corredor ou outro espaço distributivo, exclusivo para esse efeito, a sua planta em cruz com circulação entre compartimentos a partir de uma sala de entrada ou da cozinha, denota por um lado uma grande "economia" de espaços de circulação garantindo a perfeita circulação, por outro lado, uma evolução no conceito de habitar.

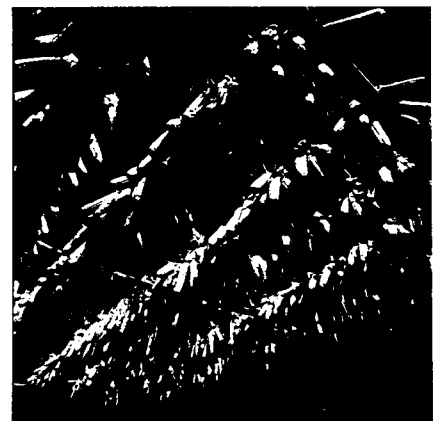
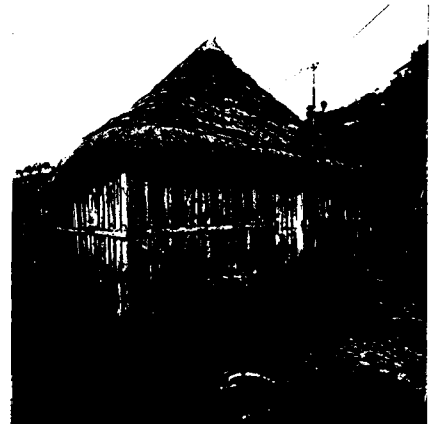
Tal como na casa duplicada esta ganhou outra dimensão da enovação introduzida, através do "dobrar" por encosto da

planta linear. Solução simples e eficaz, a um passo da solução complexa. Situação que veio consagrar esta tipologia, como uma das mais conseguidas (e estimadas localmente), no plano das tipologias populares madeirenses.

Mas para que a regra não exista sem a excepção, assim sucede no caso desta tipologia, que encontra paralelo num núcleo junto à zona de Santana precisamente na Feteira de Cima. Aí encontramos casos cuja tipologia em tudo se assemelha às da Achada do Marques, no entanto as paredes exteriores são construídas em pedra rebocada e caiada, sendo o interior integralmente em madeira. Em ambas as zonas se pode observar o aproveitamento de um sotão. Apenas aberto numa divisão para assegurar o acesso, ficando geralmente a sala com todo o desvão da cobertura.

Esta tipologia impressiona pela altura que atinge a armação da cobertura, sempre travadas pelas tesouras, colocadas a um metro da cumeeira. A cozinha é construída à parte (como na Achada do Marques) e tem forno interior normalmente associado a um pial elevado onde se preparam os alimentos e se faz o fogo para cozinhar. É também frequente que um conjunto de varas ou toros formem uma espécie de armação plana, apoiada nas paredes e intercalada com os toros da armação da cobertura para guardar lenha e os apetrechos do forno, respectivamente a pá do pão, a vassoura de trapos (para limpeza do forno), a amassadeira e a tábua de tender a massa. Como todas as cozinhas de cobertura de palha também esta apresenta um aspecto totalmente enegrecido pela ausência de qualquer chaminé. O fumo com dificuldade sai em "lufadas" por entre a palha, provocadas pela corrente de ar da porta. Quem vê de fora observa os "novelos" de fumo branco a surgir por entre a palha, como se fosse o início de um incêndio. Interiormente tem-se dificuldade em vêr e respirar sempre que se ateia o lume, principalmente para o aquecimento do forno.

A cozinha mesmo quando distante da casa é o centro vivencial. Aqui se prepara e confeccionam os alimentos assim como se tomam as refeições. Também aqui se executam alguns trabalhos domésticos como bordar, cozer roupa, e fiar, entre outros, e se preparam os trabalhos ligados à lavoura como preparar as pinhas de maçarocas, libertar o feijão seco da vagem, preparar as batatas para a terra, limpar os inhames, etc.. A cozinha enquanto lugar polivalente prolonga-se no "espaço da porta".

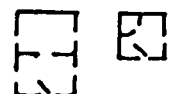


São Jorge.

Idem.

Idem.

Santana.



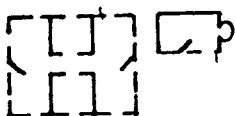


Postal - Foto Figueiras : Casa de Campo - Madeira.

Postal - Foto Perestrellos : 110 -Bordadeiras - Madeira.

São Jorge.

Idem.



A vida da família é "à porta" da cozinha e por vezes à porta da "casa dos quartos". Vive-se na "fronteira" do espaço interior coberto e o espaço exterior abrigado.

Também nesta tipologia o espaço de balcão/jardim como prolongamento natural da casa, constitui uma espécie de divisão coberta, pela latada onde se trabalha, convive, e ao Domingo se descança um pouco, recebendo as visitas.

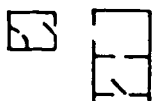
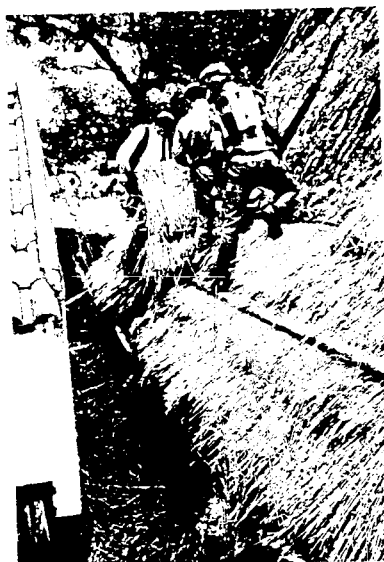
Mesmo nas casas mais modestas esta forma de habitar o espaço exterior é uma das características, generalizada, praticamente a todas as tipologias.

No caso das *casas de fio e meio fio* o espaço de "jardim" surge quase sempre em miniatura. Vasos, tachos antigos, alguidares, latas, tudo serve para colocar uma planta com flores garridas vetustas. Por vezes estas são suspensas por toda a fachada, depostas nas janelas, envolvendo o perímetro da cobertura, que termina não no chão mas entre flores, conferindo á casa um aspecto de conto de fadas onde se vive com a felicidade da cor das flores.

A *casa de cobertura de palha complexa* ou *redonda complexa*, por se tratar de uma única tipologia e por ser mais fácil a sua leitura através de um enquadramento com as outras tipologias de cobertura de palha entendemos ser conveniente descrevê-la já e no seguimento da tipologia da *casa redonda elementar*.

Esta também se denomina localmente como *redonda* e é de todas a maior em área de implantação e em volume. As suas principais características são a construção integralmente em pranchas de madeira dispostas ao alto, e a altíssima cobertura. Tipológicamente destaca-se pelo surgimento a eixo de um corredor central que atravessa a casa de "fora a fora". Com uma porta na "fachada principal" directamente para a sala de visitas, e outra para o corredor de acesso aos quartos, terminando este noutro compartimento (sala de jantar) com acesso fácil á cozinha destacada no exterior. Formalmente é uma casa cuidada e denota um grande cuidado construtivo próprio de mestres carpinteiros. A revelação deste extremo profissionalismo é expresso nas janelas e portadas de correr. A cozinha é também separada, e apresenta igualmente o aspecto da *casa redonda*. Tem forno interior, pavimento de madeira e terra, janelas e portadas de correr, e é construída integralmente em madeira.

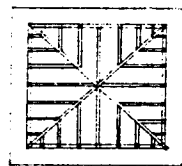
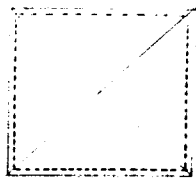
A *casa redonda complexa*, representará a evolução máxima da tipologia linear com cobertura de palha.



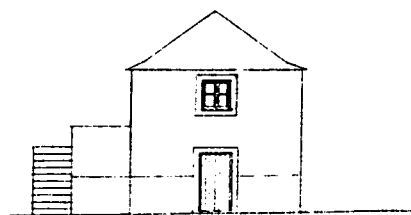
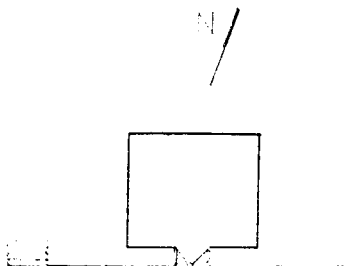
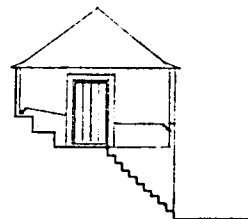
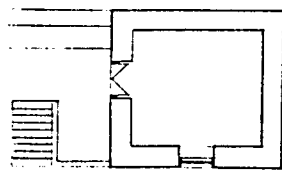
Santana: abafando uma casa.

1. Transporte do restolho (palha de trigo enraizada)
2. Após remoção do colmo velho, inicia-se o trabalho de baixo para cima.
3. Escolhendo a palha para fazer os maranhos; vê-se ao fundo o vime que, segundo o preceito tradicional, é previamente cozido em *fumeiro de fogão de lenha* durante quatro horas.
4. Na preparação dos maranhos procura-se uniformizar o tamanho, o volume e o enraizamento; um homem dá serventia de baixo para cima.
5. De modo a permitir o trabalho, são colocadas provisoriamente varas no sentido horizontal.
6. O restolho é colocado cuidadosamente com a raiz para cima.
7. Um homem por dentro espeta a agulha que leva o vime ou o arame; dois a três homens por fora recebem o vime, ou o arame, e devolvem-no depois de o passar sobre o restolho. Finalmente é apertado contra a armação de madeira.

O trabalho de abafar uma casa leva 11 feixes de restolho (um feixe são 24 maranhos), 10 centos de vimes ou $\frac{1}{2}$ arroba de arame, ocupando 4 a 5 homens durante um a dois dias. (Cada maranho custa actualmente cerca de 1.000\$00)



ARRAÇÃO DA
COBERTURA FAMILIAR
ACTUALMENTE C/ LAJE



6.1.7. A Casa Torreada

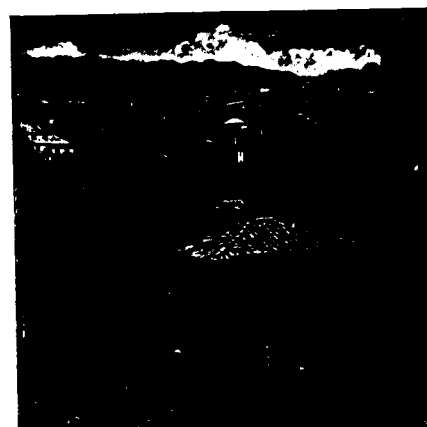
Esta tipologia deverá remontar á fase inicial do povoamento e poderemos associá-la aos modelos antigos que "aportaram á ilha". A sua geometria é fácilmente associável á *casa saloia* dos arredores de Lisboa.

O *torreão quadrangular* com telhado de quatro águas é o elemento proeminente que a identifica.

Curiosamente esta "tipologia de várzea" não encontra na Ilha da Madeira um território muito propício embora os exemplos detectados se localizem em zonas com alguma amplitude visual e isolamento de construções, na época da sua implantação. Seria no entanto mais previsível a sua implantação na Ilha do Porto Santo, situação que não se verifica. Contudo podemos encontrá-la nas Ilhas Canárias de Lanzarote e Fuerte-Ventura ⁽⁵⁴⁾ assim como na Ilha de Santa Maria nos Açores ⁽⁵⁵⁾. Esta situação revela-nos que houve transposição de modelos Continentais da Arquitectura Popular para os novos territórios alguns, como este caso, sem sofrerem adaptações ou grandes transformações ao longo dos séculos. Esta tipologia permaneceu imutável, estando agora, e no caso da Madeira, num processo aparentemente irreversível de se extinguir.

Esta tipologia tem dois pisos habitados, ligados por uma escada interior de madeira sendo a cozinha no piso térreo. Curiosamente encontramos um exemplo em que o acesso ao torreão se faz exclusivamente através de escadas exteriores. A cozinha localiza-se precisamente na base do torreão o que se poderá supor tratar-se de uma inovação local, ou uma casualidade, uma vez que se detectaram poucos exemplos.

Todavia o que mais se evidencia desta tipologia é a métrica exacta. Ou seja, o modelo é transposto não só pela forma ou simples aspecto arquitectónico, mas, e principalmente, pela rigidez da escala e das dimensões de módulos fixos. Quiçá se não será este o seu maior contributo uma vez que as tipologias lineares antigas apresentam modulações semelhantes. A nossa interrogação vai principalmente para este aspecto da escala-métrica-módulo, que inicialmente se utilizou na construção das primeiras casas de alvenaria.



Lomba do Canhas, Ponta do Sol.



⁵⁴ *Levantamento da Arquitectura Popular das Canárias*, trabalho efectuado por Victor Mestre em 1985, parcialmente editado no *Jornal Arquitectos*, 1985/ 1986.

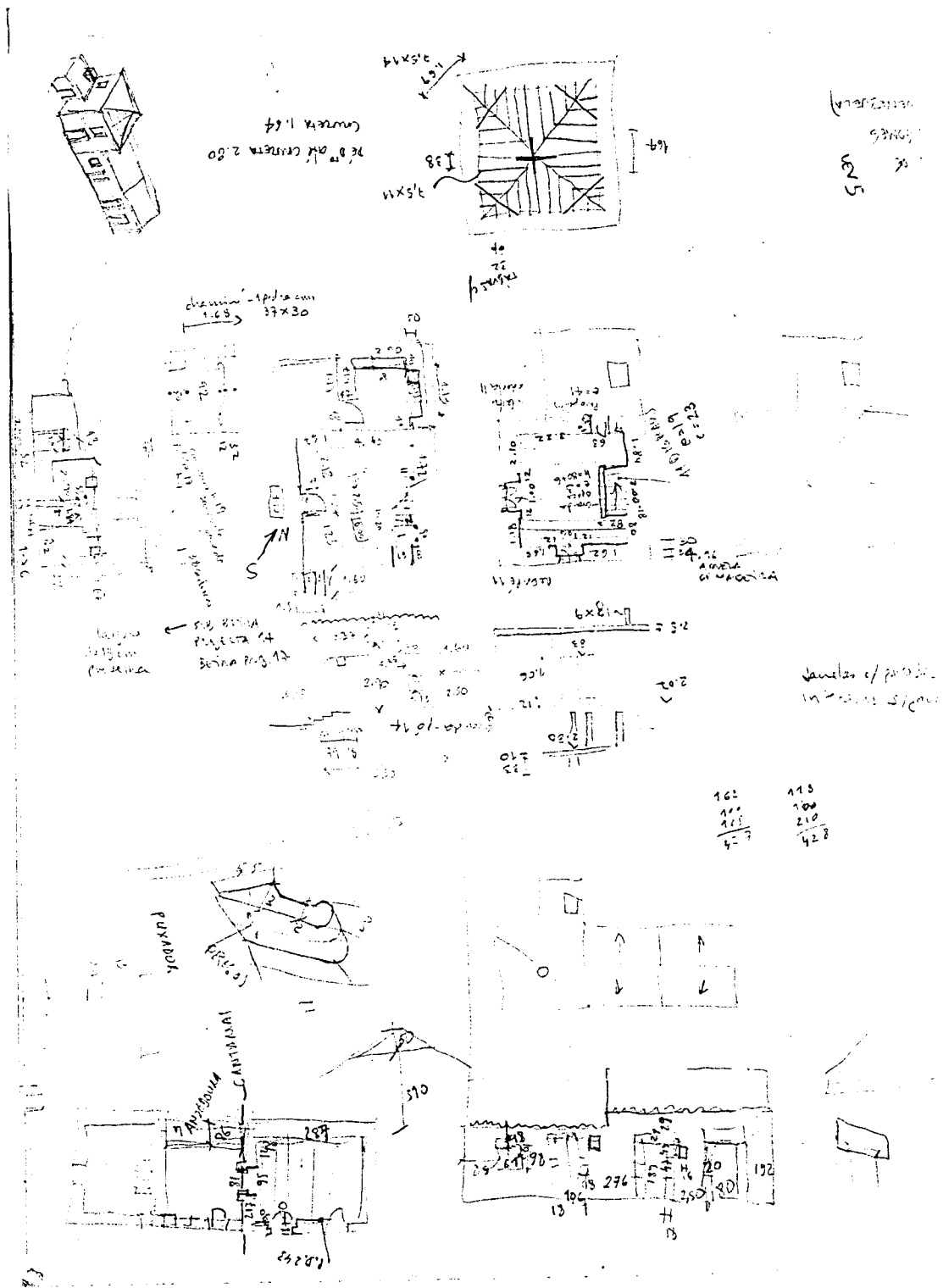
⁵⁵ *idem nota 2.*

Terão sido transpostos integralmente os métodos construtivos Continentais? A avaliar pela sobreposição de plantas e até de alçados do Continente, dos Açores, Canárias e Madeira, tudo leva a supor que sim.

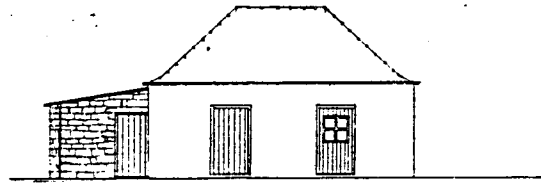
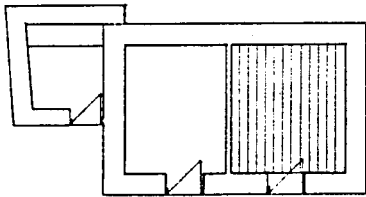
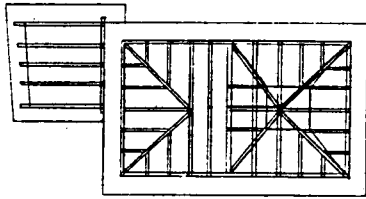
Podemos então concluir que há tipologias que se implantaram com os cânons utilizados no Continente e que se adaptaram os materiais locais à sua construção sem grandes dificuldades. No caso da Arquitectura erudita esta situação é mais visível principalmente em termos formais onde pórticos, janelas, varandas, pias batismais, começaram a ser executadas no Continente e transportadas para os novos territórios, naturalmente que as regras e proporções dos edifícios públicos ou da fidalguia executados por Arquitectos ou Mestres do Reino seguiram as do Continente (⁵⁶).

As primeiras casas das Vilas, as casas de padre junto das capelas e ermidas espalhadas pela ilha, as casas de morgado e esta *casa torreada*, serão provavelmente os modelos de base em alvenaria de pedra de uma arquitectura regional que se implantou e serviu de primeira referência. Na maioria dos casos a tendência foi de simplificação do(s) modelo(s), surgindo assim como tipologias rurais mais correntes, os modelos mais lineares. Porém noutras a síntese é a palavra mais adequada uma vez que se mantiveram laços mais expressivos com o modelo inicial, principalmente a nível da imagem exterior como os telhados abatidos, o duplo beiral a pouca altura das casas, e o tipo de vãos.

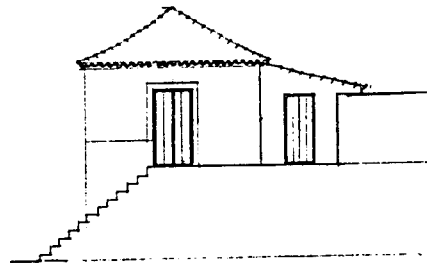
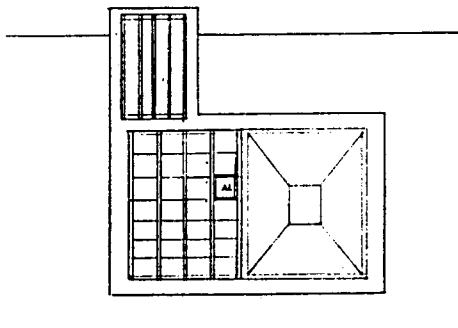
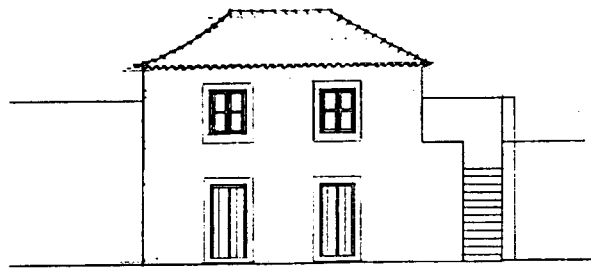
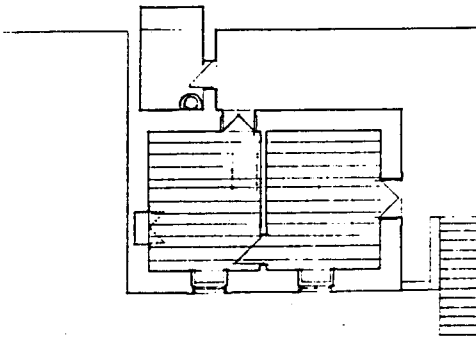
⁵⁶ ver nota 39.



Apresentação, Ribeira Brava: (ficha n.10 / lev.5 /Abr-Mai 96).



Lombo do Salão, Calheta.



Campanário.

6.1.8. As Casas Modernas

Entendemos como *casas modernas* aquelas que foram construídas já neste século. São em grande número por toda a ilha e provavelmente implantaram-se em novos arroteamentos de terras, entretanto adquiridas por emigrantes regressados entre guerras, da América e Brasil mas principalmente de Curaçau e Venezuela (⁵⁷). Uma parte justificativa destas casas são no entanto construídas no período pós-guerra, a avaliar por testemunhos orais recolhidos, e por alguma (rara) datação, inscrita principalmente nas chaminés das próprias casas.

Os modelos curiosamente são como que decalcados dos "modelos tradicionais" quase réplicas. A maioria das tipologias são lineares, de um ou dois pisos, com cozinha integrada sempre com cobertura de telha, onde se observa o uso de telha de canudo ou portuguesa, nas mais antigas, e telha marselha nas simplesmente renovadas ou construídas de raiz mais recentemente.

As casas complexas de dois pisos e de grandes dimensões, são pouco frequentes no entanto, o inverso se passa com o modelo de um piso, e reduzida escala, com um corredor mínimo, por vezes numa situação híbrida de ocupar apenas o espaço da sala de entrada. Estas casas raramente atingem grande dimensão ou complexidade ficando-se por um piso térreo por vezes com aproveitamento de sótão. Tal como os modelos tradicionais e principalmente no caso das tipologias lineares com cozinha integrada, têm uma fachada tardoz sem qualquer fenestração.

A identificação destas casas como *modernas*, independentemente de lineares ou complexas, e num primeiro olhar, deriva principalmente de aspectos formais, como as portas largas e altas com bandeira, o beiral e o telhado de

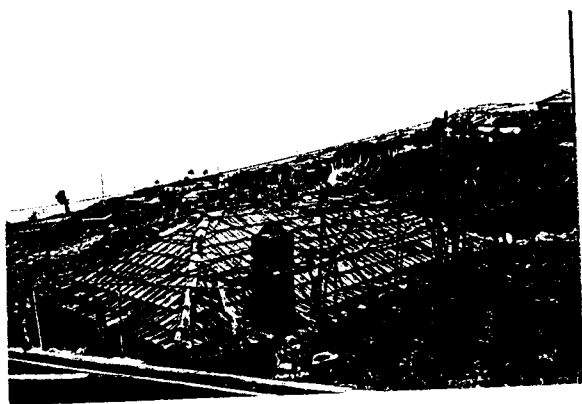
⁵⁷ *idem nota 53, pág. 9 -* " De 1872 a 1879 emigraram 6.624, e de 1882 a 1889, 13.750 de 1890 a 1913 saíram da Madeira 44.893 emigrantes na maior parte com destino aos E.U. da América do Norte e ao Brasil, e ainda a outros Países. Nota-se um surto elevado de emigração no ano de 1920 com 6.437 saídas, mas a crise que sobreveio à primeira Guerra Mundial reflectiu-se na diminuição do ritmo de emigração, até que, no período de 1937 a 1940, se observa a saída de 7.734 emigrantes, a maior parte com destino aos trabalhos das refinarias de petróleo, na Ilha de Curaçau. "



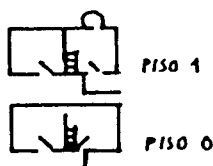
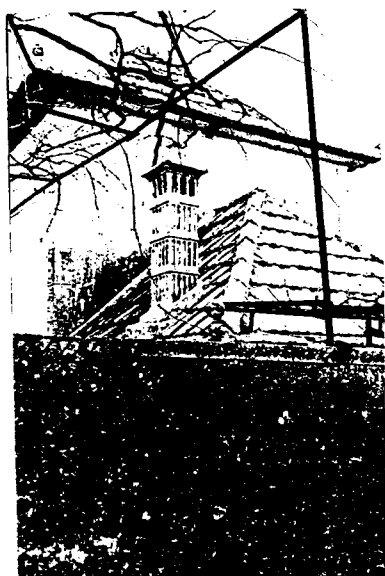
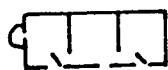
Lombo do Meio, Ponta do Sol.



Girão, Estreito da Calheta.



Girão, Estreito da Calheta.



Idem.

telha marselha⁽⁵⁸⁾ com pombinhas, ou telhado de telhas de cimento em chadrez. Chaminés esbeltas com molduras, janelas modulares com ou sem tapa-sois. As ombreiras, vergas e molduras são em argamassa geralmente estreitas e com traços de corte na tentativa de reproduzir a estereotomia das cantarias antigas.

Quanto mais recentes mais se afastam das técnicas e dos materiais tradicionais. Assim as paredes são mais estreitas, mesmo as em alvenaria de pedra, e na sua maioria, principalmente as construídas a partir dos finais dos anos 40 princípio dos 50, são executadas em blocos de cimento.

Todavia as armações da cobertura continuam fiéis ao processo construtivo e á métrica das tradicionais. São o ponto de honra dos mestres construtores, e assim permanecem imutáveis. Numa primeira fase, provavelmente entre guerras, as coberturas apesar de um pouco mais altas mantêm ainda um aspecto próximo das casas antigas tradicionais ou seja, os telhados são quase que abatidos ficando o contrafeito praticamente plano nas últimas duas a três fiadas de telha até ao beiral. Todavia e pensamos que foi no período pós-guerra que os telhados de quatro águas se elevaram numa inclinação inusitada acentuando a pouca largura das casas, acabando curiosamente por nos dias de hoje reproduzirem a imagem mais comum da Arquitectura Rural da ilha. Esta situação terá explicação na utilização sistemática da telha marselha e da telha hexagonal de cimento, esta com menor êxito, terá provavelmente contribuído para esta inclinação, face á facilidade com que se fixa, resistindo aos deslizamentos provocados pelo vento. Esta(s) nova(s) telha(s) terá(m) proporcionado o surgimento do sótão primeiro para guardar os produtos da terra e com menos frequência para num "meio-sótão" funcionar como quarto. É assim vulgar vermos nestes telhados uma chapa de vidro no lugar de uma telha para garantir iluminação natural.

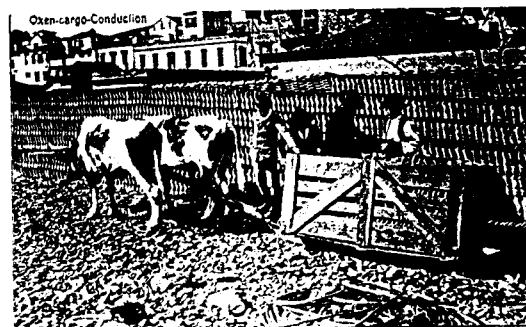
Estes modelos surgiram como modelos reproduzíveis face ás posses e necessidades dos seus proprietários: desde a situação mais elementar de cozinha e quarto ou seja com uma porta e

⁵⁸ A telha marselha foi introduzida na Madeira nos finais do séc. XIX pela firma M.A.Silva Passos (suc.^o), com sede na Rua dos Murças, n^o 41. Esta firma representava no Funchal a Sociéte Generale de Transports Maritimes a Vapeur com carreiras regulares - mensais, "por vapores de 3:400 a 5:000 toneladas", de Génova-Marselha para a América do Sul, com escala em Barcelona, Valência, Málaga, Gibraltar e Madeira. Esta informação foi gentilmente cedida pelo Dr. José da Silva Passos, veja-se o "Roteiro e Guia do Funchal", Funchal, 1910, da autoria do Eng. Adriano A. Trigo e Annibal A. Trigo.

uma janela até á mais desenvolvida de "planta dobrada" em cruz ou seja com compartimentos para uma fachada "nobre" e a cozinha e quarto (ou quarto de arrumos) para a fachada posterior, também geralmente sem vãos, ficando estes nas fachadas laterais ⁽⁵⁹⁾. Mas terá sido entre estas duas tipologias que surgiu a solução mais engenhosa ou seja a casa com dois pisos ou a casa térrea com sótão, utilizando a escada interior como elemento de ligação, evitando a saída para o exterior, como na generalidade das tipologias antigas (apenas se detectaram excepções pontuais). Quase que nos atrevemos a justificar, que os modelos elementares afinal são complexos uma vez que a escada transmite esta percepção. De facto, podíamos supor que a tipologia com escada permite neste caso unificar os pisos tomando-se num elemento estruturante, mas tal não sucede ⁽⁶⁰⁾. Esta surge como um elemento menor: estreita, empinada, localizada preferencialmente a um canto da cozinha com ligação a um compartimento superior e sempre com um alçapão a dificultar o seu uso quotidiano. No caso das casas elementares de um piso a escada para o sótão está localizada indiferentemente na cozinha ou num outro compartimento e sempre com alçapão. Em ambos os casos a escada não parece ter surgido para uma utilização constante mas antes de recurso. A sua construção revela que a tipologia não a "assimilou" como elemento capaz de revolucionar o espaço. Antes, ao não se aumentar a métrica do módulo construtivo ou seja, a largura dos compartimentos, ao se tornar autónoma entre compartimentos tornou-se inclusivamente em algo que subtrai espaço, já por si exíguo. Não raras vezes verificamos que fica intransitável porque serve como despensa para vários utensílios, uma espécie de armário aberto. No entanto algumas destas escadas, acabam por ser integradas nas cozinhas não pelo seu uso mas por via do improvisado de curiosos, ou do engenho de mestres carpinteiros através do aproveitamento do desvão para

⁵⁹ A reprodução destes modelos face ao rigor construtivo da métrica, à escala, aos acabamentos e á nítida ligação com os modelos tradicionais levou-nos a supor que terão surgido através de projecto planeado por arquitecto ou mestre de obras instruído. Procurámos nas Câmaras e junto de pessoas ligadas à arte principalmente as mais idosas, mas não obtivemos qualquer pista que nos leve a esta conclusão. Apenas que os mestres não usavam desenhos: limitavam-se a perguntar pelo "tipo de casa" que queriam que se construísse, apenas dando exemplos de outras já construídas. Depois o preço era combinado consoante se tinha um ou dois pisos e quantas divisões. O número de janelas e portas era determinante no preço. Poucos motivos decorativos eram introduzidos apenas as pombinhas e as chaminés pré-fabricadas.

⁶⁰ Visitaram-se dezenas de casas desta tipologia com o propósito de avaliar a constância de escadas interiores.



Postal - Tarjeta Postal - Madeira - Oxen-Cargo-Conduction.

Postal - Madeira Costumes.

Sítio do Ingriota, Lombo das Terças, Ponta do Sol.

armário com vários níveis e portas assimétricas, surgindo assim soluções reveladoras de um genuíno artesanato. O útil resulta belo, como tantos outros sinais quase imperceptíveis mas presentes na arquitectura popular desta região.

Construtivamente estas escadas são como que a fixação das escadas de encosto. Serão uma (possível) evolução modesta, denunciada pela sua estreiteza e inclinação. A sua implantação por vezes transversal às linhas (barrotes) do pavimento permite que se fixem a um deles. O pavimento é assim interrompido em duas ou mais linhas conforme a distância entre si e a inclinação das escadas, normalmente muito prenunciada. Os degraus são fixos (cobertor) através de rasgos abertos nas pernas, os topos destes são "trabalhados á meia - madeira" até "galgar" a perna sobrando sempre um batente em cada topo para garantir apoio ao focinho do cobertor, sempre mais largo que as pernas. O corrimão é sempre algo muito simples; uma ripa ligeiramente boleada apoia num prumo, com a mesma secção, fixo ao primeiro degrau, enquanto que a outra extremidade é pregada á base inferior do pavimento. O alçapão cobre totalmente a escada e geralmente é construído de modo a que as pranchas sejam colocadas na continuidade das do pavimento. Duas dobradiças são fixas á ripa lateral que garante o afastamento da parede, e permite o "descanço" do mesmo, ás travessas do alçapão. Nalgumas casas um "fecho de bico" fixa o alçapão.

Estas casas elementares de dois pisos existem um pouco por toda a ilha todavia com escada interior e janelas de guilhotina, ocorrem apenas com frequência na zona exclusiva, entre a Candelária e os Prazeres, com especial destaque para os Lombos.

Mas as *casas modernas* e tal tem sido referido apresentam outros modelos decalcados dos antigos. Assim para além das casas elementares de um ou dois pisos com cozinha integrada quase sempre no piso térreo ou das casas duplicadas de um piso, também é comum encontrarmos a tipologia elementar com a cozinha em esquadria também com um ou dois pisos, comum em praticamente toda a zona sul com destaque para a zona do Caniço, Gaula e Santa Cruz onde surgem com frequência com cores fortes, balcões com balaustres, e molduras pintadas de portas e janelas. Assim como cornijas e pilastras com um certo aparato clássico, contrastando com outras bem simples e quase sempre brancas.

Também na Quinta Grande, Campanário, Canhas, Arco e Estreito surgem exemplos entre uma extrema austeridade e uma total exuberância formal. Ainda sobre esta tipologia registamos entre Câmara de Lobos e a Ribeira Brava, com maior incidência na zona do Campanário uma "evolução" da cozinha em esquadria, desde a situação mais elementar, encostada e sem ligação interior entre casa e cozinha, á encostada com ligação directa para um compartimento, até á situação de ligação através de corredor.

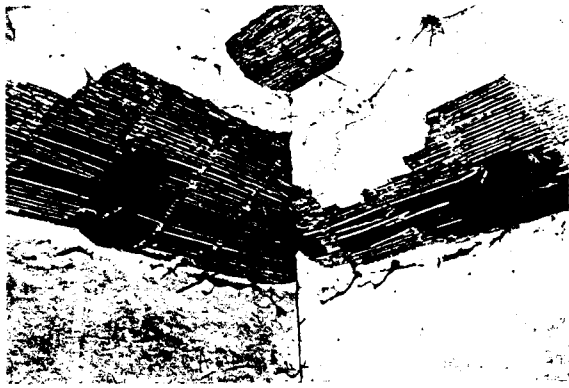
Mas para além da situação espacial podemos ainda referir a evolução formal de simples telheiro no prolongamento da água da cobertura da "casa" ao encosto de um novo volume com empena(s) com duas ou três águas, passando por quatro águas até á integração total fundindo-se numa única cobertura.

As *casas complexas* têm duas expressões distintas: ou se assemelham a uma casa elementar de piso térreo, com cozinha integrada, mas mais larga "mais encorpada" sem perder a longitudinalidade, ou ainda surgem como "modelos reduzidos" das de dois pisos, mas num só, parecendo um quadrilátero perfeito. Quanto ás de dois pisos atingem grandes dimensões, com a escada central a ocupar um "módulo específico da malha métrica".

Átrio, escadas, varandim, tecto são em conjunto os elementos que emprestam á casa uma imagem de prestígio de riqueza. Mas longe de ultrapassarem uma certa vulgaridade de "casarão". As paredes exteriores sem expressão das casas antigas revelam a sua construção em tijolo de cimento e consequentemente a impossibilidade de absorver as portadas quando abertas. Aliás esta denuncia de perda é também patente nos rodapés, alizares, lambrins, roda tectos e dos próprios tectos que revelam uma perda significativa de identidade e de qualidade quanto aos materiais e ás técnicas construtivas.

Á excepção de casas de "núcleos mais urbanos" ou mais próximos do Funchal, onde aí se nota a fixação da tipologia e também um apuramento do detalhe e dos materiais utilizados, muito ao gosto de uma burguesia urbana.

Os processos construtivos das *casas modernas* indiferentemente das tipologias diferem dos modelos antigos principalmente no uso do cimento integrado nas argamassas e no bloco de cimento. Podemos no entanto verificar que o trabalho de carpintaria se mantém prácticamente idênticos

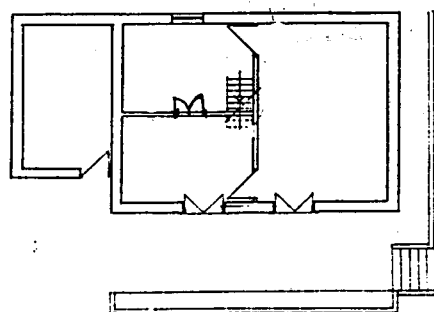
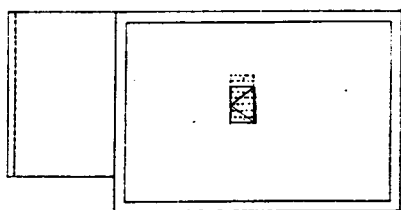
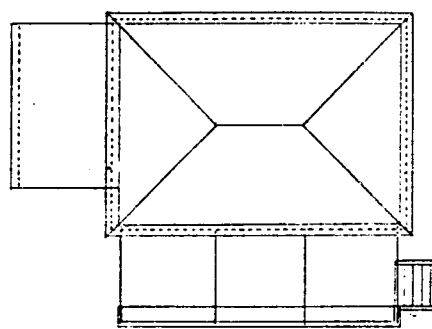
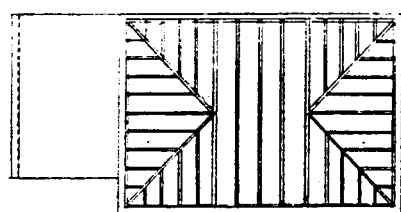


Campanário - tecto tipo maseira em estrutura de caniço, fixo á armação da cobertura.

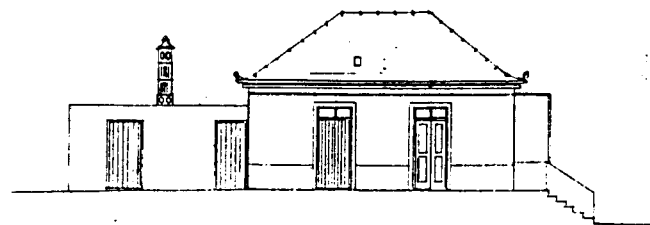
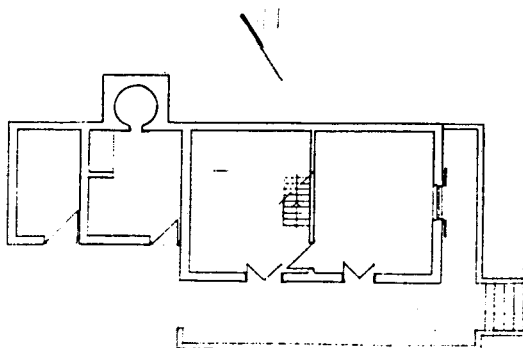
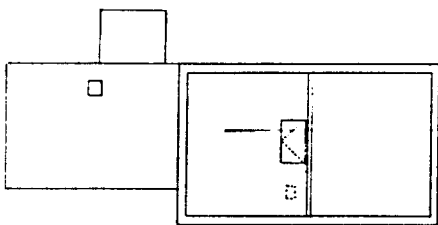
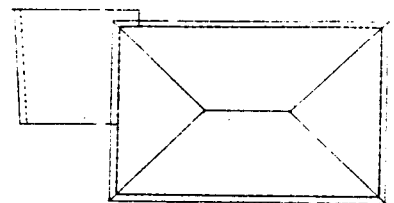
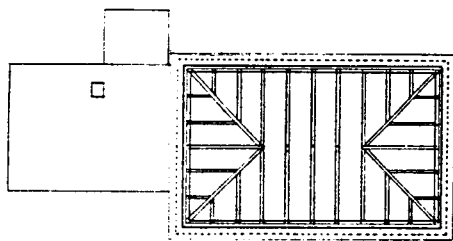
aos métodos tradicionais em termos de construção de paredes tabique, pavimento e coberturas. Mas ao surgirem novas ferramentas mais evoluídas o trabalho adquiriu outra fluidez. No período do pós-guerra esta nova tecnologia permitiu não só outra sistematização e consequentemente outra rentabilização do trabalho, como também uma certa reinterpretção de elementos caros á Arquitectura Popular como janelas, portas, portadas, etc., em termos técnicos e estéticos. Estes perderam alguma expressão e "sentimento" comparativamente ao período anterior. Há valores abstractos que não são fáceis de contabilizar, caracterizar ou mesmo explicar, mas que se "sentem" e ao percorrermos sistematicamente três ou mesmo quatro séculos de Arquitectura Popular ou pelo menos, as suas técnicas e materiais ancestrais, adquirimos algo que nos permite olhar para os edificios, e seus detalhes construtivos, com uma "percepção intuitiva". Principalmente quando estamos na fronteira da mudança, onde os "sintomas" afinal são ainda imperceptíveis, camuflados pela réplica, pouco deixam para testemunhar sobre o seu tempo. Já a distanciar-se do artesanato na técnica, no engenho e nos valores do "tempo, enquanto sabedoria empírica" transmitida durante séculos, sem livros, mas a "sentimento", experimentando lenta e seguramente na presença do mestre de ofício, até á perfeição de quem um dia irá continuar a missão de transmitir "o conhecimento".



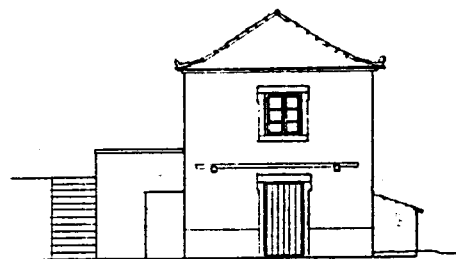
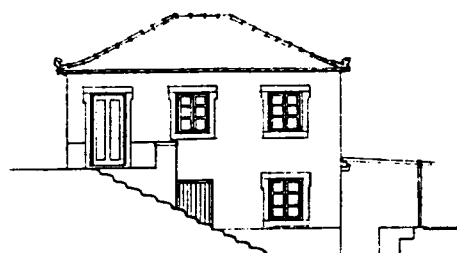
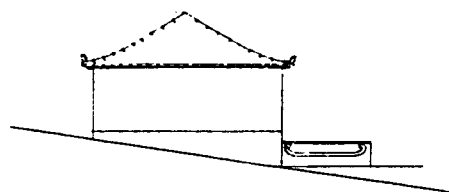
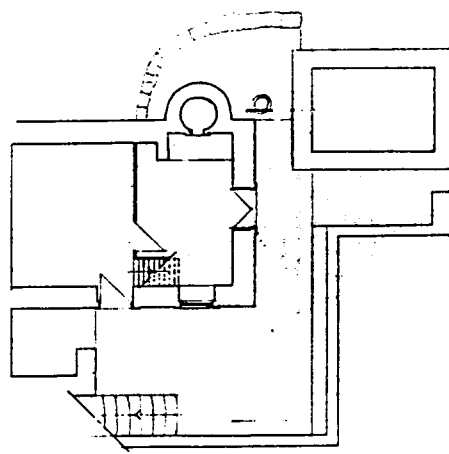
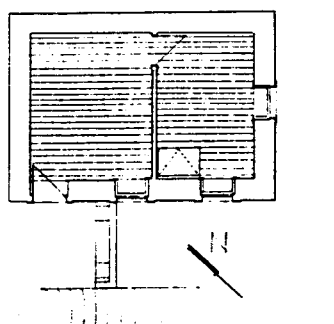
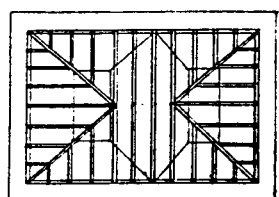
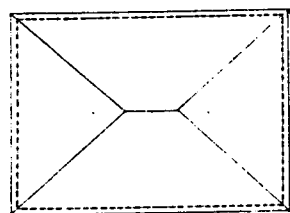
Campanário - frontal de estrutura de madeira e caniço, com reboco fino.; Idem - pormenor do caniço e argamassa; Idem - pormenor da fixação do caniço á aduela da porta; observam-se as aparas de madeira a preencher o espaço interior do frontal.



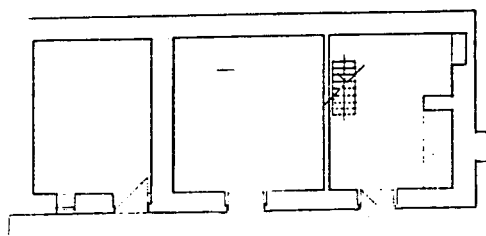
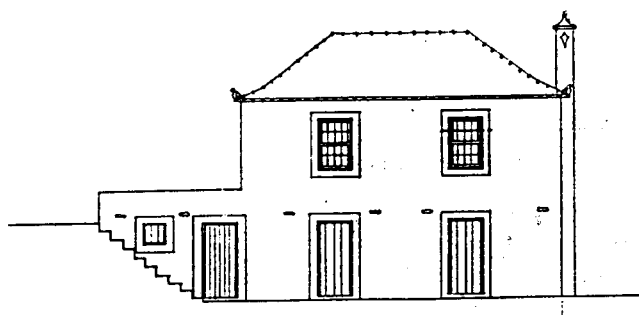
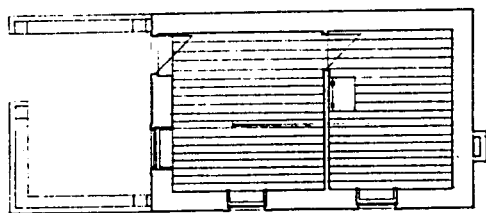
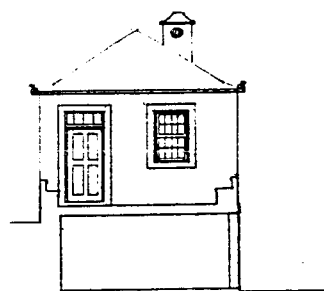
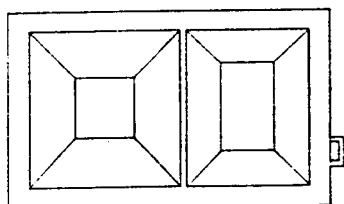
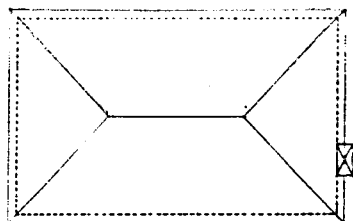
Canhas.



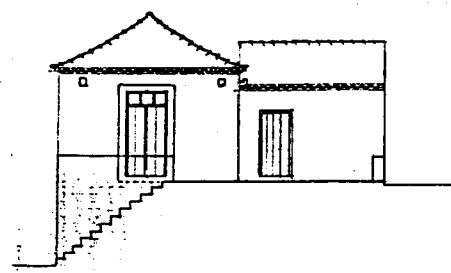
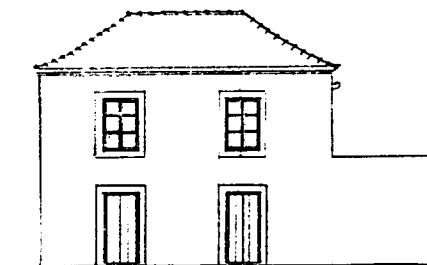
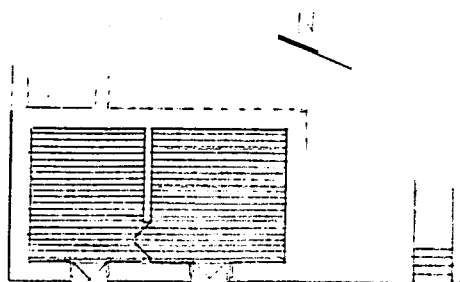
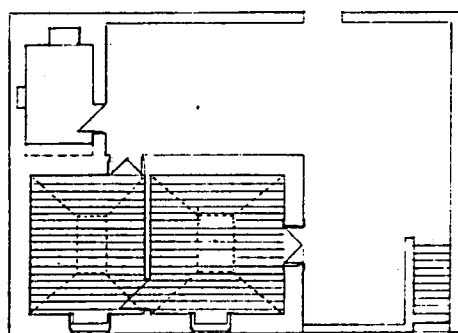
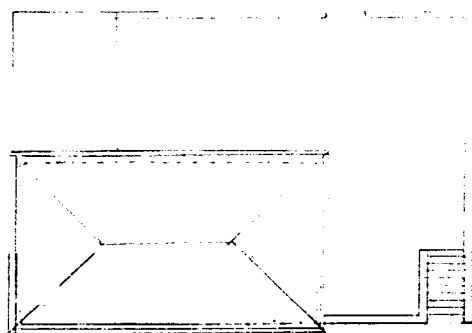
Canhas.



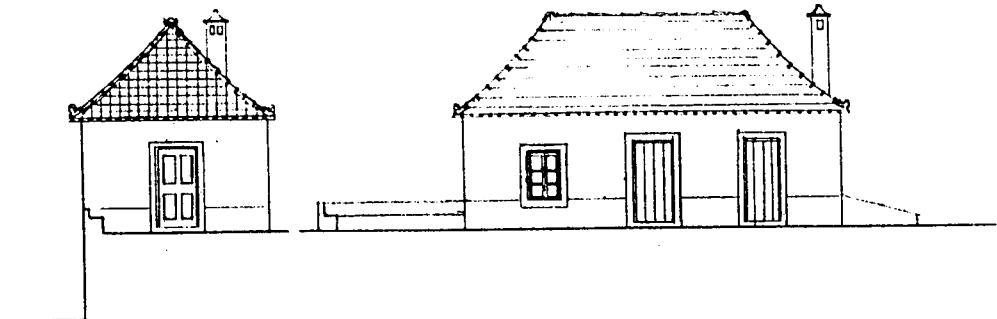
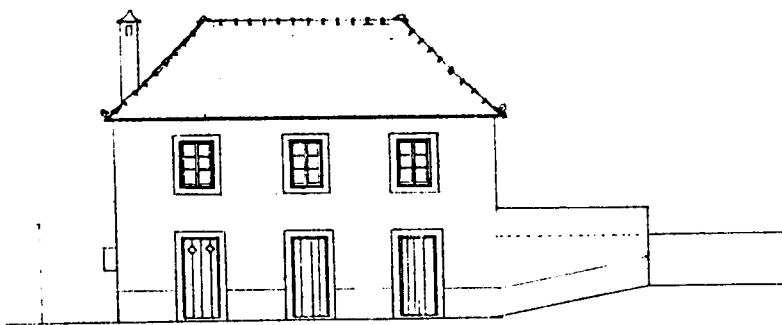
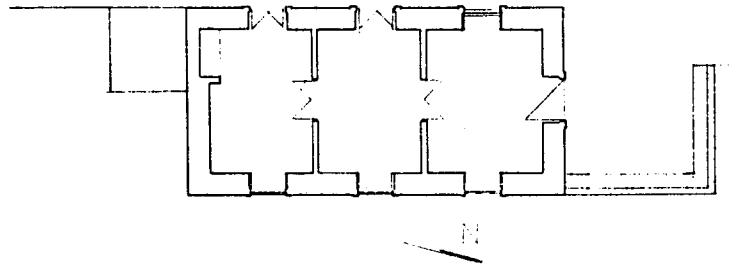
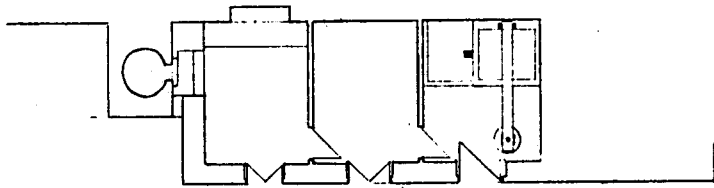
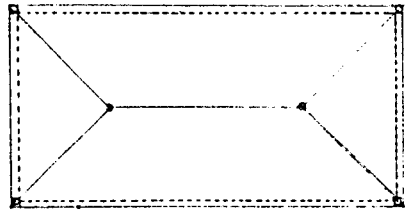
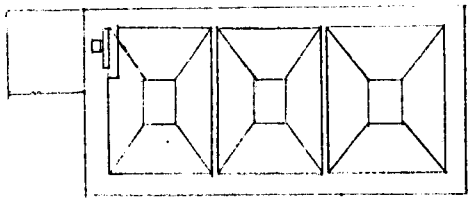
Lombo do Salão, Calheta.



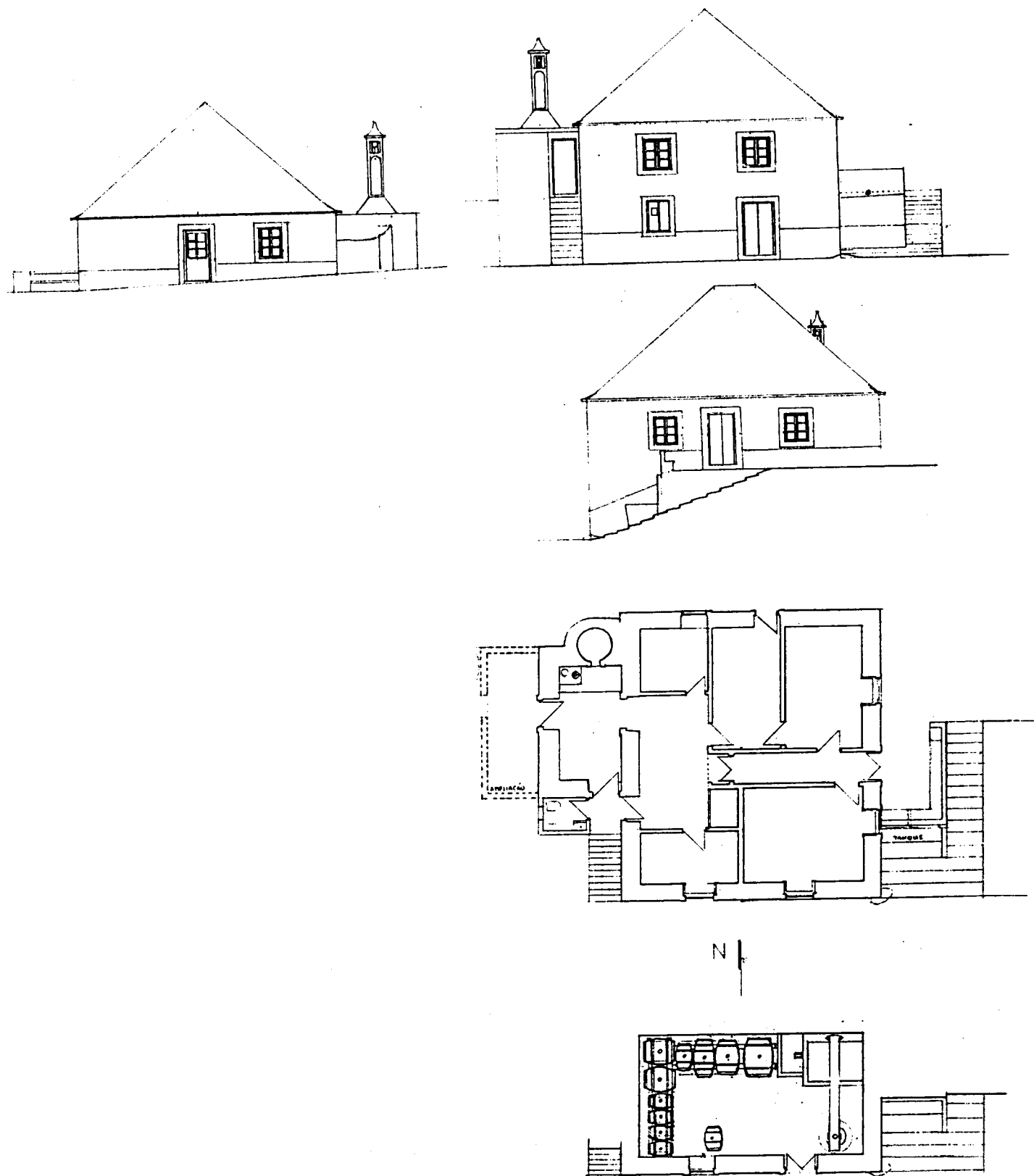
Candelária, Canhas.



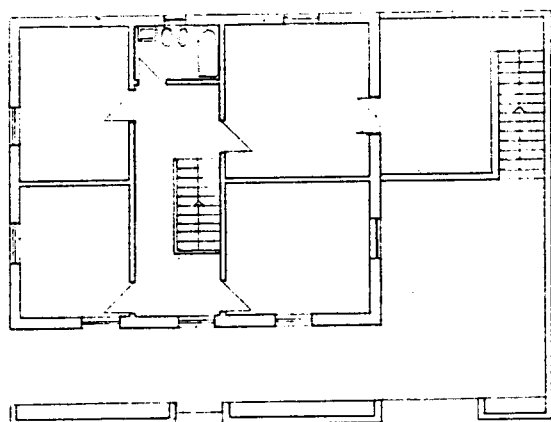
Campanário.



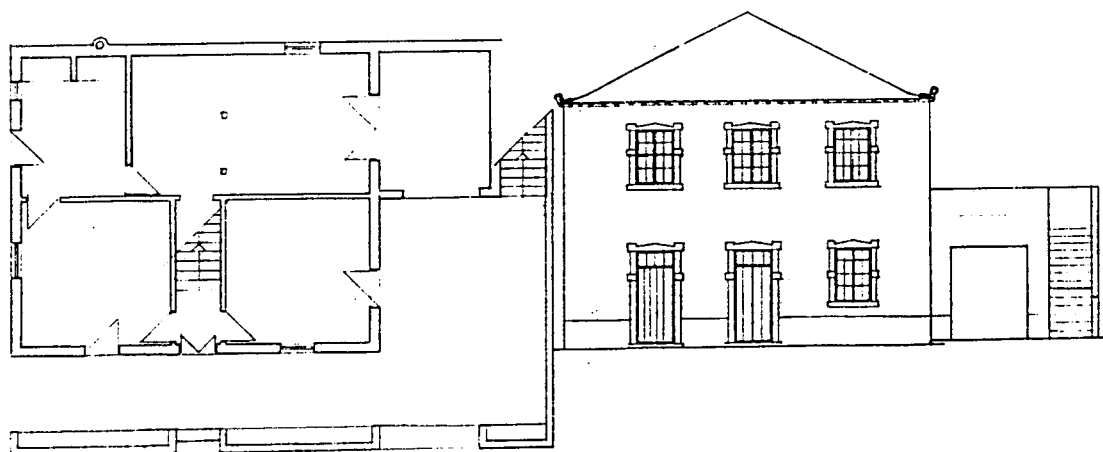
Massapés, Porto da Cruz



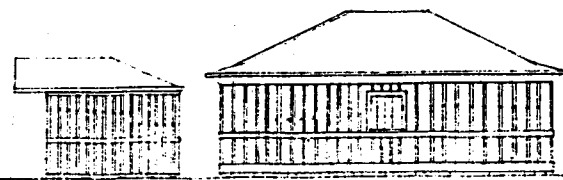
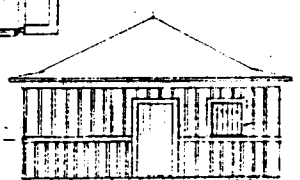
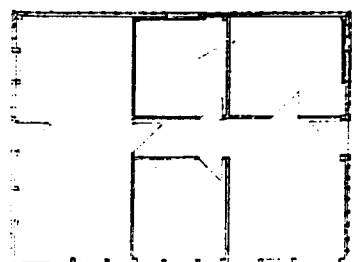
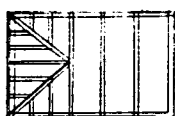
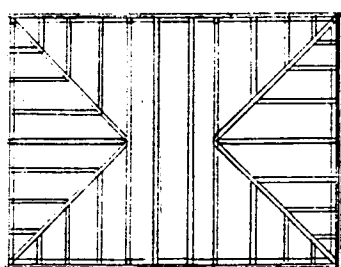
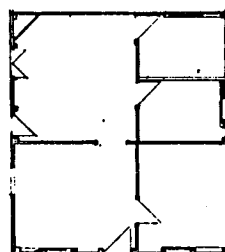
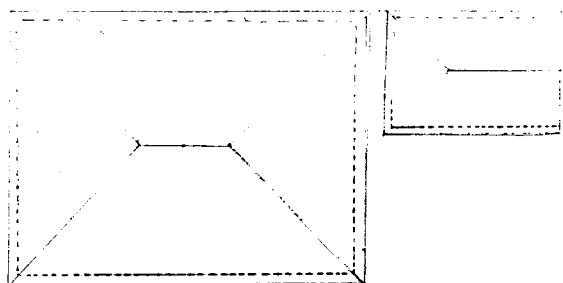
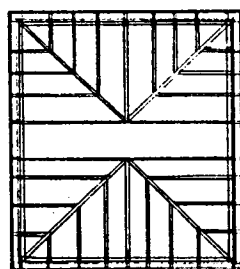
Cruz, Porto da Cruz



N /



Girão, Estreito da Calheta.



São Jorge.



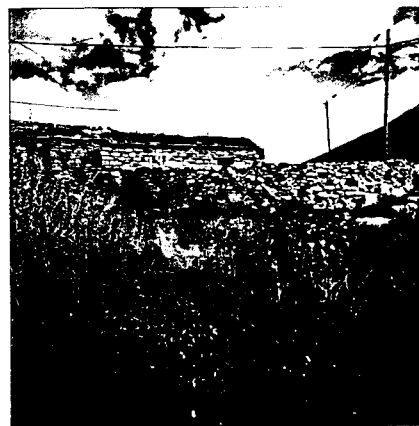
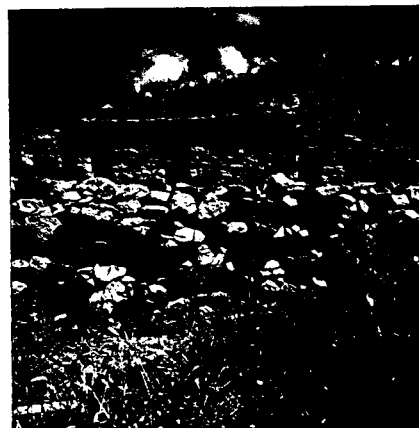
*Carro de Bois, Vila Baleira - Ilha do Porto Santo
- primeiro quartel do século XX [J.A.R.], col. dos
transportes, nº83 (P. - M. V.).*

6.2. Identificação das Tipologias Habitacionais da Ilha do Porto Santo

A tipologia habitacional corrente é térrea, com a cozinha integrada, forno exterior encostado com abertura interior para o lar. As restantes divisões comunicam entre si e variam entre dois ou mais compartimentos. Temos assim a descrição de uma casa elementar térrea, cuja principal característica reside na utilização de um material local na cobertura de duas ou quatro águas, e por vezes de uma só (bastante prolongada) para outros usos, que não a habitação. Este é de todo invulgar no restante território Nacional, do Continente às Ilhas (incluindo a vizinha Madeira), mas curiosamente bastante difundido no Arquipélago das Canárias. A técnica em causa consiste no uso do barro para cobrir as casas de habitar, estábulos ou outras construções de apoio à lavoura. Nesta ilha as casas que usam este tipo de cobertura denominam-se *casas de salão*. Quanto à sua localização não se registaram áreas de exclusividade, refira-se no entanto que estes exemplos actualmente já não proliferam actualmente na capital - Vila Baleira - onde o uso da telha de marseilha, portuguesa ou de cimento comum ao Arquipélago da Madeira são predominantes.

Registe-se no entanto algumas variantes a esta tipologia "base" como sejam as casas térreas em esquadria e, especial ocorrência, os "agrupamentos em linha" de vários "módulos" como sejam os exemplos detectados na Serra de Fora. Na Serra de Dentro estes agrupamentos por vezes formam pateos associados a eiras e currais.

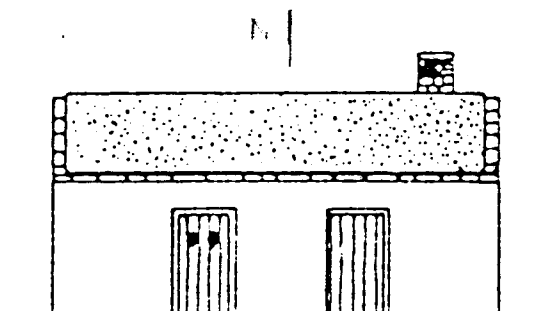
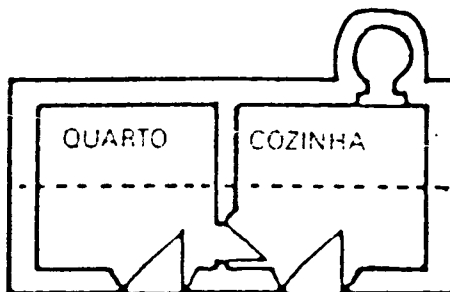
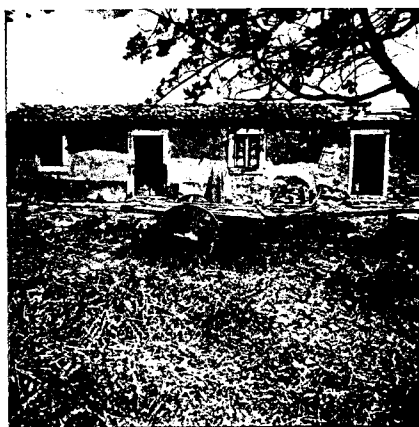
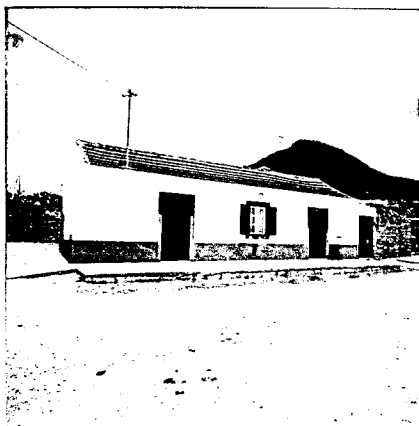
As casa em esquadria e de módulo duplicado em dois pisos surgem na zona da Vila Baleira e denotam a sua condição de casas de lavrador abastado. Curiosamente alguns exemplos de casa senhoriais da vila apresentam a mesma expressão e por vezes as mesmas soluções tipológicas.



Pedregal de Fora.

Ponta.

Sítio do Tanque.



Serra de Dentro.

Idem.

Farrobo.

Idem.

Idem.



"Carro de bois", Vila Baleira - Ilha do Porto Santo - primeiro quartel do século XX, Joaquim Augusto de Sousa [J.A.S.], col. dos transportes, nº82 (P. - M. V.).

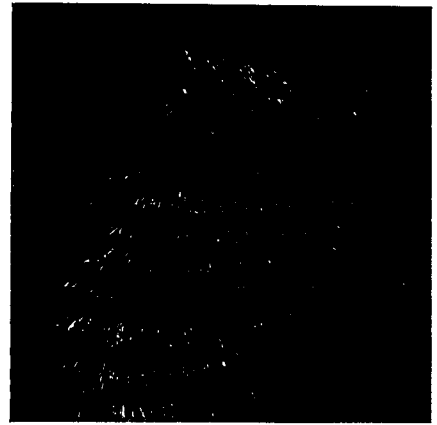


Santana; São Jorge.

CAPÍTULO 7 - Aspectos Formais da Arquitectura Madeirense

A Arquitectura Madeirense é de um modo geral despojada de ornamentos. Contudo alguns aspectos mais relacionados com uma tecnologia de construção associada ao uso de determinados materiais, fixaram uma imagem tipificada inerente à tradição. Alguns destes surgem por força da necessidade, acabando "involuntariamente" por emprestarem as suas qualidades plásticas à composição arquitectónica. Outros porém, e muito embora sem exuberância excessiva, são elementos declaradamente de composição ornamental. Numa outra abordagem podemos ainda referir a importância da "espiritualidade" que alguns destes transmitem.

Os elementos formais que dependem da construção são sobretudo materiais no seu "estado puro"; referimo-nos ao beiral e sub-beira em cerâmica vermelha, ou a palha (onde em casos especiais surgem os *bonecos* na zona de amarração superior da cobertura), às cantarias de molduras de vãos, socos, cunhais (no caso madeirense com especial destaque para o uso do tufo avermelhado), e á própria cal, cuja brancura tanto caracteriza a nossa arquitectura. Os elementos declaradamente ornamentais têm também nalguns casos, um "uso físico" nomeadamente os estores de ripas horizontais de madeira, que quando recolhidos se escondem atrás de vistosos lambrquins. Os tapa-sois também em ripas de madeira sutadas, em que algumas delas rodam em eixos laterais comandadas simultâneamente por uma ripa vertical interior, são os mais comuns, e generalizados ás arquitecturas, erudita, vernácula e popular. Ainda em madeira temos as "casinhas de prazer" implantadas em lugares de destaque nos jardins e terraços. Estas pequenas construções, terão alguma afinidade com as casas de fresco, comuns nos jardins dos séculos XVII / XVIII, bem como talvez dos pavilhões românticos do século XIX. No entanto, e segundo Paulo de Freitas, já Marco Polo no seu livro de viagens se



Machico.



Funchal.

terá referido a elas ⁽⁶¹⁾. Ainda segundo este autor terão sido provavelmente os ingleses os introdutores desta curiosa construção, a avaliar pelo apuro construtivo de inspiração orientalizante com repercursões na arquitectura colonial.

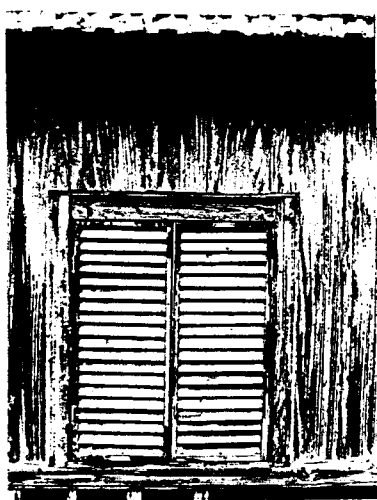
Contudo talvez exista um "parente pobre" na base de tão apumada construção nomeadamente o telheiro, a latada ou caramanchão localizados tradicionalmente sobre um balcão que de modo modesto já correspondiam a uma zona exterior resguardada para lazer e convívio, e local fresco de plantas mais delicadas.

Associado á espiritualidade temos as "pombinhas" dos cantos dos beirais, e ainda aplicadas em remates das cumeeiras.

Os aspectos formais são ainda referenciáveis nas caixilharias dos vãos nomeadamente no tipo de janelas e portas. No caso da fenestração mais uma vez podemos associar os condicionantes do material ao modo de construir. Como anteriormente já referimos, o vidro veio revolucionar o dimensionamento e constituição dos vãos, cujas aberturas de arejamento e iluminação evoluíram para uma combinação interdependente.

Consequentemente, estes também contribuíram para a composição das fachadas, desde a situação de portada com moldura, seguindo-se a "meia janela" envidraçada fixa, às duas folhas com vidros de maiores dimensões e à situação mais evoluída da guilhotina, que em alguns casos um apurado sistema de contrapesos de chumbo ou areia auxiliam no funcionamento. Também as portas terão evoluído na sua construção que inicialmente se caracterizava pelas pranchas verticais, com dois pequenos quadrados rodados e abertos na zona superior, até às portas almofadadas e sem quaisquer postigos.

A madeira terá tido largo uso na construção de varandas integradas entre ombreiras, que estranhamente quase desapareceram, como são os casos da Casa do Capitão em São Jorge e na Casa Solarenga de Ponta Delgada junto á Casa do Pico. Nalguns casos foram substituídas por alvenaria como é o caso da Casa de Morgado no Arco da Calheta, persistindo ainda alguns varandins na Casa de Morgado na Ribeira da



São Jorge.

⁶¹ "Casinhas de Prazer", por Paulo de Freitas, Revista *Isleña* n° 8, Jan. /Jun. 1991, pág. 8 - " Foi Marco Polo ao descrever os jardins do Palácio de Kubla Kan em Xandu, a norte de Pequim, no meio dos quais se erguia uma "casa-de-prazer", pavilhão em forma de tenda, com tecto em bambu, sustidos por colunas, cuja característica especial teria sido o poder ser deslocada de um lado para outro sítio, a bel prazer do Imperador ".

Janela, e uma curiosa guarda com motivo de liras numa casa em Ponta Delgada.

Uma das referências formais mais significativas serão as chaminés. Nos casos mais antigos podemos apreciar uma certa dimensão e robustez, adivinhando-se a generosidade de espaço que geram na zona inferior, onde se localiza a boca de forno, o lar, a bancada do fogão do bolo do caco, cabendo tudo sob a saia da chaminé.

Construtivamente elevam-se em alvenaria, sobre uma grande verga de til, castanho ou de basalto, vencem a zona de acesso ao lar, irrompendo pelo telhado de onde passa o tronco ou fumeiro.

Exteriormente têm uma forma prismática e uma grelhagem com aberturas rectas. Entre outros exemplos referimos a chaminé do Solar da Piedade no Jardim do Mar, pela grande massa e expressão arquitectónica e os exemplos em Rochão, Sítio das Casas Porto da Cruz e Sítio dos Reis, Estreito da Calheta comuns aos exemplos antigos de cariz popular.

A chaminé ao longo dos anos "aligeirou" tornando-se progressivamente mais esbelta. Ainda dentro dos moldes antigos registamos a chaminé prismática de base quadrangular, e só raramente octogonal, como o exemplo de Estreito da Calheta.

Este modelo ter-se-á generalizado a várias tipologias bem como a toda a ilha. Distingue-se pela sua silhueta elegante, pela grelhagem executada com cacos de telha, conhecida por *lacrimal*, normalmente formando duas ou três aberturas lado a lado, e pelo remate superior conhecido localmente por *capelo*. Nalguns casos, o corpo paralelepípedo apresenta molduras em relevo ou somente caiadas, distinguindo-se pela cor das restantes faces.

No Machico encontra-se a chaminé cilíndrica, uma excepção a este tipo de chaminé quadrangular. Têm ainda a particularidade de poderem ser decoradas com motivos geométricos pintados com cores fortes. A grelhagem é mais elaborada que as quadrangulares e o remate do capelo adquire um especial aspecto, quase oriental, com a colocação de uma esfera no seu vértice.

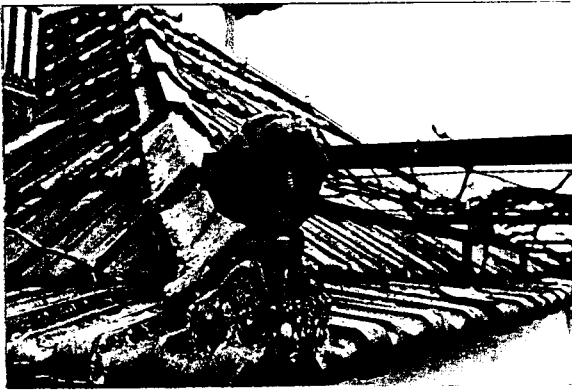
A partir dos anos 40 surgiram as chaminés pré-fabricadas em cimento. Estão intimamente ligadas às Casas Modernas constituindo um seu elemento de referência.

As chaminés e as pombinhas revelam um misto de afirmação terrena, a par de religiosidade e superstição de índole popular.



Estreito da Calheta.

Idem.



Girão, Estreito da Calheta.

É sabido que popularmente se colocam alguns "talismãs", em locais estratégicos da casa como o signo saimão, a suástica, e a estrela de David, desenhadas nas soleiras ou vergas das portas ou no caso do Porto Santo planta(va)-se um dragoeiro á porta para assegurar felicidade e abundância no nascimento de um novo lar. Segundo Luís Bernardo Leite Ataíde ⁽⁶²⁾, as pombinhas terão uma relação com o culto do Espírito Santo e por isso assumem formalmente o aspecto de uma pomba, com especial significado, no desejo de fertilidade e abundância. As "setas" muito comuns no Continente, serão por ventura a origem formal mais provável destes elementos que no caso madeirense encontrou nos finais do séc. XIX, e perdurando no século XX, uma expressão exuberante de carácter formalista fitomórfico e antropomórfico.

Estas revelam uma feição orientalizante, adquirindo expressões diversas como a folha de acanto meia abstratizante, ou ainda o gato, o buldog, o papagaio, a pomba e raramente o dragão denotando uma expressão realista. São ainda muito comuns as cabeças de nobres e de menina (em barro e em cimento) e como raridade paradigmática de uma leitura regionalista, a cabeça de vilão, apenas detectada em Santana. Uma quadra popular recolhida por Leite de Ataíde revela-nos o forte enraizamento popular destes símbolos de esperança:

*"A pombinha de vigila
lá por riba dos telhados
traz fortuna à familia
e os filhos bem creados"*

Para além destes aspectos formais podemos referir ainda a côr como elemento com forte valor plástico. As cores predominantes são o ocre, o rosa, com menos intensidade o verde (Curral das Freiras) e raramente o azul. Socos, aduelas e molduras várias, alternam entre cinzas e brancos. Os muros madeirenses ganham especial realçe pela cor almagre, rosa ou ocre, envolvendo grandes propriedades e caracterizando fortemente a paisagem da encosta da cidade do Funchal. Excessionalmente nas casa de Santana podem-se observar cores mais fortes e variadas como sejam o vermelho, o verde, e diversos tons de castanho.

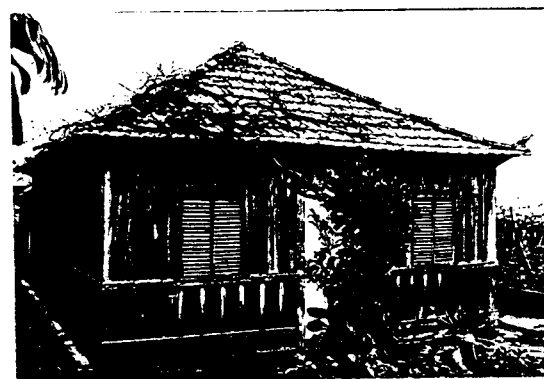
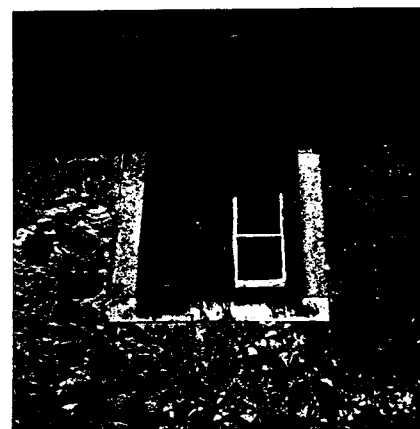


Lombo do Meio, Ponta do Sol.

⁶² *Etnografia, Arte e Vida Antiga nos Açores*, Luís Bernardo Leite de Ataíde, Ed. Ponta Delgada, 1973, pág. 29 a 33.

CAPÍTULO 8 - Os Materiais que se Utilizaram nas Construções do Arquipélago

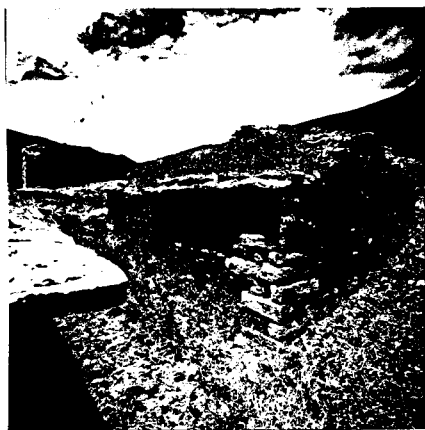
Em praticamente todos os estudos que abordam o tema da arquitectura popular, os materiais têm sido entendidos como elementos caracterizadores dessa mesma arquitectura. No caso Continental, é comum a observação de se viver segundo duas civilizações, a do granito e a do barro ou da terra, coincidindo as manchas geográficas desses materiais com os territórios ocupados por povos distintos respectivamente Suevos e Visigóticos entre outros, a Norte do Tejo, onde se começa a afirmar as montanhas logo a partir da Cordilheira Central com culturas de regadio, e a Sul do mesmo onde a influência Moçárabe domina na planície Ribatejana e Alentejana passando o maciço da Serra Algarvia, onde predominam as culturas de sequeiro. É ainda do senso comum abordar áreas de sobreposição de influências construtivas, por via dos materiais como é o caso do xisto que substitui o granito na zona da Beira Interior e na zona do Guadiana onde também a taipa alternando com o adobe toma a primasia. Quanto á madeira utiliza-se preferencialmente no Litoral, enquanto que o tijolo surge nas zonas de barro. Estas variantes acabam no caso do Sul por não se distinguirem face ao reboco e á caiação da taipa, do adobe, do tijolo e da "pedra pobre", como os aglomerados fósseis tipo arenitos da margem Sul do Tejo. No Arquipélago da Madeira, e excluindo o caso específico de Santana e São Jorge com as tipologias de madeira, é a divisão física das duas ilhas que nos proporciona genericamente usos distintos de materiais de proveniência local, e conseqüentemente também ajudam na distinção de Arquitecturas diferentes. O Porto Santo, terra plana e seca desprovida de vegetação frondosa assemelha-se às planícies do Sul do Continente onde se praticam as culturas de sequeiro e onde o estio se apodera da terra e das gentes. Os materiais são muito humildes proporcionando no entanto uma grande criatividade no seu uso. Nesta ilha utiliza-se basicamente a pedra de areia na elevação das paredes que se rebocam com o "barro da terra" adicionando-se cal e finalmente a caiação. São contudo os telhados de duas e quatro águas que revelam o engenho e a arte de quem tem tão pouco para construir um abrigo. Assim usa-se nas coberturas



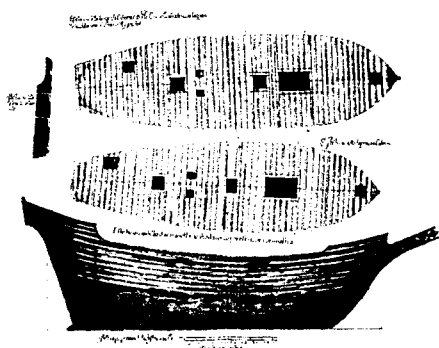
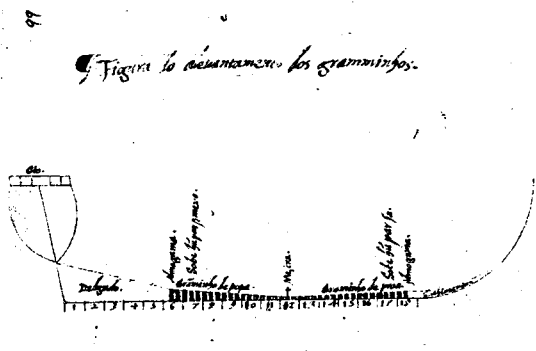
Sítio da Estrela, Calheta - Quinta da Estrelinha.

Carvalho, Canhas, Ponta do Sol.

São Jorge.



tradicionais o *salão*, uma espécie de barro argiloso que cobre a esteira de feiteira suportada pelas armações de madeira. O seu comportamento face ao clima é dinâmico, ou seja no Verão greta permitindo o arejamento enquanto que no Inverno com as chuvas rapidamente fecha tornando-se estanque. Quanto à Ilha da Madeira os materiais predominantes são basicamente a(s) pedra(s) vulcânica(s) respectivamente os basaltos, o tufo ou tufa, e pontualmente a madeira. Nesta ilha o uso da madeira é, como referimos pontualmente, intenso chegando ao extremo de haver tipologias integralmente construídas neste material, cobertas de palha ou telha ⁽⁶³⁾. Os factores físicos e climatéricos do território serão neste caso relevantes. Assim, salientamos a Cordilheira Central, bastante elevada de onde brota a imensa água que corre naturalmente para a encosta Norte e por levadas para a encosta Sul, emerge no sentido longitudinal de toda a Ilha de Nascente a Poente dividindo-a em duas faces (a Norte e a Sul), ocorrendo no seu interior zonas de densa floresta, que terá fornecido a madeira para diversos usos ⁽⁶⁴⁾ ⁽⁶⁵⁾.



Achada, Serra de Fora, Porto Santo.

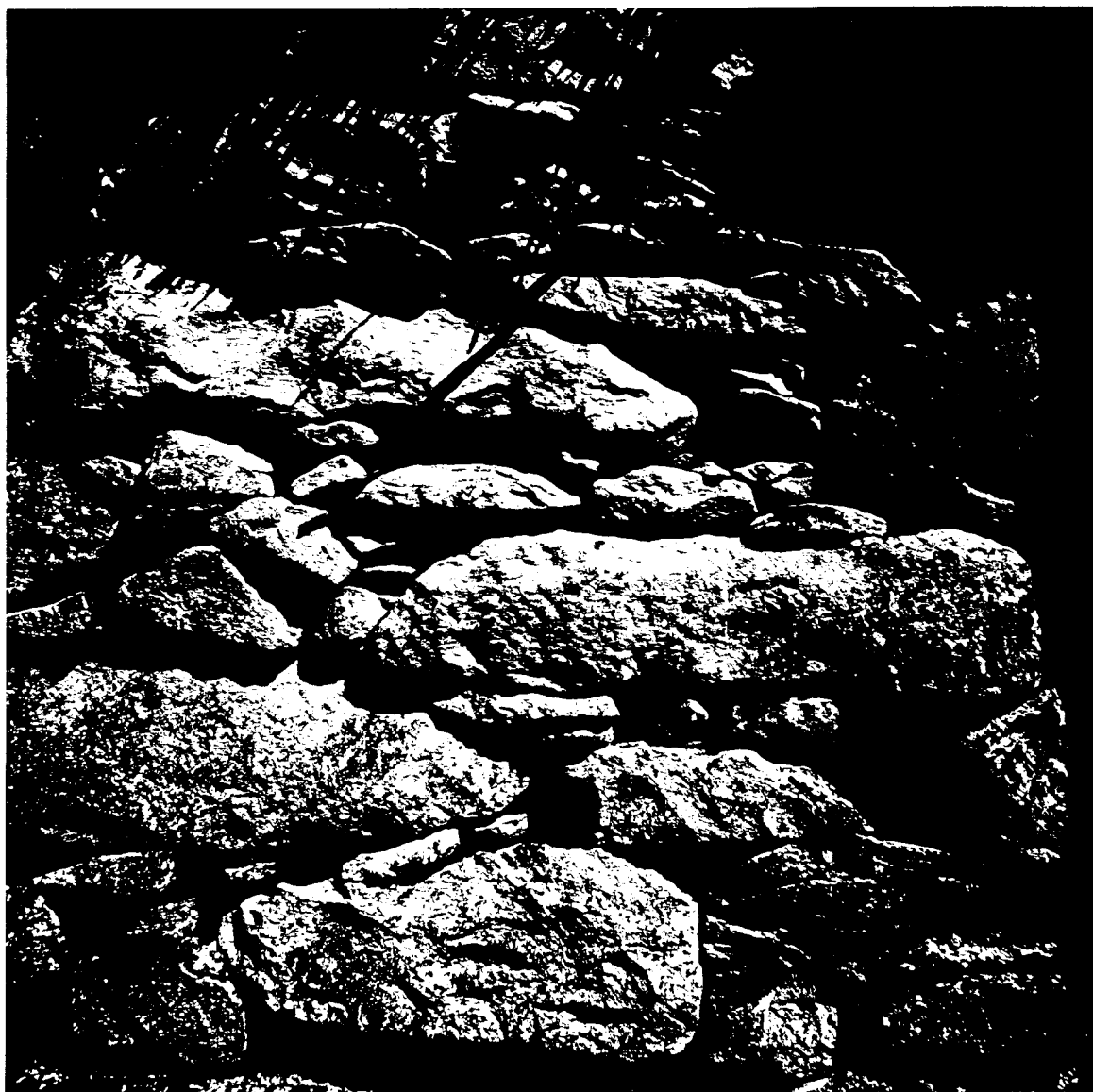
Livro da Fábrica das Naus; Fernando Oliveira; c. 1570-1580; papel, 30,5x21,5 cm; [3], 164 p., [3] fls. Lisboa, Biblioteca Nacional (Cod. 3702), in Portugal e os Descobrimientos, Commissariado de Portugal para a Exposição Universal de Sevilha/1992, pág. 242.

Livro das Traças de Carpintaria com Todos os Modelos e Medidas Para se Fazerem Toda a Navegação, Assim de Alto Bordo Como de Remo; Manuel Fernandes; 1616; papel, 48x38 cm, 149 fls.; Lisboa, Biblioteca da Ajuda (52-NV-21), in Portugal e os Descobrimientos, Commissariado de Portugal para a Exposição Universal de Sevilha/1992.

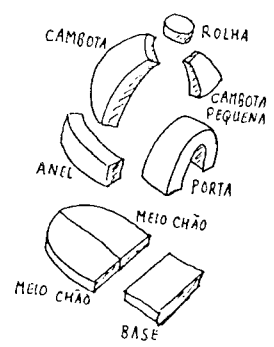
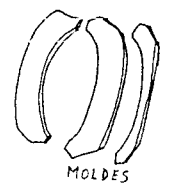
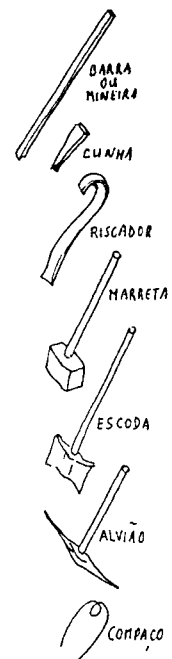
⁶³ *idem nota 10*, pág. 43 - " Região rica de arvoredos, o homem insular soube, de facto, usar os materiais que o meio lhe oferecia, moldando-os nas mais diversas necessidades. As valiosas madeiras (como o Cedro, o Vinhático e o Til) foram aplicadas desde cedo, nos edifícios locais. O Cedro sobressai principalmente nas eruditas coberturas em alface dos tectos de igrejas, das opulentas casas particulares e das capelas. Mesmo as estruturas de humildes habitações e variados objectos de uso comum, como utensílios domésticos (pratos, colheres, alguidares), mobiliário (arcas, camas, mesas, cadeiras), lagares e medidas de vinho, são fabricadas em madeira. Na Madeira, a falta de barro, por um lado, e a abundância de arvoredos, por outro, originam a manufatura, com preciosas madeiras de til e de vinhático, de alguidares, jarros, escudelas e outros objectos, cujos paradigmas seriam de louça ou de lata. Neste ambiente a casa de pedra, tão familiar à gente do Algarve, apenas foi precedida das cabanas de madeira e colmo que, como em toda a parte, correspondem à primeira e precária forma de instalação. Elas dominam na Santana onde os cineritos não são pedra de construção. "

⁶⁴ *idem nota 17*, 2º volume, (F-N), pág. 17 - " Refere Frutuoso que "Na Ilha havia tanta quantidade de madeira tão fermosa e rija, que levavam para muitas partes copia de taboas, traves, mastros, que tudo se serrava com engenhos ou serras de água, dos quais ainda hoje há muitos da banda do Norte da mesma Ilha; e neste tempo, pela muita madeira que dali levaram para o Reyno, se começara com ella a fazer navios de gavia e castello d'avante, parque dantes não os havia no Reyno, nem tinham para onde navegar, nem havia mais navios que caravellas do Algarve, e Barineis em Lisboa e no Porto. "

⁶⁵ *Livro Segundo de Saudades da Terra*, Gaspar Frutuoso, Ponta Delgada, 1979, pág. 137 / 138 - " E não, tão somente, há pelo meio e lombo da terra grandes e alevantadas serranias mas também grotas e altas funduras, cobertas de matos e grossos paus e arvoredos de til, que, quando o serrar, dentro, no ceme, é muito preto e cheira mal; deste pau se faz muito taboado para caixas de açúcar e soalhado de casas e madres, e dele é a maior parte da lenha que se queima nos engenhos. Também há outro pau vermelho, que se chama vinhático, de que se fazem as caixas para o serviço de casa, que são muito boas, mas as feitas dele para o mar são muito mais prezadas. Outros paus há de ademo, de que se faz muita madeira para pipas para vinhos e mel (...) Há também muitos folhados, que crescem muito direitos e grossos, de que se faz a armação para as casas, e muitas vezes de um pau fazem três e quatro penas de asnas mas não é tão rijo como o desta Ilha de S. Miguel; e brando de cortar, quase como o cedro, e dele se fazem os temões para servirem na lavoura. "



Rochão, Camacha.



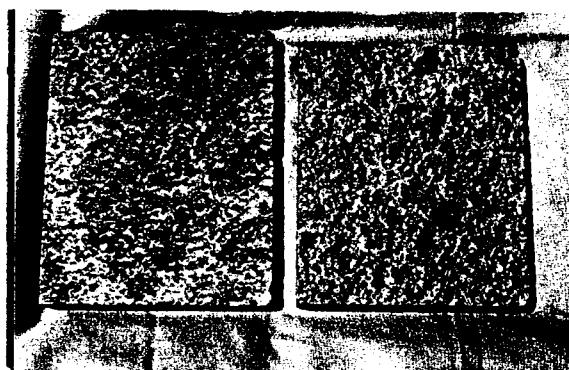
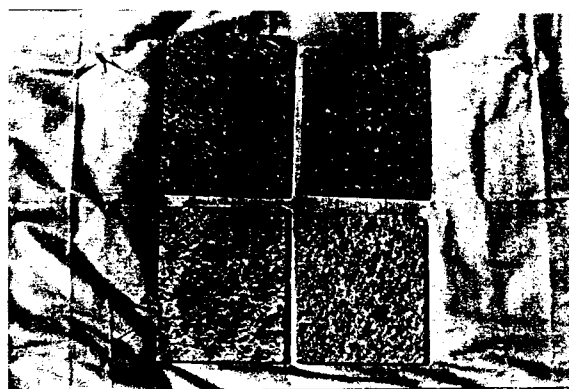
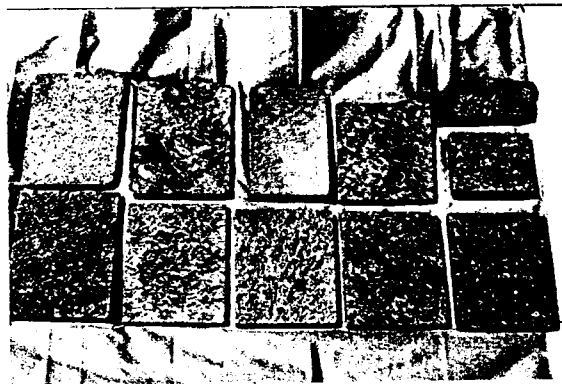
Sítio do Paraíso, Caniçal, Madico - (ficha n.88/lev.fic./Abr-Mai 96): Sr. Albino e Filhos.

8.1. Os Materiais de Construção Utilizados na Ilha da Madeira

8.1.1. Cantaria(s)

Após investigação local e documental, verificámos que a maioria dos materiais utilizados nos edifícios públicos da cidade do Funchal e das vilas são originários da ilha, acontecendo no entanto surgirem cantarias lavradas do Continente nomeadamente colunas e capitéis em mármore, assim como algumas tampas funerárias e pedras d'armas, memórias do extinto Convento de São Francisco. Mas também a brecha da Arrábida aparece na Pia Batismal e no Pulpito da Sé e da Igreja da Ribeira Brava, e nos fragmentos do pelourinho da Cidade do Funchal depositados no jardim do Museu da Quinta das Cruzes.

Todavia na Arquitectura Popular apenas se detectaram os materiais locais. A pedra é de origem vulcânica e podemos observar a olho nú que tem várias proveniências. Basalto e tufos formam uma mescla de cores e texturas e surgem isolados ou agrupados denunciando a qualidade construtiva das casas. O tufo ou tufa conhecido como "pedra mole" ou ainda "cantaria de forno" devido às oxidações de sais de ferro, apresenta uma tonalidade avermelhada (com várias colorações consoante as pedreiras). Este teve um vastíssimo uso nos edifícios públicos do início do povoamento devidamente aparelhado para ficar à vista ou irregular no corte e no preparo quando utilizado em paredes rebocadas. Mas tal como o uso do basalto nas casas humildes, é frequente a elevação das paredes em alvenarias mistas, irregulares e sem grande preparo e ligantes, sendo a extracção das pedras junto ao local da obra a partir da superfície dos terrenos encontrando-se estas soltas e sem necessidade de extracção por perfuração e ou corte. Todavia a extracção do tufo⁽⁶⁶⁾ para uso corrente em elementos arquitectónicos das



⁶⁶ *idem nota 17, 2º volume (F-N), pág. 88 - " Tufos são consolidações de lamas vulcânicas, muito variáveis segundo a natureza dos materiais que a constituíram, e apresentando-se geralmente escorificados. Os tufos mais vulgares dão a pedra mole, de colorações amareladas, nas mais claras predominando a cal, contendo as mais escuras oxidações de sais de ferro. Emprega-se apenas em arrumação e muros para suporte de terras. A cantaria mole é de grão grosseiro, heterogéneo, pardacenta, ou magenta escura; a cantaria de filtro, é cinzenta escura e aplicada para coar água em poços e pias, a cantaria de forno, vermelho-acastanhada, é empregada no fabrico de fogareiros e aduela de fornos. Estas cantarias brandas são utilizadas também para (continua...)*

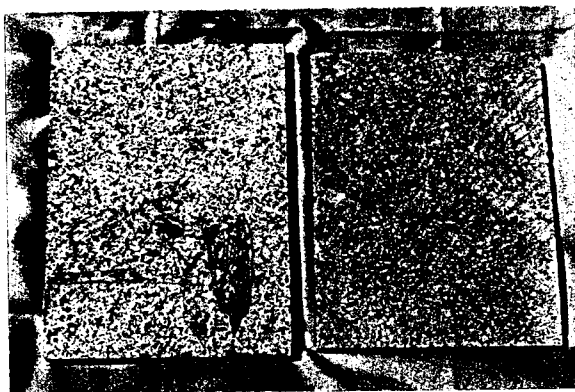
Amostras (serradas) de tufos (cortados numa oficina de canteiro, a pedido expresso do autor): várias tonalidades.

Amostras (serradas) de tufos: tonalidades mais comuns.

Amostras (serradas) de tufos: tons amarelo e vermelho.



Amostras (serradas) de basaltos: vários tons de cinzento.



Amostras (serradas) de basaltos: tonalidades mais comuns.

casas rurais remonta aos primeiros tempos do povoamento. Deve-se o facto á fácil trabalhabilidade, leveza no transporte e provavelmente ao interesse da cor. Fácil na extracção e no talhe esta pedra mole está presente em soleiras, ombreiras e vergas de portas e janelas. Como ponto alto encontra-se na fabricação de fornos domésticos, tradição que ainda hoje se mantém. O único senão, tirando o caso excepcional do Caniçal, é a prospecção difícil desta rocha, cujas pedreiras são geralmente localizadas em ravinas, como é o caso do sítio dos Covões Freguesia do Caniço.

Também o basalto ⁽⁶⁷⁾ cinzento que contrariamente ao tufo, é uma rocha muito homogénea, pesada e rija, é também muito utilizada, principalmente o basalto de "grão fino". Este é usado nas cantarias rijas como vergas de grande dimensão e também em lagares e pisões e também na própria elevação das paredes, a granel. A variação de colorações, do cinzento escuro baço a um cinzento claro esbranquiçado, indica-nos as diferentes proveniências e a sua constituição, que varia consoante os elementos acessórios da sua composição interna, e do seu antigo estado de fluidez. A sua origem de extracção localiza-se nas zonas de cota baixa e grosso modo, provém de pedreiras de basalto colunar, conhecido como "pedra viva" cuja densidade é variável e que na exploração se separa pelo método de tiro em blocos faceados prismáticos. O basalto lamelar, provém de pedreiras de superfície detectadas pelas correntes de lava de fraca inclinação e são extraídas por pancadas de maço ou de picão, soltando-se de seguida em lâminas paralelas.

A pedreira mais conhecida era a das laginhas na periferia do Funchal ⁽⁶⁸⁾. Como o nome sugere, estas eram utilizadas em lages de pavimentos, normalmente em casas de Morgado e

⁶⁶ (...continuação)

material de construção, sendo no entanto corroídas pelo tempo e acção dos agentes naturais. "

⁶⁷ *idem nota 17, 2º volume (F-N), pág. 87 - " Na fractura do basalto encontra-se este, por vezes, coberto de um revestimento ou tenua camada pardacenta, devido á alteração de sais de ferro, provocando a linha de menor resistência, o casco, que os aluaneus descapam, rejeitando este basalto para trabalhos de maior importância como, tanques, etc. (...) Quando cheio de um grande número de vesículas, o basalto é conhecido pela designação de pedra favada e pedra de porco, pela aplicação que dela é feita em esfregar o coiro deste animal depois da chamusca, na matança, para o despojar de cerdas. O basalto de grão fino é um tanto vesicular forma as cantarias rijas, que podem ser bem trabalhadas e de largo emprêgo em edificações, escudos, aduela de ponte, mós, moinhos de mão, gamelões, etc. "*

⁶⁸ *idem nota 22, pág. 43 - " Basaltos são explorados em diversos pontos da Ilha, especialmente nas proximidades das povoações, e particularmente do Funchal. Os basaltos dos planaltos do Paúl da Serra, dos poisos, etc., apresentam maior capacidade e por tal razão são aproveitados para as estradas. "*

nas casas urbanas. Têm também aplicações nas levadas e em lavadouros.

Para além do uso da madeira, em zonas muito circunscritas, temos o uso da pedra vulcânica como o processo mais corrente na elevação de paredes estruturais das casas. Assim, é comum ainda encontrar-mos a pedra seca nas construções mais humildes, como sejam as da Camacha, a pedra com barro como ligante no interior da parede comum na zona da Calheta, e a pedra assente com argamassa e rebocada como sendo a situação mais comum na ilha, havendo ainda tipos de casas com parte rebocada e parte em pedra solta, geralmente as cozinhas ou casas de arrumos. Há-as ainda esporadicamente em pedra à vista com caiação. Relevante é ainda o tratamento das pedras dos cunhais que são aparelhadas numa "bitola" cortante entre 30 a 40 cm de altura com um comprimento variável podendo ir até 70 cm, contrastando com a irregularidade dos panos de parede entre vãos. Torna-se evidente que a existência do processo construtivo, nomeadamente na consolidação dos ângulos resistentes, exigirem uma pedra seleccionada e especialmente talhada cujo grau de resistência é superior às restantes pedras que compõem as paredes.

Mas continuando a falar de materiais e não de procesos construtivos, matéria que será adiante tratada, iremos agora abordar os inertes para melhor entendermos a constituição física das paredes.

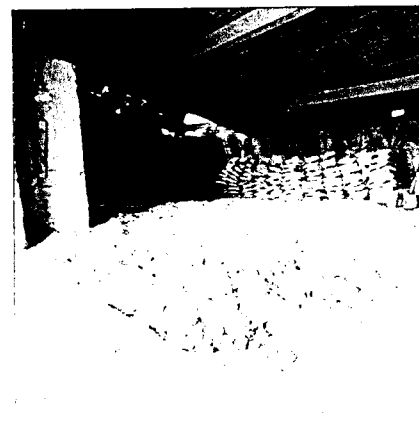
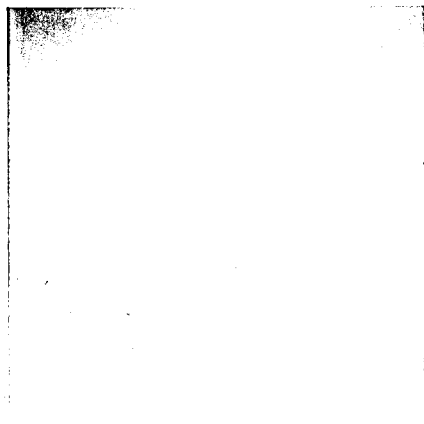
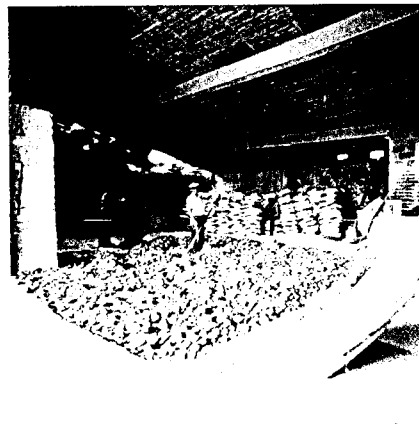
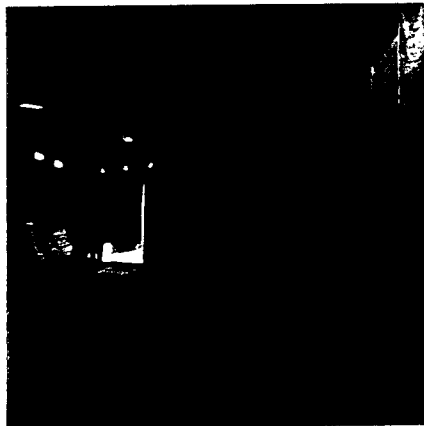
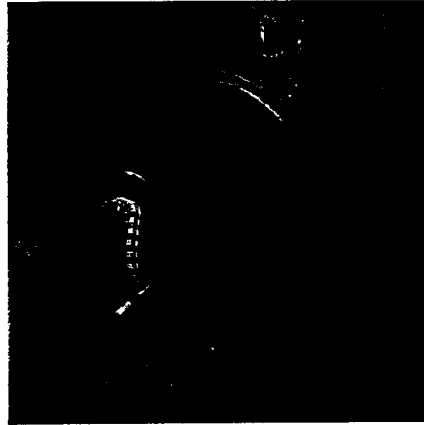


464 - Partindo Pedra. Aguarela do séc. XIX ..., dimensões: 12 x 12 cm, in *Estampas, Aguarelas e Desenhos da Madeira Romântica*, C.M.F.F., DRAC/SRTC, Funchal, Julho-Dezembro, 1988.



Depósito de cantarias antigas: tufos de vergas, ombreiras e soleiras.

Depósito de cantarias antigas: basaltos de vergas, ombreiras e soleiras.



Campo de Baixo, Porto Santo: Forno de Cal.

1. Porta do Forno: carregando até acima.
2. Porta do Forno: descarregando após a cozedura.
3. Casa da cal: carregos da pedra cozida em carros de mão até ao telheiro.
4. Espalhando a pedra cozida.
5. *Derregando* a cal.
6. A cal em pó após ter sido "apagada" com água fria.

8.1.2. A Cal

Durante séculos, e desde o início do povoamento, a cal teve uma importância fundamental na construção dos edifícios de maior relevância, vindo lentamente a generalizar-se a todas as construções.

A sua extração na Ilha da Madeira encontrava-se circunscrita a S. Vincente, enquanto que no Porto Santo dispunha de maior número de jazidas bem como a sua exportação apresentava um maior incremento, chegando mesmo aos nossos dias.

No caso da Ilha da Madeira a exploração terá tido um sucesso muito relativo, porquanto o filão seria escasso e o transporte bastante condicionado à cabotagem. Neste sentido o Porto Santo desde sempre se definiu como o abastecedor de cal do Arquipélago, localizando-se as jazidas com maior abundância no Ilhéu da Cal, seguindo-se o de Campo de Cima, e o sítio do Espírito Santo.

Os fornos existentes apresentam um aspecto robusto remetendo para a imagem de uma fortaleza. Foram construídos em alvenaria com paredes de grande espessura, e interiormente desenvolvem uma configuração de cone invertido executado através de um rigoroso aparelho de pedra. Também a "porta" em forma de arco, de um modo geral foi construída em pedra aparelhada. A zona da porta denomina-se a "casa da cal" local para onde se puxa a cal cozida ainda em pedra, e onde se processa o tratamento final. Exteriormente e na face posterior, o forno geralmente encosta a uma pequena elevação, por onde se carrega superiormente arrumando à mão a pedra entre camadas de carvão. No caso do forno do Candito (ainda activo em Porto Santo) á falta de rampa natural foi improvisada uma em betão onde uma camioneta facilita o transporte das pedras ainda por cozer. No caso do forno de Câmara de Lobos (já desactivado desde os anos 50) o desnível do terreno favorecia a sua carga. Este forno, único exemplar que se conhece na Ilha da Madeira, apresenta uma curiosa cúpula que deverá resultar das beneficiações introduzidas em 14 de Outubro de 1914 pela proprietária D. Rita Agrela. E também pela condição imposta pelo então delegado de saúde Nuno Silvestre Teixeira que "dá parecer favorável a 18 de Janeiro, sob a condição da chaminé



Campo de Baixo, Porto Santo: Forno de Cal - carregando o forno até acima, vendo-se o carvão de pedra formando camada inferior à pedra calcária.



Idem - descarregando a pedra calcária diretamente da camioneta para o forno.



Calheta.

se elevar a um metro, pelo menos, acima da cumeeira da casa mais alta, num raio de 40 metros".⁽⁶⁹⁾

Do ponto de vista funcional temos várias operações devidamente hierarquizadas. Deste modo e antes de se iniciar a "carga" do forno, e ao nível superior da "porta" do forno correm-se os ferros ou agulhas que irão formar a grelhagem de suporte da carga e permitir a combustão por via da circulação de ar de baixo para cima. E é precisamente neste espaço que se acende o fogo, uma espécie de câmara de combustão que irá pegar fogo às camadas de carvão intercaladas com a pedra calcária. Durante cerca de dois dias fica a cozer. A partir do segundo dia começa-se a retirar um metro de pedra cozida por dia, puxando-se uma agulha de cada vez. A cal em pedra é transportada em carros de mão para um terreiro coberto onde se irá "derregar" a pedra. Em contacto com a água fria, a pedra de cal incha, estala e transforma-se em cal em pó. A operação que se segue denomina-se *cirandar*, ou seja a cal é atirada para um crivo ou ciranda para separar os detritos da cal. Após algum tempo em que o pó resultante fica em secagem, é ensacada para ser comercializada em sacos de 30 kilos.⁽⁷⁰⁾

Resumindo, a cal viva resulta assim da calcinação de pedras ricas em CaCO_3 (calcáreas).

A cal viva apaga-se com a adição de água fria em ambiente de ar livre estalando e transformando-se em pó.⁽⁷¹⁾ Noutros tempos era comercializada em pedra já cozida ou importada em calcário e transformada no forno de Câmara de Lobos.



Rochão, Camacha.

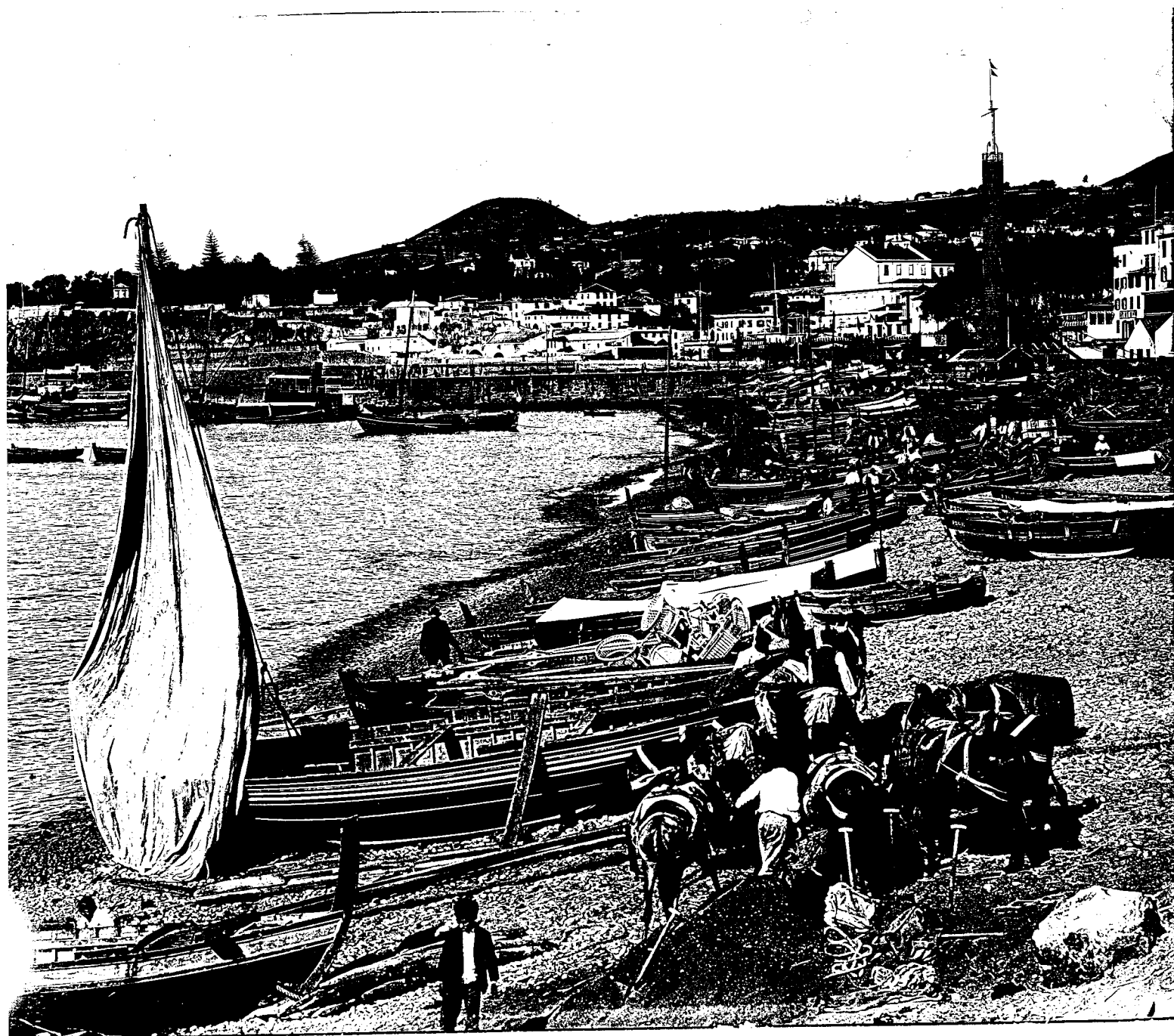
⁶⁹ "A Indústria da Cal em Câmara de Lobos", por João Adriano Ribeiro, in *Girão - Revista de Temas Culturais do Concelho de Câmara de Lobos*, nº 6, 1º semestre / 1991, pág. 251.

⁷⁰ Durante o levantamento visitou-se o forno do Sr. Candito, na localidade do Campo de Baixo fundado em 1799 e desde sempre na mesma família. Todo o processo de transformação e fabricação da cal foi-nos revelado cuidadosamente pelo seu proprietário, Sr. José Gonçalves Pereira Andrade.

⁷¹ *idem nota 69*, páginas 253 e 254 - "Segundo o testamento de 21 de Março de 1881 de Roque de Agrela proprietário do forno de cal de Câmara de Lobos a favor de Januário Roque conhecido pelo caleiro dos seguintes bens: "o forno de cal, e moinho, e casa por cima do moinho, benfeitorias e terra que possuo nas salinas, dita Freguesia de Câmara de Lobos, uma fuma e tudo o mais que pertence à dita fábrica como carvão, pedra calcária e cal, sendo a terra por detrás do moinho foreira em 1200 reis à fazenda nacional. Deixo mais ao dito Januário Roque o usufruto de duas pedreiras de pedra calcária que possuo no ilhéu de baixo junto à Ilha de Porto Santo, sendo as pedreiras no sítio da escadinha e cimprada a Nazário Reynolds (11-A. R. M. Administração do Cocalho, nºs. 18 e 26)."



Calhau, Porto Santo - Forno de Cal; Idem.



Fotografia - Funchal, finais do séc. XIX, princípios do séc. XX, M.O.Perestrello, Photograph, Funchal-Madeira (colecção V. Mestre).

8.1.3. Inertes

As argamassas ou ligantes utilizados são uma mistura de cal com a areia das ribeiras, do monte, ou areia da furna ou ainda areia argilosa.

No entanto e nas situações mais humildes, o uso de uma terra argilosa é o mais comum até porque a cal é(ra) um material caro e portanto de consumo restrito. Quanto às argilas, quando associadas a areias formam os *barreiros* como é de resto conhecido o sítio dos Barreiros, a Poente do Funchal. Este barro é utilizado crú (sem mistura) na fixação das pedras e também no reboco de revestimento, recebendo por último a caição. Segundo a descrição do Elucidário Madeirense (pág.89) "*algumas argilas estão revestidas de uma camada de hidróxido de ferro, com aparência de sucata - S. Jorge, Santana, etc. - outras de carbonatos e sulfatos - Porto Santo*".

Para além do barro nem sempre à mão, o comum dos inertes são as areias. A areia da furna é a mais utilizada, composta por augite, oxidações de ferro, aragonite e cinzas diversas. Estes elementos após arrastamento pelas águas ficam depositados em camadas negras, em tufos, nas cavidades naturais. A areia do monte resulta da trituração dos aglomerados de cinzas. Ambas as areias são utilizadas em rebocos finos nos interiores e sobre eles é aplicada uma camada mínima de gesso ou estuque. Só modernamente se começou a explorar a areia do mar, através de barcaças que sugam mecânicamente os inertes depositados geralmente na foz das ribeiras.

Os calcários não abundam no Arquipélago e são na maioria provenientes da "fossificação" da vida marinha (⁷²). Existiram explorações no Ilhéu da Cal no Porto Santo, e em São Vicente (Madeira). Actualmente uma única exploração de cal utilizando técnicas tradicionais funciona na Ilha do Porto Santo.



Postal : *Union Postale Universelle : Burros a carregar arei - Madeira* (1919, data manuscrita na face posterior).

⁷² *idem nota 22, pág. 43 - " Os Calcários Miocénicos do Vale de S. Vicente são aproveitados para o fabrico da Cal. As suas reservas, no entanto, são limitadas: consta que outros calcários foram explorados na região do Funchal até 1929, especialmente na pedreira da Travessa do Dr. Castilho e na pedreira da Quinta do Acciaiuoli, ambas situadas na Freguesia de Santa Maria Maior (Concelho de Funchal). A presença de calcários a W de Pontinha já tinha sido assinalada anteriormente por Mousinho de Albuquerque. "*

8.1.4. A Madeira

Para além das alvenarias, a madeira constitui o material mais utilizado, aliás como já referimos existem tipologias construídas integralmente neste material.

Segundo vários autores as primeiras construções da ilha terão sido executadas em madeira cobertas de palha. A grande quantidade e variedade provinha de uma floresta densa que se espalhava até às cotas mais baixas, razão pela qual se terá pegado fogo com o propósito de se disponibilizar os melhores solos de aluvião para as culturas, e também para implantar as primeiras casas que terão dado origem aos principais povoados. Assim foi o caso da freguesia de Santa Maria do Calhau, actual bairro de Santa Maria o Funchal ⁽⁷³⁾ ⁽⁷⁴⁾.

A maioria das árvores endémicas eram desconhecidas pelo que o seu uso veio a aperfeiçoar-se face ao conhecimento das suas qualidades ⁽⁷⁵⁾ ⁽⁷⁶⁾. No tabuado e nos barrotes das madres emprega-se madeira de vinhático e til, mas também de cedro (*juniperus oxicedrus*) ⁽⁷⁷⁾ ⁽⁷⁸⁾ que parece ter sido a madeira eleita para os tectos de alfarge pela leveza, facilidade dos entalhes e pela beleza dos seus veios, e aroma da sua resina. As principais construções madeirenses apresentam

⁷³ *As Saudades da Terra*, Gaspar Frutuoso, edição de 1873, pág. 71 - "Chegou João Gonçalves ao Funchal, começou a traçar a villa, e dar as terras de sesmaria, como tinha por regimento do Infante D. Henrique Senhor da dita Ilha da Madeira."


⁷⁴ *Descobrimto da Ilha da Madeira*, Jerónimo Dias Leite Zargo, E. D. da Faculdade de Letras de Coimbra, 1947, pág. 18 - "Fazer sua morada em terra de madeira, e fela logo apegada com ho mar, num lugar alto, donde depois a capitão Constança Ruiz fundou huã igreja de Santa Catarina."

⁷⁵ *idem nota 17*, 2º volume, (F-N), pág. 323 - "Esta superabundância de madeiras determina um notável progresso na Arquitectura Naval e na construção dos prédios, segundo afirma o visconde de Santarém, citado por Pinheiro Chagas, (...)"

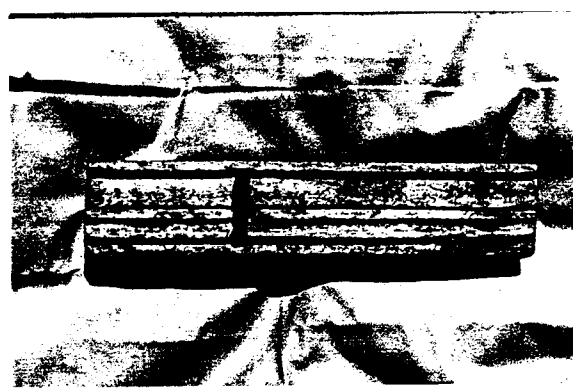
⁷⁶ Azuara, tratando das vantagens que resultaram dos descobrimentos devido à iniciativa do Infante D. Henrique, menciona "As grandes alturas das casas que se vão ao ceo, que se fizeram e fazem com madeira daquellas partes". Ao que o Visconde de Santarém acrescenta a seguinte nota, que é transcrita por Pinheiro Chagas na sua História de Portugal.

⁷⁷ *Ilha da Madeira; O Meio e a Flora*, C. N. Tavares, Instituto Botânico - Faculdade de Ciências de Lisboa, 2ª série-C-vol. XIII - Fascº. 1º, Lisboa, 1965, pág. 78, 79 - "Entre outras árvores, os cedros da Madeira (*juniperus cedrus*) foram objecto de intensa exploração a ponto de presentemente se poder dizer que esta planta é muito rara no estado espontâneo. A sua madeira é de preço elevado e, noutros tempos, foi largamente empregada na construção civil. A Sé do Funchal, sagrada em 18 de Outubro de 1516, possui um tecto em estilo mudejar trabalhado em madeira de cedro. No século XV era obrigatório o pagamento de dízimo nas transacções com esta madeira (1) também empregada para vigamento das antigas casas da ilha. (...) (1) CFR. F. Jasmins Pereira, 1959."

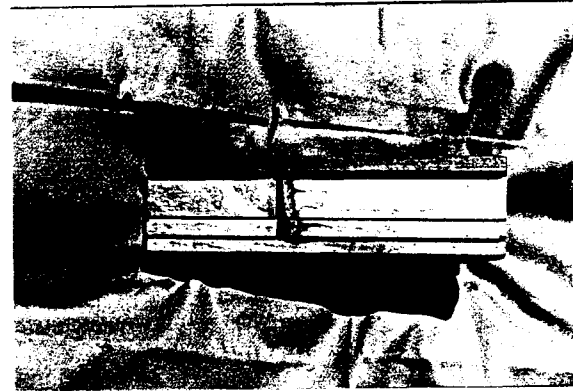
⁷⁸ *idem nota 44*, pág. 14 - "1515 - O "Cademo de Contas" das despesas das obras da Alfândega do Funchal refere-se a tabuado de vinhático (para assoalhar) e cedro "de tras da ilha", assim como ao uso de pranchas de til."



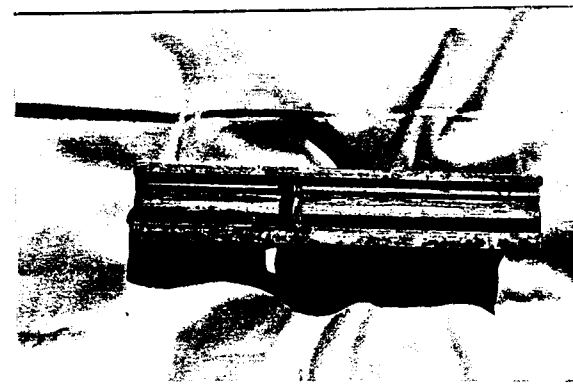
"Cepo" estriado para execução de rodapés e rodadectos (colecção V. Mestre).



"Cepo" estriado para execução de portadas (colecção V. Mestre).



"Cepo" estriado para execução de batentes de janelas e portadas (colecção V. Mestre).



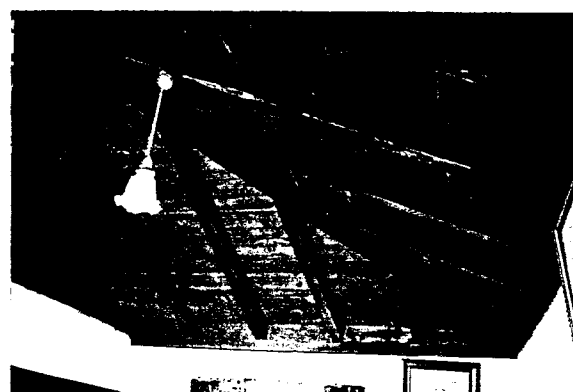
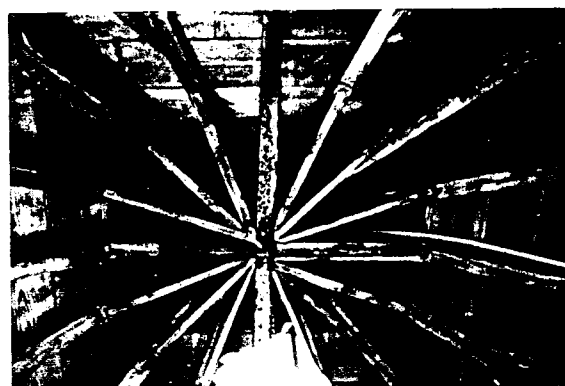
"Cepo" estriado para execução de aduelas de janelas e portas (colecção V. Mestre).

ainda hoje belíssimos tectos de alfarge nomeadamente a Sé, a Alfândega Nova, a Igreja de S. Paulo, a Igreja Matriz da Calheta, a Capela Mor da Igreja Matriz da Ponta do Sol e ainda o que nos ficou registado fotograficamente como o desaparecido tecto de alfarge do Solar da D. Mécia, um valioso testemunho da Arquitectura civil quinhentista. Aliás era prática corrente o uso deste tipo de tecto de origem mudejar também em algumas casas abastadas, de Morgado quer urbanas quer rurais.

Mas para além dos tectos de alfarge ou das armações de tectos e telhados, a madeira é uma componente indispensável na execução das casas, surgindo na maioria dos casos numa situação encoberta em paredes internas com fasquiados e estuques. A maioria destas estruturas são em castanho e *pinho da terra* (nome local dado ao pinho da ilha) assim como portas, janelas e portadas. O *cedro* terá sido inicialmente muito utilizado acabando praticamente por ser substituído pelo pinho da terra semeado para floresta produtiva. Para o exterior nomeadamente em latadas e em palheiros era comum o uso do *barbusano* ⁽⁷⁹⁾.

As marcenarias terão sido florescentes no Funchal e um pouco por toda a ilha. Devendo-se o facto à abundância de madeiras e à tradição construtiva vinda do Continente e muito desenvolvida e apreciada na ilha. António Aragão no seu livro *Para a História do Funchal* apura o nome de muitos protagonistas das artes de pedreiro e carpinteiro, entalhadores, pintores, douradores entre outros logo no séc.XV. "(...). De igual modo, muitos foram os carpinteiros que se revelaram de grande préstimo na construção urgente de casas de madeira e de toda a espécie de mobiliário." (pág.122)

O Funchal constitui uma verdadeira escola das artes da construção sempre enriquecida com gente experimentada nos diversos ofícios, cujo desempenho ficou para sempre registado na boa fábrica dos edifícios "e valores artísticos". Estes eram acompanhados pelos "Mestres/Arquitectos" enviados pela casa real para a execução das obras públicas. Esta primeira "universidade" fora da Europa desenvolveu-se face às potencialidades locais, principalmente monetárias (economia em franca expansão) e às abundantes e versáteis



Funchal: Convento de Santa Clara.

Idem.

Sítio do Ingrida, Lombo das Terças, Ponta do Sol.

⁷⁹ *idem* nota 65, pág. 138 - "(...) há também muita Madeira de barbusano, de que, maior parte, fazem os tanchões para as latadas, por ser pau muito rijo e durar muito no chão."

madeiras locais, que permitiram um aperfeiçoamento da arte de construir. Apesar de eminentemente urbana estas capacidades e qualidades terão influenciado os mestres de ofício que trabalhavam na construção das casas rurais, aliás muitas delas integradas na própria cidade do Funchal. Pelo que não será de estranhar que o erudito e o popular tenham surgido paredes meias, separados "apenas" pela escala, a qualidade dos materiais e alguma diferença no grau tecnológico na sua combinação. Mas a base na "maneira" de elevar uma parede ou na execução de uma armação do telhado não diferia muito.

Sítio do Lugar, Lombada, Ponta do Sol.



Ainda em madeira da ilha são feitas portas, janelas e portadas, elementos fundamentais em qualquer construção. Nos primeiros tempos uma única porta na fachada terá sido também simultaneamente a única janela, solução actualmente ainda visível nas construções mais elementares. A janela terá evoluído a partir de uma abertura discreta na fachada e gradualmente terá aumentado de dimensões, acompanhadas de soluções técnicas mais apuradas. As janelas como já referimos, inicialmente não tinham vidro mas sim portadas com postigos e/ou com pequenos vazios redondos ou quadrados por onde se efectuava o arejamento contínuo e por onde passava uma réstia de luz. A solução janela/portada remonta ao início do povoamento muito embora alguns dos tipos, que chegaram até nós se tenham fixado provavelmente a partir dos finais do séc. XVII, princípios do séc. XVIII. Segundo o testemunho de N. C. Pitta na página 100 do seu livro seu *Account of the Island of Madeira*, Londres, 1812, as casas madeirenses utilizavam rotulados de madeira e grades até à altura que houve um aumento de riqueza (provavelmente proporcionado pelo negócio florescente do vinho) e conseqüentemente, excluindo as casas humildes, a vidraça generalizou-se.



A partir desta época, com a instalação dos Ingleses nas quintas estes, terão proporcionado uma mudança no "gosto" das famílias mais abastadas do Funchal. É disso prova alguns apontamentos sobre a matéria no livro de F. S. Hopkins, 1819⁽⁸⁰⁾, onde inclusivamente este salienta que as casas modernas são construídas em pedra estucadas

⁸⁰ *An Historical Sketch Of The Island Of Madeira; containing an account of its original discovery and first colonization; present produce; state os society and commerce*, F. S. Hopkins, London, 1819.

por dentro e mobiladas segundo o gosto Inglês, reforçando com a influência que se faz sentir na própria Arquitectura. Talvez tenha sido desta época a introdução da janela de guilhotina, com largo uso no Funchal, especialmente em edifícios de prestígio privados e públicos como ainda em casas nobres.

Curiosamente no âmbito do seu uso na Arquitectura Popular, encontra-se circunscrita numa zona perfeitamente definida a partir da Candelária, Tabúa, até à Calheta. Este tipo de janela encontra-se em muitas casas tradicionais, todavia o tipo generalizado que denominaremos por "janela antiga", apresenta uma solução mista de meia portada com postigo em que ambos abrem associada a outra meia, com postigo, a abrir (para dentro) com uma folha de 3 a 4 vidros, fixa á portada pelo lado de fora. Este tipo de janela é muito comum a partir dos finais do séc. XVII e encontra-se generalizado ao território Nacional e Regiões Autónomas, em Conventos, Sacristias, Solares, Casas Nobres, Casas Urbanas, etc.

As únicas árvores introduzidas que têm verdadeira importância na Arborização Florestal da Madeira são o Pinheiro e o Castanheiro.

Disseminadas por vários pontos, (estradas, quintas, etc.) encontram-se:

Acácia	Grevilea
Alamo	Jacarandá
Araucária	Lodão Bastardo ou Sementeira
Árvore de Incenso	Magnólea
Azinheira	Plátano
Carvalho	Pimenteira
Castanheiro da Índia	Pimenteira da Índia
Choupo	Pinheiro Manso
Eucalipto	Tília
Figueira da Índia	Etc.

A Acácia, a Árvore do Paraíso e a Tamargueira, são as únicas essências abundantes no Porto Santo. Na Deserta Grande, encontra-se algumas Figueiras e Pinheiros.

Sítio da Murteira, Curral das Freiras.



Azenha, Caniço.

Principais árvores e arbustos indígenas são ⁽⁸¹⁾:

Adérno
Alindres ou Figueira do Inferno (*Euphorbia mellifera*)*
Azevinho (*Ilex canariensis*)*
Barbusano (*Apollonias Barbujana*)*
Cedro (*Juniperus cedrus*)*
Codêço
Dragoeiro (*Dracaena Draco*)*
Faia (*Myrica faya*)*
Folhado (*Clethra arborea*)*
Fustête
Ginjeira brava (*Prunus lusitanica*)*
Loureiro (*Laurus Azorica*)*
Marmulano (*Sideroxylon marmulano*)*
Massaroco (*Echium Nervosum*)*
Mocâno
Malfurada (*Globularia Salicina*)*
Murta
Oliveira
Pau Branco (*Picconia excelsa*)*
Perado
Piorno (*Teline maderensis*)*
Sabugueiro (*Sambucus lanceolata*)*
Sanguinho (*Rhamnus glandulosa*)*
Seixeiro (*Salix canariensis*)*
Sorveira (*Sorbus maderensis*)
Teixo
Til (*Ocotea foetens*)*
Tintureira
Urze das Vassouras (*Erica scoparia ssp. platycodon*)*
Urze Molar (*Erica Arborea*)*
Uveira
Vinhático (*Persea indica*)*
Zimbreiro

⁸¹ *Corografia Elementar do Arquipélago da Madeira*, Alberto Sarmiento, Junta Geral Autónoma do Distrito do Funchal, 2ª edição, Funchal, 1936. As notas acompanhadas do símbolo * foram retiradas de *A Vila de S. Vicente, evocação dos duzentos e cinquenta anos (1744-1994)*, Câmara Municipal de S. Vicente, 1994, pág. 101-102.

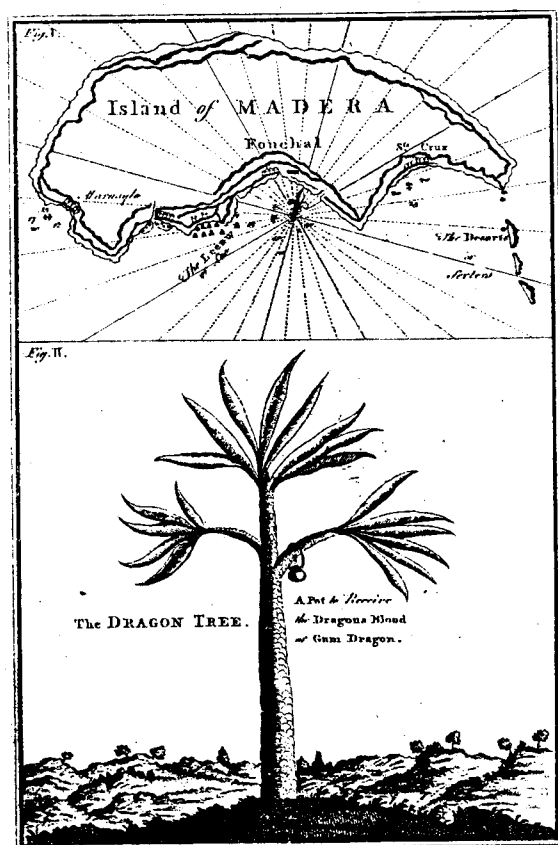


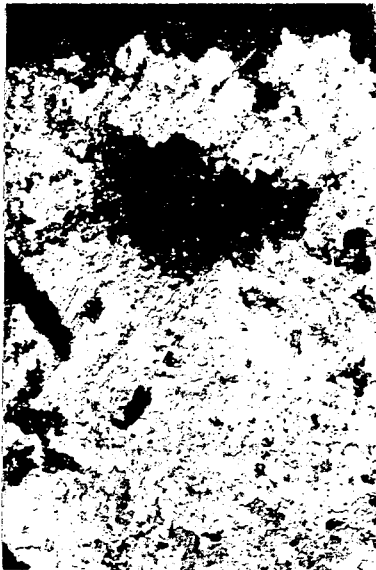
Fig. I. N.º 85, 1864, p. 351.

Fig. II. N.º 85, 1864, p. 351.



The Dragon Tree, xilogravura inserta no livro *Five Collections of Voyages, 1745-1747*, the Astley, pl.145, N.º85, vol .2,p.351, G. Child. Sculp!, dimensões 15,5x23,2 cm, in *Estampas, Aguarelas e Desenhos da Madeira Romântica*, Jul.-Dez. 88, C.M.F.F., pág. 40.

Sítio das Neves, S. Gonçalo, Funchal - núcleo de dragoeiros espontâneos.



Amostras de sucessivas caiações pigmentadas sobre ombreiras e vergas de basalto, recolhidos num depósito de cantarias provenientes do desmonte de casas antigas.

8.1.5. Tintas

8.1.5.1. Os Pigmentos Adicionados á Cal e Tintas Tradicionais

As técnicas tradicionais de construção e acabamentos diversos, das arquitecturas respectivamente popular, vernácula e erudita, na Ilha da Madeira em muitas situações confundem-se, principalmente por via dos materiais utilizados. Todavia o aprumo construtivo de uma casa urbana, muitas das vezes só se distingue de um bom exemplo de qualquer tipologia popular através de um ou mais acabamentos de apurado gosto.

Esta situação denota um natural conhecimento, agrado e disponibilidade financeira para o emprego de materiais de "aparato" ou seja, que revelam uma utilização que está para além do estritamente necessário. Contudo, não pretendemos dizer que os referidos materiais não tenham uma composição e até usos tradicionais, não podendo negar que são notoriamente mais utilizados em casas de Vila e de Cidade. São exemplos a Goma Laca, a Carnáuba, o Pó de Pedra. No entanto, o Grude, a Estearina ou o Incenso são produtos de uso corrente em qualquer situação rural ou urbana.

"Uns golpes de cutelo no pé da árvore e no ano seguinte, em certo tempo, os ditos cortes deitam goma, que cosem e purificam, e se faz o sangue"

Luis Cadamost, em 1445, escrevia estas palavras sobre a extracção do sangue dos dragoeiros do Porto Santo para a fabricação de verniz e tintas para tingir tecidos. Terá sido este o primeiro produto, proveniente da região, a ser utilizado localmente, e principalmente como riqueza natural para exportação. A cultura do pastel não teve incremento, assim como a conchinilha, largamente explorada nas Canárias. ⁽⁸²⁾ O dragoeiro foi largamente utilizado, principalmente a sua seiva avermelhada, o "sangue de drago", que era usada na medicina caseira, em tinturaria, e como verniz, muito procurado e cotado na Europa para o acabamento de violinos.

⁸² *Conheça o Parque Natural da Madeira*, Henrique Costa Neves, Ana Virgínia Valente, Funchal, 1992, pág. 21.



Fonte Bugia, Arco da Calheta.



Machico.



Rochão, Camacha.

Nas Aldeias e Vilas da Madeira ainda é possível comprar na "venda" entre outros produtos, alguns pigmentos para misturar na cal sendo os mais generalizados o "óxido de ferro ocre" e "óxido de ferro vermelho". Todavia é no Funchal, nos armazéns de S. Pedro, onde se podem encontrar ainda os mais diversos produtos ligados á manufactura de várias artes e ofícios. Esta loja de tradição mais não é, que a botica que tudo vende ligado a ferragens, produtos de limpeza, pequenos apetrechos de casa e da lavoura bem como as estôpas, o sizal, o gesso, a cal, o pó de pedra, a goma laca, os pigmentos e uma quase infinita colecção de produtos de produção artesanal e pré-industrial ligados á construção e acabamentos de casas e edificios.

Desde o Convento de Santa Clara, a uma qualquer casa anónima, todos utilizam produtos provenientes desta loja, onde ainda se pode consultar o Sr. Nuno Bezenca seu actual proprietário, para nos aconselhar no correcto preparo.

Para além dos múltiplos produtos tradicionais, são sem dúvida os pigmentos, aqueles que mais nos interessam. Para além do seu valor cromático, tem como primordial objectivo a preservação dos revestimentos e dos materiais utilizados na construção. O reboco seguido de caição encontra-se generalizado a toda a Arquitectura, desde a popular, à vernácula até à erudita, e o seu uso, ou a sua falta pode por vezes demonstrar abastança ou limitações económicas. Talvez se possa assim depreender que a cal, também ela uma côr, tenha em muitos casos prevalecido como causa de factores económicos, muito embora alguns edificios de prestígio tenham aparentemente sido sempre exclusivamente caiados. Todavia na Ilha da Madeira a côr é um elemento com forte ligação á Arquitectura, surgindo como um "complemento valorativo", talvez numa tentativa de "condimentar" a expressão áustera e ausência de decorativismos nas construções. O contraste das cores mais utilizadas, nomeadamente o ocre e o rosa forte, com as cantarias das portas e janelas também elas utilizando os tons fortes da(s) Tufa(s) ou cinzentas do(s) Basalto(s) é característico e identificador da Arquitectura Regional Madeirense. Temos assim, exemplos de edificios integralmente pintados com cores fortes, como a casa Museu Frederico de Freitas no Funchal, a Quinta da Estrelinha na Calheta, o Solar de Nossa Senhora da Piedade no Jardim do Mar, em rosa. Ou no caso dos ocre, temos entre outros

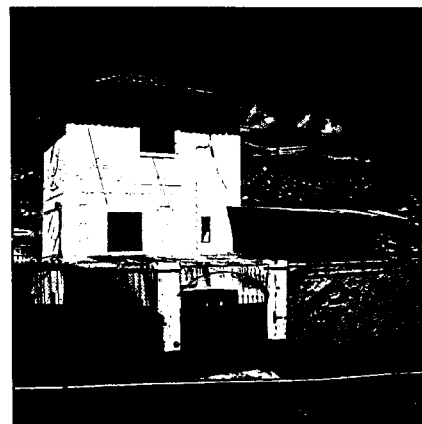


Idem.

exemplos, a Fortaleza do Machico, a Casa do Lombo das Terças e a Casa de Pedra aparente, na Camacha com múltiplas camadas de caições a ocre. As outras cores são mais raras quando utilizadas na totalidade dos edifícios, mesmo assim ainda se encontra o verde, que no caso do Curral das Freiras aparece com bastante predominância. Ou o azul, que apenas esporadicamente surge como no bellissimo exemplo dos arredores do Seixal. No entanto é comum o uso de uma vasta paleta de cores em molduras, socos, cunhais e cornijas, um pouco por toda a ilha com especial incidência na região de Santana. No entanto é a côr avermelhada ou rosa forte a mais utilizada tendo como fundo a caição pura. No caso do fundo ocre ou vermelho é o pó de sapato em várias tonalidades o mais utilizado para os respectivos socos, molduras e cunhais.

Nas situações mais elaboradas como os "esgrafitados" também a côr reforça a "força" do desenho decorativo. São exemplos especiais o Solar dos Silveira em Boaventura, o Solar do séc. XVIII junto á casa do Pico em Ponta Delgada e ainda a soberba *casa torreada* de St^o. António no Funchal. Esta última utiliza um rosa muito claro enquanto que os outros exemplos mais antigos utilizam o óxido de ferro.

Apesar da era industrial ser já centenária, na Madeira ainda se podem lêr os traços mais significativos da tradição pictórica⁽⁸³⁾, uma vez que nunca se parou de utilizar os pigmentos. O gosto pela côr será inclusivamente uma das características mais significativas desta Região Autónoma, bem patente nas casas e nos muros de côr rosa ou amarela emoldurados por longas faixas brancas. A côr parece refletir a alegria vibrante deste povo que diariamente ultrapassa as contrariedades da vida dura da lavoura, com uma boa disposição indifarsável e ainda encontra energia para as romarias e festas Domingueiras, também estas repletas de cores fortes e vibrantes. Entre muitas temos a Festa do Espírito Santo no Jardim da Serra, conforme ilustração.



⁸³ *Lisboa entre Tintas; Lisboa 94*, Mário Pereira, Capital Europeia da Cultura, 1994 - "A grande revolução do mundo das cores começou em 1856 quando em Inglaterra se sintetizou o primeiro corante orgânico "(...) "Não podemos deixar de pensar que é só a partir do século XIX que se registam as grandes inovações dos materiais de construção e que, até ai, cada região modelava e moldava as suas habitações em função daquelas que eram as suas características. Pedra, madeira ou terra davam a matéria-prima com que a necessidade de eficácia como que obrigou e impôs determinadas receitas construtivas que gerações e gerações foram mantendo e repetindo. Os modelos de habitação tradicional, para além do seu carácter localista reflectem evoluções muito lentas.. "

São Martinho, Funchal.

Idem.

Jardim da Serra - Festas do Espírito Santo: "*barca das rifas*".



Sítio da Estrela, Calheta - Quinta da Estrelinha.

As cores a que nos referimos são naturalmente a adição á cal de pigmentos, que resultam da moagem de vários minerais e terras naturais, ou de proveniência vegetal ou animal. Têm uma constituição em pós de diversas côres. São corantes naturais que se desenvolveram e apuraram até á era industrial do séc. XIX. Na nova era surgiram os pigmentos de origem quimica que aumentaram a paleta artesanal, seguindo-se finalmente as tintas industriais.

A nossa pesquisa incidiu também na recolha de fragmentos de caições com pigmentos, que cobriam em várias camadas os rebocos e principalmente, muitas delas, cantarias antigas. Estas são provenientes de várias demolições que se encontram depositadas em oficinas de cantaria para serem novamente serradas. Foi assim possível identificar as côres mais utilizadas ao longo de um período que não podemos balizar cientificamente, mas que seguramente terá mais de cem anos. Múltiplas camadas revelam vários períodos utilizando a mesma côr ou outras sobrepostas, revestindo as cantarias, algumas delas do século XVI.

As caições em cantarias dos séculos XVI, XVII e XVIII que encontramos em edificios ou no depósito de demolições permitiram-nos observar que nalguns casos terão surgido por necessidade de "evitar" uma maior desagregação da pedra principalmente no caso da tufa; noutros porém parece ter acontecido por intenção estética visto tratar-se de basaltos em muito bom estado de conservação.

Face ao número de camadas que nalgumas cantarias chegaram ás 35 e se lhe atribuirmos uma caição de 5 em 5 anos teremos um cenário possível de 170 anos. Trata-se de uma especulação, com uma margem de erro possível de aferir, visto que perguntámos a várias pessoas idosas ligadas á construção de casas, que nos asseguraram que geralmente as caições se aproximam mais dos sete a dez anos, principalmente em situações urbanas. A caição utilizando pigmentos será no entanto um fenómeno que acompanhou o povoamento desde a fase inicial, em edificios nobres, Igrejas e Conventos acabando também por ser progressivamente utilizada pelo cidadão comum.



Depósito de cantarias antigas - tufos caídos de vergas e ombreiras.

8.1.5.2. Tintas e Técnicas de Preparação

Para se obter uma correcta caição com pigmento incorporado prepara-se primeiramente a cal, que deverá ser viva, depositando-se esta num recipiente de generosas dimensões para que esta possa ferver. Junta-se-lhe sebo e com um pau comprido mexe-se os elementos em presença, com extremo cuidado para não se sofrer queimaduras (a cal ferve a cerca de 300°), adiciona-se o sebo, que por um lado ajuda a apagar a cal e por outro derrete-se diluindo-se completamente na pasta obtida. Este irá funcionar como um fixador e impermeabilizador da cal.

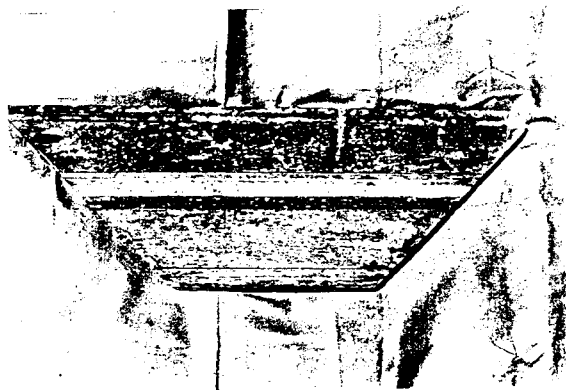
A introdução do pigmento é cuidadosamente feita através de várias experiências tendo por medida um litro de cal, e uma gramagem controlada de pó que aumenta ou diminui consoante a tonalidade desejada. Uma vez conseguida a cor após experiência num caco de barro, ou mesmo na parede temos imediatamente a percentagem que irá permitir a confecção final da tinta de cal.

Este processo é utilizado indiferentemente para o exterior e interiores e, por vezes é também utilizado em pintura sobre madeira, principalmente em tectos tipo masseira ou caixotão. No entanto para interiores utiliza-se mais a chamada *tinta cola*, composta por gelatina extraída do couro que é derretida em água ao lume. Após esta operação junta-se "gesso cré" e o pigmento pretendido. Podemos observar esta técnica no tecto de alfarge do coro alto do Convento de Santa Clara.

Também se aplica tradicionalmente em rebocos e madeira, embora no caso da madeira tenha um comportamento desagregador superior aos rebocos.

Ainda relacionado com as caições e o uso de pigmentos, embora no caso da Ilha da Madeira apenas ocorra pontualmente, temos os *grafitados* ou *grafito*, uma técnica italiana utilizada a partir do século XVII em toda a Europa. Trata-se da integração da(s) cor(es) na argamassa do reboco. Geralmente utiliza-se apenas em barras e elementos decorativos. Tecnicamente consiste em rebocar uma superfície já rebocada com cores diferentes integradas. Sobre a última camada inscreve-se um desenho que será esgravitado ou seja é perfurado nas linhas até encontrar o fundo do primeiro reboco noutra cor, geralmente branco.

Por fim temos a escaiola, vulgarizada nos fins do séc. XIX, princípios d séc. XX. Tendo igualmente proveniência italiana,



Lombo da Estrela, Calheta - remate de tecto de masseira com tinta de cal pigmentada.



Idem - pormenor de remate do mesmo tecto.

trata-se basicamente de uma técnica mista de estuque com a adição de uma pasta colorida. Da "destreza" do "artista pintor" na manipulação da dosagem e da gestualidade depende o êxito da fixação da pasta e do desenho pretendido. Normalmente o efeito de marmoreado, embora se consigam desenhos de pedras mais próximos das brechas.

Esta técnica está mais ligada às casas urbanas da burguesia e às renovações das igrejas nos finais do século passado. Por vezes surge nas casas de maior aparato, como as descritas no capítulo das *casas complexas*, principalmente nas "demeraristas", também se observando nas *casas modernas*.

8.1.5.3. Tintas de Óleo: Os Pigmentos Adicionados ao Óleo de Linhaça

A tinta de óleo é utilizada no cobrimento interior e exterior de portas, janelas, portadas, rodapés, alizares e outros elementos de madeira.

A sua composição é basicamente óleo de linhaça, um secante que no caso presente são as fezes de ouro, e o pigmento para dar a cor desejada. Utiliza-se indiferentemente a água, a benzina ou mesmo o petróleo como diluentes. O processo de fabricação de tinta tem muito de empirismo já que a experiência do mestre relativiza o sucesso do produto final. Grosso modo, a sua preparação inicia-se com o "demolhar" das fezes de ouro durante um dia no óleo de linhaça e só então se mistura o pigmento. É também costume misturar alvaiade para "abrir a cor".

Origem	Identificação	Coloração
Terras	Terra siena crua	
	Terra siena queimada	
	Castanho (terra)	
Vegetal	Sombra de Oliveira (patine em molduras)	
	Sombra de louveiros	
	Sombra de colónia	
	Pó - preto	
	Pó - castanho	
	Anil	
	Castanho escuro	
Mineral	Óxido de ferro ocre	
	Óxido de ferro vermelho	
	Azul nacional	
	Vermelho	
	Roxo rei	
Artificiais	Rosa	
	Jalda do canário	
	Azul ultramar (Dibon)	

Listagem de Produtos de Tradição Utilizados na Ilha da Madeira

Bréu	composto para calafetar barcos; águarrás em banho maria misturada com linho
Carnáuba	verniz mate para embutidos e caixilharia; água raz mais óleo de linhaça.
Cera de Abelha	tapa buracos de móveis; derrete-se em banho maria
Cola Grude	para madeira; gelatina ou grude dissolvidos em banho maria
Cola de Osso	diversas aplicações; obtem-se da cozedura de ossos e couro de animais
Cal viva em pedra	cal aérea gorda e não hidratada; faz presa em contacto com o ar
Cal hidráulica em pó	a presença de determinado grau de argila confere-lhe o índice hidráulico; comporta-se bem em ambientes húmidos
Diluyente(s)	água, águarrás, benzina, petróleo, álcool; líquidos com propriedades específicas que em contacto com determinadas substâncias permitem a sua solvência
Estearina	velas
Fezes de Ouro	trata-se de um secante; escórias da fundição do ouro; utiliza-se como fixador nas tintas de óleo
Goma Arábica	para colar papel; proveniência do Médio Oriente e Índia; mistura-se com água
Goma Copal	verniz
"Água de Sprit"	petróleo branco
Goma Laca	para polimento de móveis; mistura-se com óleo e aplica-se à boneca
Incenso	para queimar em casa e nas igrejas
Pigmentos	podem ser de origem vegetal, mineral, animale ainda artificial; aplica-se de diversas formas
Pó de Pedra	pó de mármore; mistura-se com resina formando uma pasta; destina-se ao restauro de estatuária, móveis, etc.
Vieux Chene	corante para madeira



Casa Tradicional, Sítio das Casinhas, Vila Baleira - Ilha do Porto Santo - sem data, [P.P.], exp. Porto Santo, nº11 (P. - M. V.).

8.2. Os Materiais e Técnicas de Construção Utilizados na Ilha de Porto Santo

8.2.1. A construção - técnicas e materiais

A construção da casa era normalmente uma tarefa dividida entre o dono da futura casa e, por ajustamento, com um mestre pedreiro e um mestre carpinteiro.

Era assim vulgar o dono da obra extrair das pedreiras os blocos de pedra calcárea conhecida por *pedra de areia*, utilizando para tal guilhos e marretas.

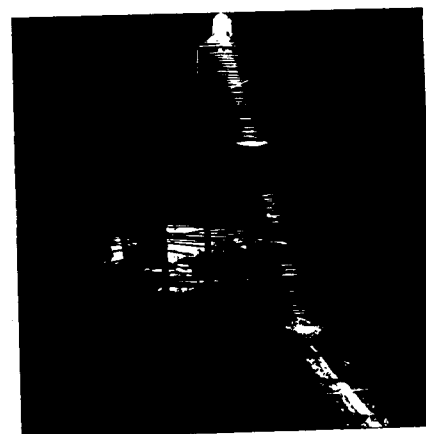
A pedra era então aparelhada pelo mestre pedreiro que preparava o "engalgamento" das paredes no terreno sobre os alicerces. Interiormente, e no sentido transversal, é vulgar encontrarmos também parede(s) mestra(s), embora o tabique seja o comum. Elevadas as paredes dá-se início á preparação do telhado, da responsabilidade do mestre carpinteiro. Este é constituído por uma armação de toros e varas de madeira cuja disposição regular de 50 em 50 cm é denominada de "mãos-dadas", para o caso de coberturas de quatro águas. Esta apoia-se nos "frochais" que por sua vez são pregados a uma viga pousada sobre as paredes. No caso de telhado de duas águas, a cobertura apoia-se em empenas triangulares que suportam o toro central, para apoio da restante estrutura da cobertura, constituída por toros de menor dimensão. As condições económicas do dono da obra ditavam então o uso de um forro de tabuado de caixote, e telha cerâmica, ou o mais vulgar, o forro de mato seco de feiteira, ou rama de cedro, ou caniço, ou folhas de palmeira sobre a armação de madeira.

Seguidamente sobre as paredes e como remate da armação de madeira são dispostas pedras aparelhadas que se projectam 10 a 15 cm sobre a fachada formando uma "cornija lintel". Finalmente é espalhado sobre a "cobertura vegetal" uma camada de 7 a 10 cm de salão, (barro da ilha), que uniformemente cobre toda a área do "telhado", interrompido apenas por uma chaminé de forma paralelipipédica.

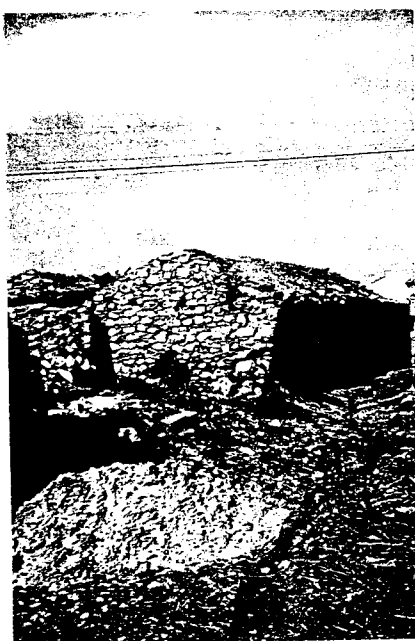
Exteriormente a casa é tradicionalmente rebocada com argamassas pobres de areia e cal, embora seja comum encontrar casas de pedra á vista. Primitivamente o pavimento era em barro batido por um "calcão" e raramente tinha sobrado. Todavia já se vulgarizou o uso de betoniilha e



Camacha, Ilha de Porto Santo.



Serra de Dentro, Ilha de Porto Santo.



cerâmicos.

Dos materiais utilizados em obra destacamos o *salão* cuja constituição é basicamente composta por materiais vulcânicos decompostos com largo espectro de barro. A cor amarelada caracteriza-o a olho nu, porque na sua composição entram os silicatos de alumínio. Encontra-se nas zonas dos calcários em forma de arenitos e calcoarenitos na zona central da ilha. Também surge na desagregação de cimentos de rochas escuras basálticas, que vão escorrendo para zonas planas, onde se forma a camada de solo superficial da ilha. A sua localização é detectada pela cor, e naturalmente pela quantidade acumulada, permitindo a exploração para o uso de coberturas e por vezes para argamassas pobres de assentamento, de alvenarias e mesmo do reboco.

8.2.2. As características funcionais

Este barro local apresenta um apreciável grau de "goma natural", de modo a agregar-se com facilidade quando em contacto com a água. É precisamente nesta característica que reside a vantagem da sua aplicação, uma vez que devido aos factores climáticos locais (como o clima seco, as temperaturas elevadas e ainda a fraca pluviosidade), este apresenta um comportamento ideal pela sua "plasticidade". Assim, verifica-se que na maior parte do ano as coberturas de barro estão secas, abrindo fendas por toda a superfície, permitindo deste modo uma circulação de ar entre o interior e o exterior da casa. Porosos ao ar na época seca, estanques em contacto com as chuvas (devido á facilidade de agregação do barro), estas coberturas respondiam assim ás necessidades e condições económicas dos habitantes da ilha, sendo ainda de registar a sua fácil manutenção, bastando o acrescento de barro, na zona donde este se tenha deslocado.



Machico, Porto Santo - casa em restauro; em primeiro plano um monte de salão.

Sítio do Dragociro, Porto Santo - cobertura de salão gretada pelo sol do estio.

8.3. Relações Entre as Construções da Ilha do Porto Santo e das Ilhas Canárias

8.3.1. A fixação de comunidades e a sua origem

Os Arquipélagos da Madeira e das Canárias estão desde a origem do povoamento do primeiro e da colonização do segundo, intimamente relacionados. E se por um lado ambos constituiram bases de partida para aventuras mais ousadas, quer dos Portugueses quer dos Espanhóis, por outro asseguravam já no início da sua descoberta a fixação de comunidades que ainda hoje persistem.

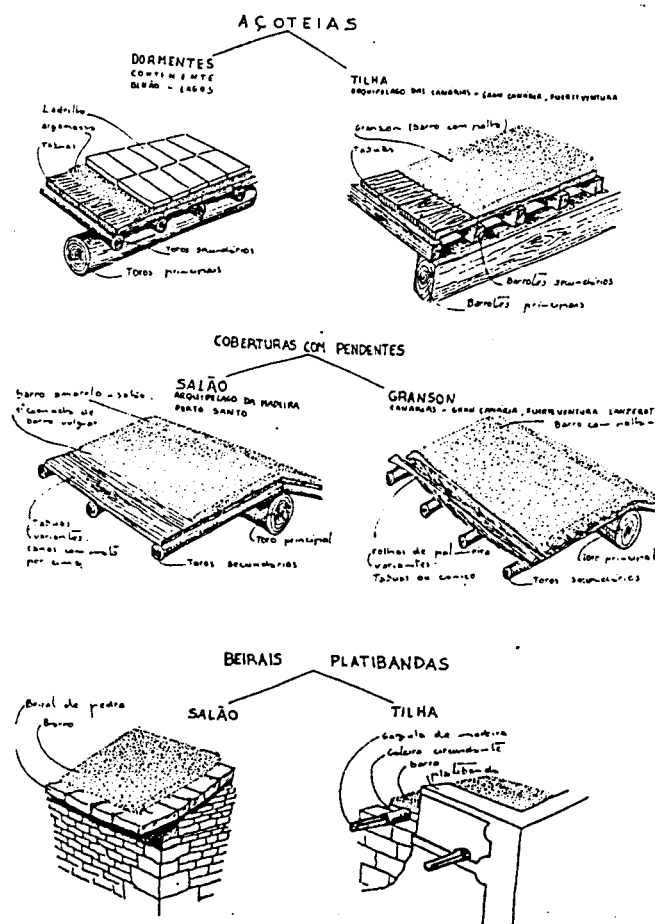
Mas com o tempo foram múltiplas as vantagens obtidas por contacto mútuo, com especial destaque nos ofícios e artes de construção.

8.3.2. As técnicas de construção de coberturas do Arquipélago das Canárias e algumas relações com a Ilha do Porto Santo

Ao nível da Arquitectura Tradicional do Arquipélago das Canárias, podemos estabelecer relações de parentesco ou de semelhança, nomeadamente no que respeita a técnicas de construção, com a Ilha da Madeira e principalmente com a Ilha de Porto Santo.

A técnica de construção das coberturas de barro do Porto Santo relacionam-se com os tipos de cobertura observáveis no grupo oriental do Arquipélago das Canárias. Após investigação local, foram detectados vários processos de construção de coberturas que de um modo geral consistem em estender barro ou terra amassada com outros elementos aglutinadores sobre uma estrutura complexa de madeira, quer para telhados com pendentes, quer para telhados planos tipo *açoteias*, (nome também utilizado em Lanzarote).

Todavia podemos constatar a existência de variantes ao nível da preparação do barro. Na Ilha Gran Canária, mistura-se cal no barro, e a estrutura do telhado revela técnica semelhante com as do Porto Santo: cobertura de duas águas, estrutura de toros de madeira, sobre os quais se pregam no sentido perpendicular tábuas de tamanho variável, espalhando-se sobre estas o barro.



Victor Mestre, *Jornal dos Arquitectos*, Maio 1985, pág. 5.

Na Ilha de Fuerteventura, foi detectada técnica idêntica tendo como variante, e em alguns casos, a substituição das tábuas por folhas de palmeiras. Uma outra técnica, denominada "*tilha*" foi detectada. Trata-se de uma técnica facilmente visível pela sua forma: cobertura rasa tipo açoteia. Compõe-se por pequenas tábuas de madeira (3x30x15cm aproximadamente), colocadas sobre as vigas mestras e espaçadas a eixo de 30 cm; sobre esta estrutura é espalhada uma argamassa composta de barro e *granson* (termo local para palha de trigo), processo denominado de *Tegue*. Por último existe uma caleira circundante com gárgulas de madeira, para o escoamento das águas. Este tipo de cobertura também é vulgar em Las Palmas (Gran Canária).

Na Ilha de Lanzarote foram detectadas todas estas técnicas, sem que nenhuma predominasse.

Curiosa será também a relação de semelhança na construção da *tilha* (açoteia das Canárias) com as açoteias de Olhão e Lagoa denominadas de *dormentes*. Estas são compostas por pequenas tábuas (3x15x10cm) sobrepostas às vigas transversais sobre as quais é espalhada a argamassa a fim de se efectuar o assentamento transversal às tábuas das tijoleiras (de dimensão semelhantes àquelas). Apenas nesta pequena observação podemos verificar que os territórios são "permeáveis" permitindo inovações inter-regionais, mesmo que lentamente. Os "edifícios produtivos" e seus engenhos terão sido os mais representativos por incorporarem "tecnologias avançadas". Nestas circunstâncias estarão a fabricação do açúcar, do vinho, bem como a moagem. A Madeira foi pioneira da instalação destes engenhos com destaque para os de açúcar ⁽⁸⁴⁾.

⁸⁴ *idem nota 44*, pág. 42 - (...) "1454 - após o aparecimento da primeira serra de água de Diogo de Teive, muitas outras se lhe seguiram, espalhadas por diversas partes da Ilha, o que provoca substancialmente a existência de vasto e bom arvoredo. "

arquitectura popular tradicional



Victor Mestre

SUBSÍDIOS PARA O LEVANTAMENTO POPULAR DA ILHA DA MADEIRA

<p>1. Furnas de viver ainda em uso. Registram-se casos p/ animais</p>	<p>2. Casa elemental terra c/coc. separada, coberturas de palha. forno exterior</p>	<p>3. Casa de 2 pisos e sótão c/coc. sep. coberturas de palha e telha. forno ext.</p>	<p>4. Casa Complexa c/coc. sep. c/ duplo sótão. forno ext. casa de grande lavador</p>	<p>5. Casa de meio-tio - coc. separada c/forno exterior ou inferior. coberturas de palha</p>	<p>6. Casa de meio-tio completa com passagem lateral para a cozinha separado cobr. de palha</p>
<p>8. Casa elemental, terra c/coc. separada, coberturas de palha e telha.</p>	<p>a tipologia n.º 24 está generalizada a todo o território.</p>				<p>12. Casa de dois pisos com coc. integrada c/forno ext. coberturas de palha. 1º piso para lojas-emprego/almoxarife</p>
<p>9. Casa elemental, terra c/coc. separada, coberturas de palha e telha. forno exterior</p>					<p>11. Casa elemental linear coc. integrada c/forno ext. coberturas de palha. 1º piso para lojas-emprego/almoxarife</p>
<p>7. Casa elemental de dois pisos, terra c/coc. separada, coberturas independentes</p>					<p>10. Casa c/coc. separada para dois pisos, terra c/coc. separada, coberturas independentes</p>
<p>13. Casa c/empena perpendicular à rua c/sótão coc. integrada ou separada.</p>					<p>14. Casa "aglutinada" colagem do corpo dos quartos c/ a coc. alínea de rua densa</p>
<p>19. Casa "Senhorial" rural de grandes dimensões ext. int. c/forno. 1º andar. estada inferior.</p>	<p>20. Casa de quinta referencial e arquitectónica inglesa forte relação com o território que a rodeia princ. c/grandes áreas</p>	<p>21. Casa popular urbana e arquitectónica inglesa (rural) de 2 pisos estada inferior coc. integrada c/ forno exterior pendurado.</p>	<p>22. Casa c/ linhas paralelas planta de casa linear dobrada coc. integrada forno exterior.</p>	<p>23. Casa tipo "chalé" arquitectura primitiva do século coc. integrada estada inferior.</p>	<p>24. Casa do tipo "moderno" de emigrante. aduani de emigrante - se em vãos. pisos sobre a rua</p>

QUADRO TIPOLOGICO da HABITACÃO

CASA ANTIGA MORGADO - VILA	CASA ELEMENTAR ALVENARIA COBERT. de PALHA	CASA ELEMENTAR MADEIRA COBERT. de PALHA	CASA ELEMENTAR ALVENARIA COBERT. de TELHA	CASA EM ESQUADRIA	CASA MODERNA
TERREJA COZ. INTEGRADA FORNO EXTERIOR	TERREJA COZ. INTEGRADA FORNO INTERIOR	TERREJA FIO COZ. SEP. FORNO INTERIOR	TERREJA COZ. SEPARADA FORNO EXTERIOR	ESQUADRIA ELEMENTAR TERREJA COZ. ENC. ou COZ. INTEGRADA FORNO EXTERIOR	ELEMENTAR TERREJA COZ. ENCOSTADA
 LOJA					
DOIS PISOS COZ. INTEGRADA FORNO EXTERIOR	TERREJA COZ. INTEGRADA FORNO EXTERIOR NA PARCELA EMPENA	TERREJA FIO E MEIO FIO COZ. SEP. FORNO INTERIOR	TERREJA COZ. ENCOSTADA FORNO EXTERIOR	ESQUADRIA ELEMENTAR 2 PISOS COZ. ENC. ou COZ. INT. FORNO EXTERIOR ESCADA EXTERIOR	ELEMENTAR TERREJA COZ. ENCOSTADA C/5 SOTÃO COZ. INTEGRADA
		 PISO 0			
DOIS PISOS COZ. INTEGRADA FORNO EXTERIOR ESCADA EXT. C/ BALCÃO	TERREJA C/ COZ. SEPARADA FORNO INTERIOR	DOIS PISOS MEIO FIO COZ. SEPARADA FORNO INTERIOR	TERREJA COZ. INTEGRADA FORNO EXTERIOR	ESQUADRIA COMPLEXA CORREDOR INTERIOR CORREDOR CENTRAL COZ. INT.	ELEMENTAR TERREJA COZ. INTEGRADA FORNO EXT.
 PISO 1 PISO 0		 PISO 0	 PISO 1 PISO 0		
DOIS PISOS COZ. INTEGRADA FORNO EXTERIOR ESCADA EXT. C/ BALCÃO	TERREJA C/ COZ. ENCOSTADA FORNO INTERIOR ou EXTERIOR	TERREJA REDONDA (ELEMENTAR) COZ. SEPARADA F. INTERIOR	DOIS PISOS COZ. INTEGRADA FORNO EXT. C/ ou S/ ESC. INTERIOR	CASA DUPLICADA	ELEMENTAR DOIS PISOS COZ. INT. NO PISO 1 F. EXTERIOR C/ ou S/ ESCADA INTERIOR
					 PISO 0 PISO 1
CASA TORREADA	TERREJA COZ. ENCOSTADA FORNO INTERIOR ESCADA PARA SOTÃO	TERREJA REDONDA (COMPLEXA) COZ. SEPARADA F. EXTERIOR	DOIS PISOS C/ EMPENA COZ. ENCOSTADA F. EXTERIOR ESCADA EXTERIOR	CASA DUPLICADA COZ. INT. FORNO EXTERIOR DOIS PISOS ESCADA EXTERIOR	COMPLEXA QUADRANGULAR COZ. INT. ESC. CENTRAL INTERIOR
			 PISO 1 PISO 0		 PISO 1 PISO 0
CASA TORREADA DOIS PISOS COZ. ENCOSTADA FORNO EXT. ESCADA INTERIOR	TERREJA GRANDES DIMENSOES COZ. SEPARADA FORNO INTERIOR		DOIS PISOS C/ BALCÃO COZ. INTEGRADA FORNO EXT. ESC. EXTERIORES	CASA COMPLEXA	COMPLEXA 2 PISOS DESEMPARADA ESC. EXTERIOR COZ. INTEGRADA CORR. CENTRAL
					 TERREJA
FURNA	TERREJA QUADRANGULAR COZ. SEPARADA ESCADA PARA SOTÃO			COMPLEXA QUADRANGULAR DOIS PISOS COZ. INT. ESCADA CENTRAL INTERIOR	ESQUADRIA TERREJA ou DOIS PISOS ELEMENTAR COZ. ENC. ou INT. FORNO EXTERIOR
					 PISO 1 PISO 0
FURNA ESCAVADA FURNA ESCAVADA C/ CANTARIA FURNA ESC. C/ CASA ENCOSTADA	TERREJA QUADRANGULAR GRANDES DIMENSOES COZ. SEP. FORNO E ESC. SOTÃO			COMPLEXA CORREDOR CENTRAL DOIS PISOS COZ. INTEGRADA FORNO EXT. ESCADA EXTERIOR	ESQUADRIA COMPLEXA 2 PISOS COZ. INT. FORNO EXT. ESC. EXT.
	TERREJA FIO COZ. SEP. FORNO INTERIOR				
	 PISO 0				
	2 PISOS MEIO FIO COZ. SEP. FORNO INTERIOR				

CAPÍTULO 9 - Breves Conclusões sobre as Tipologias Habitacionais e Sistemas Construtivos

9.1. Ilha da Madeira

Completo-se a identificação das tipologias habitacionais da Ilha da Madeira e antes de nos debruçarmos sobre quaisquer conclusões, como possíveis comparações com os modelos Continentais, muitos deles ainda existentes, será útil a referência científica dos livros da *Arquitectura Popular Portuguesa*⁽⁸⁵⁾ e a *Arquitectura Tradicional Portuguesa*⁽⁸⁶⁾. Como também curiosamente podemos em terras açoreanas, as segundas a serem povoadas, comparar as "Arquitecturas Locais" com as tipologias madeirenses. Neste caso constituiu trabalho fundamental o Levantamento da Arquitectura Popular dos Açores⁽⁸⁷⁾, ou no caso das Canárias o livro *Arquitectura Doméstica Canária*⁽⁸⁸⁾, os itinerários de *Arquitectura Popular Española*⁽⁸⁹⁾ e ainda os artigos do autor publicados no *Jornal dos Arquitectos*⁽⁹⁰⁾.

Sugere-se assim, e desde já, que tenha existido em termos da(s) arquitectura(s) de influência, logo a partir do início do povoamento, uma grande permuta entre o Continente e as ilhas com especial destaque para o Arquipélago da Madeira, que terá funcionado como unidade irradiante de técnicas construtivas e tipos de casas adoptados. Terá sido um centro difusor de experiências no campo dos novos produtos agrícolas, mas também na organização das comunidades fora do espaço Europeu, e num novo espaço físico, quer na dimensão territorial e urbana quer ainda na construção das casas unifamiliares enquanto unidades auto-sustentáveis.

⁸⁵ *idem nota 1.*

⁸⁶ *idem nota 4.*

⁸⁷ *idem nota 2.*

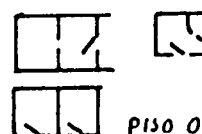
⁸⁸ *Arquitectura Doméstica Canaria*, Fernando Gabriel, Martín Rodriguez, Editorial Interinsular, Canaria S. A., 2ª Edición, 1978.

⁸⁹ *Itinerários de Arquitectura Popular Española: 4 - Los Pueblos Blancos*, Luis Feduchi.

⁹⁰ " *Relações entre as Construções da Ilha do Porto Santo e das Canárias* ", Victor Mestre, *Jornal dos Arquitectos*, Maio 1985, pág. 5; " *As Coberturas de Barro - Ilha de Porto Santo* ", Victor Mestre, *Jornal dos Arquitectos*, Março/Abril 1985, pág. 6.



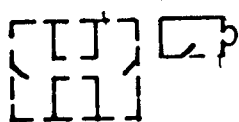
Machico.



Sítio do Jogo da Bola, Canhas, Ponta do Sol.



São Jorge.



Nestas circunstâncias terão também surgido as tipologias "inventadas" na ilha, mantendo-se estas inalteráveis ao longo de séculos, algumas circunscritas a sub-regiões, tornando-se em verdadeiros tesouros da cultura regional.

É esta individualidade que permite hoje, reforçar o carácter local destas arquitecturas, enquanto valia cultural incontornável face a outras regiões.

Na Ilha da Madeira constatamos o esforço gigante, quase impensável, de como à 500 anos se contornou a natureza agreste apenas com o esforço braçal de homens simples, rudes, pouco exigentes para consigo, devedores permanentes à terra e tementes a Deus. Do abrigo improvisado à casa acolhedora com condições mínimas, terão ficado algumas gerações privadas de quase tudo o que consideramos como valores mínimos de conforto. Mesmo quando se atingiram as condições mínimas estas estabeleceram-se quase sempre no limiar da extrema pobreza; o tecto como abrigo funcionou mais durante séculos, do que como casa.

Tempo e dinheiro para amanhã e dedicação às casas foi sempre escasso, a casa foi aliás sempre a primeira a sofrer com as privações de quem dificilmente tirava o sustento suficiente da terra. No meio de tanta dificuldade terão surgido os modelos mais "originais". Provavelmente foi o engenho que superou aquilo que as economias não permitiram. Nestas circunstâncias estarão as tipologias de madeira com cobertura de palha, generalizadas à Ilha principalmente em Santana e São Jorge e na zona Sul entre o Machico e o Estreito da Calheta. Estas serão provavelmente as casas palhaças a que se referem inumeros documentos ⁽⁹¹⁾. As primeiras são integralmente em madeira e talvez tenham não só beneficiado, como sejam consequência da grande proliferação de engenhos de serrar madeira do lado Norte da ilha, rico em arvoredo e cursos de água. Naturalmente que se trata de uma conjectura, todavia verificamos que curiosamente ainda hoje é o único sítio da ilha onde existe uma serra de água a funcionar nos moldes tradicionais. Aliás o dono do engenho refere que era comum no tempo do avô e do pai serrar-se "pranchões" para os frontais das casas de Santana. E se nos determos nas casas

⁹¹ "Casas Madeirenses (Notas de História Madeirense)", por João Sousa, Diário de Notícias Funchal, 2/9/84 - "E mesmo bem perto da urbe se assinalavam casas palhaças. Em 1531, Margarida Dias Frias (?) vende ao Bacharel Lopo Dias "(...) casas palhaças e pomar (...) "situadas no Pico dos Frias." (...) em que a nota 9 refere "A.N.T.T. Santa Clara, Funchal Maço 11 S.N. "

mais antigas facilmente verificamos o corte artesanal das madeiras.

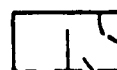
Quanto às casas de alvenaria de pedra solta, revelam a escassez de recursos na sua execução. A pedra utilizada é o basalto, solto e recolhido no local. Apenas os cunhais, as "lumieiras", nome local para padieiras, e as ombreiras das portas mostram a técnica de corte e assentamento da pedra. Ambas as casas, de madeira e de alvenaria, utilizam uma armação de madeira própria para receber os molhos ou feixes de palha, de trigo ou centeio. A sua condição tipológica no entanto é diferente. No caso das casas de Santana temos um volume á parte para a cozinha enquanto que na primitiva tipologia "sulista" a cozinha se encontra integrada no mesmo volume. Em ambos os casos se utilizava apenas uma porta e por vezes uma pequena janela mais parecendo um postigo. Naturalmente que estas tipologias terão convivido com os modelos de casas mais abastados dos senhorios das terras e também das casas de alvenaria rebocadas e telhadas.

A telha era no entanto um material rico, por isso poucos lhe tinham acesso constituindo material para constar em testamentos ⁽⁹²⁾. Aliás o uso da telha representará a primeira imposição com força de decreto lei em matéria de construção civil, com largas repercussões no aspecto das primeiras casas do Funchal ⁽⁹³⁾. Na altura ainda um pequeno aglomerado de casas que, segundo António Aragão seriam "muito modestas", em madeira cobertas de colmo, inclusivamente na Rua dos Mercadores, a principal rua da Cidade (note-se que este autor também refere a existência de casas de pedra com cobertura de palha).

Os materiais utilizados na construção serão determinantes no aspecto e tipologia das casas do Funchal e na restante ilha, bem como representam desde muito cedo uma fonte de receita para a coroa. O trabalho artesanal e os principais produtos



Rochão, Camacha.



⁹² *A Fazenda Real na Ilha da Madeira*, Susana Munch Miranda, Instituto de História de Além - Mar, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, U.N.L., Lisboa, 1994, pág. 29 - "(...) Num testamento de 1494, declara-se: (...) devo a Álvaro Esteves um milheiro de telha de castela que me emprestou (...) De Castela vinham telhas, material para canalizações como alcatrizes, e olaria diversa em que se pode incluir a "loija".

⁹³ *idem nota 10*, pág. 45 - " Os especiais cuidados a ter com ela, (palha) sobretudo para evitar os incêndios, levou o duque D. Fernando, em 1470, a determinar que todas as casas da Rua dos Mercadores se " descobrissem de palha e cobrissem de telha "(...)" Por exemplo, a propósito da determinação de se cobrirem de telha as casas de palha, os próprios residentes da Rua manifestaram certa resistência a esta medida, especialmente os mais pobres, porém alegando todos em conjunto que, para tal efeito, teriam de transportar (nesse inverno de 1470) as madeiras pelo mar e outras coisas (como cal e telha) que deveriam vir de fora da Ilha."



Ponta Delgada.

destinados á construção serão desde o povoamento colectáveis com dízimos encarecendo a construção das casas, agravado ainda no caso da telha que era importada.

Segundo Susana Munch Miranda, na era Henriquina "os dízimos eclesiásticos incidiam fundamentalmente sobre a produção agrícola e pecuniária (e ainda), sobre algumas actividades de recollecção (lenha, madeira, pedra), sobre o trabalho em geral e ainda sobre o arrendamento de terras e alugueres de casas ". Segundo a mesma autora só no tempo de D. Manuel I estes dízimos serão dispensados, através do Foral de 1515 ⁽⁹⁴⁾.

Nos primórdios do povoamento só as Igrejas e casas de alvenaria com alguma nobreza seriam rebocadas e caiadas, constituindo estas uma excepção. A pedra aparelhada á vista também se distinguia certamente das pedras rústicas hábilmente montadas sobre si. Por outro lado, também será digno de nota o uso de barro nas juntas das pedras, nas casas mais cuidadas sendo que genéricamente o seu uso era mais comum no interior das paredes como ligante de pedras mais irregulares e de pequena dimensão. Os documentos consultados são pouco precisos sobre esta matéria mas a observação local em edificios antigos rurais e urbanos permite-nos tirar algumas conclusões. A mais imediatista, (e não exclusiva da ilha) resulta da leitura das cantarias e dos aparelhos de pedra que constituem as paredes. Em muitos casos constatamos que as cantarias das portas e janelas são intencionalmente esculpidas para ficarem salientes do plano das paredes de modo a que o reboco encontre encosto e respectivo remate. Observamos esta situação em cantarias manuelinas e setecentistas de casas urbanas e também em casas rurais de indiscutível antiguidade. Se observarmos as cantarias manuelinas depositadas no Jardim da Quinta das Cruzes verificamos que estariam implantadas para além do plano das paredes de forma a funcionarem como contenção e remate do reboco.

Curiosamente são ainda estas janelas que nos permitem fazer uma outra leitura do "modus "construtivo quatrocentista e uma subtil simplificação ou talvez evolução, destes elementos arquitectónicos. Referimo-nos ás pedras de padieiras, parapeitos e ás de ombreiras e "meia ombreira". Ou seja,

⁹⁴ *idem nota 91*, pág. 29 - "(...) isentos de pagamentos desta imposição, ficam assim, todas as actividades artesanais e o trabalho em geral, os arrendamentos e aforamentos, bem como lenha, madeira, pedra, cal, telha e tijolo."

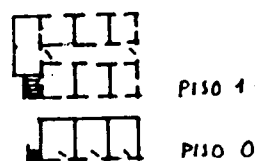
enquanto que nas janelas manuelinas as referidas pedras são salientes para além da esquadria, havendo o cuidado de garantir a simetria, nos casos da casa levantada na Fajã do Mar no sítio do Guindaste, entre muitos outros exemplos, é visível o "rebaixamento" parcial das mesmas pedras para ficarem com parte integrada na estrutura da parede e assim garantirem a estabilidade do conjunto (da porta ou janela) e ainda receberem sobre elas o reboco, acabando por permitir uma regularização total da janela com o reboco. Esta situação terá sido (re)inventada (?) desenvolvida localmente no(s) século(s) XVI/XVII acabando por se generalizar às construções de alvenaria. Aliás podemos observar em toda a ilha e confirmar junto de velhos mestres canteiros que as pedras de cantaria eram cortadas e trabalhadas como "desde sempre", sendo que a dimensão da porta e janela era mais ou menos regulada enquanto que o número de pedras que as formavam resultavam das dimensões das pedras em bruto pelo que nas construções de "pouca exigência" raramente as pedras de "meia ombreira", ou de travamento, coincidem na simetria.

Ainda digno de nota será a métrica quase sempre constante em cada tipologia e entre tipologias diferentes. Existirá uma concepção geométrica e modular pré-estabelecida (por influência da arquitectura erudita, nomeadamente fruto da construção da Sé, da Alfândega, das Fortalezas, dos Conventos e de outros edifícios nobres), ou apenas será o conhecimento empírico que permite a estabilização de um sistema de medidas fixo? Planta e alçados responderão assim á utilização de uma medida fixa, e respectivos múltiplos, que influem na tridimensionalidade das construções. Não estamos a falar de uma malha reguladora mas num simples método coevo de quem sabe, reproduzido fielmente de casa para casa, que terá permitido a construção homogénea das casas garantindo uma proporção constante. Estará assim presente também uma idêia de "módulo" que, associado, permite a multiplicação da compartimentação face ás necessidades de quem mandou construir, e provavelmente da capacidade dos materiais, nomeadamente do comprimento admissível das varas que compõem as armações dos telhados e a estabilidade das paredes face aos impulsos laterais. Terão estas medidas, tal como as técnicas construtivas, sido importadas do Continente? Através de uma pequena sobreposição de levantamentos, e sem a certeza de um rigor científico, diríamos que haverá pontos de contacto.

As principais unidades de medida utilizadas no arquipélago terão sido, desde o povoamento, o côvado, a vara, a braça, o



Ribeira da Janela.



pé e o palmo. Segundo o *Ilucidário Madeirense*, pág. 317, "é ainda hoje frequente falar-se de almudes, galões, canadas e quartilhos na medição de líquidos; de varas e côvados, na medição de tecidos; de braças na medição de pedra; de moios e alqueires na medição de cereais; e de pés na medição de madeiras". Apesar da unidade métrica ter sido imposta aos madeirenses, como aliás em todo o território nacional a partir de 1818, houve no entanto nesta região forte resistência á sua implementação, pelo que constatamos que até ao séc. XIX se terá construído segundo a métrica quatrocentista. A título de exemplo repare-se no arrendamento por nove anos de 4 de Julho de 1477, entre Álvaro Lopes e João Gonçalves da Câmara, 2º Capitão do Funchal, de terras na Ponta do Sol (in A.N.T.T. Santa Clara, Funchal, Lº 6, fol. 205) lê-se "uma casa de 30 côvados de comprido, de pedra e barro, de boas paredes de braça craveira e cobertura de palha".

Um côvado são três palmos, que por sua vez são 66 cm, pelo que esta casa teria cerca de 19,80m de comprimento, enquanto que a *braça craveira* com cerca de 2,20m, corresponderia á altura das paredes. Seria certamente uma casa com alguma abastança a avaliar pela sua dimensão: mais do dobro das casas generalizadas na ilha que raramente atingem os 10m, ficando-se em média pelos 7m, enquanto que na largura raramente ultrapassam os 5m, tomando por referência as casas lineares e em esquadria em alvenaria de pedra com cobertura de telha. Os 2,20m de altura mantiveram-se em praticamente todos os modelos. Ainda relativamente ao comprimento, sómente as Casas de Morgado se aproximam de medidas tão generosas. Quanto ás casas de cobertura de palha, que ainda hoje podemos observar, de um modo geral, têm 6m de comprimento por 4m de largura. Estas medidas não são totalmente repetitivas, uma vez que consideramos existir uma margem de "tolerância" de cerca de 20 a 30cm.

Fica-nos a idéia de que a arquitectura popular não terá surgido fruto de uma arquitectura expontânea, sem regras, mas antes resultará de um ancestral saber de controle de medidas e métodos construtivos. As medidas, ainda que transpostas empíricamente através do auxílio de alinhamentos, esquadrias e triangulações, para um sistema ortogonal, permitiram a estabilização de proporções das partes num todo, afectando (favoravelmente) a espacialidade. Só assim encontramos explicação para a regularidade e proporção e conseqüentemente para a identidade e harmonia que constitui esta arquitectura.

9.2. Breves Conclusões sobre as Tipologias Habitacionais da Ilha do Porto Santo

A Arquitectura Tradicional apoia-se em materiais pré-existentes, e correctamente utiliza conhecimentos técnicos e tecnologias rudimentares adquiridas e aperfeiçoadas ao longo dos séculos. No caso de locais tão isolados e pobres, como é o caso da Ilha de Porto Santo estas características, assentam-se, e são valorizadas pelo engenho que o Povo teve em "inventar" uma técnica simples mas eficaz de cobertura de barro, mantendo no entanto a configuração formal das coberturas tradicionais de palha ou telha. Durante a investigação local, onde verificamos a técnica construtiva, e os respectivos resultados, tudo nos pareceu ter um grande sentido, neste território agreste onde as coberturas de palha são impossíveis face às fortes ventanias, acontecendo o mesmo à telha portuguesa que só com pedras em cima ou meia mouriscada se mantém estável evitando deslizamentos. Todavia o seu preço condicionou fortemente o seu uso durante séculos.

O *salão* é já uma memória, em vias de extinção, mas a razão do seu uso continua perene dado o grau de eficácia no objectivo que preconiza: isolar convenientemente uma construção.

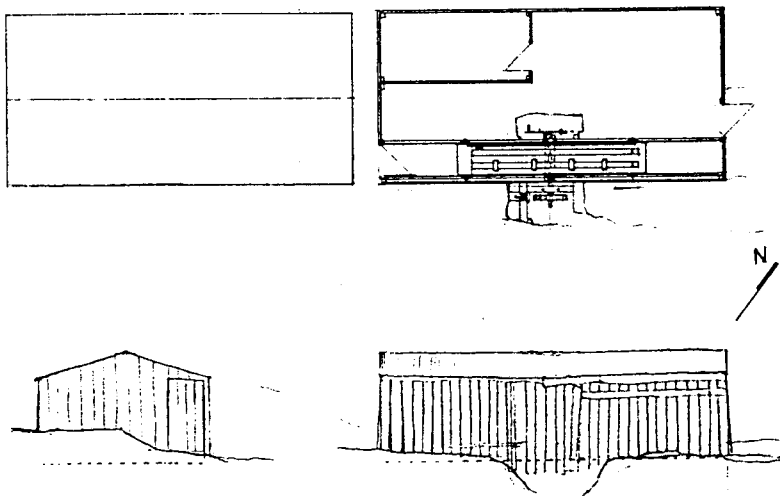
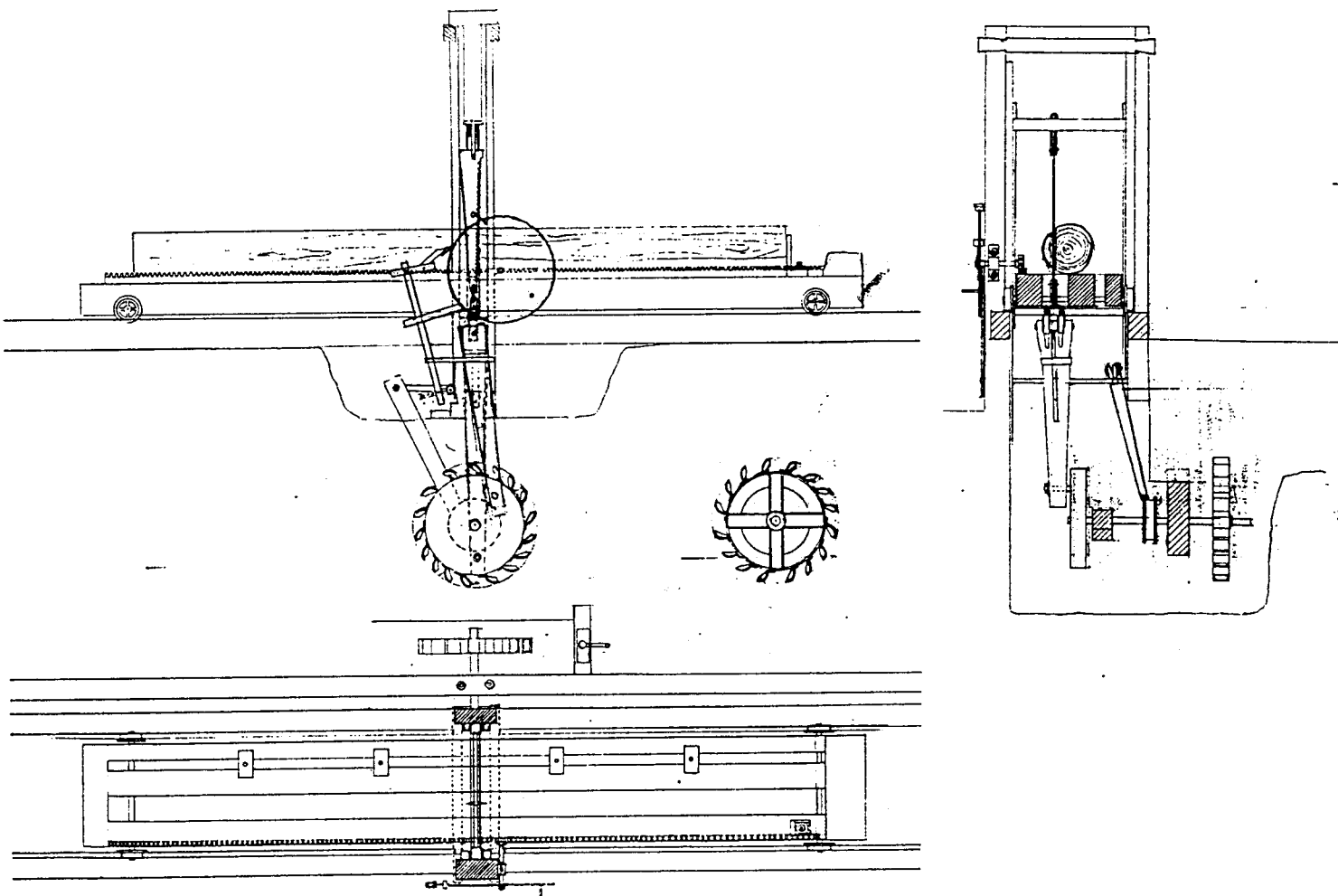
O conhecimento da Arquitectura Popular - modelos e técnicas construtivas, tem contribuído para um enriquecimento da arte e tecnologia(s) da construção contemporânea, e o seu relacionamento com os sítios, as paisagens e as gentes locais muitas vezes permitiu abrir pistas para uma melhor integração das novas construções ou mesmo oferecer a sua experiência técnica secular.

Deste modo não podemos deixar de referir o empenho do Arquitecto Raúl Chorão Ramalho, conhecedor destas coberturas de salão, ao "reconverter" esta tradição nas coberturas da Escola Primária do Porto Santo projectada em 1959.

O que pretendemos hoje, é assegurar que estes conhecimentos e tradições não se percam e assim assegurar a manutenção do património popular de uma Região, disponibilizando ainda estes conhecimentos para que intervenções contemporâneas possam reinventá-los nas suas vertentes plástica, cultural e tecnológica.



Ponta, Porto Santo.



Serra de água em actividade em 1996, S. Jorge.

1454 - após o aparecimento da primeira serra de água de Diogo Teive, muitas outras se lhe seguiram, espalhadas por diversas partes da ilha, o que prova substancialmente a existência de vasto e bom arvoredo., in *A Madeira vista por estrangeiros (1455-1700)* de António Aragão, pág. 42.

II PARTE

**RENASCIMENTO DA ARQUITECTURA POPULAR
DO ARQUIPÉLAGO DA MADEIRA**

**BASES PARA A SUA REABILITAÇÃO ENQUANTO
PATRIMÓNIO CULTURAL**



Farrobo de Baixo, Porto Santo.

CAPÍTULO 1 - Os Ciclos da Arquitectura Popular Madeirense

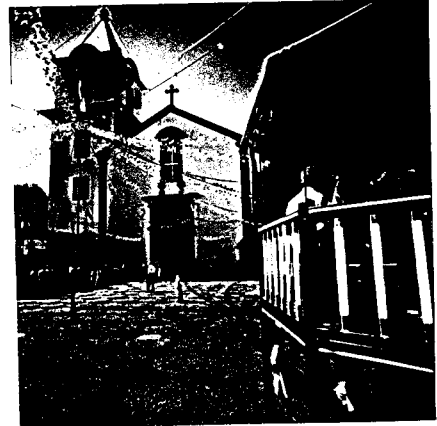
1.1. Preservar a Herança

Terá existido uma *Idade Primitiva*, uma *Idade Antiga* e uma *Idade Moderna* para a casa madeirense de raiz popular. Gostaríamos de demonstrar a possibilidade de se iniciar agora a *Idade Contemporânea*, ou a *Idade da Elevação* desta arquitectura.

O primeiro caso reporta-se à memória continental mergulhada nas raízes da cultura pré-medieval e medieval, onde algumas tipologias se terão fixado nas diversas unidades regionais que se terão formado com a divisão das capitânias. Neste tempo o imprevisto também terá contribuído para o início de algo que se estava a construir no, e para o, Novo Mundo.

A *Idade Antiga* representa a (re)fundação das tipologias de identidade específica madeirense. Compreende o início do povoamento até à estabilização dos modelos inventados e reinventados, influenciados pela organização social dos agregados familiares em redor das actividades agrárias, das características do território, do clima, dos materiais naturais disponíveis para a construção e da forte identidade psicológica que havia de se afirmar neste território. Genéricamente, e salvo situações pontuais quiçá apenas de pormenor, as tipologias mais "elementares" tal como as conhecemos terão estabilizado logo nos séculos XV / XVI. Importa todavia registar que as tipologias de maior desenvolvimento e complexidade terão tido apuramento de materiais, ajustamentos construtivos e mesmo evoluções tipológicas e formais sucessivas, fruto da influência da arquitectura erudita urbana e solarenga dos séculos XVII / XVIII. A este acontecimento estará naturalmente associado o fenómeno dos ciclos de maior riqueza económica, desde logo o trigo, a madeira, o açúcar, seguindo-se-lhes o vinho.

Quanto à *Idade Moderna* terá como maior referência o fenómeno da emigração do princípio do século XIX com o retorno significativo dos "demeraristas", e ainda a indústria do bordado, do vime, e a cultura da bananeira.



Jardim da Serra - Festas do Espírito Santo.

Ainda a registar a forte expansão, quase que um "repopoamento", durante o período entre guerras em toda a Ilha com destaque para a zona Sul.

Nestas três idades manteve-se como constante o agregado familiar autónomo. Não se construindo nenhuma Aldeia ou Lugar com características comunitárias. Muito pelo contrário, (re)afirmou-se o carácter individualista familiar, com naturais repercussões na organização espacial da casa, e do território inerente a essa autonomia sócio-económica. Como resultado observa-se um povoamento disperso.

Na era pós-Segunda Guerra Mundial, terá surgido o período "negro" da Arquitectura Popular. Digamos que se terão rompido definitivamente os laços de cultura quer por via económica quer por via emocional dos seus legítimos protagonistas. Durante meio século apagaram-se quase por completo os valores do artesanato, ascendendo em sua alternativa uma "cultura industrial popular/urbana", onde praticamente todos os produtos emblemáticos são importados.

Neste período assentou-se o desvio do trabalho exclusivo do campo para a emigração externa (África do Sul, Venezuela) e interna no Funchal, nas áreas do turismo, do comércio e do terciário. Os campos começaram a desertificar enquanto base produtiva de riqueza.

A persistência de tão rico património de Arquitectura Popular desta região dá-se por condicionamentos económicos e não por opção. Ou seja, fisicamente os edificios e objectos existem por dificuldades económicas de quem os habita, persistindo a labuta diária para garantir o sustento dividindo-se a família nas actividades agrícolas (com forte incidência no fim de semana) e no trabalho assalariado na cidade, com perda gradual do trabalho do campo.

É a partir dos anos 50/60 que se dá o abastardamento e/ou desaparecimento maciço de muitos exemplos pré-existentes valiosos, se não únicos, rurais e urbanos, surgindo novas casas cuja origem tipológica ou filiação formal ainda não será fácil de caracterizar.

Deste fenómeno terá surgido algo novo que no nosso entender não se enquadra na Arquitectura Popular Tradicional por, e principalmente, representar uma (aparente) rejeição da tradição em todos os domínios, respectivamente nos materiais, na escala, na tipologia, nas proporções, nos métodos construtivos. Os proprietários destas casas

pertencem a uma "Nova Cultura Popular" com forte raiz urbana, industrial e televisiva, do mesmo modo que quem as pensa e executa não está na linha de aprendizagem dos Mestres Construtores. Antes são na sua maioria pessoas com formação técnica, através das escolas industriais, e cursos médios de formação que desenham mas não constroem com as "próprias mãos". A tarefa de construir encontra novos protagonistas com formação e treino, fruto da industrialização do que se viria a designar por *construção civil*.

Com o desaparecimento dos Mestres Artesãos encerrou-se um longo ciclo de Cultura Arquitectónica Popular, de uma cultura coeva. Ficaram alguns dos testemunhos físicos dessa cultura bem como instrumentos e engenhos que a ajudaram a materializar. Importa agora saber se nos interessa conhecê-la em profundidade para a preservar na sua existência enquanto valor original, e enquanto referência cultural de uma região, e ainda como recurso no âmbito do conhecimento científico e para potencial uso enquanto valia cultural na Arquitectura dita erudita. Portanto, podemos preservá-la no âmbito da história e "utilizá-la" como matéria científica e estética no âmbito da Cultura Arquitectónica Contemporânea.

Nesta apreciação surgem agora dificuldades em distinguir o "saber coevo" de um Mestre Construtor que com reconhecida qualidade executou com rigor construtivo, conhecimento dos materiais, proporção, escala, harmonia, sentido de integração, funcionalidade e ainda conseguiu manter fortes laços de identidade cultural ao lugar e à comunidade, e o gesto de erudição de um Arquitecto que, ciente da sua formação atenda a todo este saber ancestral numa intervenção de restauro, reabilitação, ampliação, mesmo numa construção de raiz num contexto de proximidade com Arquitecturas de Tradição, ou tão simplesmente numa construção e contexto totalmente novo.

O saber do Mestre Construtor de *casas populares* parece-nos assim fruto de um conjunto de factores empíricos, e de herança transmitida por formação e educação estética, que estão para além do tipo de ensino praticado por escolas e que entretanto se perdeu com o desaparecimento da tradição e dos Mestres, enquanto que o Arquitecto adquire uma formação escolar habilitando-se a um saber, a uma arte culta, devendo igualmente adquirir uma "sensibilidade" para ler os traços culturais relevantes, que o transforma no único agente capaz de atender de forma qualificada ao valor patrimonial da

Santana: abafando uma casa segundo as técnicas tradicionais.



Arquitectura Popular, com vista á sua preservação física e á sua interpretação enquanto memória cultural de uma região. Neste âmbito se inclui também o domínio dos materiais e das tecnologias, bem como da identificação das tipologias, das suas variantes, dos tipos formais, etc.

Noutros tempos terá a Arquitectura Popular sido "contagiada" pela Architectra Erudita ou Vernacular, evoluindo nas tipologias, na escolha e uso dos materiais, assim como foi sensível a aspectos formais e de escala (⁹⁵). Hoje talvez seja tempo de se inverterm os papéis e procurarmos um certo regresso às origens, lendo e sublinhando nesta(s) Arquitectura(s) os traços mais significativos da nossa memória colectiva, resgatando a origem da nossa identidade cultural.

⁹⁵ "Conhecimento da Arte Moderna e Arte Popular", Ernesto de Sousa, "Arquitectura" nº 83, Setembro 1964, pág. 91 a 99 - "Apesar daquela origem e destas distinções, há uma constante permuta entre os produtos (e porventura os produtores) da arte popular e os da arte culta. Esta permuta, e em particular a frequente assimilação pelo artista popular de certos temas e de certas manifestações de arte culta, dão lugar a equívocos e erros de apreciação. (...) A verdadeira arte popular é sempre criativa, embora assimilando com frequência (não sempre) temas e feições cultas. Trata-se, nestes casos, de verdadeiros, necessários e fecundos encontros. (...) As relações, múltiplas e complexas, entre a arte de expressão popular e a arte culta, correspondem aos conflitos da assimilação das duas culturas. A sociedade camponesa, por exemplo, torna-se cristã, lentamente, e sem perder as suas características culturais básicas. Com a revolução industrial, e a tendência moderna para uma crescente invasão das mais recuadas aldeias pelos produtos manufacturados e industriais, a cultura camponesa sofre um choque decisivo, crítico, dramático por vezes. Nesta perspectiva, podemos imaginar que a cultura (e a arte) camponesa, deixarão de existir completamente - e isso corresponderá a uma total industrialização da agricultura, e porventura, a outras modificações decisivas na estrutura social, nomeadamente no binómio campo-cidade. Entretanto, interessa-nos saber qual o estado actual dessa transformação, de que maneira devemos entendê-la, de que maneira intervir. Como dissemos noutra lugar, nenhuma conclusão nos é permitida nesta matéria, enquanto não se fizerem estudos sociológicos rigorosos sobre o assunto. Toda a interpretação estética, que fizermos entretanto, é presumptiva e provisória. O estudo do *man taste*, por exemplo, a sua inevitabilidade histórica, face à também inevitável democratização da cultura, constituirá um capítulo da estética moderna cujo conhecimento ajudará a um válido entendimento daquela aculturação."

CAPÍTULO 2 - Novas Realidades

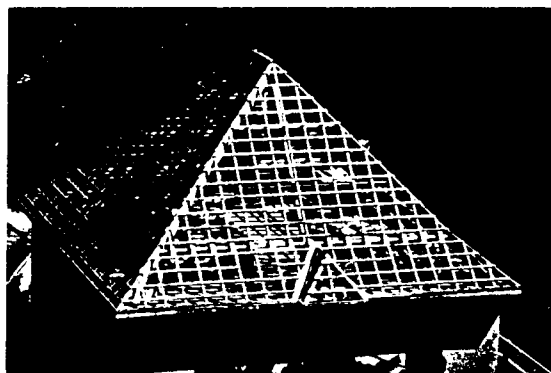
Tendo presente a realidade madeirense quando nos referimos ao fenómeno da industrialização, reportamo-nos ao turismo como o grande motor do "desenvolvimento" moderno. O turismo na Ilha da Madeira nasceu nos finais do século passado, e destinava-se essencialmente a uma elite que procurava repouso, cura para doenças e aventura em locais exóticos como alternativa ao tédio burguês.

No período pós-guerra, e com a democratização generalizaram-se as férias vindo progressivamente a aumentar o número de turistas na região. Este importante ciclo económico viria a revelar-se determinante no tecido social local alterando costumes e absorvendo grande parte da mão de obra qualificada, ou preparando-a minimamente para o efeito, tornando-se deste modo num turismo industrial. O turismo constitui a par da emigração para o exterior a alternativa à população jovem que não encontra nos campos o sustento suficiente, o apelo ou a vocação, talvez influenciada dos novos tempos que impelem para outro tipo de vida que não a dos campos, incapazes de garantirem o conforto e as necessidades, da juventude actual.

Dá-se assim o abandono de muitas parcelas de terra mas nem sempre da casa, exceptuando quando se emigra.

A cidade do Funchal é o grande pólo de atracção na procura de emprego, mas a sua macrocefalia não permite a acessibilidade á habitação, pelo que todos os dias se verificam fortíssimos movimentos pendulares. Trabalha-se no Funchal e na zona de forte implantação hoteleira, ou seja a frente marítima, na Ribeira Brava e em outros locais dependentes das visitas dos turistas, regressando á noite às casas herdadas de família ou recentemente construídas. Estas últimas formam as áreas de expansão descontrolada da cidade do Funchal e um pouco de todos os novos aglomerados.

Como se observou anteriormente o povoamento madeirense é por tendência disperso e tinha na Arquitectura Popular, e na diversidade das suas tipologias, extremamente ligadas à exploração agrícola, o equilíbrio da paisagem humanizada. Acontece que presentemente a construção de novas casas está desligada da terra da actividade rural, pois como não depende desta não sente os seus sinais mais simbólicos e pragmáticos



Sítio da Cruz, Santa Cruz, Faiail - um telhado actual em construção; referências nítidas da tradição.

que anteriormente influíam na construção das casas de tradição. Não se relacionam com outras construções e espaços ligados às unidades de produção, aos caminhos, às levadas, ao uso dos materiais locais pelo que surgem assim volumes desgarrados com implantações muito duras, massacrando o território e impondo-se na paisagem. É ainda o fenómeno da escassez de terrenos disponíveis e acessíveis para a construção que faz surgir dependurados em veredas ou em penascos novos aglomerados, sem condições de salubridade adequada, com penosos acessos de pé posto onde renasce a saga do homem antigo de tudo carregar às costas.

Verifica-se que apesar dos esforços meritórios implementados nestas últimas duas décadas de autonomia, que as infraestruturas terão tido um grande avanço enquanto que a habitação continua deficitária ⁽⁹⁶⁾. Verifica-se que aglomerados espontâneos ou a proliferação de novas casas dispersas, com especial incidência na zona Sul da Ilha, ultrapassaram qualquer forma de planeamento ou simples regra urbanística. A total incapacidade das Câmaras suste-rem o fenómeno (comum a todo o território continental) só é explicável pelo alheamento e incompreensão logo no início dos anos 70 destes problemas que em pouco tempo se tornaram incontroláveis. Como resultado temos o território "polvilhado" de construções incaracterísticas.

O efeito devastador destas novas casas será ainda provocado pelo mau uso dos novos materiais, principalmente de revestimento, e pela alteração drástica da escala que praticamente duplicou, principalmente nas novas tipologias de "pretensão" social. Esta proliferação atinge núcleos tradicionais, paisagem rural, urbana e por vezes zonas de paisagem endémica.

⁹⁶ "O Plano Director da Cidade do Funchal", José Rafael Botelho, "Arquitectura", nº 114, Março, Abril 1970, Pág. 59 - Já em 1966 data da fundação do Gabinete de Urbanização da Câmara Municipal do Funchal chefiado pelo Arquitecto José Rafael Botelho, autor do Plano Director, a habitação constituía uma das suas maiores preocupações, constatando este então: "O grau de equipamento, salubridade e conforto das habitações existentes é bastante baixo, com especial agravamento para as habitações arrabaldinas".

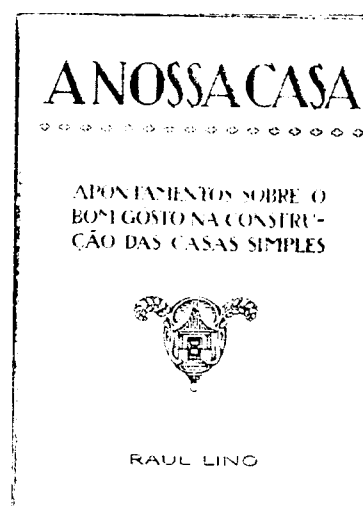
CAPÍTULO 3 -Intervenção: Restauro, Reabilitação, Transformação, Ampliação, Demolição, Construção

3.1. Interpretação

Poderíamos ter iniciado este capítulo com um cântico de esperança pelo desejo que venham a surgir cidadãos que aspirem a um profundo respeito pela tradição cultural de uma região, no campo específico da Arquitectura, sem contudo declinarem o seu tempo. Todavia constatamos que globalmente, apesar de terem naturalmente como referência a Arquitectura Popular Rural e ou a Arquitectura dita *antiga* por vezes com carácter urbano (solarenga) e por uma sua total incompreensão, mencionam o gosto por uma "Arquitectura Portuguesa". Para as pessoas com raízes citadinas os estereótipos são, no caso da casa individual, quase sempre em função de uma admiração pelo *arcaico*, pelo *rústico*, pelo *tipicismo*, como que num desejo secreto de retorno às origens de um Mundo Rural dos seus antepassados, que por vezes não conheceram. Existe assim uma ideia romanciada dos que procuram na ruralidade uma certa ideia de conforto quase sempre em redor da cozinha como zona de estar de convívio e de comer, numa estreita ligação á ruralidade, e num óbvio confronto com a modernidade e/ou com a urbanidade (estas entendidas como algo inóspito, como consequência inevitável do progresso).

Quando o desejo se aproxima da realidade física sem se ter aprofundado o suficiente sobre **paisagem e território, história e costumes, tipologia e volumes, harmonia e escala, materiais e texturas**, entre outros factores, tudo fica subvertido por cenários avulsos superficiais, resultantes da recolha de vários retalhos filtrados por memórias, quase sempre redutoras e esteriotipadas.

A sua materialização em territórios suburbanos ou na terra de origem revela em geral os falsos regionalismos apoiados num mimetismo que resulta em pastiches com deturpação de escala, de composição, fruto de uma recolha desajustada das pretendidas fontes. Verificamos assim que são os aspectos de tratamento de volume associados aos aspectos formais que predominam, ficando a tipologia, genericamente, fora de



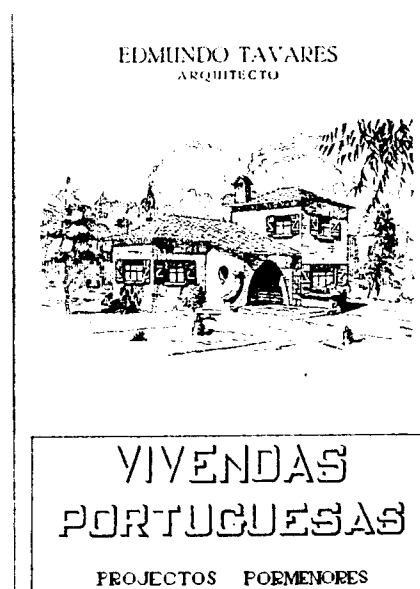
Frontispício do livro *A Nossa Casa: apontamentos...*, de Raúl Lino, 1ª edição, 1951



desenhador talentoso, por vezes de arquitecto, bebia da mesma fonte, ou se "apoiava" na idéia de "casa portuguesa" do Arquitecto Raúl Lino (⁹⁷), ou, no caso madeirense, um pouco mais tarde e num espírito mais aberto terá o Arquitecto Edmundo Tavares tido alguma influência junto das elites locais (⁹⁸), através da publicação do livro *Casas Madeirenses*.

Destes tempos de profundas certezas e convicções (políticas e estéticas), ficaram imensos registos físicos, urbanos e rurais da grande deturpação que o regime de então haveria de lograr construir e acima de tudo incutir, na generalidade do povo português. Em 1937, e para a Exposição de Paris, Portugal leva a estampa de Andrée Ficq com ilustrações de Jorge Barradas, *La Maison Portugaise à Travers les Âges*, edição do Secretariado da Propaganda Nacional.

O "gosto" ou o "bom gosto" (oficial) que se julgava então possuir, confundiu durante décadas muitos técnicos projectistas, técnicos de repartições camarárias e públicas que os aprovam, bem como o cidadão comum que procurava construir *a sua casa*, sem entender nada sobre a polémica instalada, onde era o principal protagonista. Como consequência, temos um País enxameado de um pretenso estilo regional, que a partir dos anos 50/60 se associou a uma modernidade duvidosa. São conhecidos os aldeamentos turísticos algarvios, as casas "rústicas" de aparelho de pedra à vista, as casas de telhados desencontrados, todas elas ainda anteriores ao fenómeno da intensa emigração dos anos 60, e da habitação (maioritariamente clandestina) de fim de semana dos arredores das grandes cidades, com especial destaque para Lisboa. Mas, infelizmente, esta noção ou interpretação haveria de perdurar até aos dias de hoje, refinando cada vez mais, para um certo exotismo, uma certa "pós-modernidade". No caso madeirense o "boom" construtivo terá tido início na década de 70 atingindo o auge nos anos 80, principio dos 90.



Frontispício do livro *La Maison Portugaise à Travers les Âges*, de Andrée Ficq, edição de 1937.

Frontispício do livro *Vivendas Portuguesas*, de Edmundo Tavares, 2ª edição, s.d.

⁹⁷ *A Nossa Casa: apontamentos sobre o bom gosto na construção das casas simples*. Raúl Lino, Edição da "Atlântida", Lisboa, s. d.

⁹⁸ *Casas Madeirenses*. J. Reis Gomes, Editoril Eco do Funchal Ltda., 2ª edição, Funchal, 1968. (colaboração artística de Edmundo Tavares)

3.2. Os Primórdios da "Casa Regional". Matéria de reflexão em redor da *Casa Portuguesa* até à actualidade



RAUL LINO

Exposição Retrospectiva da sua Obra

Aprovada pela
Fundação Calouste Gulbenkian
na sua Galeria
de Exposição Temporária

Lisboa
Outubro, Novembro, 1970

Frontispício e primeira página do *Catálogo Raül Lino - Exposição Retrospectiva da sua Obra*, edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 1970.

O advento da *casa portuguesa* é algo que se iniciou em discussões na comunidade intelectual portuguesa nos finais do século XIX. Sobre estes primórdios refira-se a pesquisa levada a efeito pelo Arqtº. Pedro Vieira de Almeida e pelo Historiador José Augusto França nos textos do *Catálogo da Exposição de Raül Lino* em 1970. Nestes textos dão-nos os autores conta de que praticamente todas as figuras de relevância cultural da época se preocuparam em encontrar a génese da casa portuguesa: Leite de Vasconcelos, Almeida Garret, Alexandre Herculano, Oliveira Martins, Guerra Junqueiro, Silva Cordeiro, Adolfo Coelho, Fialho de Almeida, Ramalho Hortigão, José Pessanha, Albrecht Haupt, etc. Entretanto construíam-se casas (tipo *ensaio estilístico*) com feição marcadamente portuguesa, como é o caso paradigmático do Solar Minhoto construído em Cascais, ou a Casa Arnoso (projecto do Conde de Arnoso, 1894). Neste tempo procurava-se desesperadamente a raiz portadora da tradição. Como se pode ler no referido catálogo procurava-se construir "...à antiga portuguesa, se possível... a casa portuguesa era então um sintoma, senão um emblema necessário deste amor nacionalista."

Voltando a José Pessanha retomamos a ideia de que este terá sido o precursor do que viria a ser o *Inquérito à Arquitectura Popular Portuguesa*, lançado pelo então Sindicato Nacional dos Arquitectos (50 anos mais tarde), seguindo a ideia base do Arquitecto Keil do Amaral⁽⁹⁹⁾. Sobre este, e segundo Pedro Vieira de Almeida, o resultado terá ficado aquém do esperado ainda que a equipa de Trás-os-Montes tenha atingido outros resultados: "*O inquérito não se preocupou com o estabelecer de uma metodologia prévia ao lançar do trabalho de campo, e é por isso difícil, senão*

⁹⁹ *Raül Lino: Exposição Retrospectiva da sua Obra*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Out./Nov. 1970 - José Augusto França: De entre tantos destaca-se D. José Pessanha pelo rigor e objectividade das suas confissões - "D. José Pessanha no já citado artigo de a construção moderna de 1903 (quinze anos antes portanto da publicação de a nossa casa) propõe com notável rigor um esquema metodológico quanto a ele necessário ao estabelecimento de uma mais clara tipologia de habitações em Portugal. Aí ele escrevia que sem o estudo comparativo de certo número de habitações tradicionais não só das diferentes regiões do país mas também de outros povos a que nos prendem laços étnicos e cujo habitat, pelo clima, aspectos e materiais de construção é semelhante ao nosso, impossível se torna chegar a resultados seguros, positivos e eficazes."

impossível, comparar hoje, em vários aspectos as regiões que apresentam diferentes parâmetros e graus de profundidade de análise, o que de certa maneira autonomiza os estudos feitos como monografias". (in Catálogo da Exposição sobre Raúl Lino, pág. 132).

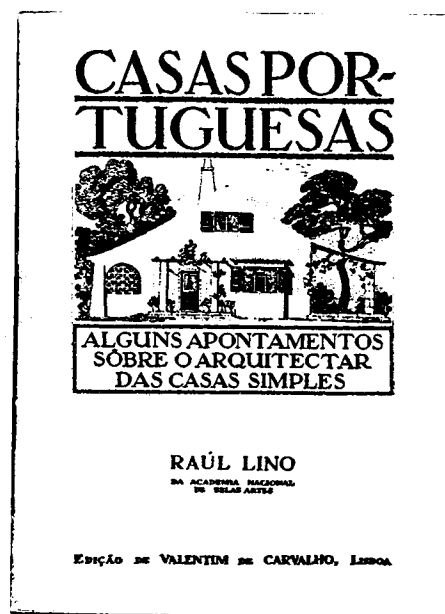
Raúl Lino por sua vez terá feito o "seu inquérito" á Arquitectura Popular mas apenas recolhendo os aspectos que lhe interessavam particularmente, na região Sul do país. Em 1902 viajando por Marrocos terá recolhido vasta e influente matéria para os projectos de vivendas que haveria de construir nos anos imediatos.

A discussão da casa portuguesa acompanhou permanentemente a sociedade lisboeta e especialmente Raúl Lino, que entretanto surge um pouco como porta voz desta causa. Contudo será ainda e sempre José Pessanha que estabelecerá esta ligação como na revista "*Construção Moderna*" de 10.04.1902 e 20.07.1903, como afirma José Augusto França "*E Pessanha marcava o escopo da inteligência e fecunda actividade de Lino na obra de apropriação dos velhos tipos arquitectónicos tradicionais às edificações da actualidade, na tradução da fórmula, ainda vaga, de casa portuguesa, num esquema convergente e nítido de habitação*" (100). Raúl Lino terá procurado de forma muito pessoal um ponto de partida para a casa portuguesa proporcionando a sua discussão. Terá mesmo atingido a materialização daquilo que procurava tanto no plano físico da obra como no plano intelectual ao escrever *A Nossa Casa: apontamentos sobre o bom gosto na construção das casa simples* (1918) e a *Casa Portuguesa* (1933). Em ambos os casos se assiste ao nacionalismo romântico com exaltação da natureza, ainda na linha do seu mestre e amigo Albrecht Haupt (101), tendo como resultado directo na arquitectura um certo reaportuguesamento. Sobre este assunto José Augusto França "lê" sobre as interpretações de Pessanha "*Assimilação da tradição, esquema convergente e nítido - assim se caracteriza bem a démarche do arquitecto que procurava, como ele próprio dizia: achar um modo de construir que fosse original e moderno, e sobretudo tivesse carácter português*". (102)

¹⁰⁰ *idem* nota 99, Pág. 84.

¹⁰¹ *idem* nota 28.

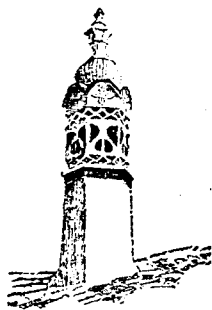
¹⁰² *Idem* nota 99, pág. 86.



Frontispício do livro *A Nossa Casa: apontamentos...*, de Raúl Lino, 3ª edição, s.d.

Frontispício do livro *Casas Portuguesas*, de Raúl Lino, 5ª edição, 1954.

A HABITAÇÃO



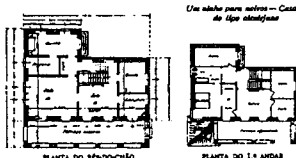
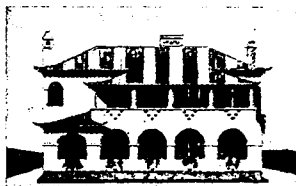
Algarve — Salir

NOTAS E PROJECTOS DE FERNANDO
PERFEITO DE MAGALHÃES, PRE-
FACIADOS PELO PROF.
DR. AGOSTINHO DE
CAMPOS



ALGARVE

PLANTA



PLANTA DO 1.º ANDAR

PLANTA DO 2.º ANDAR

36

Frontispício do livro *A Habitação*, de Fernando Perfeito de Magalhães, 1ª edição, 1938.

idem, pág. 36 : dois "modelos" de casas regionais sendo o inferior uma "Casa do tipo alentejana".

O livro *A Casa Portuguesa* que descreve a casa construída de forma artesanal, portanto ainda longe da construção industrial, que segundo Raúl Lino em 1955 haveria de assinalar o fim da Arquitectura, pelo que escreveria *a arquitectura morreu*⁽¹⁰³⁾. Pretende assegurar a tradição dos costumes, da nossa história, mas curiosamente dirigindo-se apenas a uma parte da sociedade, precisamente á burguesia, aos intelectuais, ficando de fora afinal de contas a grande massa anónima - o povo - de onde pretensamente Lino terá registado as referências originais e expontânea do genuíno artesanato. Embora se saiba que a intenção deste livro não tenha sido a de constituir uma cartilha redutora da pretensa *casa portuguesa*, o resultado talvez tenha afinal resvalado para algo semelhante, por preguiça e, afinal, falta de entendimento desta tal elevada e culta camada social. E se o seu livro não tinha como objectivo a cartilha da Arquitectura Regional, na sua sombra surgiram obras menores com este pendor como é o caso da *Habitação* de Fernando Perfeito de Magalhães⁽¹⁰⁴⁾, onde sobressaiem as convicções mais mesquinhas do salazarismo. Uma propriedade, uma casa, a nossa casa, o aconchego da família á imagem de uma população ruralizada mesmo que habite, a cidade, os bairros sociais haveriam de transmitir essa imagem do homem rústico, homem do campo, que regressa ao fim da tarde para o seio da família.

Raúl Lino terá desenvolvido enquanto arquitecto uma pesquisa solitária em redor da casa portuguesa, e terá chegado a resultados que continham em si alguns equívocos, por falta de uma pesquisa sistemática quer das tipologias, quer inclusivamente das tecnologias construtivas, quer ainda por falta de inter-relacionamento entre regiões e de outras arquitecturas, e sobretudo como já se referiu por se distanciar dos verdadeiros protagonistas. Esta observação pretende constatar um percurso sob a influência de uma cultura burguesa urbana, com largo pendor nacionalista e saudosista. Não terá Raúl Lino projectado e construído casas urbanas, com traços de um arquitectura "antiga" assente em modelos de uma arquitectura chã de feição erudita?

¹⁰³ *Idem* nota 99, pág.98: Nota (73) do catálogo.

¹⁰⁴ *A Habitação*, Fernando Perfeito de Magalhães, Livraria Bertrand, Lisboa, (1938).

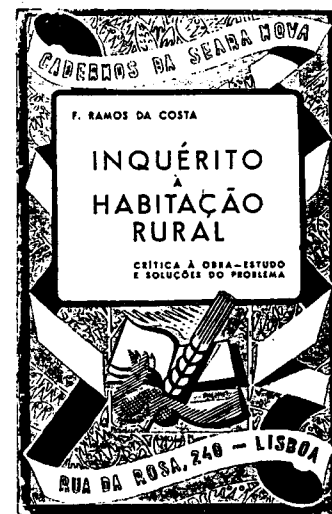
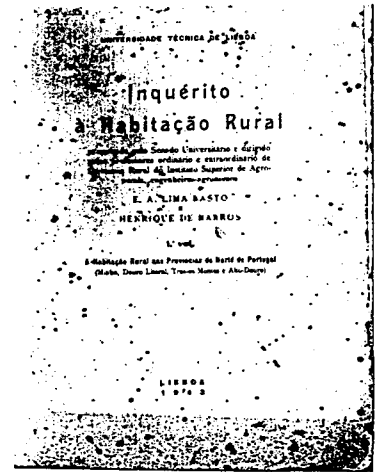
Mas a sociedade apesar de estagnada, sem tradição, na discussão teve de encarar os Modernistas do Orfeu e os Arquitectos Modernos.

A modernidade que a partir dos anos 30/40 procurava instalar-se constituía entretanto um desafio, uma ameaça, a esta geração em nítido afastamento do evoluir dos tempos.

Seria precisamente com a nova geração de arquitectos liderada por Francisco Keil do Amaral que este tema voltaria a ganhar frescura e um novo fôlego, aliás uma nova esperança no sentido de se inverter a tendência nacionalista de um país cada vez mais fechado sobre si mesmo, apostado em chamar os fantasmas do passado cujo ponto alto terá sido a Exposição do Mundo Português.

Mas antes dos esforços dos arquitectos em 1943 vem á estampa o *Inquérito à Habitação Rural nas Províncias do Norte de Portugal*.⁽¹⁰⁵⁾ Através de um critério geográfico e social regista-se com rigor estatístico dados nunca antes inventariados desde os orçamentos familiares, bens acumulados, receitas das explorações agrícolas, bem como se desenham plantas, fotografam-se e descrevem-se as casas então objecto de observação. Trata-se do primeiro levantamento cuja metodologia é previamente definida, como se pode ler nas palavras prévias da obra: "*Tem por fim conhecer as condições do alojamento das famílias dos trabalhadores e dos pequenos agricultores nas diversas regiões de Portugal e determinar como se deve melhorar a habitação rural tendo em vista a família e os recursos da Agricultura e do Estado*".

Como se lê, este Inquérito para além de outros aspectos tinha como objectivo "*determinar como se deve melhorar a habitação rural*", embora não explicasse como. Com o falecimento prematuro em 1942 do Prof. Lima Basto, a apesar de assegurada a continuidade pelo Prof. Henrique de Barros, o Inquérito ficou-se pelas terras a Norte do Douro constituindo apenas o primeiro volume. Em 1944 os Cadernos da "Seara Nova", publicam *Inquérito à Habitação Rural, crítica à obra estudo e soluções do problema* da autoria de F. Ramos da Costa. Este procura, e segundo o autor, "criticar" a referida obra: "*no inquérito à habitação rural não há o desvio contumaz de afastamento da*



Frontispício do livro *Inquérito à Habitação Rural*, de E. A. Lima Basto e Henrique de Barros, 1ª edição, 1943.

Frontispício do livro *Inquérito à Habitação Rural - crítica à obra estudo e soluções do problema*, de F. Ramos da Costa, 1ª edição, 1944.

¹⁰⁵ *Inquérito à Habitação Rural - A Habitação Rural nas Províncias do Norte de Portugal* - E.A. Lima Basto e Henrique de Barros, 1ºvol, Lisboa, Universidade Técnica de Lisboa, 1943.

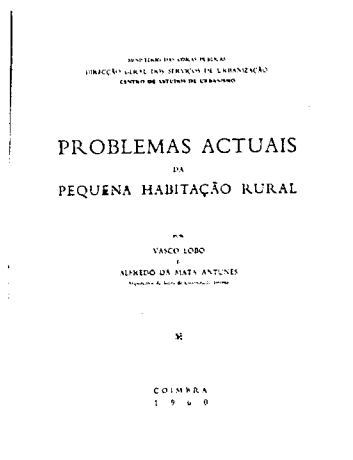
realidade, ou, o que é pior, a preocupação de mostrar uma realidade diferente da que temos, por ser ela bem negra quando reduzida a números e negar exuberantemente a seriedade e humanidade de quem dela se ocupa com olhos folclóricos". Temos assim um Inquérito que avança sobre várias frentes com especial atenção para a condição do trabalho, respectivo rendimento, com nítidos reflexos nas condições sociais e físicas das casas com destaque para a habitabilidade das mesmas. E é fruto desta observação que surge uma proposta de intervenção na casa enquanto "lugar de habitar" e não enquanto "Arquitectura".

Este inquérito não incorpora arquitectos e tinha objectivos que não se prendiam com as questões "filosóficas" da casa portuguesa. No entanto, podemos constatar o seu interesse para esta matéria até pela frente de trabalho que proporcionava em campos fora do domínio dos arquitectos. Ainda segundo F. Ramos da Costa deveria-se estudar e aplicar "*um plano de reabilitação económica da população rural*". Este plano assenta em duas permissas:

"a) Apoio imediato do Estado com materiais e crédito; mobilização dos meios para enfrentar as dificuldades de ordem jurídica que a solução acarrete às prerrogativas do instituto da propriedade.

b) Estudo e consequente aplicação de medidas económicas, técnicas e financeiras que conduzam a uma melhoria do rendimento social do rural do Norte, para sobre ele assentarmos a garantia da conservação da casa, agora reconstruída ou melhorada, e até a amortização indirecta da ajuda do Estado."

Temos assim uma abordagem direccionada para a melhoria das condições sociais do trabalho do campo ligadas à melhoria das condições de habitabilidade. Curiosamente só em 1960 o Ministério das Obras Públicas, publica o livro *Problemas Actuais da Pequena Habitação Rural* dos Arquitectos Vasco Lobo e Alfredo da Mata Antunes⁽¹⁰⁶⁾ onde se volta a equacionar os "*aspectos gerais do problema da habitação rural*", avançando sobre o que deve ser uma pequena habitação rural, os exemplos de beneficiação de construções existentes e de construções novas, dando exemplos reais

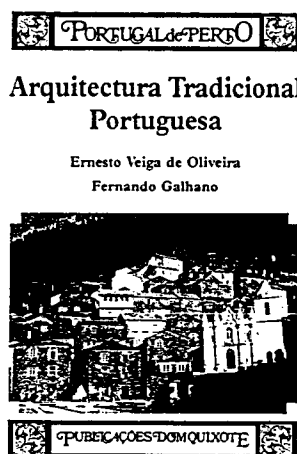


Frontispício do livro *Problemas actuais da Pequena Habitação Rural*, de Vasco Lobo e Alfredo da Mata Antunes, 1ª edição, 1960.

¹⁰⁶ *Problemas actuais da pequena Habitação Rural* - Vasco Lobo e Alfredo da Mata Antunes, MOP, Coimbra, Direcção Geral dos Serviços da Urbanização, Centro de Estudos de Urbanismo, 1960.

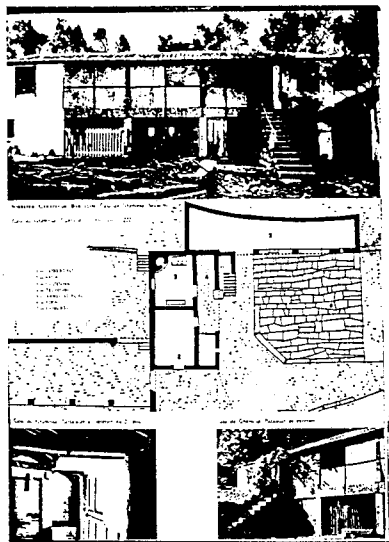
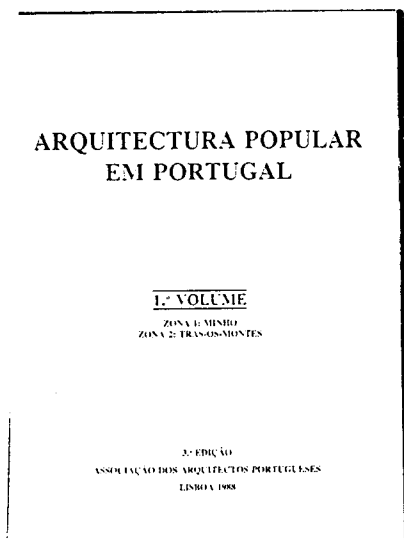
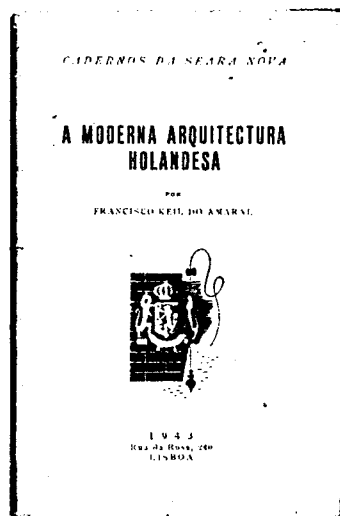
construídos nas novas colónias agrícolas (Pegões, Gafanha, Barroso, Paredes de Coura) e ainda exemplos de beneficiação de aglomerados rurais, com exemplos fotográficos do antes das obras e após as obras, (exemplos em Vale do Couço - Mirandela). Este livro mostra ainda desenhos á escala e indicações escritas de como construir uma casa rural. Retomando os anos 40, importa aqui mencionar o momento alto da nossa geografia e etnologia com larga importância, para a inventariação, classificação e estudo do território, das construções, dos objectos e dos costumes, no continente, nas ilhas e posteriormente nas antigas provincias ultramarinas. Na Geografia destaca-se Orlando Ribeiro, na Etnologia dá-se o encontro de Ernesto Veiga de Oliveira com Jorge Dias que haveriam de fundar a geração de ouro da Etnologia Portuguesa, formando um grupo de trabalho constituído por Fernando Galhano, Margot Dias e Benjamim Pereira ⁽¹⁰⁷⁾. Individualmente e em equipa, produziram vários artigos de investigação no âmbito da Casa Regional ainda nesta década, altura em que os seus autores já pensavam num estudo global. Mas só em 1959 saíria o artigo "*Arquitectura*" no 1º volume de *Arte Popular em Portugal*. Finalmente em 1992, e por iniciativa e empenho de Joaquim Pais de Brito, sai o livro *A Arquitectura Tradicional Portuguesa* de Ernesto Veiga de Oliveira e Fernando Galhano.

Sobre o trabalho de Orlando Ribeiro registem-se as palavras do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira: "*Devemos a Orlando Ribeiro muito da nossa formação como agentes de intervenção no território. E eu devo-lhe pessoalmente muitíssimo pelo que me ensinou no entender e amar a terra portuguesa e o seu povo. Tive oportunidade de frequentar algumas lições suas no Centro de Estudos Geográficos, ao mesmo tempo que cursava Arquitectura. Assim as duas formações entrecalaram-se. (...) É que para se fazer Arquitectura é fundamental o entendimento do lugar. Seja para inserir harmoniosamente a obra nele, seja para se lhe opôr, propondo um diálogo. (...) uma construção é uma tarefa de enorme responsabilidade, pois vai alterar a*



¹⁰⁷ *Arquitectura Tradicional Portuguesa*, Ernesto Veiga de Oliveira, Fernando Galhano, Lisboa, 1992. - "Em 1932 situa-se o seu encontro com Jorge Dias, a quem fica ligado por uma profunda e inalterável amizade, feita de entendimento, admiração e confiança: passam a ser companheiros certos nas andanças pelo País e dialogantes de todas as aventuras do espírito, juntamente com Fernando Galhano, amigo de longa data, Margot Dias e Benjamim Pereira, que conhece mais tarde. São finalmente estes elementos que em 1947, o grande mestre chama para formar o grupo pioneiro que deu corpo ao Centro de estudos de etnologia, que iria levar a cabo a renovação dos Estudos Etnográficos em Portugal."

Frontispício do livro *Arquitectura Tradicional Portuguesa*, de Ernesto Veiga de Oliveira e Fernando Galhano, 1ª edição, 1992.



Frontispício do livro *A Moderna Arquitectura Holandesa*, de Francisco Keil do Amaral, 1943.

Primeira página do 1º volume do livro *Arquitectura Popular em Portugal*, da AAP, 3ª edição, 1988.

Idem, pág. 59: Barcelos.

paisagem e tem a ver com as gerações que habitam ou irão habitar o território". ⁽¹⁰⁸⁾

Nos finais dos anos 40 princípios dos anos 50 decorreu um tempo muito especial para a história da Arquitectura Portuguesa com largas repercursões na discussão da Arquitectura Popular. Referimo-nos ao período do *Inquérito à Arquitectura Popular*, realizado pelo Sindicato Nacional dos Arquitectos Portugueses e especialmente de outros dois livros que terão conduzido à mudança de mentalidades dos anos 40. Referimo-nos à *Moderna Arquitectura Holandesa* de Francisco Keil do Amaral e *O Problema da Casa Portuguesa* de Fernando Távora.

Keil do Amaral visita a Holanda e regressa fascinado: *"era uma Holanda progressiva, guardando das tradições a justa medida; com o culto das árvores e das flores que não apenas das tûlipas de exportação; com cidades construídas segundo modernos e encantadores planos de urbanização; com uma arquitectura moderníssima, embora de um carácter tipicamente Holandês; com um nível de vida tão elevado e generalizado, que as pessoas até podiam ser simples e calmas; um país sem analfabetos, um país, enfim, que faria perder a cabeça a um Santo se eu tivesse artes de o descobrir e de o convencer a ir até lá."* ⁽¹⁰⁹⁾

Das suas observações atentas e curiosas resultaram certamente ideias para este país que definhava em pensamentos nacionalistas mergulhados num passado serôdio. Como anteriormente se referiu, a campanha da casa e da arquitectura portuguesa estava no auge pelo que prevaleciam os valores historicistas cristalizados em projectos "aportuguesados". No referido livro Keil escreve *"A Arquitectura não é apenas, como muitos supõem, uma simples forma de expressão plástica que permite aos artistas dar largas à sua fantasia criadora, consubstanciando sonhos e devaneios com o auxílio da técnica e dos materiais de construção. É mais e melhor do que isso. É o reflexo da própria vida, a tradução harmoniosa das necessidades materiais e espirituais que caracterizam épocas, regiões e povos. A história mostranos como sempre andou ligada à vida de acordo com a*

¹⁰⁸ *Tempos, Lugares, Pessoas*, Nuno Teotónio Pereira, Editora Contemporânea/Jornal "Público", Matosinhos, 1996.

¹⁰⁹ *A Moderna Arquitectura Holandesa*, Francisco Keil do Amaral, Cadernos da Seara Nova, Lisboa, 1943, pág. 9.

evolução da humanidade. Constitue, assim, o testemunho precioso de variadíssimos factores, como que um espelho de imagens duradoiras, das civilizações", (pág. 35).

Sérgio Fernandez faz a síntese desta obra, de forma eficaz e eloquente principalmente pela abordagem que elabora sobre o pensamento de Keil face à Arquitectura Racional Moderna, e à Arquitectura Regional⁽¹¹⁰⁾. Keil procurou demonstrar que olhar o passado através de "elementos regionais estilizados" era algo passadista, frugal, sem interesse. Por um lado, por uma questão de autenticidade onde a cópia mais ou menos estilizada não tem cabimento, por outro por constituir um travão à modernidade, á renovação permanente da própria arquitectura, até porque se torna impossível e contranatura não aceitar as mudanças inerentes á industrialização há muito em curso, com imparáveis consequências económicas.

Ainda Sérgio Fernandez sintetisa *O Problema da Casa Portuguesa*⁽¹¹¹⁾ da autoria de Fernando Távora, resumindo

¹¹⁰ Sérgio Fernandez, "*Percursos Arquitectura Portuguesa*", 1930/1974, Edições do F. A. U. P., 2ª edição, 1988, pág. 45 - "Expressão nacional ou melhor regional... A verdadeira expressão regional das construções deverá ser, portanto, a resultante de todos os factores que ordenam a vida de determinada região, em determinado momento, e nunca o simples revestimento decorativo com motivos típicos, por mais característicos que sejam... Faz-se na Holanda uma arquitectura racional, mas de um racionalismo sem dureza, sem secura..."; traduz-se aqui o tipo de preocupação de Keil e a sua atitude de racional modernidade onde se lê um pensamento apelo á autenticidade como elemento de garantia de um efectivo progresso. Não admira, pois, que dele parta a ideia da realização de um inquérito à Arquitectura Popular Portuguesa. Provável conhecedor do inquérito já feito em Itália, em 36 - "*Architettura Rurale*", Pagano e Daniele - Lança a ideia na revista "*Arquitettura*", em 47, no artigo intitulado *Uma Iniciativa Necessária*;... "trata-se da recolha e classificação de elementos peculiares à Arquitectura Portuguesa nas diferentes regiões do país, com vista à publicação de um livro... onde os estudantes e técnicos da construção podessem vir a encontrar as bases para um regionalismo honesto, e saudável... é que o desvirtuado problema da arquitectura regional portuguesa merece melhor sorte... A Arquitectura Nacional não é, não pode ser um apinocar de fachadas e de interiores com elementos decorativos típicos... mas será que não possuímos, realmente, fontes mais puras e coerentes para a formação de uma arquitectura moderna portuguesa, do que pretendem fazer crer os nossos regionalistas de fachada?". "Nós os que acreditamos numa Arquitectura funcional..."

Idem pág. 55 e 56 - " (...) Deste, um importante ensaio publicado em 47 nos Cadernos de Arquitectura e intitulados "*O Problema da Casa Portuguesa*" onde, preconizando a modernidade se chama a atenção para a necessidade de relacionar a produção Arquitectónica com a realidade portuguesa. "Não é justo nem razoável que nos fechemos numa ignorância procurada às obras dos grandes mestres de hoje, aos novos processos construtivos, a toda uma Arquitectura que surge plena de vitalidade e força... É paradoxal - mas significativo - que esteja a proteger-se um conceito de Arquitectura que é falso, que não corresponde a qualquer verdade portuguesa...". Não é defensável "... que a nossa Arquitectura Tradicional..." seja "... caracterizada por determinado número de motivos decorativos cuja aplicação..." é "... suficiente para produzir casas portuguesas... Em toda a obra de Arquitectura..." existe "uma lógica dominante, uma profunda razão em todas as suas partes, uma íntima e constante força que unifica e prende em si todas as formas... A Casa Popular fornecer-nos-á grandes lições quando devidamente estudada, pois ela é a mais funcional e menos fantasiosa... aquela que está mais de acordo com as novas intenções. Proponho o estudo do meio português... da Arquitectura portuguesa existente... da Arquitectura e das possibilidades de construção no Mundo." *O problema da Casa Portuguesa*, F. Távora, pág. 12.

¹¹¹ Alexandre Alves Costa - Dissertação expressamente elaborada para o Concurso de habilitação para obtenção do título de Professor Agregado e constituindo trabalho original sobre assunto respeitante às cadeiras do 1º Grupo do Curso de Arquitectura da Escola Superior de Belas Artes do Porto por Alexandre Vieira Pinto Alves Costa, em Dezembro de 1979 a que também se poderia chamar "*Memórias do Cárcere de Sofia ou Memórias de um Burro*", Edições do Curso de Arquitectura da E.S.B.A.P., 2ª edição, 1982, pág. 23/24 - " O inquérito à Arquitectura Regional, realizado finalmente em 56, foi a prova pretendida: não há uma tradição portuguesa, há tradições portuguesas. Mas foi o interesse renovado pelas tradições locais que esteve na base do entusiasmo com que foi realizado e da importância da sua publicação. Aliás, sobretudo pela intervenção das equipas do Minho e Trás-os-Montes, "o trabalho de pesquisa é perspectivado num sentido antropológico, ganhando maior importância os aglomerados ou as relações com a paisagem e o modo de vida do que a morfologia arquitectónica ou construtiva" (N. Portas). Foi

(continua...)

CADERNOS DE ARQUITECTURA

O PROBLEMA DA CASA PORTUGUESA

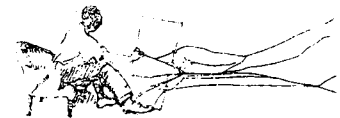
POR
FERNANDO TÁVORA

LISBOA,
1947

Alexandre Alves Costa

DISSERTAÇÃO EXPRESSAMENTE ELABORADA PARA O CONCURSO DE HABILITAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE PROFESSOR AGREGADO E CONSTITUINDO TRABALHO ORIGINAL SOBRE ASSUNTO RESPEITANTE AS CADERNAS DO 1º GRUPO DO CURSO DE ARQUITECTURA DA ESCOLA SUPERIOR DE BELAS ARTES DO PORTO POR ALEXANDRE VIEIRA PINTO ALVES COSTA EM DEZEMBRO DE 1979 A QUE TAMBÉM SE PODERIA CHAMAR MEMÓRIAS DO CÁRCERE DE SOFIA OU MEMÓRIAS DE UM BURRO

prefácio de Álvaro Siza



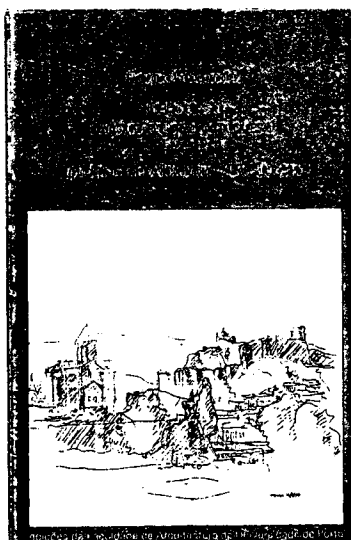
edições do curso de arquitectura da e. s. b. a. p.

Frontispício do livro *O Problema da Casa Portuguesa*, por Fernando Távora, 1947.

Frontispício do livro *Dissertação...*, de Alexandre Alves Costa, 2ª edição, 1982.

e sublinhando os aspectos mais significativos de um dos olhares mais atentos, críticos e pedagógicos no panorama da Arquitectura Portuguesa. No texto de Távora lê-se *"A Casa à Antiga Portuguesa que, dentro da Arquitectura civil é filha dessa arqueológica orientação, não introduziu em Portugal qualquer coisa de novo, pelo contrário, veio atrasar todo o desenvolvimento possível da nossa Arquitectura, com o seguinte texto em nota: Cremos que não é necessário definir o que entendemos por casa à antiga portuguesa pois, infelizmente, qualquer dos leitores liga a estas palavras um tipo de casa, com certas características próprias, certo amaneiramento e doçura de formas, grande quantidade de pormenores inúteis de que resulta um excessivo pitoresco, uma completa ausência de dignidade e nenhuma noção das realidades do nosso mundo"*. Alertava ainda que *"o estudo da Arquitectura portuguesa, ou da construção em Portugal, não está feito"*. Em 1945, quando este texto foi pela primeira vez publicado, já sentia a necessidade de se fazer este estudo no sentido de se banir os equívocos da *casa à portuguesa*. É que o mal não estava nas fontes observadas (embora incompletas), mas antes na grande confusão que então existia quanto à sua interpretação que conduzia à reprodução arqueológica de elementos com pendor puramente decorativista/historicista, desligados do homem e seu habitat no sentido da permuta entre homem e ambiente, entre ambiente construído, função e materiais, e entre o seu uso racional. Por outro lado as casas deverão acompanhar as necessidades da vida quotidiana, o tempo de quem as constrói e habita.

Estão dados os primeiros passos para se lançar o *Inquérito à Arquitectura Popular*. Pretendia-se a desmistificação da Arquitectura Portuguesa tal como se tinha enquistado na sociedade dominante portuguesa. Tarefa árdua a de convencer o regime a participar economicamente no evento, que se iniciou em 1956, até porque os seus autores terão partido já



Frontispício do livro *Percurso: Arquitectura Portuguesa 1930/1974*, de Sérgio Fernandez, 2ª edição, 1988.

¹¹¹ (...continuação)

principalmente um mergulho na realidade, um gesto de aproximação à verdade da condição do povo. Revelou exemplarmente momentos de integração no ambiente, de emprego expressivo dos materiais, da importância dos factores psicológicos, de todos os aspectos da cena urbana, ainda vivos nos pequenos povoados, dos pavimentos à côr, dos recantos ao pequeno equipamento. Ignorados pelo gosto racionalista, foram provas concretas da possibilidade de uma humanização da arquitectura a utilizar didacticamente. "Do estudo da Arquitectura Popular Portuguesa podem e devem extrair-se lições de coerência, de seriedade, de economia, de engenho, de funcionamento, de beleza... que em muito podem contribuir para a formação de um arquitecto dos nossos dias, não que o seu portuguesismo se revelou tanto mais intenso e louvável quanto mais directamente se inspirarem num certo número de elementos e de aspectos tidos por mais portugueses. Ideia simpática, mas ingénua!" (Introdução do Inquérito)"

com a convicção de se vir a encontrar não um estilo regional, mas várias arquitecturas regionais, o que veio a verificar-se. Alexandre Alves Costa na sua *Dissertação para o Concurso de Professor à E. S. B. A. P.*, aponta este momento como de grande relevância para a arquitectura Portuguesa (112).

No seu outro livro *Introdução ao Estudo da História da Arquitectura Portuguesa* (113) avança para os efeitos do Inquérito na geração de arquitectos contemporâneos: "(...) *uma geração de arquitectos empenhada na crítica ao regime quiz, através do inquérito, provar, não só a diversidade da realidade nacional, mas sobretudo a racionalidade estrutural a Arquitectura espontânea, transformando-a em aliada sua. Da resposta funcional da Arquitectura espontânea, no contexto rural e em determinada situação de desenvolvimento das forças produtivas decorreria a necessidade de uma nova funcionalidade para novos contextos urbanos e nova situação daquele desenvolvimento*".

Segundo este autor teriam derivado duas vertentes, respectivamente uma que se iria apoiar no formulário do Movimento Moderno expresso pela Carta de Atenas, e uma outra que terá resultado do trabalho da equipa do Minho que seguiu como metodologia a pesquisa de um Arquitectura Tradicional aceitando a popular e a erudita como bases desse entendimento e de interpenetração, portanto não aceitando fronteiras. Terá sido uma visão mais "sócio-cultural e histórica" mas sobretudo mais íntima das comunidades.

Seguindo as palavras de Alexandre Alves Costa: "*Távora era a nossa Arquitectura visitável, a Casa de Ofir, a Escola Primária da Quinta do Cedro, o Restaurante do posto de gasolina de Seia. Tratava-se de saber como comem e dormem os Portugueses, tratava-se de aprender as suas técnicas de construir e maneiras de entender o espaço. (...) tratava-se de, contra a Arquitectura Internacional, conciliar a arquitectura erudita com a tradição popular, num determinado contexto e como resposta a ele*".

Em Lisboa para além do Keil Amaral, destaca-se Nuno Teotónio Pereira um jovem como Távora a travar o mesmo combate. O Inquérito entretanto, para além de não se apresentar como cartilha, deixa também as "conclusões fora

Seis Lições
2

Introdução ao Estudo da
História da Arquitectura
Portuguesa

Outros Textos sobre Arquitectura
Portuguesa

Alexandre Alves Costa



Seis Lições

Frontispício do livro *Introdução ao Estudo da História da Arquitectura Portuguesa*, de Alexandre Alves Costa, 1ª edição, 1995.

112 *idem nota 111.*

113 *Introdução ao Estudo da História da Arquitectura Portuguesa*, Alexandre Alves Costa, "Colecção Seis Lições", nº 2, 1ª edição, FAUP, Porto, 1995.

das suas páginas", ou seja, a discussão deverá fazer-se em debate público, o que terá apenas acontecido no meio dos Arquitectos.

Podemos assim constatar que o problema da *casa portuguesa*, tal como iniciámos este texto evoluiu ao longo dos anos. Esta terá encontrado alternativa teórica no 1º Congresso dos Arquitectos em 1948, com o surgimento da Arquitectura Portuguesa. Mas a luta em defesa desta arquitectura continuava dura e desigual: de um lado um estado autoritário, envelhecido mas ainda cioso do poder absoluto ditava as regras, em postulados historicistas completamente alheados do Mundo moderno que avança além fronteiras; do outro um punhado de Arquitectos em conjunto com democratas de outras profissões procuravam contrariar a corrente.

Curiosamente será fora do Continente Europeu, mais precisamente nos Açores, que surge um dos documentos mais originais de combate à Arquitectura do regime. Referimo-nos ao depliant *esta arquitectura não é* da autoria do Arquitecto João Domingos Rebelo, por volta de 1959/60. Deste documento sublinhamos o seguinte "*A Arquitectura que aqui se documenta ergue-se nos Açores, na sua maior parte, na Ilha de S. Miguel. O local, porém, pouco importa, trazemo-la aqui como símbolo. Um símbolo do panorama geral do país, em matéria de arquitectura. Com efeito, não há actualmente pedaço de terra portuguesa, seja continente, ilhas ou ultramar, onde se não verifique a coexistência destas duas Arquitecturas: - A que É e a que NÃO É.*

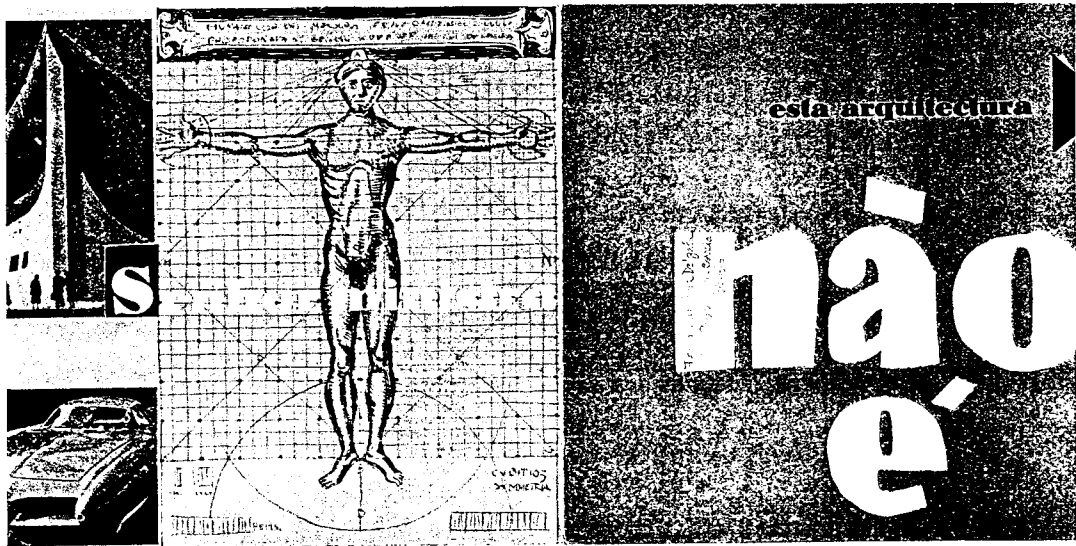
A primeira, recebemo-la por herança do tempo em que a Arquitectura não andava pelas repartições e ninguém falava em estilos. Arquitectar (o mesmo era construir), significava então CRIAR HARMONIA. Harmonia da forma enquanto forma, isto é, considerada isoladamente, em si mesma. Mas também, harmonia da forma nas suas múltiplas e inevitáveis dependências com o meio geográfico, o clima, o material, a técnica, o uso, a função, a economia, a cultura, o ideal, o sentido da época". Aludindo à segunda continua João Rebelo, "*Tudo se aviltou, tudo se prostituiu..... Não nos iludamos porém, falando de estilos, ou julgando que tudo se resume a uma questão de mais ou menos pedra nas fachadas.... Tenhamos antes a coragem e a humildade necessárias para reconhecer que o colapso desta Arquitectura e no fundo, o colapso da nossa*

existência, da nossa mentalidade atrofiada, que perdeu o sentido da audácia, o gosto pelo risco, dos homens que nos legaram Alcobaça, a Batalha ou os Jerónimos e deles não apreende a lição de amor ao ofício, que ia até ao dom de si próprios (Lembram-se de Afonso Domingues?)".

Em todo o país, e apesar do *Inquérito* publicado em 1961, tudo continuava praticamente na mesma, talvez por este ter contrariado a posição oficial do regime ou tão simplesmente por não ter tido a divulgação desejável. Apenas uma minoria de arquitectos esclarecidos continuava paulatinamente, e revelando uma certa contradição do regime, o seu trabalho por vezes marginal, apesar da encomenda oficial. Muitos destes "experimentaram" as lições do *Inquérito* intervindo em projectos que, pela localização geográfica fora dos grandes centros urbanos, como as pousadas, moradias de férias, ou no caso das igrejas em locais de forte pendor rural, sendo exemplo pioneiro a Igreja de Penacova de Nuno Teotónio Pereira ⁽¹¹⁴⁾, encontraram "apoio" nas investigações do *inquérito* e na discussão que este possibilitou, entre arquitectos e uns tantos, interessados. Ainda sobre o *Inquérito* importa deixar aqui registadas as palavras de Nuno Teotónio Pereira: "*Depois de uma preparação em que se contou com a colaboração de Orlando Ribeiro, e dividido o país em 6 regiões, puseram-se em campo equipas formadas por três arquitectos, dois dos quais, os mais jovens, se transportavam em motoretas esquadrihando todos os recantos do País. Foram percorridos 50 mil quilómetros, feitas 10 mil fotografias, centenas de levantamentos e croquis. Tive a sorte de participar nessa pesquisa, juntamente com Fernando Távora, Lixa Filgueiras, Keil Amaral, Frederico George e Pires Martins. De entre os mais novos, lembro-me de Arnaldo Araújo, Silva Dias, António Meneres, João J. Malato, Pinto de Freitas, Mata Antunes, Celestino Castro e Fernando Torres. No prosseguimento do trabalho feito no Continente, foi na década de 80 feito um levantamento análogo nos Açores, o qual, infelizmente, não viu ainda criadas as condições indispensáveis para a sua publicação em livro.*" ⁽¹¹⁵⁾

¹¹⁴ *idem* nota 108, pág. 99 - "São dessa época os meus projectos mais ligados à terra, utilizando, a par com o betão armado, materiais locais: o granito, a madeira, o xisto. Foi assim a Igreja das Águas em Penamacor e o Bairro de Barcelos, este em perpeanho de granito à vista no meio de pinheiros, e que ainda lá estão e cumprem bem a sua função."

¹¹⁵ *idem* nota 108, pág. 19.



O novo edifício para o Comando da Defesa Marítima do Arquipélago dos Açores e Capitania do Porto de Ponta Delgada

UMA POSTALDAD
NÃO, UMA TORRE

UMA TORRE
NÃO, UMA TORRE

MEDIOCRIDADE
indigência
cupidez
falso regionalismo

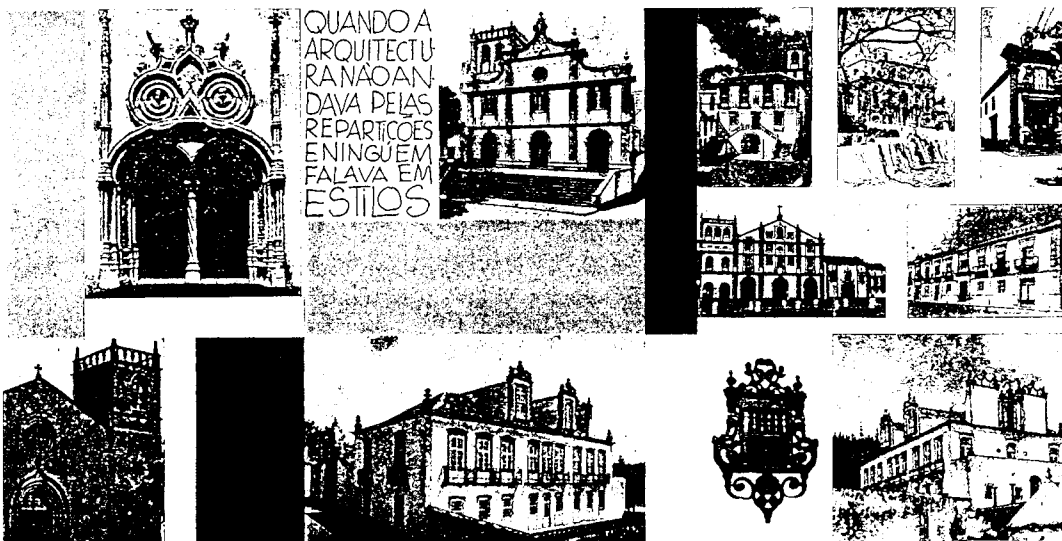
COIA PRIMÁRIA TIPO DO PLANO DOS CRISTÓBAL

É preciso:

- UN INSTALAMENTO TOTAL DO SERVO PÚBLICO DAS FÓRMAS
- UN REPOZICIONAMENTO DAS NOVAS COORDENADAS DA QUE SE SITUA A VIDA DO NOSSO CONTEMPORÂNEO,
- NADA HAVER ENTENDIDO DA MENSAJEN DA REVOLUÇÃO,

para se aceitar, fomentar e apadrinhar estas formas como legítimas expressões de arquitectura contemporânea.

FAVOR DE QUE ÉPOCA É ESTE EDIFÍCIOT
— O PALACIO DE QUARENTA E DOIS ANOS
— O PALACIO DE QUARENTA E DOIS ANOS
— O PALACIO DE QUARENTA E DOIS ANOS



Depliant *Senhor ministro: esta arquitectura não é, esta arquitectura é*, de João Correia Rebelo, Ponta Delgada, (1959/60).

3.3. Uma Ética na Construção Contemporânea

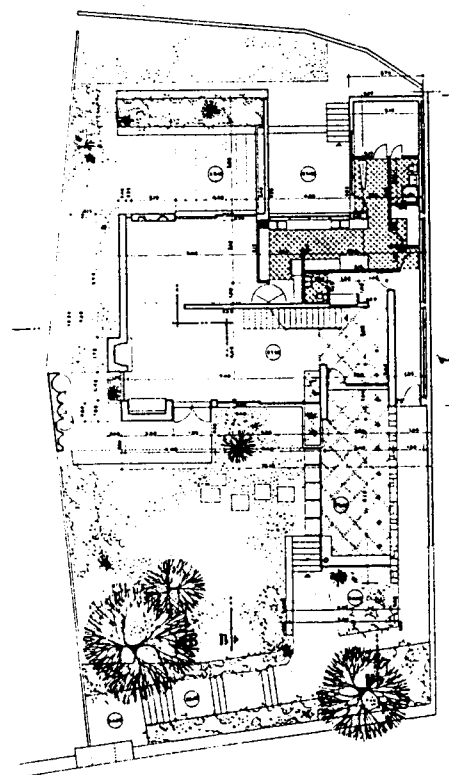
Dessa época, logo a seguir ao Inquérito, interessa-nos sobretudo o trabalho pioneiro do Arquitecto Raúl Chorão Ramalho no Arquipélago da Madeira.

Será este o Arquitecto a retomar o tema da "Casa Regional", não no sentido da casa tipológica e formalmente fixada em modelo reproduzível. Muito pelo contrário, este faz uma leitura atenta da arquitectura local na sua expressão popular vernácula e erudita, contrariando o pastiche ou um falso regionalismo. Chorão Ramalho observa o engenho dos artesãos locais na manipulação dos materiais, nas suas propriedades físicas e na sua influência no desenvolvimento da casa. Procura na funcionalidade e na beleza do salão⁽¹¹⁶⁾ ou da cantaria, uma referência importante. Atende a aspectos da imagem como os tapa-sóis, as casas de prazer, ou ainda a forma de implantação no terreno, e ainda a relação de proximidade entre espaço interior e espaço exterior em estreita ligação com a natureza.

Verificamos que Chorão Ramalho subtilmente atendeu à memória, à tradição local, ao incorporar na sua arquitectura sinais dessa cultura local.

Referimos a Moradia Bianchi no Funchal onde a sua implantação resulta de uma leitura dos poios⁽¹¹⁷⁾, no prolongamento do espaço interior para um espaço vivencial exterior coberto, ou melhor fundindo a ideia da tradicional "casa de prazer"⁽¹¹⁸⁾ com o "espaço da porta" local de estar apreciado na Arquitectura Popular Madeirense. O uso dos tapa-sóis funchalenses, bem como a aplicação das cantarias tradicionais emprestam à casa um sentir madeirense apesar de se tratar de um moderna peça de arquitectura na linha do racionalismo puro. No Porto Santo, Chorão Ramalho usa o salão sobre as coberturas da Escola Primária da Vila Baleira, que, para além do efeito plástico, constitui um isolamento eficaz das lajes de betão ao clima quase africano.

A moderna arquitectura que Chorão Ramalho construiu no Arquipélago da Madeira é uma lição maior de como a cultura é intemporal e não limitada a uma época ou a um tipo, antes,



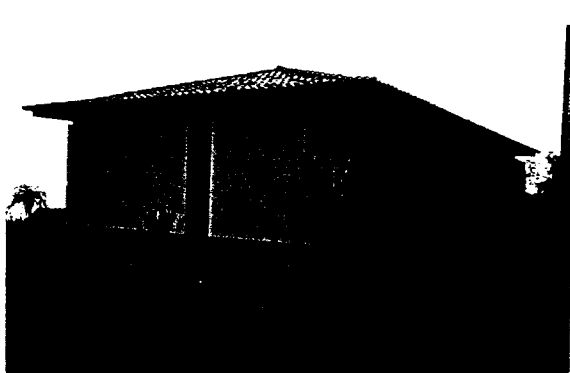
Casa Bianchi, Funchal - Arquitecto Raúl Chorão Ramalho, projecto de 1959. Aspecto da entrada com a integração da tradicional "casa de prazer".

Idem - Planta do Piso 0 (esc. 1:400)

¹¹⁶ Salão : barro originário do Porto Santo com que se fazem as coberturas nessa Ilha.

¹¹⁷ Poio: muros, contrafortes de contenção das terras seguindo tecnologia tradicional.

¹¹⁸ Casa de Prazer: pequena construção de madeira integrada nos jardins madeirenses.



Casa Bianchi, Funchal - Varanda do Piso 1. Destaque para a integração dos tradicionais "tapasóis" locais em madeira.

Casa na Boa-Nova, Funchal - Arquitecto Lino Piixão. Anos 80.

Casa no Caniço - Arquitecto Coreolano Correa. 1991.

revela-se por ser interactiva aceitando o contágio de outras arquitecturas, vernácula e popular, como sinal de uma convivência saudável. Os factores de integração parece-nos assim que não poderão ser lidos como factores de mero exercício formal, onde se colecionam nas fachadas "tiques" pitorescos. Pelo contrário deverá a casa antes de mais responder às necessidades do nosso tempo, utilizar os materiais com a disciplina das suas qualidades fazendo-os depender do todo. E este todo poderá atender então aos factores da tradição, embora a entendamos como algo abstracto. A sua descodificação será matéria a desbravar e interpretar por cada técnico, cada artista ou em simultâneo por cada Arquitecto, já que não temos mais mestres na tradição da construção de casas populares.

No decorrer deste trabalho de investigação pude observar não só a obra de Chorão Ramalho mas também a novíssima arquitectura que hoje se constrói nesta Região Autónoma. A que nos interessa para esta abordagem é recente, existindo um vazio a partir da Moradia Bianchi, de cerca de 30 anos. Apenas logrei recolher três exemplos, de arquitectos diferentes. Todos se revelam na linha de Chorão Ramalho, sem cedências neo-regionalistas aceitando no seu tempo de contemporaneidade, leituras da tradição arquitectónica local. Localizam-se perto do Funchal. Na Boa-Nova encontramos a casa projectada pelo Arquitecto Lino Piixão nos finais dos anos 80 onde a tradição da cobertura de telha se harmoniza com um desenho moderno de contenção formal. Uma grande sobriedade caracteriza a casa, que "arrisca" um dos valores mais gratos à arquitectura, respectivamente um jogo de volumes projectando sombras sobre a brancura da fachada. No Caniço encontramos uma casa da autoria do Arquitecto Coreolano Correa (1991) cuja implantação nos proporciona a leitura superior da cobertura, como acontece com muitas casas madeirenses. O volume de um piso detém um invulgar bem traçado telhado de quatro águas, quase abatido, como o tradicional. Este demarca-se de um pretensio beiral através do ligeiro prolongamento da laje de esteira de betão. A simplicidade dos panos de fachada fazem o resto. Nada é supérfluo, gratuito, ostensivo, pelo contrário, temos um volume harmonioso de grande rigor com uma expressão arquitectónica contemporânea.

Por último temos uma casa igualmente no Caniço, da autoria do Arquitecto Paulo David (projecto de 1992, obra de 1996)

onde se arrisca uma linguagem fortemente moderna, purista e imaginativa. Esta, resolve o lote de gaveto com grande sensatez, resguardando-se do tráfego e repondo a memória das casas de prazer do Funchal, alpenduradas nos muros de esquina. Ainda na tradição madeirense implanta-se num poio construído de raiz após recolha de pedra aparelhada á mão, proveniente do desmonte de uma casa. Desenvolve-se em "L" recuando o volume de dois pisos em relação ao terreno. A espacialidade denota fluidez no piso térreo vivendo este da sua relação com o pátio exterior.

Estes três casos no nosso entender revelam que é possível continuar a herança da Arquitectura Popular e Vernácula numa perspectiva de uma arquitectura elevada culta. Uma Arquitectura contemporânea com forte ligação ás pessoas e locais onde se implantam. Num gesto de civilização perene, aberta e de continuidade, onde não se apagam memórias, antes se procura o convívio com estas, acrescentando outras que irão assegurar a continuidade da cultura. Diremos que se trata de uma ética da construção.

Pedro de Llano no seu recente livro *Arquitectura Popular em Galicia, Razón e Construcción* ⁽¹¹⁹⁾, escrevendo sobre "a presença da experiência anónima na última arquitectura de Tadao Ando a Álvaro Siza" dirá que o momento que se vive denota uma *"irrupción de frívolos e superficiais formalismos posmodernos"*, porém e subentende-se numa escala reduzida *"também vimos xurdir novas e orixinais respostas, que fronte á simpleza contextualista dos enfoques "rexionalistas", proponên a necessidade de profundizar nas experiências espaciais e construtivas do pasado, volvendo a mirada a unha arquitectura na que a imaxe nunca foi o obxectivo, para absorber muitas das súas abstractas suxestións á marxe de todo mimetismo formal. Assumindo que a relación forma/función ou local/universal sempre serán multiples e complexas, creadores como o xaponês Tadao Ando e o português Álvaro Siza, ben poderían constituir un último e admirable exemplo sobre a sutil presencia de propostas conceptuais procedentes da arquitectura anónima como unha das iniciais, e cada vez menos recôncibles, bases nas que apoia-la súa obra"*.



Casa no Caniço - Arquitecto Paulo David.
Projecto 1992-Obra 1996.

¹¹⁹ *Arquitectura Popular em Galicia, Razón e Construcción*, Pedro de Llano, COAG [Colexio Oficial de Arquitectos de Galicia], Comisión de Cultura, 1996.

Este autor revela-nos o discreto e seguro caminho, com larga incursão nas culturas regionais, destes dois arquitectos. Estes dois nomes maiores da arquitectura contemporânea que, em contextos geográficos e culturais tão diferentes, foram evoluindo nas suas pesquisas e experiências arquitectónicas construindo delicadamente uma arquitectura simples despojada espacial e formalmente. Nalguns exemplos podem-se observar as inteligentes leituras da Arquitectura Popular naquilo que ela é mais representativa - objectividade, simplicidade, beleza - entre outras características.

Dirá ainda Pedro Llano *"Cando o noso século se aproxima ó seu ocaso, a arquitectura sen arquitectos - aquelas construcións nas que a sinxeleza chega ás súas máis altas cotas, pechando en si mesma magníficas e transcendentais leccións sobre a xénese da Arquitectura - continúa, en fin, constituíndo un esencial apartado na formación daqueles deseñadores interesados na busca da racionalidade como base para o seu traballo, axudándolles, tel como afirmara Le Corbusier, a "esperta-la súa mente, avivando o seu enxeño, ensanchando a súa imaxinación e permitíndolles descubrilo futuro num pasado marabilloso", por medio da absoluta honestidade dunhas solucións caracterizadas polo seu aprecio polas cualidades concretas dos materiais, a expresividade duns espacios amenos vertebrados arredor do sentido da vida, e as súas formas claras, sinxelas e cheas de poesía"*.

CAPÍTULO 4 - Ética da Conservação

4.1. Aspectos Gerais

"Não se trata também de "abonecar" o centro urbano ou a aldeia, ou de fazer restauro "de fachada" lavando a cara aos imóveis e deixando de lado as carências de equipamento básico nos seus interiores.

O que importa é combater a construção tida especulativa, tentar corrigir nas raízes os factores que suscitam a imagem actual da "casa do emigrante", evitar a delapidação e a dispersão dos bens mobiliários que são recheio da Igreja, da capela, do museu Local, combater formas especulativas do comércio de antiguidades, evitar a fragmentação de um retábulo de talha.

Não se propõe transformar o aglomerado rural numa "aldeia museu", numa espécie de bilhete postal de má qualidade, mas dignificar com autenticidade os valores locais, o que equivale a dignificar a própria população local.

Não se defende a obstrução a novas construções, muito ao contrário: na aldeia, no núcleo histórico de uma vila ou de uma cidade a arquitectura contemporânea deve ser benvinda sempre que o arquitecto, o urbanista, o construtor, os órgãos municipais e a população em geral tenham a lucidez bastante para compreender, e respeitar e fazer respeitar a escala local, as técnicas, as cores, as texturas tradicionais. ". (120)

Este trecho, extraído de um documento escrito há 20 anos, revela-nos o despertar da salvaguarda do património no nosso país, no pós-25 de Abril. Evidentemente que este precede outros textos e experiências acumuladas ao longo de anos com especial destaque para as intervenções dos Monumentos Nacionais. Todavia é a partir do *Congresso Internacional para a Investigação e Defesa do Património* organizado em 1978 pela Associação para a Defesa e Valorização do

¹²⁰ *Prétérito Presente - Para uma Teoria da Preservação do Património Histórico-Artístico, Jorge Henrique Pais da Silva, Comissão Organizadora do Congresso Nacional para a Investigação e Defesa do Património, SEC, Lisboa, (1975). - pág. 44.*



Sítio do Ingridota, Lombo das Terças, Ponta do Sol. Casas em estado físico exemplar, utilizadas diariamente, uma com cobertura de palha e outra com cobertura de telha.

Idem - interior da casa com cobertura de telha.

Idem - interior da casa com cobertura de palha.

Património Cultural da região de Alcobaça, com o apoio da Secretaria de Estado da Cultura, que este texto escrito para o Curso realizado na Faculdade de Letras de Lisboa por ocasião do Ano Europeu do Património Arquitectónico, surge como relançamento das questões do património e da sua discussão no nosso país.

Salvaguarda do Património:

Conservar - O quê?

Conservar - Porquê?

Conservar - Para quem?

Conservar - Como?⁽¹²¹⁾

De então para cá alguma coisa tem evoluído, com especial destaque para os novos intervenientes, perdendo-se a exclusividade do Arquitecto, e tornando o campo de actuação mais complementar no sentido da equipe pluridisciplinar surgindo os engenheiros, os historiadores, os arqueólogos, os cientistas e os técnicos especializados em áreas específicas de restauro. Assim como novos materiais e técnicas de restauro surgiram fruto da evolução tecnológica e do apuramento e síntese dos materiais naturais e artificiais de restauro. Paralelamente a qualquer destes avanços da ciência, surge a ética da e na intervenção. E será neste campo que as intervenções se tornam (ou não) irrepreensíveis pela metodologia imposta, e/ou consciência e saber com que são executadas; ou tão somente se tornam em intervenções fantasiosas inventivas de uma falsa história, de uma falsa contemporaneidade, para justificar actos de destruição; ou tão somente se resumem a uma intervenção cinematográfica e parcial de fachadas. O problema da autenticidade estética e do referencial que lhe dá o "suporte moral" é hoje cada vez mais discutível e discutido pela vastidão de conceitos de acções experimentadas, e as opções das indústrias especializadas em produtos e em métodos de restauro. As acções sobre o património deverão assim ser culturais, portanto cultas, portadoras do saber ancestral, reveladoras do conhecimento de acções, teorias, conceitos e manutenção do artesanato genuíno.

Por outro lado, a não certeza no método de intervenção, pode revelar-se a margem de segurança para evitar o erro, se persistir a preocupação e a aceitação de não se saber tudo, diminuindo a hipótese de risco de uma má intervenção via a

¹²¹ *idem* nota 120, pág. 22.

precipitação para soluções desconhecidas e por vezes irreversíveis. Nos dias de hoje, o não saber pode não ser uma menor valia se encarado com humildade, se constituir um nicho de experimentação teórica e técnica. Acreditar no futuro é permitir que este possa acontecer. Daí, por um lado, o tempo de incertezas e, por outro o avolumar de tanta experiência fálhada em monumentos "intocáveis", leva-nos a considerar a melhor terapêutica aquela que conjuga o saber teórico e científico, com uma grande dose de bom senso na sua aplicação e nos objectos onde é aplicada.

Este bom senso é ele também um factor ético, ou seja, é através deste valor abstrato que o técnico aumenta o seu suporte moral, pois é aqui que radica a aceitação da dúvida. O não saber tudo não significa incompetência, como ao invés, o querer mostrar que se tem resposta para tudo significa eficácia e sabedoria. Hoje em dia, e face á implantação da sociedade do sucesso tecnológico e do progresso por acumulação de "curriculumms do tipo *troféu de caça*", encontrar no meio quem saiba o significado das palavras "humildade" e "modéstia", e as pratique com naturalidade, é caso raro. Por vezes verifica-se o injusto esquecimento destas pessoas, ou mesmo o propositado afastamento destas com a desculpa de serem personalidades apagadas, sem sentido do seu tempo. Há assim, uma visão mercantilista no meio desta "emergente" disciplina, que se está a deixar segregar pelas indústrias de "produtos milagrosos", tornando presas fáceis os técnicos menos preparados e menos habilitados, ou sem escrúpulos de ordem ética.

Quanto ás intervenções em si, e apesar de cada vez mais serem diferentes as suas áreas, o problema da autenticidade é comum, ultrapassando mesmo o próprio significado da individualidade, ou seja do objecto em si.

Para além do aspecto da intervenção existe também a autenticidade do meio onde se insere o objecto arquitectónico: é por vezes o sítio que o caracteriza. Descontextualizá-lo será naturalmente diminuí-lo senão mesmo anulá-lo. Mas a autenticidade é também o uso quotidiano, a vivência sociológica que este abriga ou proporciona. O afastamento do homem dos conjuntos dos sítios ou imóveis tem em muitos casos acelerado a sua decadência. Embora se reconheça que a sobrecarga humana pode contribuir para danos irreparáveis, não é menos verdade que o Homem é o actor principal desta peça: sem o usufruto deste património, não cumpre o seu

sentido. Medidas cautelares poderão atenuar ou mesmo evitar estes danos. Mas ao invés, se o património se traduz numa "vitrine gigante" parece-nos que éticamente se subvertem os papéis.

O Homem na sua vivência quotidiana não é transformável em peça de museu, assim como o seu meio e comportamento não se inserem numa cena, com uma platéia exigente, que verifica se tudo está bem ensaiado e no seu devido lugar. O Património é a harmonia do Homem com o seu meio artificial e o natural, este último quase sempre já por si transformado. Todavia as realidades não deverão ser descontextualizadas correndo-se o risco de esvaziar o conteúdo Homem do seu próprio sentido de existência, da grande construção que é a vida em contínua mudança e evolução.

O sentido do património é o sentido da dinâmica, da vida.

" 6.41 O sentido do mundo tem que estar fora do mundo. No mundo tudo é como é e tudo acontece como acontece; nele não existe qualquer valor - e se existisse não tinha qualquer valor.

Se existe um valor que tenha valor então tem de estar fora do que acontece e do que é. Porque tudo o que acontece e tudo o que é o é por acaso.

Não pode estar no mundo o que o tornaria em não acaso, porque senão seria de novo caso.

Tem de estar fora do mundo.

6.42 Por isso não pode haver proposições da Ética. As proposições não podem exprimir nada do que é mais elevado.

6.421 É óbvio que a Ética não se pode pôr em palavras.

A Ética é transcendental.

(A Ética e a Estética são Um.)

6.422 O primeiro pensamento que ocorre quando se institui uma lei ética da forma " Deves..." é: E o que é que acontece se eu o não fizer? Mas é óbvio que a Ética nada tem a ver com castigo e recompensa, no sentido vulgar. Logo a pergunta acerca das consequências de uma acção tem que ser irrelevante. Pelo menos estas consequências não podem ser acontecimentos. Em todo o caso o género de pergunta tem algo de correcto. Tem que existir uma espécie de recompensa ética e castigo ético, mas estes têm que estar na própria acção.

(E é óbvio que a recompensa tem que ser algo de agradável e o castigo algo de desagradável.)". (122)

¹²² *Tratado Lógico-Filosófico - Investigações Filosóficas*, Ludwig Wittgenstein, Lisboa, FCG, Lisboa, 1987 - pág. 138.

4.2. Aspectos Particulares

A contextualização de edifícios e/ou conjuntos de edifícios rurais e urbanos e a moldura social que os habita, são hoje uma realidade inseparável. Acentua-se assim o valor humanista do património como valia acrescentada ao "tipicismo" e ao "pitoresco" criados pela indústria turística deste século.

As grandes questões do património resumem-se no essencial a parâmetros tão lineares como a estima sócio-cultural que os diretamente envolvidos ou interessados pelas questões éticas das e nas intervenções em edifícios e/ou conjuntos de edifícios, sejam eles urbanos ou rurais, sejam capazes de discutir e implementar em prol de uma ideia ou conjunto de ideias capazes de vitalizar o património rural construído.

No caso presente, consideramos que a abordagem a adoptar, deverá ser "orientada" por um programa e um objectivo político do Governo Regional, para a salvaguarda da identidade da região em sintonia com a vontade e interesse dos madeirenses.

Objectivamente apontamos como meta a atingir com este trabalho a **melhoria da qualidade de vida dos habitantes e visitantes desta região tendo como plataforma a Arquitectura regional madeirense, e sua paisagem resultante.**

Esta pretensão implica uma abordagem frontal ao fenómeno social e económico local, factores cuja interligação e dependência delineiam o êxito de qualquer intervenção (ou simples intenção) que se pretenda planeada e renovada ao longo do tempo, no sentido de melhorar padrões de qualidade de vida e melhorar ideais estéticos, sem renegar a herança cultural.

Torna-se assim necessário:

- averiguar as fontes históricas, para melhor enquadramento dos problemas actuais;
- conhecer e compreender a dinâmica dos mecanismos de interferência da vida social nesta região e quais os factores de intervenção mais determinantes para o êxito desta operação;
- atender á utilização dos meios de intervenção possíveis e á formulação dos necessários;

- atender à definição e reajustamento permanente da proposta e da intervenção no decorrer dos projectos e, obras de diverso tipo a implementar;
- estabelecer as metas e os objectivos a que a intervenção deverá obedecer.;

Deste modo, o que se pretende numa 1ª fase, é essencialmente prospectar para analisar.

Em primeiro lugar pretende-se atingir um conhecimento o mais pormenorizado possível, ao nível das pré-existências, portanto da sua história, dos traços que persistem, dos que se apagaram ou se tornaram elegíveis pela acção do tempo ou do homem;

Por outro lado, e em paralelo, pretende-se abordar o assunto face às necessidades do momento actual, por via das várias disciplinas técnicas e humanas que em conjunto perfazem uma correcta avaliação do estado das coisas; temos assim duas realidades respectivamente a do património rural construído a necessitar de restauro, reabilitação ou ampliação, e o "enquadramento" das novas construções, ou seja do novo património que diariamente surge na paisagem madeirense. Para tal será necessário elaborar levantamentos e inquéritos que abranjam uma informação vasta nos vários campos, de modo a detectar carências sociais, incompatibilidades geográficas, indevidas apropriações de terrenos, insalubridades, mercado de trabalho e respectivos circuitos, efeitos do turismo de massas, produção de produtos regionais, etc.;

Numa 2ª fase dever-se-á proceder a análise cuidada dos dados recolhidos, numa perspectiva de definição de métodos e critérios de intervenção, ou seja da terapêutica a aplicar. Assim, e no sentido de nos situarmos, podemos adiantar algumas intenções já detectadas em situações semelhantes e por nós tratadas, e que por serem de carácter genérico inevitavelmente se aproximam deste tipo de região, ao qual já foi efectuada uma pequena aproximação:

- valorizar e vitalizar aldeias, conjuntos rurais e as construções com forte carácter regional, ou seja, salvaguardar as características sociais através da manutenção vigorosa das famílias residentes das actividades tradicionais com viabilidade socio/económica e dos espaços públicos adjacentes, promotores do encontro social;

- dotar as habitações de condições de salubridade com especial atenção para a instalação de sanitários e melhoramento das cozinhas;
- garantir as condições de segurança dos edifícios debilitados, detectando a precariedade que antecede o estado de ruína;
- questionar as actividades e usos que possam existir e que estejam a comprometer a harmonia das construções, e favorecer a fixação de funções tradicionais como a habitação;
- propor a eliminação de dissonâncias e/ou alterações que afectem a unidade de paisagem rural de qualidade que se pretende para o local;
- salvaguardar as tipologias tradicionais internas dos edifícios, assim como reabilitar os telhados, já que estes constituem o "alçado" mais visto do local a partir dos miradouros.

Fundamentalmente pretende-se melhorar as condições de habitabilidade sem prejuízo para o contexto histórico/paisagístico e o carácter sócio-cultural do local, com a apresentação de propostas de Programa Preliminar, ou tão somente medidas rápidas e de fácil execução que melhorem de imediato carências de 1º grau com largos reflexos na saúde dos cidadãos.

Por último temos uma 3ª fase que se caracteriza fundamentalmente pela elaboração de Cadernos de Encargos precisos, apoiados nos relatórios, edifício a edifício, e acompanhados de projectos das várias especialidades, com base na fase atrás descrita.

Consideramos ainda que a elaboração de projectos de arquitectura de restauro, reabilitação e/ou ampliação terão por base as diversas necessidades detectadas nos levantamentos, ou pedidos específicos de cidadãos, assim como terão em consideração aspectos técnicos e regulamentares, sem contudo descaracterizar as tipologias com especial atenção para a escala, a harmonia e equilíbrio de espaços e materias, e as técnicas construtivas originais, sendo estas fundamentalmente a preservar.

Este aspecto representa para nós uma atitude ética importante no conceito de intervenção em edifícios e/ou conjunto de edifícios com valor patrimonial. Procuramos defender o todo como uma unidade coerente entre interior/exterior, entre materiais de construção e de revestimento.

É fundamentalmente nesta fase, com a definição escrita e desenhada da intervenção a levar a cabo edifício a edifício, que se poderá evitar que as obras venham a "resvalar" para a vulgaridade de uma qualquer obra de construção civil, prescrevendo os materiais e as dosagens correctas e compatíveis com os edifícios, evitar o surgimento de produtos "milagrosos" ou a opção por soluções descaracterizadoras, como a aplicação de telas de alumínio ou tintas de areia.

É também vulgar assistirmos neste tipo de trabalhos à desvalorização e conseqüente descaracterização de pormenores fundamentais na identidade física dos edifícios, tais como cornijas, beirais, cantarias, molduras, caixilhos, portadas, tapa-sóis, etc., pelo que o apoio do desenho torna-se fundamental para a identificação destes detalhes, funcionando igualmente como suporte para a exigência na sua correcta recuperação.

É ainda nesta fase que se procurará interligar as especialidades que em muitos casos terão de ser parcial ou totalmente renovadas, pelo que se torna muito delicada a sua integração face à regulamentação, às exigências da contemporaneidade, e às reais condições físicas para a sua adequabilidade.

Assim cada caso é um caso, sendo certo que a nossa atitude se baseia na regra do "bom senso" que, apesar de ser um valor abstrato, deverá ser praticado no sentido da salvaguarda do património arquitectónico.

Consideramos que será obtido um bom resultado em obra se se produzir um conjunto de documentos escritos e desenhados capazes de transmitirem, por um lado o conhecimento profundo das patologias mas também um conjunto eficaz das terapêuticas, prescritas de modo claro, rigoroso, e com a suficiente elasticidade que permita um acompanhamento técnico eficaz no decorrer das obras.

Esta situação anteriormente descrita seria a ideal para o restauro e reabilitação do património rural, ou seja a do "atendimento personalizado" caso a caso por parte de um Arquitecto que tenha uma preparação adequada para o efeito, e possa responder por uma determinada região sob a sua "juridição" dentro das Câmaras e Juntas de Freguesia, ou simplesmente seja convidado para resolver este ou aquele problema específico. Todavia, e a acreditar na realidade, sabemos como este desejo é uma utopia, que com gosto perseguimos mas que só com pragmatismo nos

aproximaremos dela. Assim, e correndo riscos reduzidos, julgamos que se poderia iniciar uma nova atitude através de novos caminhos, ou seja recorrendo aos diversos graus de ensino, e ainda numa espécie de campanha de sensibilização do património rural nas localidades, recorrendo ao apoio das Câmaras, Juntas de Freguesia e das diversas associações de cidadãos como colectividades, clubes recreativos, etc.

Com esta metodologia poderíamos fazer uma aproximação directa ao cidadão comum e aos agentes transformadores da Arquitectura e da paisagem rural, respectivamente os construtores, engenheiros, desenhadores, etc. Neste sentido se poderia estabelecer em diálogo entre os vários intervenientes de modo a oscultar as diversas preocupações com especial relevo para os proprietários das casas, que sentem directamente um conjunto de problemas no âmbito das patologias, da falta de espaço e de dificuldades de vária ordem, nomeadamente económicas.

Se podermos identificar os problemas mais generalistas (tipologia a tipologia), começamos a deter a informação base que poderá vir a proporcionar uma resposta genérica. Digamos que se poderia desta forma adquirir, registar e transformar informação em conhecimentos básicos de fácil acesso ao cidadão comum, suficientes para que estes se interessem pela correcta salvaguarda física das construções rurais, visto que lhes poderá trazer vantagens, na resolução dos problemas e na economia de meios.

Ainda fruto da mesma discussão, deverá registar-se o interesse em preservar aspectos que se prendem com a caracterização da arquitectura rural, nos seus sinais mais expressivos do ponto de vista formal, portanto nas "questões do gosto", mas e essencialmente na sua relação com a envolvente física (outras construções) e com a paisagem (exploração agrícola contígua e distante).

Entretanto nas escolas dever-se-ia promover a médio longo prazo formação aos futuros cidadãos enquanto responsáveis pela defesa e preservação da identidade cultural da sua região, enquanto que nas campanhas de sensibilização se procuraria evitar o desaparecimento ou a galopante descaracterização das construções rurais e da paisagem. No caso escolar seria possível introduzir nos programas, temas e exercícios que versassem a casa rural, os moinhos, os objectos tradicionais interessando-os por fazer inventários dos bens de família, de unidades de vizinhança ou de uma região. As visitas de

estudo, caminhadas, com reportagens escritas, desenhadas, filmadas ou tão somente fotografadas, poderiam constituir matéria capaz de mobilizar os alunos, ganhando-os para o interesse das suas próprias raízes, da sua própria cultura e identidade. Teríamos ainda a influência positiva destes junto dos familiares e amigos, bem como através de acções programadas pelas escolas se poderia "influenciar" a política local face a estas preocupações.

No caso das campanhas, para além dos meios audiovisuais, e sem se recorrer a uma qualquer cartilha redutora, poderiam-se criar "cadernos técnicos" que acompanhassem essas sessões no sentido de se identificarem visualmente um conjunto de dificuldades e de patologias correntes, em diferentes graus, actuando em diversos tipos de materiais. Por sua vez e de forma simples também se poderia ler e observar igualmente através de imagens, as soluções adequadas à resolução dos casos detectados. Nestes cadernos poderia ainda figurar a identificação das tipologias enquanto unidades espaciais e formais, a sua constituição física, e a(s) tecnologia(s) construtivas. Teríamos assim uma espécie de guia(s) da *Boa manutenção e restauro da Arquitectura Popular Madeirense*, com a possibilidade de permitir ao cidadão comum efectuar as pequenas reparações da sua casa recorrendo a materiais e tecnologias compatíveis com o valor patrimonial, igualmente seria um auxiliar para o construtor menos experiente, principalmente no sentido do respeito pelos preceitos construtivos tradicionais, até porque o saber coevo se perdeu enquanto passagem de testemunho, restando-nos agora olhar e entender o que ficou para com devida cautela podermos reproduzir em casos semelhantes.

Para se alcançar algum êxito nesta caminhada da defesa do património rural teremos de acreditar que é necessário envolver e interessar os que se encontram directamente relacionados com os edifícios, especialmente os proprietários, e os residentes, e que para assegurar esse interesse teremos de lhes explicar as vantagens em atenderem à sua correta manutenção, restauro e ou ampliação, bem como alertar para aquilo que representa viver numa casa com "herança cultural". A estima do património e o orgulho de lhes pertencerem é algo que só o próprio cidadão pode sentir, nós apenas lhes podemos proporcionar informação que os ajude a viabilizar a preservação e mostrar-lhes a nossa admiração e respeito pela identidade cultural que representam, porém

não podemos insistir que, a troco do pitoresco, viva sem condições de habitabilidade próprias da época em que vivemos.

Por outro lado é ainda fundamental atender aos aspectos mais penalizadores da boa manutenção de algumas tipologias, que representam significativos encargos económicos. Nestas circunstâncias deveriam ser criadas condições de auxílio ambulatorio por parte das Câmaras e Juntas de Freguesias que possam responder á resolução de problemas ocorridos em casas particulares cujo rendimento familiar não permita a execução dessas obras. Os bons officios destas entidades deveriam poder recorrer a pessoal especializado dentro ou fora dos quadros, mas se possível constituindo uma brigada local. Ao surgir este interesse pelas entidades oficiais, em preservar as construções tradicionais, inevitavelmente iriam surgir empresas privadas com vocação para estes trabalhos que, estamos certos, serão no futuro empresas com potencial sucesso económico.

Verifica-se assim que seria desejável fazer convergir uma vontade política de preservação da herança cultural com a aceitação e participação dos cidadãos enquanto atitude culturalmente entendida e ambicionada e finalmente tornar a operação economicamente credível.

Parece-nos ambicioso mas possível, até porque não se vislumbram outras saídas para a região senão a especialização de outro tipo em detrimento do turismo industrial, a título de exemplo podemos referir um turismo rural ou de forte pendor regional. A tendência será a procura na região do que os forasteiros já não encontram nos seus países de origem. Poderá esta Região Autónoma enveredar por um segundo ciclo económico do turismo, um turismo cultural apoiado nos produtos produzidos na região, na paisagem endémica, na paisagem cultural onde se destacam as construções inerentes à região.

4.3. As diferentes fases por que passa actualmente o Património Arquitectónico Rural

4.3.1. A Preservação

A preservação está íntimamente relacionada com uma eficaz manutenção e conservação. Serão raros os edifícios rurais que se encontrem em boas condições de conservação. Todavia alguns dos que visitámos correspondem a esta condição. Uma série de cuidados sazonais permitem a boa conservação da casa. Assim registámos que a caiação na Primavera, princípios do Verão (correntemente de 3 em 3 anos), a revisão dos telhados (limpeza de beirais, reposição de telhas), a limpeza de chaminés, e a remoção de ervas nos caminhos superficiais de drenagem pluvial em redor da casa, constituem as medidas preventivas mais correntes.

A revisão das caixilharias (portas, janelas e tapa-sóis) são menos intensas por serem mais onerosas. Interiormente o maior desgaste vai para a caiação, seguindo-se o desgaste dos pavimentos, a fornalha do bolo do caco, e raramente as paredes tabique e armação do telhado. Esta por vezes encontra-se escondida por tectos de caniço rebocado a massa fina que estala e requer refechamento da fissuração então provocada. As armações de madeira por vezes são atingidas pelo caruncho que, no caso do Porto Santo, é de assinalável dimensão destruindo por completo as peças de tal forma que em pouco tempo põe em causa a sua estabilidade.

Nestas circunstâncias, apesar das "mezinhas" domésticas á base de petróleo ou do "Vieux Chen", o mais comum é acabar-se por substituir o madeiramento atacado.

Mas a boa manutenção deriva também do (bom) uso quotidiano da casa nomeadamente de uma boa ventilação evitando-se a fixação de bolores e mofos próprios de locais fechados e sem uso.

4.3.2. O Restauro

O restauro na habitação rural é algo que acontece um pouco por necessidade física e não por qualquer critério de ordem estética. Curioso no entanto é que ao acontecer normalmente limita-se a repor a situação anterior ao desgaste ou ao acidente, pelo que se depreende que afinal sempre existe um critério de ordem estética uma vez que não se substituiu

alterando. São gestos empíricos com consequências éticas na preservação do património. Esta situação é comum na reposição de uma armação do telhado que abateu ou mais raramente na reparação ou reposição de caixilharia.

Somente quando as peças a restaurar apresentam aspectos formais resultantes do saber ancestral e na lida de ferramentas antigas como será o caso dos "tacos" e plainas com ferros de "feito" para trabalhar a amdeira, o restauro fica comprometido, nomeadamente em portadas, alizares, lambrins, rodapés e rodactos. No caso dos rebocos a situação inicial estará praticamente perdida, pois o uso do cimento generalizou-se. Todavia é comum o uso da cal viva de Porto Santo e hidráulica do Continente, principalmente na recuperação das paredes interiores.

4.3.3. A Alteração

As alterações são comuns e em termos espaciais incidem genericamente na subdivisão do espaço, através da introdução de paredes tabique em espaços com alguma generosidade. Somente as tipologias de grandes dimensões "permitem" estas intervenções. No entanto têm um aspecto efémero e quase sempre desajustado. Ficam-se pela altura da parede, não acompanhando a armação do telhado. São executadas em estrutura de madeira e se são recentes utilizam o cartão prensado no revestimento. Também é frequente o uso do bloco de cimento na sua constituição. Mas a alteração mais inovadora no uso será a implantação do sanitário que, como é sabido nas tipologias rurais, encontra-se no exterior, em construção própria. A nova "função" associa-se ao espaço de um quarto tornando-se independente através da porta para outro espaço de passagem ou ocupa claramente um antigo quarto. Também a cozinha é o local com maior inovação por via do seu "embelezamento" com azulejos bem como a implantação de novas bancadas e mobiliário de parede.

Todavia as alterações que mais desfiguram as casas são as que lhes alteram a escala. É comum assistirmos á implantação de um lintel em redor das paredes elevando a armação e criando uma "testa" desproporcionada entre o beiral e os vãos. Outra situação comum é a alteração das dimensões e do desenho dos vãos descaracterizando por completo a imagem da casa. São portanto raras as alterações detectadas que não se denunciem pela descaracterização que proporcionam.

4.3.4. Ampliação

A ampliação é algo que não tem regra em nenhuma tipologia, surgindo de forma avulsa e resultando das necessidades e possibilidades económicas do momento.

As ampliações detectadas não revelam uma abordagem ou preocupação global como o faseamento ou a integração. Antes respondem exclusivamente às necessidades daquele momento e interfuncionalidade. Daí que seja comum surgirem anexos por vezes mais destacados e de maior dimensão que a "casa mãe". Como característica dominante destes será o recurso à laje/terraço e nunca ao recurso da armação para cobertura de telha. Depois de rebocada permanece anos por pintar.

A ampliação caracteriza-se principalmente pelo espaço exterior do terraço com escada exterior, varandim e muitos vasos com plantas. Alguns destes terraços, quando o terreno permite, funcionam como garagens.

Construtivamente as ampliações recorrem à estrutura de betão (pilar-viga-laje), e as paredes são elevadas em tijolos de cimento, rebocados. Finalmente colocam-se os vãos utilizando o alumínio lacado a verde.

4.3.5. A Demolição

A demolição será sempre o acto mais triste, uma vez que apaga em definitivo uma memória do património arquitectónico rural. Na maioria dos casos resulta da exiguidade do terreno e da necessidade de construir uma nova e maior habitação ocupando todo o espaço disponível, noutros casos porém, resulta da insensibilidade consciente de uma memória pesada de tempos agrestes em que a vida terá sido madrastra.

Da demolição por vezes aproveitam-se as cantarias para serem vendidas à oficina de cantaria ou cortadas para serem reaplicadas, em forma de lâminas finas na nova construção. Todos os restantes materiais são desprezados, as madeiras queimadas, incluindo portadas, janelas e portas, e as alvenarias são compactadas na plataforma do terreno ou levadas para vazadouro.

4.4. "Opções" de Preservação, Restauro, Alteração e Ampliação

A conservação do património rural, pela sua natureza, deverá ser assegurada pelos locatários e/ou proprietários, pois conhecem de perto todas as deficiências que ocorrem no dia a dia. Por este facto poderão atender com rapidez e eficiência na correcção que importa fazer. A qualidade da pequena intervenção depende da capacidade técnica do executante, dos materiais utilizados, da capacidade económica, da estima pelo "objecto", do interesse de quem manda executar.

A conservação deverá ser entendida como os cuidados básicos a ter ciclicamente, que consideramos indispensáveis para a boa habitabilidade da habitação.

O restauro entende-se como uma intervenção de várias disciplinas e, conseqüentemente, requer uma mão de obra especializada e um acompanhamento técnico, preferencialmente efectuado por Arquitecto, que funcionará como coordenador preocupando-se, inclusivamente, com a elaboração de um Caderno de Encargos onde estarão discriminados os materiais, respectiva composição e dosagem, bem como os procedimentos a efectuar de acordo com as patologias detectadas. O acompanhamento técnico dos trabalhos é fundamental para que se possa assegurar a qualidade do resultado final.

As alterações a introduzir num edifício deverão ser previamente estudadas em conjunto de modo a que não se verifiquem soluções avulso, desligadas do contexto. Basicamente deve-se defender a unidade física e espacial, não suprimindo partes fundamentais para a leitura do imóvel ou para a unidade tipológica. Por outro lado, acrescentar terá necessariamente de revelar as mesmas cautelas. O sentido das alterações passa em primeiro lugar pela certeza da necessidade e, em segundo lugar pela opção a tomar para as viabilizar. Genéricamente não deverá competir com a pré-existência, antes deverá procurar integrar-se técnica e formalmente pelo que o existente a alterar deverá ser entendido como um todo. Suprimir ou implantar partes poderá revelar-se um autêntico atentado ao equilíbrio volumétrico/formal ou á unidade tipológica.

As alterações feitas sem um adequado acompanhamento técnico resultam na sua esmagadora maioria, na

descaracterização do património rural. Tal como a ampliação, a alteração carece de projecto(s). O auxílio do desenho revela-se imprescindível para compatibilizar as alterações à realidade construtiva e espacial das casas. Novamente a Memória Descritiva e um detalhado Caderno de Encargos completam o projecto.

A ampliação será sem dúvida um dos pontos mais sensíveis na reabilitação do património rural. Estamos em crer que o conhecimento efectivo das tipologias e técnicas construtivas é fundamental para o êxito da intervenção. Ou seja, a maioria das tipologias são construídas de forma modular e linear, num volume longitudinal. Fácilmente se entende que a sua duplicação, total ou parcial, é de execução possível pelo que o volume pré-existente poderá ser preservado mantendo a sua identidade física (forma e espacialidade). Esta situação será possível na maioria das tipologias, exceptuando as que já (aparentemente) "evolíram" neste sentido, como a *casa em esquadria* ou a *duplicada* (ver 1ª Parte - Levantamento de Tipologias). No caso da primeira, poderá continuar a "assimilar" módulos acompanhando o tardo do volume principal. Serve este comentário não como receituário mas antes como um simples exemplo de uma leitura do que já se fazia empírica e ancestralmente para resolver a necessidade de mais espaço. Todavia, e apesar deste exemplo genérico, a ampliação deverá ser estudada em projecto(s) para se atender a aspectos de compatibilidade funcional, espacial, volumétrica, e também naturalmente no âmbito da opção ética. Ou seja, a intervenção deverá revelar o carácter de uma nova construção num tempo actual, com preocupações de integração pela escala, volume, opção dos materiais a empregar, etc.

Uma outra perspectiva com a qual discordamos remete-nos para soluções miméticas de falsos regionalismos. Se procurarmos saber sobre o que ocorreu ao longo de séculos de civilização, verificamos que as intervenções em edifícios pré-existentes acusam a acumulação de sucessivas ampliações ou alterações, na maioria dos casos reveladoras do seu tempo. A grande unidade que revelam deve-se notoriamente à qualidade da solução arquitectónica que se equilibra pelo grau de erudição expresso na escala, harmonia, beleza, e igualmente pelo entendimento do lugar, clareza na aplicação do programa, escolha dos materiais, qualidade na sua aplicação, entre outras razões.

No entanto, até ao século XX parece nunca se ter questionado a integração do ponto de vista da ética. Trata-se assim de uma matéria recente que inclusivamente tem vindo a ganhar fórum de discussão pública, o que por si só já é bastante positivo. É nossa opinião que qualquer que seja a intervenção deverá respeitar o legado cultural que nos chegou permitindo, e sem violentar a pré-existência, o seu reajustamento às necessidades contemporâneas no sentido de se assegurar a sua validade enquanto unidade habitável, e de modo a garantir antes de mais a qualidade de vida da actual e das futuras gerações, resultando assim no prolongamento da vida útil dos edifícios que continuarão a responder eficazmente às funções para que foram construídos.

Este tipo de intervenção deverá ser entendida como um todo pelo que, no plano material, procura-se um equilíbrio de utilização face às necessidades actuais enquanto que no plano da ética da intervenção a arquitectura deverá também, e em harmonia e coerência, revelar a sua contemporaneidade. Não se deverá apoiar em equívocos como os falsos regionalismos ou os pastiches que confundem e deturpam o sentido do (nosso) tempo. É como se tivéssemos desistido dos hábitos e do conforto com que nos habituamos a viver para regredirmos a um outro estágio civilizacional. Ora, não deverão existir dois critérios, em que um opta claramente pelo conforto contemporâneo e o outro que se esconde nas formas do passado.

As opções arquitectónicas deverão estar livres de constrangimentos de ordem nacionalista, regionalista, historicista ou moralista. Antes deverão surgir, segundo as palavras do Arquitecto João Correia Rebelo "*dê-se a palavra aos poetas. Deixe-se, livremente, dizerem o que têm a dizer. E a Arquitectura Nacional virá por si, naturalmente, sem nomes, sã, escorreita, tal como outrora...*".⁽¹²³⁾

¹²³ Senhor ministro: esta arquitectura não é, esta arquitectura é, João Correia Rebelo, Ponta Delgada, (1959/60).

CAPÍTULO 5 - Proposta de Ampliação das Classificações do Património Arquitectónico à Arquitectura Popular

" A Arquitectura Popular Regional reflete, como não podia deixar de ser, a perturbação reinante. Perturbação tão profunda que já se torna difícil, em certas regiões, encontrar meia dúzia de edifícios, funcional e harmoniosamente construídos, segundo princípios que ainda constituíam norma há quatro ou cinco dezenas de anos.

Cremos que o equilíbrio há-de refazer-se um dia, em bases próprias dum novo período histórico. Mas, entretanto, é preciso acautelar um património que encerra ainda preciosas lições: povoados e edifícios singelos, coerente e harmoniosos, que, na maior parte dos casos, estão sendo remodelados para pior, sem critério nem vantagem. " ⁽¹²⁴⁾

5.1 . Aspectos Gerais de uma Classificação

A legislação em vigor, em termos de *Classificação do Património Arquitectónico*, em nosso entender, não é suficientemente específica nem eficaz para o caso da Arquitectura Popular.

Apesar da Carta de Veneza adiantar já em 1964 uma paridade de "grandes e pequenos edifícios" permitindo a classificação de edifícios e/ou conjuntos "não monumentais" mas que revelassem interesse patrimonial, pouco ou nada influenciou a legislação do nosso País no caso das arquitecturas regionais ou ditas de raiz popular. Assiste-se antes a um desinteresse total por parte das entidades e da sociedade civil em propor classificações á luz da lei em vigor, assim como não existe tradição jurídica nesta matéria, embora também a lei portuguesa preveja a classificação de conjuntos, com características ditas rurais:

¹²⁴ *Arquitectura Popular em Portugal*, Sindicato Nacional dos Arquitectos Portugueses, 1ª edição, 1961 - uma ideia de Francisco Keil do Amaral (18 autores)..

" Os agrupamentos arquitectónicos urbanos ou rurais de suficiente coesão de modo a poderem ser delimitados geográficamente, e notáveis, simultâneamente pela sua unidade ou integração na paisagem e pelo seu interesse histórico, arqueológico, artístico, científico ou social." (125)

Como é sabido, os conceitos de património evoluíram nestes últimos 20 anos de tal forma que, mesmo o cidadão comum, já não entende apenas como edifício valioso o tradicional edifício histórico, como uma Sé, um Castelo, um Paço ou um Pelourinho.

Por outro lado a classificação de *Conjuntos ou Imóveis de interesse Público, Concelhio ou Municipal*, apesar de aceitar uma classificação para "objectos" sem aparente monumentalidade, ou mesmo de menor valia histórica, faz no entanto assentar esta classificação em princípios onde se subentende um qualquer valor histórico-cultural, deixando assim de fora valores mais abstractos como a cultura de raiz popular e os seus valores agro-sociais, religiosos, místicos, ou culto-pagãos.

Todavia consideramos que a atribuição de uma classificação específica para os exemplos relevantes da arquitectura popular, quer em termos singulares quer em conjunto, deveria ser implementada quanto antes sob pena de se perderem definitivamente e num futuro próximo uma parte significativa da nossa memória e da nossa identidade, ou seja, de uma sociedade rural que persistiu em funcionamento até aos anos 50 e que ainda hoje, um pouco por obra do acaso, ainda resiste em exemplos dispersos, embora a grande parte se encontrar desactivada e adulterada.

No Continente, e principalmente nos Arquipélagos da Madeira e Açores, consideramos que ainda existem valiosos conjuntos arquitectónicos de cariz popular que merecem uma especial atenção. Saliemos: aldeias, lugares, casas isoladas, palheiros, espigueiros, currais, moinhos de água e de vento, fornos de cozer pão, cerâmica ou cal, pequenas capelas, alminhas, pombais, alpendradas, ramadas, caminhos, muros, etc. Um sem número de valores que constituem e caracterizam a paisagem do Norte ao Sul do país, e que foi lentamente apropriada pelo Homem de forma generosa, respeitadora e, acima de tudo, sábia. Esta cultura, hoje em

¹²⁵ *Lei Base do Património Arquitectónico*

extinção, representa um imenso conhecimento acumulado que não se pode perder numa vintena de anos cegos por uma falsa ideia de progresso.

Constitui assim uma reserva que um dia poderá ainda fornecer interessantes dados para a sociologia humana. Por isso o seu gratuito aniquilamento nos parece mais um dos fenómenos da sociedade do desperdício em que vivemos, desprezando tudo o que é tradição, e que representa a nossa herança cultural, religiosa, social, etc.

Por tudo isto, e por sentir que a cegueira é irreversível para quem se " libertou vantajosamente " de toda a imensa pobreza física ancestral, que representa 70% da nossa população, e que vivia nessa dita Arquitectura Popular, ao mudar de costumes, gostos, casas, e de rituais de vida, também procura enterrar as memórias, os costumes, as tradições do passado, por lhes lembrar aquilo que lhes foi mais amargo, ou seja a miséria.

Todavia estamos em crer que este fenómeno poderá ser de uma, duas ou três gerações; quem sabe se num futuro qualquer se poderá voltar a habitar o campo com a mesma dignidade de outrora, mas ser possível extrair dele o sustento. Decerto com novos conhecimentos, mas também possibilitando o ressurgimento de costumes e tradições com conhecimentos intemporais, que até há bem pouco tempo eram úteis, viáveis e culturalmente identificáveis com as populações, ou seja, eram a referência do sentido da vida, e estabeleciam uma permanente relação de harmonia entre o homem e a Natureza.

5.2. Proposta de Classificação

É neste sentido que gostaríamos de ver uma abertura específica da actual legislação de classificação e protecção do património arquitectónico, ao caso concreto da *Cultura de Raiz Popular*, nomeadamente aos aspectos das memórias construídas. Assim propomos que seja revista a classificação vigente de forma a ser incluído no seu texto um novo capítulo dirigido á classificação de:

1. *Edifício de interesse sócio-cultural de cariz tradicional*
exemplo: uma casa, um moinho, um espigueiro.

2. *Conjunto de interesse sócio-cultural de cariz tradicional*
exemplo: uma aldeia, um aglomerado de casas ou construções agrícolas, etc.

3. *Objecto de interesse sócio-cultural de cariz tradicional*
exemplo: uma eira, uma cisterna, um muro, uma fonte, etc.

4. *Lugar de interesse sócio-cultural de cariz tradicional*
exemplo: conjunto paisagístico executado pelo Homem, quintas com ramadas, calçadas, regos de água, etc.

A vantagem desta especificação é a de aumentar o interesse e conhecimento de outros valores que não são propriedade intelectual de eruditos, mas antes representam o outro lado da cultura paralela que soube caminhar e resistir ás investidas do poder dominante. Hoje precisa nitidamente de um olhar mais atento e tolerante, ou seja, de um olhar que reconheça a mais valia que representa na história das populações.

Julgamos assim ser fundamental a preservação das memórias identificadas como fundamentais de um "*modus vivendi*" coerente que, á beira da extinção, constitui uma reserva ética e estética desprezada e deliberadamente em processo irreversível de descaracterização.

O colapso da sociedade agrária a que se assiste desde os finais dos anos 50, representa a massificação do Homem, o seu empobrecimento intelectual, o seu desespero para se aproximar da urbanidade e dos seus piores valores. Este fenómeno de proporções alarmantes, está patente na descaracterização física do País. Nada é poupado de Norte a Sul, do Interior ao Litoral, nem nas Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira. As populações definham, adulteram-se e não resistem ás modas, á obtenção de sinais supérfluos, desenraizados e de conteúdo duvidoso ou por vezes inexistente.

Assim consideramos fundamental que se tente preservar em todas as regiões do País estes valores da Arquitectura Popular, não só no seu aspecto cenográfico, como nas suas tipologias e modos de construção, em edifícios e objectos que em tempos complementaram a vida sócio-cultural destes lugares.



Exemplos de Proposta de Classificação

1. Edifício de interesse sócio-cultural de cariz tradicional: Estrela, Calheta, Ponta do Sol - Casa da Estrelinha. No interior da propriedade existiu uma Capela com o mesmo nome, de que restam ruínas, constituindo actualmente um local de interesse arqueológico.
2. Conjunto de interesse sócio-cultural de cariz tradicional: Achada do Marques. Na imagem uma *casa redonda* integrada na paisagem tipicamente rural.
3. Objecto de interesse sócio-cultural de cariz tradicional: Campo de Baixo, Porto Santo. Lagar integralmente em madeira (pela espessura do tronco de til que constitui o tanque, provavelmente datado do séc. XVII).
4. Lugar de interesse sócio-cultural de cariz tradicional: Levada do Poiso, Achada, Ponta do Sol. Torre do Relógio (120 anos), casa anexa e levadas - aqui se efectua o controle de seis levadas através de *boieiro* (pessoa que, de tempo em tempo, neste local onde a água se ramifica, a orienta). Cada família tem a sua bueira individual numa levada, tendo por direito adquirido através de herança "tanto tempo de água".

CAPÍTULO 6 - Breves Conclusões

Este trabalho procurou prospectar o território da Região Autónoma da Madeira no intuito de identificar e levantar os edifícios e os objectos mais representativos da Arquitectura Popular Madeirense, quer tipológica quer construtivamente numa perspectiva de salvaguarda do património regional. Na posse destes dados, procurou-se identificá-los e aprofundá-los de modo a se entender: origem e génese, transposição e invenção, materiais e tecnologias, continuidade e evolução, transformação e desaparecimento, restauro e construção da nova arquitectura.

A partir do material recolhido procurou-se estabelecer relacionamentos de várias ordens com destaque para a identidade tipológica e potenciais unidades geográficas. Cruzou-se também com outras fontes entretanto recolhidas de modo a estabelecer relacionamentos históricos, geográficos, sociais, económicos, etc. Observaram-se os ciclos económicos e a sua influência nos edifícios e objectos. Registaram-se costumes que influem na vivência do espaço, enquanto unidade familiar. Acompanhámos e ouvimos as pessoas na sua vida quotidiana. Procurámos entender o contexto para ao nos aproximar-mos dos edifícios e dos objectos entendermos a sua validade. Procurámos inter-relações entre o erudito, o vernáculo e o popular nas artes e ofícios que informam e formam a arquitectura.

Podemos afirmar que foi nossa preocupação percorrer integralmente o território, reconhecendo o genuíno, das situações "corruptas" pelo turismo industrial ou pela emigração. Todavia mesmo estas não as relevamos para segundo plano, antes registamos a(s) força(s) desta transformação como base de entendimento da actual paisagem humanizada em rotura com a tradição rural.

Na posse destes dados, procurámos atender ao seu interesse como potencial valia cultural e económica desta Região Autónoma pelo que nos lançámos numa ideia de Reabilitação da Arquitectura Rural com vista a se estabelecer regras que revelem efectivas vantagens, logo interesse, para os seus utilizadores e proprietários atribuindo ao poder político a condução do processo, com a participação da sociedade civil nas suas variadas expressões.

Estão assim lançadas as bases para a Reabilitação da Arquitectura Popular Madeirense enquanto Património Cultural.

Entendemos a Arquitectura Popular como uma Arquitectura genuína de indiscutível interesse sócio-cultural com largo sentido de validade no uso e na expressão estética, com potencial influência na reabilitação de um região.



Jorge Silva Jardim, em Ilha, S. Jorge - veste roupa tecida á mão por sua esposa Virgínia Marques de Jesus. Foto de Sofia Aleixo [SA].

Bibliografia

1. Primeira Parte

AAP [Associação dos Arquitectos Portugueses] - *Levantamento da Arquitectura Popular dos Açores*, Arquitectos Ana Tostões, Filipe Jorge Silva, José Manuel Fernandes, João Vieira Caldas, Maria de Lurdes Janeiro, Nuno Barcelos e Victor Mestre, 1981-(...). (edição em preparação).

- *Arquitectura Popular em Portugal*, 2ª edição, Lisboa, 1980.

ALBUQUERQUE, Luís; VIEIRA, Alberto - *Arquipélago da Madeira no séc. XV*, RAM [Região Autónoma da Madeira], 1987.

ARAGÃO, António - *O Espírito do Lugar - A cidade do Funchal*, Lisboa, 1992.

- *Para a História do Funchal - Pequenos Passos da sua Memória* - Funchal, SREC [Secretaria Regional da Educação e Cultura], DRAC [Direcção Regional dos Assuntos Culturais], 1979.

- *As Armas da Cidade do Funchal* - Funchal, SREC, DRAC, 1984.

- *A Madeira vista por Estrangeiros (1455-1700)* - Funchal, SREC, DRAC, 1981.

ARAÚJO, Ilídio Alves de - *Arte Paisagística e Arte dos Jardins em Portugal*, vol. 1, Lisboa, MOP [Ministério das Obras Públicas], DGSU [Centro de Estudos de Urbanismo], 1962.

- *Quintas de Recreio (Breve introdução...)*, comunicação ao Congresso Internacional de Estudos em Homenagem a André Soares, Braga, 1974.

ATAÍDE, Luís Bernardo Leite de - *Etnografia, Arte e Vida Antiga nos Açores*, Ed. Ponta Delgada, 1973.

BASTO, E.A. Lima ; BARROS, Henrique de - *Inquérito à Habitação Rural - A Habitação Rural nas Províncias do Norte de Portugal*, 1ºvol, Lisboa, Universidade Técnica de Lisboa, 1943.

BOTELHO, José Rafael - *Plano Director do Funchal*, " *Arquitectura, Planeamento, Design, Artes Plásticas* " nº 114, Lisboa, Março/Abril 1970, pág. 51-60.

BRANCO, Jorge Freitas - *Camponeses da Madeira - as bases materiais do quotidiano no Arquipélago (1750 - 1900)*, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1987.

BRANDI, Cesare - *Teoría de la Restauración*, Madrid, Alianza Forma Editorial, 1988.

CABRAL, Francisco Caldeira - *Fundamentos da Arquitectura Paisagística*, Lisboa, ICN [Instituto de Conservação da Natureza], 1993.

CARITA, Rui - *Paulo Dias de Almeida e a Descrição da Ilha da Madeira*, Funchal, DRAC., 1982.

- *História da Madeira (1420 - 1566) Povoamento e Produção Açucareira*, Funchal, GRM [Governo Regional da Madeira], SREJE [Sec. Regional da Educação, Juventude e Emprego], 1989.

Carta Geológica de Portugal - Notícia explicativa das folhas "A" e "B" da Ilha da Madeira, G. Zbyszewski; O. da Veiga Ferreira; A. Cândido de Medeiros; e *Rochas Vulcânicas*, L. Aires - Barros, Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal, Junta de Investigações Científicas do Ultramar, Faculdade de Ciências de Lisboa, 1975.

CASTELO Branco, LACERDA, Hugo C. - *Le Climat de Madère ébauche d'une étude comparative*, JGAF [Junta Geral Autónoma do Funchal], Madère, 1936.

CHAVES, Luís - *A Arte Popular em Portugal, Ilhas Adjacentes e Ultramar*, Ilha da Madeira, 1º Volume, 1º e 2º fasc., Direcção de Fernando de Castro Pires de Lima, Editorial Verbo.

CLODE, Luiza Helena; MADEIRA, José Victor Adragão - *Novos Guias de Portugal*, Lisboa, Editorial Presença, 1989. C.M.F. [Câmara Municipal do Funchal] - *Colóquio de Urbanismo*, Funchal, Janeiro 1969.

CORREIA, Fernando da Silva - *Dicionário de História de Portugal*, Dir. Joel Serrão, vol. IV, Porto, Livraria Figueirinhas, 1984.

CORREIA, José Eduardo Horta - *Arquitectura Portuguesa* - Lisboa, Editorial Presença, 1991.

CORREIA, Marquês de Jacome - *História da Descoberta das Ilhas*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1926.

- *A Ilha da Madeira*, Coimbra, 1927.

COSTA, Maria de Lurdes de Oliveira Monteiro dos Santos - *Porto Santo: Monografia Linguística, Etnográfica e Folclórica*, Coimbra, 1950.

DE VECCHI, A.; CALECA, L. - *Tecnologie di Consolidamento delle Strutture Murarie*. 2ª ed., Palermo, 1990.

DGGM [Direcção-Geral de Geologia e Minas] - *Petrogénese das Lavas da Ilha da Madeira*, J. Mata, N. D. Macrae, C. T. Wu & J. Munhá, Lisboa, Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal, tomo 1, 1989.

Documentos sobre a Expansão Portuguesa, relação de Diogo Gomes, vol. 3., colecção Estudos Portugueses, Editora "Gleba".

FERRAZ, Maria L. Freitas - *A Ilha da Madeira sob o Domínio da Casa Senhorial do Infante D. Henrique e seus descendentes*, Casa da Moeda, Funchal, DRAC, 1986.

FERREIRA, Padre Manuel Juvenal Pita - *A Sé do Funchal, I Livro do Tombo da Câmara Municipal*, Funchal, Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal, 1963 (B.P.E. - cota B 67 998).

FREITAS, Paulo de - " *Casinhas de Prazer*", Revista *Islenha*, nº8, Jan./Jun. 1991, pág. 8.

FRUTUOSO, Gaspar - *Livro Segundo de Saudades da Terra*, Ponta Delgada, 1979.

- *As Saudades da Terra*, edição de 1873.

GASPAR, Jorge - " *A Morfologia urbana de Padrão Geométrico na Idade Média* ", in "Finisterra", vol. IV, nº 8, Lisboa, 1969.

GLESE, Wilhelm - *A Casa Rural da Ilha do Faial*, Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira, Vol. 16.

HAUPT, Albrecht - *A Arquitectura do Renascimento em Portugal*, Lisboa, Editorial Presença, 1985.

HOPKINS, F.S. - *An Historical Sketch Of The Island Of Madeira; containing an account of its original discovery and first colonization; present produce; state os society and commerce*, London, 1819.

INMG [Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica] - *O Clima de Portugal - Normas Climatológicas da Região da "Madeira"*, fasc. XLIX, vol. 6, 6ª região (correspondente a 1951-1980), Lisboa, 1990.

LAMAS, Maria - *Arquipélago da Madeira - Maravilha Atlântica*, Funchal, 1956.

LEATHERBARROW, David - *The roots of Architectural Invention* - Cambridge-University Press, 1993.

LEITE, Jerónimo Dias, *Descobrimento da Ilha da Madeira*, Coimbra, 1947.

MEDEIROS, Carlos Alberto - *Portugal, Esboço breve de Geografia Humana*, Lisboa, Terra Livre, 1976.

MESTRE, Victor - *Inventariação das Técnicas Tradicionais e sua expressão formal/tipológica na Arquitectura do Baixo Alentejo*, 1982 (não publicado).

- *O Centro Histórico da Cidade do Funchal - Prospecção e Gestão do Espaço Urbano: Inventário, análise, terapêutica e Intervenção*, trabalho coordenado pelo Arqto. Rafael Botelho e integrado na equipa do projecto de Actualização do Plano Director do Funchal, 1984 / 1985.

- *As Coberturas de Barro - Ilha de Porto Santo*, "Jornal dos Arquitectos", Março/Abril 1985.

- *Relações entre as Construções da Ilha do Porto Santo e das Canárias*, "Jornal dos Arquitectos", Maio 1985.

- *Os Fornos Domésticos: algumas relações entre os Arquipélagos da Madeira e Canárias*, "Jornal dos Arquitectos", Junho/Julho 1985.

- *Levantamento da Arquitectura Popular do Arquipélago das Canárias*, trabalho de iniciativa pessoal, 1985 (parcialmente publicado no "Jornal dos Arquitectos", 1986).

MINISTÉRIO DA MARINHA - *Oceano Atlântico Norte, Roteiro do Arquipélago da Madeira e Ilhas Selvagens*, 1ª ed., Lisboa, 1994.

MIRANDA, Susana Munch - *A Fazenda Real na Ilha da Madeira*, Instituto de História de Além - Mar, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, U.N.L, Lisboa, 1994.

NEVES, Henrique Costa; VALENTE, Ana Virgínia - *Começa o Parque Natural da Madeira*, Funchal, Região Autónoma da Madeira, 1992.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga; GALHANO, Fernando - *Arquitectura*, Centro de Estudos de Etnologia Peninsular da Universidade do Porto.

- *Arquitectura Tradicional Portuguesa*, 1ª edição, Lisboa, Publicações D.Quixote, 1992.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga; GALHANO, Fernando; PEREIRA, Benjamim - *Alfaia Agrícola Portuguesa*, 2ª Edição, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Estudos de Etnologia e do Centro de Estudos de Antropologia Cultural, 1983.

OLIVEIRA, M. L.; COSTA, M. S. - *Porto Santo - Monografia Linguística, Etnográfica e Folclórica*, in separata da "Revista Portuguesa de Filologia", Coimbra, 1950.

PEREIRA, Eduardo C. N. - *Iljas de Zarco* - Instituto Português de Arqueologia, História e Etnologia, vol. I e II, CMF, 1940.

PEREIRA, Mário - *Lisboa entre Tintas; Lisboa 94*, Capital Europeia da Cultura, 1994.

RIBEIRO, Orlando - *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*, 6ª ed., Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1991.

- *Geografia e Civilização, Temas Portugueses*, Livros Horizonte.

- *A Ilha da Madeira até meados do século XX, Estudo Geográfico*, 1ª ed., Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Ministério da Educação, 1985.

RIBEIRO, João Adriano - "*A Indústria da Cal em Câmara de Lobos*", in "Girão - Revista de Temas Culturais", Câmara de Lobos, nº 6, 1º Semestre / 1991.

SARMENTO, Alberto Artur - *Corografia Elementar do Arquipélago da Madeira* - Junta Geral Autónoma do Distrito do Funchal, 2ª edição, Funchal, 1936.

SILVA, Fernando Augusto da - *A Sé Catedral do Funchal - Breve Notícia Histórica e Descritiva* - separata de "Diocese do Funchal", Funchal, edição do autor, 1936

SILVA, Padre Fernando Augusto da ; MENESES, Carlos Azevedo de - *Ehucidário Madeirense Funchal*, Funchal, JADAF, 3 vols., 1940.

SOUSA, António Teixeira de - *A Imigração Madeirense*, 1º Congresso das Comunidades Portuguesas, 1965.

SOUSA, José João de - *História Rural da Madeira - A Colónia*, Funchal, DRAC, 1994.

TAVARES, C. N. - *A Ilha da Madeira - O Meio e a Flora*, Instituto Botânico, separata de "Revista da Faculdade de Ciências de Lisboa", Lisboa, 2ª série-C-vol. XIII - Fascº. 1º, 1965.

UNECE EXPOSURE PROGRAMME. Colaboração INM/LAMPIST. Lisboa, Maio 1994.

- *International Programme on Effects on Materials including Historic and Cultural Monuments*, Luís Aires de Barros.

UNIVERSIDADE DE ÉVORA. Curso Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico. Julho 1994 - *Pedras Naturais*.

ZARGO, Jerónimo Dias Leite - *Descobrimento da Ilha da Madeira*, Coimbra, Faculdade de Letras de Coimbra, 1947.

2. Segunda Parte

A Protecção Legal aos Monumentos Nacionais - Bases para um Projecto de Lei. Lisboa, 1923.

AIRES-BARROS, Luís - *Alteração e Alterabilidade de Rochas*, INIC [Instituto Nacional de Investigação Científica], Centro de Petrologia e Geoquímica da Universidade Técnica de Lisboa, 1991.

- *A Alteração e Alterabilidade das Rochas Ígneas*, LNEC [Laboratório Nacional de Engenharia Civil], Lisboa, 1971.

- *A Pedra, " Dar Futuro ao Passado "*, IPPAR [Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico], 1993.

- *Os Monumentos e a Doença da Pedra*.

ALARCÃO, Jorge de - *Introdução ao estudo da história e património locais*, "Cadernos de Arqueologia e Arte", nº2, Institutos de Arqueologia e de História da Arte, Coimbra, Faculdade de Letras de Coimbra, 1982.

ALVAREZ, José Gomes - *Inventário do Património Cultural Construído - Introdução*, vol.1, Serviço de Estudos do Ambiente, Secretaria de Estado do Ambiente, s.d.

AMARAL, Francisco Keil do - *A Moderna Arquitectura Holandesa*, Cadernos da Seara Nova, Lisboa, 1943.

BAROJA, Júlio Caro - *Tecnologia Popular Espanhola*, Madrid, 1983.

CHAVES, Luís - *A Arte Popular: aspectos do problema*, Biblioteca Popular, Pôrto, Portucalense Editora, S.A.R.L., 1943.

CMF [Câmara Municipal do Funchal] *Estampas, Aguarelas e Desenhos da Madeira Romântica*, DRAC/SRTC, Funchal, Julho-Dezembro, 1988.

CMSV [Câmara Municipal de S. Vicente] - *A Vila de S. Vicente. Evocação dos duzentos e cinquenta anos (1794 - 1994)*, coordenação de Alberto Vieira, S. Vicente, Madeira, 1994. (Património: José de Sainz-Trueva).

CNCDP [Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses] *Portugal e os Descobrimientos*, Comissariado de Portugal para a Exposição Universal de Sevilha/1992, pág. 230.

COLEN, J.A. - *Protecção do Património Cultural* - Objecto e Natureza, 1990.

COSTA, F. Ramos da - *Inquérito à Habitação Rural: critica à obra-estudo e soluções do problema*, Cadernos da Seara Nova, Lisboa, 1944.

COSTA, Alexandre Alves - *Dissertação...*, 2ª edição, Porto, Curso de Arquitectura da ESBAP [Escola Superior de Belas Artes do Porto], 1982.

- *Introdução ao Estudo da História da Arquitectura Portuguesa*, "seis lições", nº2, 1ª edição, Porto, FAUP [Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto], 1995
Dec. Lei nº 181/70 de 28 Abr. - *Constituição de Servidões Administrativas*.

DGEMN [Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais]- *Conservação de Pedras em Edificações. Medidas Contra a Alteração da Pedra*, Lisboa, Grupo de Trabalho Português de Conservação de Pedras em Edifícios, 1982.

- *A Alteração da Pedra em Monumentos e as acções da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais*, Luís Manuel Carneiro Arnosso Lopes.

DETHIER, Jean - *Arquitecturas de Terra*, Lisboa, FCG [Fundação Calouste Gulbenkian], CAM [Centro de Arte Moderna], 1993.

FEDUCHI, Luis - *Itinerários de Arquitectura Popular Española: 4 - Los Pueblos Blancos*.

FERNANDEZ, Sérgio - *Percurso: Arquitectura Portuguesa 1930/1974*, 2ª edição, Porto, FAUP, 1988.

FICQ, Andrée - *La Maison Portugaise à Travers les Âges*, Exposition de Paris, Secrétariat de la Propagande Nationale, Portugal, 1937. (*Illustrations de Jorge Barradas*)

FILGUEIRAS, Octávio Lixa - *da Função Social do Arquitecto*, 2ª edição, Porto, Curso de Arquitectura da ESBAP, 1985.

FRANÇA, José Augusto - *A Arte em Portugal no séc. XX*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1974.

FREITAS, António - *Tradicionalismo e evolução*, "Arquitectura", nº 66 - Nov./Dez. 1959.

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN, *Raúl Lino: Exposição Retrospectiva da sua Obra*, Lisboa, Out./Nov. 1970

GABRIEL, Fernando; RODRIGUEZ, Martin - *Arquitectura Domestica Canaria*, Editorial Interinsular, Canaria S. A., 2ª Edición, 1978.

GOMES, J. Reis - *Casas Madeirenses*, 2ª edição, Funchal, Editorial Eco do Funchal Ltda., 1968. (colaboração artística de Edmundo Tavares).

HEGEL - *Estética - A Arte Clássica e a Arte Romântica*, vol 4, Lisboa, Guimaráes Editores.

HENRIQUES, Fernando M. A. - *A Conservação do Património Histórico Edificado*, in "Edifícios - Memória nº 775", Lisboa, [MOPTC], [LNEC], 1991.

ICATHM [INTERNACIONAL CONGRESS OF ARCHITECTS AND TECHNICIANS OF HISTORIC MONUMENTS] - *Decisions and resolutions*, Veneza, ICTHM, 1964. "*Carta de Veneza*".

ICOMOS - *Carta Internacional para a Salvaguarda das Cidades Históricas*, Paris, 1978.

LACERDA, Aarão de - *Estética da Arte Popular*, Coimbra, ed. do Autor, 1917.

LARA, António de Sousa - *Defesa do Património Arquitectónico*, in "Arquivo de Cascais", Cascais, nº3, 1981-1982.

Lei nº 13/85 de 6 Jul. - *Lei do Património Cultural Português*.

Lei Base do Património Arquitectónico.

LINO, Raúl - *A Nossa Casa: apontamentos...*, Lisboa, "Atlântida", s. d.

- *A Nossa Casa: apontamentos...*, 3ª edição com um prefácio de Manoel de Sousa Pinto, s. d.

- *Casas Portuguesas. alguns apontamentos...*, 5ª edição, Lisboa, Valentim de Carvalho, 1954.

LLANO, Pedro de - *Arquitectura popular en Galicia - razón e construcción*, COAG [Colexio Oficial de Arquitectos de Galicia], Comisión de Cultura, 1996.

- *Arquitectura popular en Galicia*, 1ª reimpressão, vol, I e II, Santiago de Compostela, COAG, 1989.

LOBO, Vasco - *A pequena habitação rural e a crise de toda uma cultura tradicional*, "Arquitectura", nº 70, Março 1961.

LOBO, Vasco; ANTUNES, Alfredo da Mata - *Problemas actuais da pequena Habitação Rural*, MOP, Coimbra, Direcção Geral dos Serviços da Urbanização, Centro de Estudos de Urbanismo, 1960.

MACHADO, José Luís Pinto - *alguns problemas do mundo rural português*, MOP, Lisboa, Centro de Estudos de Urbanismo e Habitação Engenheiro Duarte Pacheco, 1965.

MAGALHÃES, Fernando Perfeito de - *A Habitação*, Lisboa, Livraria Bertrand, (1938).

MARSOVIC', Tomislav - *Methodological Proceedings for the Protection and Revitalization of Historic Sites (Experiences of Split)*. Rome, Faculty of Architecture, University of Rome, 1975.

MASA, Juan Carlos Rubio - *Cuadernos Populares - Arquitectura Popular de Extremadura*, Mérida, 1985.

MERCADAL, Fernando García - *La casa Popular en España*, Barcelona, 1981.

MOPTC. LNEC- *Edifícios Antigos: Contribuição para o estudo do seu comportamento e das acções de reabilitação a empreender*, Eng. João A. da Silva Appleton, Lisboa, Out. 1991.

OCEANOS, Revista, nº22 (Abr/Jun, 1995); nº 28 (Out/Dez, 1996).

PACHECO, Helder - *Portugal: Património Cultural Popular*, nº 1, Porto, Areal Editores, 1985.

PEREIRA, Nuno Teotónio - *Tempos, Lugares, Pessoas*, Matosinhos, Contemporânea/Jornal "Público", 1996.

REBELO, João Correia - *Senhor ministro: esta arquitectura não é, esta arquitectura é*, Ponta Delgada, (1959/60).

SAINZ-TRUEVA, José de - *Património, para quê?*, Diário de Notícias da Madeira, 9. 10. 83.

SEMINARIO INTERNACIONAL DE ARQUITECTURA EN COMPOSTELA (1º), COAG, Santiago de Compostela, 1976 - *Proyeto y Ciudad Histórica*.

SILVA, Jorge Henriques Pais da - *Pretérito Presente*, Comissão Organizadora do Congresso Nacional para a Investigação e Defesa do Património, SEC, Lisboa, (1975).

SNAP [Sindicato Nacional dos Arquitectos Portugueses], 1ª edição, 1961 - *Arquitectura Popular em Portugal*, Francisco Keil do Amaral *et al.*

SOUSA, Ernesto de - *Conhecimento da Arte Moderna e Arte Popular*, "Arquitectura", nº 83 - Set. 1964, pág. 91-99.

SOUSA, João - " *Casas Madeirenses (Notas de História Madeirense)* ", Diário de Notícias Funchal, 2/9/84 .

TAVARES, Edmundo - *Quadros e Lugares da Minha Terra*, Lisboa, Livraria Popular de Francisco Franco, s. d.

- *Vivendas Portuguesas: projectos pormenores*, Lisboa, Bertrand (irmãos), Lda., s. d.

- *Terra Atlântida: impressões da Madeira*, Lisboa, Bertrand (irmãos), Lda., Lisboa, 1948.

TÁVORA, Fernando - *O Problema da Casa Portuguesa*, Cadernos de Arquitectura, nº 1, Lisboa, 1947. (Organização e edição de Manuel João Leal).

- *Da Organização do Espaço*, 2ª edição, Porto, Curso de Arquitectura da ESBAP, 1982.

UNESCO - *Recomendações sobre a Salvaguarda dos Conjuntos Históricos ou Tradicionais, e o seu Papel na Vida Contemporânea*, Nairobi, 1976.

WATKIN, David - *Cuaderos Infimos 98*, Barcelona, Tusquets Editores, 1981.

WITTGENSTEIN, Ludwig - *Tratado Lógico-Filosófico: Investigações Filosóficas*, Lisboa, FCG, Lisboa, 1987.



Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta Tese de Mestrado pode ser reproduzida por processo mecânico, electrónico ou outro sem autorização escrita do autor.

Créditos

Todos os desenhos são originais de Victor Mestre, e encontram-se reproduzidos á escala 1:200.

As fotografias são da sua autoria ou do seu atelier, excepto quando assinalado nas legendas. Os postais fazem parte da sua colecção.

Todas as restantes ilustrações encontram-se devidamente identificadas nas legendas das imagens.